UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO E DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

UM ESTUDO GRAMATICAL DA LÍNGUA DZUBUKUÁ, FAMÍLIA KARIRÍ

João Pessoa
2012

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

UM ESTUDO GRAMATICAL DA LÍNGUA DZUBUKUÁ, FAMÍLIA KARIRÍ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Letras/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabeth Affonso Christiano.
Co-orientadora: Profa. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.

João Pessoa
2012

Q3u Queiroz, José Márcio Correia de.
Um estudo gramatical da língua Dzubukuá, família Karirí/ José Márcio Correia de Queiroz.-- João Pessoa, 2012.
427f. : il.
Orientadora: Maria Elizabeth Affonso Christiano
Co-orientadora: Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA
1. Linguística. 2. Karirí-Dzubukuá. 3. Funcionalismo. 4. Descrição. 5. Morfologia. 6. Sintaxe.

UFPB/BC CDU: 801(043)

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

UM ESTUDO GRAMATICAL DA LÍNGUA DZUBUKUÁ, FAMÍLIA KARIRÍ

Tese apresentada à Universidade Federal da Paraíba/UFPB como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovado em 16 de fevereiro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Universidade Federal de Pernamuco– Recife

Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa

Profa. Dra. Deniele Marcelle Grannier

Universidade de Brasília – Brasília

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula

Universidade Federal de Alagoas – Maceió

Profa. Dra. Rosana Costa de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa

Dedicatória

Especialmente a Deus e à minha família
e também a amigos, colegas, profissionais
e instituições que direta ou indiretamente
contribuíram em meu processo de formação
e crescimento pessoal, elaboração e
escritura deste trabalho.

Em memória
dos índios Dzubukuá que,
de alguma forma, ainda sobrevivem no
DNA e na cultura do povo nordestino.

AGRADECIMENTO

A Deus pela força espiritual que tem me fornecido durante todo o percurso da minha formação acadêmica até aqui; especialmente por ter me acolhido nos momentos de solidão; momentos esses que se tornaram proveitosos para a coleta e análise de dados e escritura da tese.

A Nair Correia e Afonso Queiroz, meus pais e primeiros mestres, por terem me educado e me orientado nesta jornada tão complexa e surpreendente que é a vida. Seu apoio afetivo, espiritual e emocional se tornou (e é) a engrenagem fundamental que alimenta minha esperança, fé, perseverança e dedicação. Ele me ajudou a vencer obstáculos objetivos e subjetivos ao longo dessa caminhada acadêmica.

À Profª. Drª. Elizabeth Christiano pela sua orientação e compreensão ao longo do processo de elaboração da tese. Sua disposição, apoio e atenção foram importantes para mim no início do meu ingresso no programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e essenciais nas últimas etapas de condução e concretização do trabalho acadêmico-científico que aqui apresento. Para mim, foi uma honra ter sido seu orientando. A ela minha estima e admiração.

À Profª. Drª Stella Telles pela sua (co-)orientação, dedicação e atenção e pelos anos de convívio com estudos linguísticos indigenistas que me proporcionou. Com ela aprendi, além de valores pessoais e acadêmico-científicos, a transformar os obstáculos que se impõem ao longo do caminho em desafios, fontes de aprendizado e de amadurecimento que tornam o trabalho ainda mais consistente e os dilemas pessoais e profissionais ainda mais encorajadores. A ela deixo aqui registrado a minha eterna gratidão. É para mim uma referência segura de profissional e cientista. Foi uma honra ter sido seu (co-)orientando. Isso muito me orgulha.

À Profª. Drª. Iara F. de Melo Martins por suas considerações e sugestões dadas durante a 2ª qualificação, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento da pesquisa que se seguiu após esta etapa. Suas observações deram uma maior consistência à versão final deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Aldir Santos de Paula pela sua experiência com estudo de línguas indígenas, observações e contribuições dadas ao texto deste trabalho. Suas considerações foram relevantes para a consolidação das análises dos fenômenos observados e para a consistência final desta tese.

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira pelos primeiros momentos de orientação e considerações construtivas dadas ao projeto e à tese, também pelas indicações de temas possíveis para a consecução da pesquisa e consolidação do trabalho e contribuições dadas

durante a defesa. Suas sugestões e considerações foram bastante necessárias para a consistência e conclusão do trabalho.

À Profª. Drª. Rosana Costa de Oliveira pela presença na banca examinadora e por ter aceitado o convite em participar da defesa. Sinto-me honrado e grato em tê-la neste momento tão decisivo que é a defesa, uma vez que representa a conclusão de uma longa etapa de pesquisa e estudos linguísticos. Suas observações durante a defesa tornaram o texto da tese ainda mais coerente com a proposta da investigação pretendida e contribuíram para assegurar a consistência das análises dos fenômenos que foram estudados.

À Profª. Drª. Daniele Marcelle Grannier por ter aceitado o convite em participar da banca. Agradeço aqui, desde já, a sua presença e atenção. É uma honra tê-la na banca que representa uma etapa conclusiva de um intenso processo de estudos, análise e reflexão linguísticos. Suas considerações foram fundamentais para a consolidação das análises e interpretação de fenômenos e contribuíram significativamente na elucidação de processos linguísticos que foram aqui observados.

À Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING) na pessoa da Profª. Drª. Regina Celi pelo seu apoio, atenção e colaboração, não medindo esforços em agilizar e conduzir favoravelmente os processos acadêmicos, pedagógicos e formais para o bom andamento, encaminhamento e concretização do trabalho aqui apresentado. A ela, meu apreço e gratidão. Para mim, foi uma grande honra e satisfação em tê-la como coordenadora.

À Universidade Estadual do Piauí (UESPI) nas pessoas do magnífico Reitor Prof. Carlos Alberto Pereira e do excelentíssimo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Prof. Isânio Vasconcelos Mesquita por ter apoiado a presente pesquisa e haver me concedido a licença para o afastamento integral das minhas funções docentes com garantias legais para o bom andamento da pesquisa e elaboração da tese, cujos resultados alcançados apresento nestas páginas.

Ao Prof. José Elias Borges pelos primeiros momentos de orientação, apoio, entusiasmo e disponibilização de materiais sobre os índios Karirí; fatores esses que me foram bastante relevantes para o prosseguimento e avanço da investigação linguística aqui empreendida.

À Profª. Drª. Ana Lima da Universidade Federal de Pernambuco pela sugestão, envio e indicação de bibliografias para a concretização de um trabalho de caráter descritivo em bases funcionalistas.

Ao Prof. Dr. Eduardo Rivail Ribeiro pelo apoio, atenção e fornecimento de material que me foi bastante útil para o desdobramento de algumas partes da tese. Seu contato via e-mail me despertou para o trabalho de outros pesquisadores da área.

Ao Prof. Dr. Marcos Galindo pelo fornecimento de materiais e informações acerca dos índios Karirí. Eles foram imprescindíveis para a constituição do “corpus”, análise de dados e conhecimento do povo e cultura Dzubukuá.

À pesquisadora Drª. Cristina Pompa pela atenção e retorno ao primeiro contato via e-mail me indicando pesquisadores com quem eu poderia interagir e adquirir fontes sobre os índios Dzubukuá.

E por fim, a todos que fazem parte do quadro de professores, alunos e funcionários do *Campus* Universitário Prof. Antônio Giovanne Alves de Sousa da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) situado no município de Piripiri que direta ou indiretamente colaboraram neste período em que me encontrava e acompanharam de alguma forma esta etapa do processo de investigação por mim empreendida. Obrigado a todos.

“A descrição gramatical de uma língua é, sob esse aspecto,
como a partitura de uma sinfonia. As notas da partitura não descrevem
passo a passo os movimentos precisos feitos com os braços pelo regente,
nem dizem o que faz com os dedos o violinista para produzir os sons exatos
em seu instrumento. Simbolizam, sim, a estrutura intrínseca da obra musical.”
(LANGACKER, 1972, p. 44)

RESUMO

O Dzubukuá é uma língua polissintética pertencente à família linguística Karirí, que era falada por índios do Nordeste brasileiro. Sua fonologia, morfologia e sintaxe são objetos desta tese. Os estudos existentes sobre a gramática da língua são rudimentares e estão baseados em perspectivas tradicionais carecendo do aprofundamento necessário que o assunto exige. Deste modo, o presente trabalho, valendo-se do avanço teórico e metodológico que propicia descrições mais acuradas de línguas pouco conhecidas, se apoia no funcionalismo tipológico a fim de desenvolver o estudo dos fenômenos que regem a gramática do Karirí-Dzubukuá. Para isso, foi realizada uma pesquisa descritiva, sincrônica e indutiva. O material para análise foi constituído a partir do levantamento de dados linguísticos retirados do catecismo e manuscrito de Frei Bernardo de Nantes. Em seguida, foram elaborados quadros e listas com itens morfológicos, lexicais e sentenças e feita, logo depois, a análise, a sistematização, a transcrição e a descrição dos fenômenos fonológicos e morfossintáticos que eles apresentavam. A partir daí, foram constatados vinte e um fonemas (consoantes e vogais) e nove classes lexicais; a presença de sufixos e prefixos e de cinco sintagmas diferentes. Também foi atestada a existência de uma ordem verbo-inicial para os componentes sintáticos, de predicados transitivos, intransitivos e ambitransitivos, de uma marcação cindida de casos sintáticos (nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo) e de cláusulas interrogativas, imperativas e negativas. Foram também descritas as construções de coordenação e subordinação na sintaxe da língua analisada. Desta forma, o presente trabalho contribuirá para o reavivamento das reflexões acerca da teoria linguística geral a partir dos resultados obtidos e para o delineamento de uma classificação mais consistente do Tronco Macro-Jê.

Palavras-chave: Karirí-Dzubukuá. Funcionalismo. Descrição. Morfologia. Sintaxe.

ABSTRACT

Dzubukuá is a polysynthetic language belonging to the language family Karirí, which was spoken by Indians of Brazilian northeast. Its phonology, morphology and syntax are objects of this thesis. The existent studies on the grammar of the language are rudimentary and they are based in traditional perspectives lacking of a deep analysis that the theme demands. This way, the present work, using the theoretical and methodological advances that provides more accurate descriptions of little known languages, relies on the typological functionalism to develop the study of the phenomena governing the grammar of the Karirí-Dzubukuá. For this, it was performed a descriptive, synchronous and inductive research. The material for analysis was constituted starting from the rising of removed linguistic data of the catechism and manuscript of Frei Bernardo of Nantes. Soon after, tables and lists were elaborated with morphological and lexical items and sentences and done, soon then, the analysis, a systematic study, transcription and description of the phonological and morphosyntatic phenomenons that they presented. Starting from there, twenty-one phonemes (consonants and vowels) and nine lexical classes was verified; the presence of suffixes and prefixes and of five different phrases. The existence of a verb-initial order was also attested for the syntactic components, of transitive, intransitive and ambitransitives predicates, of a split case marking syntactic (nominative-accusative and ergative-absolutive) and of interrogative, imperative and negatives clauses. It also was described the constructions of coordination and subordination in the syntax of the language studied. Thus, this work will contribute to reflections on the revival of general linguistic theory form the results obtained and the design of a more consistent classification Trunk Macro-Jê.

Keywords: Karirí-Dzubukuá. Functionalism. Description. Morphology. Syntax.

RÉSUMÉ

Dzubukuá est un langage polysynthétique appartenant à la famille des langues Karirí, qui était parlée par les Indiens du Nord-Est du Brésil. Sa phonologie, la morphologie et la syntaxe sont des objets de cette these. Les études existantes sur la grammaire de la langue sont rudimentaires et ils sont basés dans perspectives traditionnelles qui manquent d'une analyse profonde qui les demandes du thème. Ainsi, la présente étude, en utilisant les avancées théoriques et méthodologiques qui fournit des descriptions plus precises des langues peu connues, s'appuie sur le fonctionnalisme typologique de développer l'étude des phénomènes régissant la grammaire de Karirí-Dzubukuá. Pour cela, il a été réalisée à une recherche descriptive, synchrone et par induction. La matière pour analyse a été constituée commencer du soulèvement de données linguistique enlevé du catéchisme et manuscrit de Frei Bernardo de Nantes. Bientôt après, les tables et listes ont été élaborées avec les articles morphologiques et lexicaux et les phrases et faites, bientôt alors, l'analyse, une étude systématique, transcription et description des phénomènes phonologiques et morphossyntactiques qu'ils ont présenté. Commencer de là, vingt-et-un phonèmes (consonnes et voyelles) et neuf classes lexicales ont été vérifiées; la présence des suffixes et les prefixes et de cinq phrases différentes. L'existence d'un ordre verbe-initial a aussi été attestée pour les composants syntactiques, de transitif, intransitif et l'ambitransitives affirme, d'un cas marquant diviser syntaxique (nominatif-accusatif et ergatif-absolutif) et d'interrogateur, impératif et négatifs des modalités. Ont été également décrits la construction de la coordination et la subordination dans la syntaxe de la langue étudiée. Ainsi, ces travaux contribueront à une réflexion sur le renouveau de la théorie linguistique générale à partir des résultats obtenus et la délimitation d'un coffre de classification plus cohérente du Tronc Macro-Jê.

Les mot-clés: Karirí-Dzubukuá. Fonctionnalisme. Description. Morphologie. Syntaxe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa com a localização da região onde habitavam os Dzubukuá.....43
Figura 2 – Folha de rosto do catecismo de Nantes.....55
Figura 3 – Texto estruturado mediante técnica de perguntas e respostas.....56
Figura 4 – Cântico a São Francisco em Karirí-Português.....57
Figura 5 – Discurso acerca da morte e paixão de Cristo.....58
Figura 6 – Abertura do manuscrito de Frei Bernardo de Nantes.....58
Figura 7 – Discurso acerca da criação divina do universo em Francês-Dzubukuá.....59
Figura 8 – Configuração da estrutura silábica em Dzubukuá.....92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Filiação e distribuição geográfica das línguas no Brasil.....42
Quadro 2- Fonemas consonantais da língua Dzubukuá.....64
Quadro 3 - Fonemas vocálicos da língua Dzubukuá.....66
Quadro 4 – Fonemas consonantais e seus respectivos alofones.....71
Quadro 5 – Fonemas vogais e seus respectivos alofones.....74
Quadro 6 – Fenômenos pertencentes à dinâmica fonético-fonológica do Dzubukuá.....89
Quadro 7 – Padrões silábicos e suas restrições fonotáticas.....94
Quadro 8 – Configurações gerais do acento lexical em Dzubukuá.....99
Quadro 9 - Antônimos entre gêneros.....112
Quadro 10 – Morfologia geral dos substantivos.....119
Quadro 11 – Sintaxe geral dos substantivos.....125
Quadro 12 – Traços gerais da morfossintaxe verbal.....157
Quadro 13 – Propriedades gerais dos adjetivos.....165
Quadro 14 - Advérbios modais.....167
Quadro 15 - Advérbios temporais.....168
Quadro 16 - Advérbios locativos.....171
Quadro 17 - Advérbios negativos.....172
Quadro 18 - Advérbios dubitativos.....176
Quadro 19 - Advérbios intensificadores.....177
Quadro 20 – Característica geral dos advérbios.....185
Quadro 21 – Comportamento geral dos numerais e quantificadores.....192
Quadro 22 – Pronome pessoal **atse** e respectivos alomorfes.....195
Quadro 23 - Prefixos pessoais.....196
Quadro 24 - Prefixos pessoais de 1ª pessoa em Dzubukuá.....203
Quadro 25 – Prefixos pessoais de 2ª pessoa em Dzubukuá.....204
Quadro 26 – 2ª pessoa do singular e plural em Dzubukuá.....207
Quadro 27 – Prefixos pessoais de 3ª pessoa em Dzubukuá.....211
Quadro 28 - Pronomes demonstrativos.....214
Quadro 29 - Pronomes indefinidos.....219
Quadro 30 - Pronomes interrogativos.....221

Quadro 31 – Morfossintaxe geral dos pronomes.....225
Quadro 32 - Adposições.....226
Quadro 33 – Adposições e respectivos casos semânticos.....228
Quadro 34 – Morfossintaxe geral das adposições.....238
Quadro 35 – Conjunções coordenativas.....240
Quadro 36 – Conjunções subordinativas.....242
Quadro 37 – Comportamento geral das Conjunções.....247
Quadro 38 – Ocorrências de composições entre palavras de mesma classe lexical.....259
Quadro 39 – Ocorrências entre processos de justaposição e aglutinação.....260
Quadro 40 – Ocorrências de incorporação entre classes lexicais.....267
Quadro 41 – Ocorrências de palavras incorporantes.....268
Quadro 42 – Aspectos gramaticais em Dzubukuá.....278
Quadro 43 – Constituintes do sintagma nominal em Dzubukuá.....287
Quadro 44 – Constituintes do sintagma verbal em Dzubukuá.....291
Quadro 45 – Constituintes do sintagma adjetival em Dzubukuá.....292
Quadro 46 – Constituintes do sintagma adposicional em Dzubukuá.....294
Quadro 47 – Ordem dos constituintes da cláusula em Dzubukuá.....306
Quadro 48 – Transitividade em predicados verbais.....314
Quadro 49 – Sintaxe geral dos predicados em Dzubukuá.....324
Quadro 50 – Comportamento geral do sujeito e do objeto em Dzubukuá.....333
Quadro 51 – Sintaxe geral do sistema de casos em Dzubukuá.....344
Quadro 52 – Sintaxe geral das cláusulas interrogativas, imperativas e negativas em Dzubukuá.....358
Quadro 53 – Padrão dos constituintes de cláusulas comparativas em Dzubukuá.....375
Quadro 54 – Cláusulas coordenadas e subordinadas do Dzubukuá.....377

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABS	absolutivo
AC	acusativo
ADJ	adjetivo
ADV	advérbio
ALA	alativo
BEN	benefactivo
CAUS	prefixo causativo
C1	primeira margem esquerda ou ataque da sílaba
C2	segunda margem esquerda ou ataque da sílaba
C3	margem direita ou coda
(C)	ataque ou coda facultativa
CL	prefixo classificador
CONJ	conjunção
COM	comitativo
COMP	complementizador
CR	cláusula relativa
DAT	dativo
DIR	direcional
ELA	elativo
EP	sufixo epistêmico
ERG	ergativo
ESS	essivo
FUT	sufixo de tempo futuro
G	genitivo
INES	inessivo
INT	sufixo interrogativo
INST	instrumental
lit.	tradução literal (literalmente)
LOC	locativo
M	marcador comparativo

MALE	malefactivo
MD	modo
NOM	nominativo
NUM	numeral
NML	nominalizador
O	objeto
OD	objeto direto
OI	objeto indireto
PNT	sufixo de aspecto potencial
PAS	sufixo de tempo passado
PI	predicado intransitivo
PROG	sufixo de aspecto progressivo
PT	predicado transitivo
PL	plural
PLUR1	pluralizador nominal
PLUR 2	pluralizador para nomes, adjetivos, verbos, advérbios e adposições
PLUR 3	pluralizador de primeira pessoa pronominal
PLUR 4	pluralizador de adposição e pronome demonstrativo
ADP	adposição
PRES	presentativo
PRO	pronome
PT	predicado transitivo
QT	quantificador
RC	referente de comparação
REFL	sufixo reflexivo
REL	sufixo relativizador
SADJ	sintagma adjetival
SADV	sintagma adverbial
SADP	sintagma adposicional
SFP1	sufixo de polidez 1
SFP2	sufixo de polidez 2
SN	sintagma nominal
SUB	substantivo
S	sujeito ou sílaba átona

(S)	sílaba não obrigatória
'S	sílaba tônica
SV	sintagma verbal
TC	termo comparado
TOP	tópico
V	núcleo da sílaba ou verbo
VOC	vocativo
1 INCL PL	primeira pessoa inclusiva do plural
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3ENF	prefixo enfático de terceira pessoa
3	terceira pessoa
'	acento de tonicidade (proeminência acentual)
/ /	transcrição fonológica
/	tanto um como outro ou simultaneamente
|	demarcação de sintagma
[ ]	transcrição fonética
[ø]	elipse ou marcação zero (omissão de termo)
{}	afixos e alomorfes
(...)	supressão de uma parte
< >	transcrição ortográfica
=	fronteira entre clítico e palavra
-	fronteira entre morfemas
.	fronteira entre sílabas
σ	Nível da sílaba
~	variação entre formas
→	de uma forma é gerada outra
+	combinação entre termos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....23
OBJETIVOS.....26
HIPÓTESES.....27
JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....29
METODOLOGIA.....31
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....35
2 AS LÍNGUAS NATIVAS BRASILEIRAS.....40
3 OS ÍNDIOS DZUBUKUÁ.....45
4 FONOLOGIA DZUBUKUÁ REVISITADA.....60
4.1 FONEMAS.....64
4.2 ALOFONES CONSONANTAIS.....69
4.3 ALOFONES VOCÁLICOS.....72
4.4 OUTROS ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DA LÍNGUA.....76
4.4.1 Casos de adição silábica.....76
4.4.2 Casos de redução fonológica.....78
4.4.3 Nasalização.....80
4.4.4 Alçamento vocálico.....81
4.4.5 Alongamento vocálico.....83
4.4.6 Vozeamento.....84
4.4.7 Lateralização das oclusivas alveolares.....85
4.4.8 Rotacismo em consoantes alveolares.....86
4.4.9 Neutralização entre consoantes nasais.....86
4.4.10 Harmonizações.....88
4.5 A SÍLABA.....91
4.6 O ACENTO LEXICAL.....95
5 MORFOLOGIA DZUBUKUÁ: CONSIDERAÇÕES TIPOLÓGICAS E CONCEPÇÕES DE PALAVRA.....103
5.1 SUBSTANTIVOS.....106
5.1.1 Aspectos semânticos.....107
5.1.1.1 Gênero.....110
5.1.2 Aspectos morfossintáticos.....112
5.1.2.1 Número.....113

5.1.2.2 Posse.....116
5.1.2.3 Nomes e os sufixos de futuro, reflexivo e de polidez.....118
5.1.2.4 Adjuntos.....121
5.1.2.5 Funções gramaticais.....124
5.2 VERBOS.....126
5.2.1 Aspectos semânticos.....126
5.2.2 Aspectos morfossintáticos.....129
5.2.2.1 Tempo.....133
5.2.2.2 Aspecto.....134
5.2.2.3 Modo.....137
5.2.2.4 Voz.....140
5.2.2.5 Particípio, infinitivo e gerúndio.....142
5.2.2.6 Verbos e afixos de ênfase e polidez.....144
5.2.2.7 Verbos como modificadores nominais.....146
5.2.2.8 Transitividade verbal.....147
5.2.2.9 Causativização verbal.....152
5.2.2.10 Casos de homonímia entre verbos e outras classes lexicais.....154
5.2.2.11 Regência entre verbos e adposições.....156
5.3 ADJETIVOS.....158
5.3.1 Aspectos semânticos.....159
5.3.2 Aspectos morfossintáticos.....160
5.4 ADVÉRBIOS.....165
5.4.1 Aspectos semânticos.....166
5.4.1.1 Advérbios modais.....167
5.4.1.2 Advérbios temporais.....168
5.4.1.3 Advérbios locativos.....171
5.4.1.4 Advérbios negativos.....172
5.4.1.5 Advérbios dubitativos (interrogativos).....176
5.4.1.6 Advérbios intensificadores.....177
5.4.2 Aspectos morfossintáticos.....179
5.5 NUMERAIS.....186
5.5.1 Aspectos semânticos.....187
5.5.2 Aspectos morfossintáticos.....189
5.6 PRONOMES.....192

5.6.1 Pronomes pessoais.....193
5.6.1.1 Pronome pessoal de 1ª e 2ª pessoas.....193
5.6.1.2 Prefixos pessoais.....196
5.6.1.2.1 Prefixos de primeira pessoa.....198
5.6.1.2.2 Prefixos de segunda pessoa.....204
5.6.1.2.3 Prefixos de terceira pessoa.....207
5.6.1.2.4 Funções gramaticais dos prefixos pessoais.....211
5.6.2 Pronomes demonstrativos.....214
5.6.3 Pronomes indefinidos.....219
5.6.4 Pronomes interrogativos.....221
5.7 ADPOSIÇÕES.....226
5.7.1 Aspectos semânticos.....226
5.7.2 Aspectos morfossintáticos.....231
5.8 CONJUNÇÕES.....239
5.8.1 Aspectos semânticos.....239
5.8.1.1 Conjunções coordenativas.....240
5.8.1.2 Conjunções subordinativas.....242
5.8.2 Aspectos morfossintáticos.....245
5.9 INTERJEIÇÕES.....248
6 ASPECTOS GERAIS DA DINÂMICA GRAMATICAL DO DZUBUKUÁ 250
6.1 REDUPLICAÇÃO.....250
6.2 NOMINALIZAÇÃO.....252
6.3 NEGAÇÃO DERIVACIONAL.....253
6.4 COMPOSIÇÃO.....254
6.5 INCORPORAÇÃO.....260
6.6 CONVERSÃO.....269
6.7 EMPRÉSTIMOS.....270
6.8 LOCUÇÕES.....273
7 SINTAXE: CONSIDERAÇÕES SOBRE CLÁUSULA, PREDICAÇÃO E COMBINAÇÃO DE SENTENÇAS.....280
7.1 SINTAGMA NOMINAL.....282
7.2 SINTAGMA VERBAL.....288
7.3 SINTAGMA ADJETIVAL.....291
7.4 SINTAGMA ADVERBIAL.....292

7.5 SINTAGMA ADPOSICIONAL.....293
7.5.1 Vocativo.....295
7.6 ORDEM DOS CONSTITUINTES NA CLÁUSULA.....296
7.7 *TIPOS DE PREDICADOS*.....307
7.7.1 Predicados não verbais.....307
7.7.2 Predicados verbais.....310
7.7.2.1 Predicados copulativos.....310
7.7.2.2 Predicados existenciais e possessivos.....312
7.*7.2.3 Transitividade*.....314
7.7.2.3.1 Transitivização e detransitivização.....321
7.8 PREDICAÇÃO: RELAÇÕES SEMÂNTICO-GRAMATICAIS E MARCAÇÃO DE CASO.....325
7.8.1 Sujeito.....326
7.8.2 Objeto.....329
7.8.3 Sistema de casos sintáticos.....334
7.9 CLÁUSULAS INTERROGATIVAS.....345
7.10 CLÁUSULAS IMPERATIVAS.....352
7.11 CLÁUSULAS NEGATIVAS.....356
7.12 CLÁUSULAS COORDENADAS.....359
7.13 CLÁUSULAS SUBORDINADAS.....364
7.13.1 Cláusulas completivas.....364
7.13.2 Cláusulas relativas.....366
7.13.3 Cláusulas adverbiais.....372
CONCLUSÃO.....379
REFERÊNCIAS.....384
APÊNDICE.....398

INTRODUÇÃO

O Dzubukuá ou Karirí[1] é um língua polissintética[2] que juntamente com o Kipeá (Kirirí), o Sabuyá e o Kamurú (Pedra Branca) integram a família linguística Karirí. Era uma língua falada pelos índios Karirí-Dzubukuá que povoaram o sertão nordestino da Bahia ao Piauí. Os estudos mais tradicionais sobre essa língua datam do século XIX até início da segunda metade do século XX. Contudo, poucos desses estudos se dedicam ao Dzubukuá. Dentre eles, destacam-se aqui os de Lucien Adam (1897) e o de Borges (1977) que representam uma abordagem mais analítica desta língua e os únicos trabalhos até então conhecidos que esboçam as bases de uma gramática descritiva acerca do mesmo.

Adam configurou a primeira gramática comparativa para a família Karirí contendo um estudo comparativo entre Dzubukuá, o Kipeá, o Sabuyá e o Kamurú. Nela, vê-se um estudo gráfico-comparativo entre vogais, consoantes e semivogais; é feita uma pequena descrição de algumas classes de palavras, como nomes, adjetivos, verbos e pronomes, sujeito (nominativo) e objeto (acusativo); e também se verifica uma pequena abordagem acerca das cláusulas imperativas. Ao final da obra, encontra-se também um vocabulário comparativo entre os sistemas linguísticos Karirí mencionados.

Embora os estudos de Adam representassem, na época, um primeiro passo para a sistematização de uma gramática para a referida língua, eles estavam focados quase que completamente na morfologia. A sintaxe ficou restrita a alguns poucos fenômenos, como sujeito e objeto, o imperativo e lista de cláusulas com verbos passivos.

Ao contrário do anterior, o trabalho etnolinguístico do professor Elias Borges (1977) dedicou-se exclusivamente ao Dzubukuá onde esboça uma descrição mais completa acerca desta língua. Seguindo o perfil das gramáticas tradicionais, Borges faz uma descrição

[1] Neste trabalho, os nomes das línguas e povos indígenas que serão aqui mencionados seguem regras de grafia e de acentuação estabelecidas desde 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia (RODRIGUES, 2002, p. 10-12). Elas se diferenciam um pouco das convenções ortográficas atuais de Língua Portuguesa. Pela convenção estabelecida em 1953, os nomes indígenas são empregados sem flexão de gênero ou de número. Os sons oclusivos serão indicados por “p”, “b”, “t”, “d”, “k”, “g”. Assim, o “k” será o substituto de “c” e “q” e, para a sequência “gu”, será usado apenas “g”. Os sons fricativos, no entanto, serão representados apenas por “f”, “v”, “s”, “x”, “j”. Por exemplo, o som [s] será representado apenas por um “s” e não por “ss” ou “ç” como ocorre em Português. E para as aproximantes, serão usados os símbolos “y” e “w” e não “i” e “u” do Português. E, por último, o acento gráfico correspondente (agudo ou circunflexo) deve ser empregado na vogal da sílaba mais forte.

[2] Línguas que apresentam estruturas léxico-gramaticais complexas, reunindo em um só vocábulo conceitos diferentes; os quais seriam expressos em outras línguas, como no Português, por meio de uma sentença inteira (ver em Sapir, 1971, e Aikhenvald, 2007).

fonológica, morfológica, sintática e semântica, configurando, com isso, as primeiras bases sólidas para o estabelecimento de uma gramática desta língua.

Embora já demonstrassem, para o seu tempo, uma abordagem de caráter mais analítico, os dois trabalhos mencionados se caracterizam mais como estudos preliminares acerca do Dzubukuá e é neste ponto que está a sua relevância. Não obstante, carecem ainda de uma descrição mais acurada e do aprofundamento necessário para a pesquisa linguística que se propuseram. Além disso, a circunscrição destes estudos em períodos anteriores às abordagens linguísticas recentes, deixa-os com lacunas teóricas ainda não preenchidas na época de sua escritura. Nesse sentido, muitos fenômenos que também faziam parte da dinâmica fonológica e morfossintática do Dzubukuá não foram contemplados ou foram considerados como irrelevantes para a explicação da língua em face das concepções que se tinha na época.

Os trabalhos contemporâneos sobre a família Karirí ainda se voltam quase que totalmente ao Kipeá. Isso é compreensível, visto que é o sistema linguístico que possui mais registros; dentre eles, uma gramática elaborada pelo Padre Mamiani (1877 [1699]), que traz um consistente esboço sobre a dinâmica gramatical do Kipeá. Sobre o Dzubukuá, há raríssimos estudos, e a maior parte deles pertencem aos séculos XVIII e XX. Todos esses estudos ou se focam exclusivamente em alguns componentes da morfologia ou se dedicam tão somente a um estudo comparativo-morfológico cujo objetivo não é unicamente a língua em pauta, mas a sua comparação com seus parentes linguísticos.

Tendo em vista essa realidade, foi elaborado, no período entre 2006 e 2008, um trabalho em nível de mestrado (QUEIROZ, 2008), cujo propósito fora desenvolver um estudo descritivo do sistema fonético-fonológico do Dzubukuá em face das lacunas deixadas pelos estudos anteriores.

Na referida dissertação, foi proposta uma análise estrutural da fonologia dessa língua, tão minuciosa quanto os dados permitiram. O estudo contemplou a descrição segmental, observou o acento lexical, os padrões silábicos e os processos (morfo)fonológicos encontrados. Ao final do trabalho, foram apresentados vários casos peculiares e irregulares de representação gráfica, denominados de alografias.

Com relação à morfossintaxe do Dzubukuá, ainda não se tem notícias de pesquisas mais recentes que abordem este tema. Diante disso, a presente tese representa uma revisitação aos estudos gramaticais anteriores sobre essa língua e uma continuidade à pesquisa iniciada no mestrado, mencionada anteriormente, utilizando, para isso, perspectivas linguísticas mais contemporâneas voltadas para a descrição de línguas. Dessa maneira, foram utilizados conceitos e terminologias do funcionalismo tipológico considerados os mais pertinentes para

este caso. Esses conceitos ampliaram o alcance das análises, levando-as a níveis mais profundos de observação. Isso possibilitou resgatar fenômenos até então desconhecidos do objeto linguístico aqui estudado.

O Dzubukuá, hoje, infelizmente é uma língua extinta, vítima, como tantas outras, de uma política de colonização que causou, em maior ou menor grau, o despovoamento nativo em terras brasileiras de comunidades que, provavelmente, representam um estágio ulterior de civilizações que viviam aqui há cerca de setenta mil anos (DIAS, 2008).

Do mesmo modo que outras línguas do período pré-cabralino, o Karirí chegou até nós através de registros elaborados por missionários católicos que vieram aqui para dar início ao processo de catequização dos índios. Até o momento, as únicas fontes primárias da língua aqui pesquisada se encontram no catecismo impresso e no manuscrito, ambos elaborados pelo capuchinho francês Frei Bernardo de Nantes no início do século XVIII. Ambos os registros foram escritos em versões bilíngues: o catecismo em Português-Dzubukuá e o manuscrito em Francês-Dzubukuá. Eles representam documentos históricos e etnolinguísticos que retratam essa língua e parte dos costumes, crenças e comportamentos dos índios Karirí.

O nosso primeiro contato e interesse com línguas indígenas brasileiras começou na graduação, quando integramos o quadro dos alunos voluntários de iniciação científica do PIBIC em 2003 para trabalhar no Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI) da Universidade Federal de Pernambuco. Lá passamos dois anos fazendo um estudo de caráter comparativo-tipológico das vogais pertencentes aos dialetos da língua Nambikwára falados por índios situados, atualmente, em regiões entre Mato Grosso e Rondônia. Foi, nesse período, que tivemos o nosso primeiro contato com o Karirí e nos foi lançada a proposta de trabalhar com ele. O mesmo entusiasmo que nos conduzia durante os estudos com o Nambikwára também nos levou a embarcar na descrição do Dzubukuá. Esse novo processo investigativo teve como etapa inicial a descrição de aspectos fonéticos e fonológicos dessa língua e, como segunda fase, a nossa atual pesquisa sobre sua morfossintaxe e uma reatualização de sua fonologia cujos resultados são apresentados nesta tese.

Esperamos que a presente pesquisa aqui realizada venha despertar o interesse pelas línguas indígenas de pesquisadores e estudantes de todos os níveis, em especial, pelas línguas nativas brasileiras que contam com um total aproximado de 180 línguas, que hoje convivem com o Português. Tais línguas possuem fenômenos ainda não descobertos que podem confirmar aqueles observados em sistemas linguísticos conhecidos, como o próprio Português e outras línguas do mundo; ou elucidar fatos novos ainda não razoavelmente explicados pelos estudos atuais. Com isso, o estudo desses sistemas linguísticos podem complementar as

reflexões linguísticas já existentes ou motivar a reavaliação e/ou reinterpretação dessas reflexões.

OBJETIVOS

O estudo aqui realizado tem por finalidade principal descrever a morfologia e a sintaxe da língua Dzubukuá ou Karirí, delineando a gramática que está por trás do seu funcionamento, tendo como base, para isso, o funcionalismo tipológico que se adéqua ao objetivo aqui pretendido. A pertinência dessa abordagem está em suas reflexões teóricas cujas bases foram construídas a partir da observação e descrição direta da dinâmica funcional de diferentes línguas naturais. Esse construto teórico e metodológico é passível de ser aplicado, ainda que com algumas limitações, a estudos prévios de línguas ágrafas ou até mesmo em investigações sobre línguas mortas, como é o caso do Dzubukuá. A orientação funcionalista tipológica se alinha, portanto, a uma visão teórica basilar para o estudos linguísticos aqui presente, tal como apresentado em Dixon (2010ab).

Tendo em vista o propósito deste estudo delineado no parágrafo anterior, e como base os conceitos teóricos e os recursos descritivos do funcionalismo tipológico, visa-se neste trabalho mais especificamente a:

- Apresentar os elementos constitutivos do sistema fonológico da língua analisada (Conforme Jakobson, 1977, Dixon, 2010a, Bybee, 2006, entre outros);
- Analisar os casos de alofonia encontrados no sistema linguístico aqui em pauta (de acordo com Kindell, 1981, Schneider, 2002, etc);
- Estudar os padrões silábicos e léxico-acentuais da língua (Kindell, 1981, Delbecque, 2006, Câmara Jr., 2008, entre outros);
- Delinear as categorias lexicais e gramaticais que constituem a morfologia do sistema em pauta, bem como o papel exercido por essas categorias na dinâmica morfossintática da língua e o processo gramatical que as envolve (conforme Talmy, 2007, Givón, 1984, dentre outros);

- Determinar os diferentes processos de formação lexical recorrentes na língua em estudo (com base em autores como Payne, 1997, Aikhenvald, 2007, etc.);
- Descrever o sistema de marcação de casos semânticos e gramaticais (segundo Lehmanni, 2005, Andrews, 2007ab e outros);
- Estabelecer uma tipologia clausal para o Dzubukuá e verificar a dinâmica presente entre os tipos de cláusulas encontradas (baseado em Haspelmath, 2007, Noonan, 2007, entre outros);
- Sistematizar as funções morfossintáticas existentes e os diferentes recursos linguísticos responsáveis por elas (segundo Dryer, 2007abc, Schachter e Shopen, 2007).

Vale salientar que, como delineado nos objetivos acima, incluiu-se aqui também a descrição fonológica como parte integrante dos estudos gramaticais da língua. Portanto, o título aqui escolhido para este trabalho, **Um estudo gramatical da língua Dzubukuá, família Karirí**, abrange ambas as áreas dos estudos linguísticos, tanto a fonologia quanto a morfossintaxe. Isso implica dizer que, juntamente com Chafe (1979), Mairal e Gil (2006) e Dixon (2010a), considera-se que a fonologia e a morfossintaxe de um sistema linguístico são dimensões intimamente relacionadas; pois a "experiência tem demonstrado que nem os aspectos puramente formais de uma língua, nem o curso de sua história podem ser plenamente compreendidos sem referência aos sons que essa forma e essa história se encarnam" (SAPIR, 1971, p. 51). Vê-se, então, que já Sapir nota-se uma preocupação com a indissociabilidade de ambas as dimensões de uma língua. Deste modo, optou-se por considerar e incluir, neste trabalho, as reflexões e observações feitas em torno da fonologia como parte integrante da gramática do sistema linguístico em pauta.

HIPÓTESES

O processo de investigação aqui realizado baseou-se, de antemão, na hipótese geral de que, embora extinto, o Dzubukuá, tal como qualquer outro sistema linguístico nessas condições, tem muito ainda a revelar acerca do seu funcionamento linguístico e, em menor ou

maior grau, acerca do universo experiencial dos seus falantes. Dito de outro modo, acredita-se que é possível a reconstituição, em menor ou maior grau, da gramática de uma língua e de algumas características culturais dos seus falantes tendo, unicamente, como base os registros escritos dessa língua. Como o objetivo deste trabalho restringe-se ao funcionamento linguístico interno da língua em foco, os elementos linguísticos proporcionados pela descrição podem servir de base para estudos antropológicos, sociolinguísticos e discursivos posteriores.

A hipótese geral integra algumas deduções que previamente se impuseram no início da investigação e que se pautaram em elementos universalmente presentes nos sistemas linguísticos já conhecidos. A primeira delas é a de que o Dzubukuá teria classes de palavras, cuja constituição, fronteiras e funções morfossintáticas seriam passíveis de descrição. A segunda é a de que haveria recursos empregados pela língua para a renovação do seu léxico. A terceira hipótese, por sua vez, se refere à provável existência de diferentes sintagmas, relações gramaticais estabelecidas em uma predicação e de um sistema de marcação de casos, todos suscetíveis de sistematização. E, por último, cogitou-se antecipadamente a presença de diferentes tipos de cláusulas e, na combinação entre elas, a existência de algum tipo de elemento de ligação sinalizado gramaticalmente pelo sistema morfossintático da língua.

As cogitações acima nada mais são do que réplicas a três perguntas gerais levantadas nas primeiras etapas da pesquisa:

- Como funcionava o Dzubukuá no período em que fora registrado?
- Quais os mecanismos gramaticais responsáveis pelo seu funcionamento?
- Quais os recursos morfossintáticos empregados pela língua para ligar palavras, sintagmas e orações?

As hipóteses apresentadas foram sendo confirmadas e elucidadas no transcorrer das investigações e instigaram o surgimento de outros questionamentos e cogitações que motivaram a continuidade da pesquisa e possibilitaram a obtenção dos resultados e a configuração atual do presente trabalho.

JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Quando uma civilização morre, tende a deixar para trás sinais do seu passado. Indícios de sua presença na história são evidenciados através de produtos de suas realizações socioculturais preservados (em maior ou menor estado) pelo tempo. Embora silenciadas pelos percalços históricos que sobre elas recaíram, sua vozes ainda balbuciam nesses artefatos culturais. É por isso que se tornam objeto de interesse de estudos arqueológicos do mundo inteiro. Os arqueólogos não se debruçam nestes materiais acreditando que eles são um fim em si mesmo, mas porque acreditam fortemente na possibilidade de nelas escutar essa voz apagada pelo tempo. Mas, para entender os trâmites da dimensão social dessas civilizações, é necessário um trabalho de base voltado para a busca, coleta, descrição e catalogação dos elementos que configuram a estrutura e a função desses materiais deixados pelo caminho. São, portanto, nas peculiaridades formais e funcionais do objeto possuído que se encontram as marcas do seu possuidor. Tendo, pois, a descrição das configurações e da funcionalidade desses produtos, segue-se o estudo e o resgate das relações humanas neles refletidas.

Um pouco diferente de outros artefatos humanos, a língua é de natureza oral, adquirindo um caráter também visual em sociedades com sistema de escrita. No entanto, em comunidades ágrafas, isso não se verifica, e sua sobrevivência restringe-se quase que unicamente a uma dimensão não tateável da realidade da língua. Nestas circunstâncias, como fora a situação da maioria de povos nativos americanos no período anterior a Colombo, as línguas geralmente morrem com a extinção dos seus falantes e nada ou quase nada chega à contemporaneidade. Não obstante, quando há registros escritos dessa língua, a situação muda, e ela se transforma em um artefato histórico, tal como os outros instrumentos que restaram de uma determinada civilização precedente.

Infelizmente, muitas línguas indígenas se perderam no processo de colonização e pouquíssimas delas foram documentadas, e, mesmo assim, um número ainda menor dos registros documentados chega à modernidade.

Desse modo, ao se interessar também pelo funcionamento de línguas extintas, a Linguística acredita que, mesmo mortas, essas línguas ainda têm muito a falar sobre fenômenos linguísticos e socioculturais de uma determinada época. Embora não mais usadas, tais línguas ainda apresentam reflexos dos seus usos; tal como os demais artefatos arqueológicos que, embora inativos, ainda revelam o cenário sociofuncional para o qual foram

destinados e no qual eram utilizados. Nesse sentido, os estudos linguísticos se aproximam da Arqueologia ao crer na capacidade que tem uma língua extinta, como artefato sociocultural de um passado longínquo, de ainda representar um canal por meio do qual vozes antigas ainda podem ser ouvidas.

Diante disso, a relevância da descrição de uma língua particular (viva ou extinta) pode ser vista sob duas óticas: **científica** e **social**.

Para a Ciência Linguística em geral, o conhecimento acerca do funcionamento de um sistema linguístico específico possibilita catalogar fenômenos, delinear seu comportamento e seus contextos de ocorrência e compará-los a outros já observados. Isso contribuirá para o reavivamento da teoria linguística no tocante a sua confirmação, ampliação ou reinterpretação, como também poderá auxiliar no esclarecimento de fatos linguísticos raros e pouco recorrentes em línguas conhecidas, mas que são frequentes em outras pouco ou ainda não estudadas.

Desse modo, tendo o inventário ampliado, os estudos linguísticos terão a possibilidade de gerar reflexões e explicações cada vez mais acuradas sobre determinados fatores e dimensões particulares ou universais que constituem a linguagem humana. Mas especificamente, estudos descritivos de línguas indígenas brasileiras fornecem o material necessário para um melhor delineamento dos Troncos e Famílias linguísticas até então conhecidos, mas que apresentam lacunas ainda não preenchidas como as inserções de grupos de línguas de natureza ainda não totalmente esclarecida. Além disso, há línguas isoladas que não se encaixam até agora em qualquer uma das famílias encontradas. Quanto mais línguas novas descritas (vivas ou extintas), mais elementos se terá para reorientar as categorias classificatórias atualmente estabelecidas e situar tais grupos isolados a uma determinada filiação maior, encontrando entre eles possíveis relações genéticas até a pouco tempo desconhecidas.

Diacronicamente, quanto mais descrições forem feitas, maior será a qualidade das reconstruções de elementos que subjazem determinados comportamentos linguísticos – sejam de línguas indígenas ou não – e também se terá um maior poder explicativo para formulação de hipóteses mais condizentes com os fatos observados.

Além do campo descritivo, pesquisas desse tipo podem também contribuir para outros campos da Linguística – como as abordagens pragmáticas e discursivas, e outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a Literatura, etc. Através do conteúdo semântico e da dinâmica funcional do léxico e da gramática, por exemplo, pode-se chegar mais próximo da cosmovisão de um povo, pode-se alcançar a imagem que esse povo

tem ou tinha do mundo que o cerca ou o cercava, de si e dos seus semelhantes e das relações que mantêm ou mantinham com seus co-específicos. A descrição, portanto, é apenas o início de um trabalho ainda mais amplo, inter e multidisciplinar.

No setor social, o presente trabalho representa um resgate de um patrimônio nacional e, mais particularmente, nordestino de acesso ao público em geral – índio e não índio, estudantes, professores e pesquisadores. Os elementos socioculturais presentes na língua e que se sobressaem em todo o processo de descrição contribuem para se levantar cogitações sobre o próprio ser humano em geral e acerca de componentes que podem estar por trás do comportamento e organização social do homem brasileiro como um todo, ou mesmo da sociedade nordestina em particular.

METODOLOGIA

O material para análise foi coletado diretamente dos escritos de Frei Bernardo de Nantes, constituídos por um catecismo – obra impressa em Português-Dzubukuá que data de 1709, e por um manuscrito em Francês-Dzubukuá, datado de 1702.

No tocante ao catecismo impresso, foram usadas três versões da obra: uma microfilmada, outra em PDF e uma terceira digitada pelo autor da presente tese através do programa "Winword" (existente nas versões 2003 e 2007).

A versão microfilmada conta com cerca de 202 fotos sequenciadas contendo as capas, a lombada, o conteúdo pré-textual do catecismo e as 363 páginas da primeira publicação do catecismo que datam de 1709. Contudo, esta versão encontra-se incompleta. Faltam-lhe quatro páginas (da 351 a 354) e, em alguns trechos do catecismo, aparecem palavras pouco legíveis, devido a apagamentos parciais de sua estrutura gráfica. Para suprir essa falha, recorreu-se também às 393 páginas do arquivo em PDF da obra que corresponde à segunda edição da mesma, datada de 1896. Em complementação a essas versões, foram também utilizadas as 257 páginas digitadas por nós no período de mestrado dos arquivos microfilmados do catecismo. À versão digitada, foram adicionadas, com ajuda da versão em PDF, as páginas ausentes e corrigidos os itens que se encontravam parcialmente apagados no material microfilmado. A digitação de todo o conteúdo do catecismo em "Word" favoreceu

uma maior agilidade na coleta de dados e localização de itens e fenômenos que estavam sendo analisados.

Com relação ao manuscrito, tal como foi feito com o catecismo, a versão microfilmada foi digitada somando-se um total de 75 páginas em arquivos “Windword” para facilitar e agilizar a localização e a dinâmica de coleta, organização, análise e sistematização de dados. Os itens coletados foram confrontados com os do catecismo impresso e reunidos em um total aproximado de 67 tabelas e 40 listas configuradas de acordo com a natureza gramatical dos dados que estavam sendo extraídos do texto doutrinário do manuscrito e do catecismo.

Os quadros elaborados para a obtenção dos resultados contam com divisórias verticais (colunas) e, quando necessário, também horizontais (linhas) que possibilitaram a separação de diferentes dados que apresentam os fenômenos e suas variáveis. As listas se constituíram de linhas verticais (sem colunas ou grades) que continham a distribuição em paralelo de estruturas mais simples e de formas mais complexas. Em ambas (quadros e listas), os elementos em análise eram dispostos em concomitância com suas variantes formais, flexões, respectivos significados e de acordo com formações morfossintáticas correspondentes. Quando necessário, foi destacado em negrito fenômenos de ordem fonético-fonológica, lexical, morfológica e sintática.

Cada componente gramatical e processos relacionados aos dados em estudo foram sistematizados quanto à sua função, comportamento, constituição e natureza. Em seguida, foram reunidos em determinadas categorias fonológicas, morfológicas e sintáticas. Depois de se postular as categorias com seus respectivos integrantes e dinâmica funcional, foi dado prosseguimento à criação de tópicos para a estruturação do conteúdo dissertativo com os resultados da pesquisa. Logo após, seguiu-se a escritura da tese e transcrição fonológica e, quando necessário, também transcrição fonética dos resultados. Para as transcrições, foi utilizada a fonte “Sil Doulos IPA” fornecida pelo “Summer Institute of Linguistics” – SIL (Instituto Linguístico de Verão/ILV), específica para línguas indígenas, tendo como base as configurações estabelecidas no Alfabeto Internacional de Fonética (IPA).

Desse modo, a pesquisa aqui realizada, de caráter descritivo, seguiu uma perspectiva sincrônica e uma orientação indutiva. A natureza descritiva da investigação foi aqui aplicada uma vez que visa a uma maior imparcialidade entre o pesquisador e os fenômenos por ele estudados propiciada pela manutenção de uma certa distância entre o analista e o objeto de sua análise. Deste modo, procedeu-se a somente observar, analisar, registrar, classificar e interpretar os dados e sua dinâmica e os princípios que os subjaziam.

As análises estavam focadas também em um único estado da língua, ou seja, a fase sincrônica em que ela se encontrava no período de seu registro; sendo que, quando necessário, recorreu-se a hipóteses diacrônicas para explicar e justificar o comportamento de fatos linguísticos particulares.

Durante a dinâmica interpretativa de quadros e listas, o processo seguiu uma orientação indutiva. Partiu-se de dados diretamente observados no local onde estavam sendo extraídos para deles se chegar a reflexões e princípios gerais que os explicassem e sistematizassem com o auxílio das perspectivas teóricas estudadas. Em outras palavras, os procedimentos de análises partiram do particular e concreto para o geral e abstrato, de comportamentos tipológicos particulares para deles extrair princípios e conceitos mais gerais.

A título de exposição, as traduções portuguesas das transcrições em Dzubukuá, apresentadas nos exemplos ao longo deste trabalho, foram adaptadas para o Português moderno no tocante à sua ortografia, pontuação e sintaxe. Para a postulação do significado de cada item encontrado foram adotados os seguintes critérios: o **quantitativo**, o **comparativo** e o **dedutivo**. Primeiramente, escolhia-se o significado mais recorrente, adotando-o como padrão. Caso não houvesse recorrência de um mesmo significado, então os itens eram comparados às suas cognatas no Kipeá (parente linguístico da língua aqui em foco), encontradas em Adam (1897), Azevedo (1965) e Rodrigues (1942). No entanto, caso não fosse possível a aplicação de alguma das duas possibilidades anteriores, um significado geral era deduzido para o item conforme o(s) contexto(s) em que ele ocorria. Por isso, em várias ocasiões, durante a exposição dos dados, as traduções do enunciado em português dos exemplos que serão apresentados nem sempre coincidirão com o significado das glossas. Para isso, será colocado entre parânteses, quando necessário e quando possível, uma tradução literal (**lit.**) em alguns exemplos descritos neste trabalho.

Estruturalmente, o conteúdo da presente tese está organizado em sete partes. A primeira começa no capítulo 1 onde são expostos os postulados teóricos que conduzem as análises e reflexões ao longo desta investigação linguística. Segue-se, depois, o capítulo 2 que menciona os diferentes tipos de línguas indígenas existentes no Brasil, bem como sua classificação e localização. O capítulo 3, por sua vez, está reservado às considerações acerca do povo e cultura Karirí. Prossegue, no capítulo 4, uma descrição sobre o sistema fonológico do Karirí, revisto e reinterpretado. Logo após, no capítulo 5, faz-se uma abordagem aos constituintes e categorias que integram a morfologia da língua analisada. No capítulo 6 seguinte, são comentados os diferentes aspectos que fazem parte da dinâmica do comportamento gramatical do Dzubukuá. No capítulo 7, apresenta-se uma descrição sobre a sintaxe começando com uma

abordagem sobre os sintagmas da língua, passando pela ordem sintática dos constituintes na cláusula, tipos de predicados, marcação de casos e atos de fala; terminando com os tipos de combinação de sentenças observadas no sistema linguístico aqui em pauta.

No final do trabalho, aparece a seção “Conclusão”, reservada às últimas considerações acerca dos capítulos anteriores. Nela, é feita uma síntese dos resultados encontrados e também são adicionadas novas informações sobre o sistema linguístico analisado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em geral, a presente tese se insere no campo da teoria linguística segundo as concepções de Dixon (2010a, 2010b) e Dryer (2001, 2006a, 2006b), utilizando conceitos, terminologias e recursos analíticos do funcionalismo tipológico para a descrição gramatical e tipológica da Língua Karirí ou Dzubukuá aqui estudada.

Constituindo-se, portanto, como um estudo descritivo, o interesse maior deste trabalho está focado na dinâmica funcional interna dos elementos e mecanismos gramaticais da referida língua, aplicando a estes componentes a nomenclatura e reflexões funcionalistas. Por isso, certas dimensões extralinguísticas, como a dinâmica sociodiscursiva e pragmática não foram aqui priorizadas, uma vez que não se tem mais referentes importantes e necessários a este tipo de análise, como, por exemplo, os próprios falantes vivos e o contexto sociocultural concreto e integral em que essa língua era empregada. O que se tem do contexto são breves fragmentos registrados por não índios que estavam pouco preocupados em preservar a história, a sociedade e a cultura desses falantes. Soma-se também a isso o fato de que a própria gramática da língua é muito pouco conhecida.

Desse modo, os parágrafos subsequentes trarão alguns pontos teóricos mais gerais da perspectiva linguística escolhida, os quais foram selecionados conforme sua adequação e aplicabilidade à descrição aqui proposta.

De acordo com autores, como Croft e Cruse (2008), Givón (2011) e Payne (1997), a linguagem humana é uma faculdade psicossocial empregada como instrumento de comunicação em interações interpessoais. Ela surgiu para atender às necessidades sociocomunicativas do ser humano. Sendo assim, é no plano comunicativo que ela se estrutura, se desenvolve e se transforma. Isso implica dizer que as línguas são, ao mesmo tempo, produto e processo de um dinamismo comunicacional impulsionado por fatores linguísticos, cognitivos e socioculturais.

Ao mesmo tempo em que possuem princípios gramaticais já estabilizados e fixados ao longo do seu desenvolvimento histórico, as línguas ainda apresentam um constante e contínuo movimento de mudança; embora lento, mas em permanente ebulição (GIVÓN, 1979). Isso implica dizer que a gramática de qualquer língua humana é um fenômeno emergente (“an emergent phenomenon”) que, além de refletir princípios explanatórios subjacentes, representa por si mesma um sistema complexo constituído de idiossincrasias próprias. Nesse caso, o

principal "objetivo de uma teoria descritiva é fornecer um conjunto de ferramentas e conceitos para possibilitar as descrições adequadas de cada língua em toda a sua complexidade e idiossincrasia"[3] (DRYER, 2006a, p. 10, tradução nossa).

Sendo, então, um sistema complexo, a língua, em seu dinamismo, envolve, em maior ou menor grau, três tipos de signos: o **índice** (signo indexical), o **ícone** (signo icônico) e o **símbolo** (signo simbólico). O primeiro indica algo ou aponta para qualquer coisa que esteja próxima ou distante em relação ao indivíduo no ambiente em que este se encontra. O segundo, sensível aos sentidos, evoca uma imagem ou representação perceptiva, possuindo caráter imitativo e motivado. E o terceiro apresenta tão somente uma associação convencional e imotivada entre o signo e o que ele representa ("designatum"). Com base nessa nomenclatura, Delbecque (2006) enumera três princípios constitutivos que estão por trás da estruturação da linguagem: o da **indexicalidade**, o da **iconicidade** e o **simbólico**.

O princípio da indexicabilidade sinaliza a propriedade dêitica das línguas que se utiliza de componentes formais para situar os falantes no tempo e no espaço. Essa, por exemplo, é a função de algumas palavras advérbiais como "agora", "lá", "ontem", etc.

O princípio da iconicidade, por outro lado, revela a semelhança entre forma e função. Isso sugere que a relação entre a estrutura e aquilo que ela representa é motivada de alguma maneira. Além das palavras onomatopaicas e processos morfológicos (AIKHENVALD, 2007), esta motivação alcança níveis maiores, como por exemplo, o das construções sintáticas (THOMPSON; LONGACRE, HWANG, 2007).

O último princípio geral é o simbólico e está diretamente relacionado com a perspectiva saussureana de imotivação do signo (SAUSSURE, 1997). A dimensão simbólica das línguas alude à natureza puramente convencional ou arbitrária da combinação entre forma e seu conteúdo conceitual; implicando, com isso, a ligação fortuita e não previsível entre significante e significado.

Estando, pois, a serviço da comunicação, a língua constantemente é permeada por fatores internos e externos ao seu próprio sistema que a levam a se ajustar aos diversos eventos comunicativos cotidianos aos quais está sujeita. Portanto, no processo comunicativo, categorias como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica estão intimamente relacionadas, não havendo qualquer fronteira entre o sistema abstrato da língua e o seu uso concreto (CHAFE, 1979, e MAIRAL; GIL, 2006). Nesse caso, a função desempenhada pelos

[3]"goal of a descriptive theory is to provide a set of tools and concepts for providing adequate descriptions of each language in all its complexity and idiosyncrasy".

componentes gramaticais da língua estará associada à "comunicação da informação" pela língua, e o próprio termo "função" fará referência à pertinência comunicativa da linguagem:

> *Funcional* é aí tomado no sentido mais corrente do termo, o que implica que os enunciados linguísticos se analisam por referência ao modo como contribuem para o processo de comunicação. A escolha do ponto de vista funcional deriva da convicção de que toda a investigação científica parte do estabelecimento de uma pertinência e que é a pertinência comunicativa que melhor permite compreender a natureza e a dinâmica da linguagem. Todos os traços desta serão pois prioritariamente identificados e classificados por referência ao papel que desempenham na comunicação da informação (MARTINET, 1995, p. 86, grifo do autor).

Além de transmitir informações, os processos gramaticais refletem, também, processos cognitivos alicerçados em experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos falantes de uma língua em um dado grupo social. Sendo assim, as categorias léxico-gramaticais configuradas em uma língua estarão associadas a categorias cognitivo-conceituais provenientes da experiência física dos falantes em relação a seus co-específicos e ao meio físico em que estão inseridos. Em decorrência disso, a referência à experiência corporal estará presente, de uma forma ou de outra, na organização e dinâmica gramatical de uma língua (DELBECQUE, 2006). Por exemplo, têm-se os próprios mecanismos dêiticos que situam o indivíduo no tempo e no espaço tendo como parâmetro a posição do seu corpo em relação a alguma outra entidade. Na dimensão cognitiva, também se inclui o delineamento de componentes para a classe dos substantivos, verbos e adjetivos. Para a percepção humana, os elementos de maior estabilidade temporal tendem a ser colocados na categoria dos substantivos; já as entidades de maior mutabilidade temporal são candidatas a verbos; e os que aparecem em um percurso intermediário entre os dois grupos anteriores tendem a ser considerados como adjetivos (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Resultante dos processos de categorização cognitiva expressos na estrutura de uma língua, encontra-se o **protótipo**. A inserção deste conceito nos estudos linguísticos veio dos trabalhos em Psicolinguística de Eleanor Rosch, na década de 70 do século XX (CROFT; CRUSE, 2008). Um elemento prototípico nada mais é que o membro mais representativo de sua classe (PAYNE, 1997), ou seja, que reúne em si o maior número possível de características pertinentes à sua categoria. Desse modo, a prototipicidade representa um "continuum" no sistema gramatical da língua. Dito de outra forma, há, em uma categoria conceitual e linguística, componentes mais prototípicos do que outros. Quanto mais prototípico um componente for, mais central ele será em uma dada categoria; e quanto menos

prototípico, mais periférico. Neste último caso, suas fronteiras se aproximarão das de outros membros de categorias diferentes (CROFT; CRUSE, 2008).

O Funcionalismo Tipológico, tal como é concebido hoje, representa uma vertente da teoria funcionalista norteamericana voltada para a descrição tipológica e gramatical de línguas, destacando-se por seu trabalho com línguas nativas americanas, asiáticas e africanas. Os autores mais representativos que integram esse quadro são Aikhenvald (2007), Andrews (2007a, 2007b), Bickel e Nichols (2007), Dixon (2010a, 2010b), Gorbett (2004), Grinevald (2002), Schachter e Shopen (2007), entre outros.

Os estudos funcionalistas tipológicos têm como características teórico-metodológicas básicas: o funcionamento linguístico não modular das dimensões gramaticais regidas pelo uso e pela experiência; a investigação indutiva de orientação empírica; a interação entre sistema linguístico abstrato e fatores externos; e, por fim, demonstra o interesse por universais linguísticos a partir da descrição de línguas particulares (MAIRAL; GIL, 2006).

Em suma, parte-se de dados de uso concreto de uma língua específica, identificando neles aspectos semântico-cognitivos que governam o seu funcionamento e regem a interação entre os componentes léxico-gramaticais em um dado sistema linguístico. A partir destes dados empíricos e dos processos a eles subjacentes, sistematiza princípios, relações e implicações abstratas responsáveis por estes fenômenos. Essas descrições fornecem o aparato conceitual e teórico para a postulação de tendências tipológicas universais e de implicaturas semântico-gramaticais compartilhadas por todas ou pelo maior número de línguas possível; contribuindo, com isso, para o aperfeiçoamento dos fundamentos da própria teoria.

Diante das considerações anteriores, a pertinência da perspectiva funcionalista aqui escolhida para fundamentar a análise e interpretação dos dados está em seu interesse na constituição de gramáticas descritivas (não prescritivas) fornecendo todo o suporte teórico necessário a este empreendimento. Mais especificamente volta-se aqui para a vertente norte-americana de orientação tipológica dedicada à descrição de línguas indígenas, pois tais línguas nativas se constituem como uma realidade bastante presente no cenário americano. O interesse em descrevê-las por pesquisadores da área teve seu grande impulso no século XX entre linguistas e antropólogos, e até hoje muitos trabalhos descritivos estão sendo produzidos nesse campo em universidades e centros de pesquisa norteamericanos. Desse modo, os conceitos e nomenclaturas do funcionalismo tipológico se constituíram como importantes ferramentas de investigação para o trabalho aqui apresentado. No entanto, de maneira a subsidiar a pesquisa realizada, recorreu-se a alguns autores formalistas e cognitivistas.

A literatura formalista serviu como uma revisão e esclarecimento de alguns conceitos-chave também presentes no funcionalismo, como morfema, formas livres e presas, etc. E, por fim, a bibliografia complementar de Linguística Cognitiva veio a ser bastante relevante para o esclarecimento e aprofundamento do pensamento e dos construtos teóricos do próprio funcionalismo, já que as bases funcionalistas também se encontram alicerçadas em estudos cognitivistas.

2 AS LÍNGUAS NATIVAS BRASILEIRAS

O avanço dos estudos descritivos de línguas indígenas forneceu, dentre outras coisas, uma visão panorâmica dessas línguas quanto à sua filiação entre grupos linguísticos geneticamente semelhantes[4], permitindo reuni-las em troncos, famílias e grupos isolados sem qualquer parentesco entre si com os demais sistemas linguísticos conhecidos. Vários desses grupos abrangem línguas já extintas ou línguas cujo número de falantes ainda é impreciso ou uma incógnita. Quando se tem números definidos, pode-se identificar uma quantidade que varia em uma média de línguas que possuem apenas 5 falantes vivos a outras constituídas por 18.000 deles.

De acordo com Rodrigues (2002), o cenário das línguas nativas brasileiras é constituído pelos Troncos Tupí e Macro-Jê, pelas famílias Karíb, Aruák, Arawá, Tukáno, Makú, Yanománi e pelas famílias menores do sul amazonense e um quadro aproximado de dez línguas isoladas[5].

Dentre as línguas sul-americanas, o Tronco Tupí é o que possui a maior dimensão territorial no tocante à distribuição de suas línguas. Está formado por seis famílias linguísticas (Tupí-Guaraní, Arikém, Jurúna, Mondé, Mundurukú, Ramaráma e Tuparí) e pelas línguas Awetí, Puruborá e Mawé (Sateré). Grupos linguísticos pertencentes a esta família se estendem do Sul ao Norte do país, em estados como o Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Pará, Maranhão, etc; como também estão presentes em países como Venezuela, Argentina, Peru, Bolívia, Paraguai.

O Tronco Macro-Jê, por sua vez, possui configurações menos definidas que o anterior, visto que se tem menos estudos sobre ele (GUEDES, 1993). Está constituído pelas Famílias Jê, Boróro, Botocudo, Karajá, Maxakalí ou línguas como Guató, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê – todas ainda vivas, e por grupos já extintos como é o caso da línguas constitutivas da famílias Kamakã (Kamakã, Mogoyó, Kotoxó, Meniên) – faladas no sul da Bahia e norte do Espírito; as da Família Purí (Coroado, Purí, Koropó) – faladas no leste de Minas Gerais e no oeste do

[4] O critério genético acompanha a classificação tipológica das línguas do mundo. O designativo "genético" é um termo emprestado da biologia que indica, em matéria de língua, uma origem ancestral comum para um grupo de línguas . Ou seja, concebe-se que as línguas de uma determinada família são, na verdade, manifestações atuais de uma língua anterior modificada através do tempo; como é o caso das línguas neolatinas em relação ao Latim.

[5] No final deste capítulo, há um quadro com as respectivas filiações linguísticas e distribuição geográfica dos grupos linguísticos mencionados até agora, resumindo o que será abordado nos parágrafos seguintes.

Espírito Santo e do Rio de Janeiro e as da família Karirí (Kipeá, Dzubukuá, Sabuyá, Kamurú) documentadas séculos atrás nos Estados da Bahia e Pernambuco (AZEVEDO, 1965).

A família Karíb é constituída por línguas que se estendem ao norte do Brasil, estando presentes no Amapá, Roraima e regiões ao norte do rio Amazonas, estendendo-se além das fronteiras brasileiras. Sua presença se verifica no Suriname, Guiana Francesa e Inglesa até o rio Orinoco. As línguas Karíb, em terras brasileiras, se restringem entre o norte e o sul da região do Amazonas. No norte, tem-se, por exemplo, línguas como Apalaí, Makuxí, Warikyána, etc; e ao sul é atestada a presença das línguas Arára do Pará, Kalapáio, Kuikúru e outras.

A família Aruák é representada por línguas presentes em regiões guianesas, no Peru, Bolívia, Venezuela, em regiões do Brasil Central, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e em regiões do norte brasileiro, como Acre, Roraima, Pará, Amazonas, Amapá e em São Paulo (em virtude do traslado dos índios deste grupo para o sudeste brasileiro). Dentre outras, as línguas Baníwa, Baré, Teréna, Salumã e Tariána pertencem a esta família.

O grupo Arawá, por seu turno, são línguas faladas nos Estados brasileiros do Amazonas e do Acre e também são encontradas no Peru. Integra este grupo, o Jarawára, o Kulína, o Paumarí e outros. As famílias Tukáno, Makú e Yanománi, por outro lado, se situam ao norte do rio Amazonas.

A família Tukáno pode ser dividida em Tukáno Oriental e Ocidental. O primeiro se estende do noroeste da Bacia Amazônica até a Colômbia. O segundo não tem representantes no Brasil, sendo encontrada somente no Peru, Equador e Colômbia. O grupo Makú, por sua vez, está localizado entre os rios Uaupés, Negro e Japurá estendendo-se também até a fronteira com a Colômbia. Integram-se a este as línguas Makú-Bará, Guaríba, Húpda e Nadêb e outras. A família Yanománi se situa no extremo norte dos Estados brasileiros de Roraima e Amazonas sendo encontrada também na Venezuela. Ela é composta pelas línguas Ninám (Yanám), Sanumá, Yanomám (Yainomá) e Yanomámi.

As famílias menores do sul do Amazonas, todavia, situam-se em regiões da floresta amazônica ao longo de um arco que se estende do Pantanal matogrossense, ao sul, até a fronteira com a Venezuela, ao norte. São constituídas por seis famílias: Gauikurú, Nambikwára (do Norte e do Sul e Sabanê), Txapakúra, Páno, Múra e Katukína.

As línguas isoladas não pertencem a qualquer tronco ou família descritos anteriormente, também não possuem qualquer filiação genética entre si. Os grupos isolados brasileiros são encontrados em Mato Grosso (Trumái, Irántxe), Roraima (Awakê, Máku), Rondônia (Aikaná, Arikapú, Jabutí, Kanoê, Koaiá) e Amazonas (Tukúna ou Tikúna).

Hoje, infelizmente, devido ao desaparecimento de várias línguas e povos durante o processo de colonização e empreendimentos políticos-econômicos e desenvolvimentistas no país, o Brasil conta atualmente com um total aproximado de 180 línguas nativas vivas (RODRIGUES, 2006); sendo que muitas delas corre perigo de extinção.

Abaixo segue um quadro com os grupos linguísticos e suas respectivas filiações e distribuição geográfica.

Quadro 1 – Filiação e distribuição geográfica das línguas no Brasil

GRUPOS	MEMBROS	LOCALIZAÇÃO
Tronco Tupí	Família Tupí-Guaraní	do Rio Grande do Sul ao Amazonas
	Família Arikém	Rodônia
	Família Jurúna	Mato Grosso
	Família Mondé	Mato Grosso e Rondônia
	Família Mundurukú	Pará e Amazonas
	Família Ramaráma	Rondônia
	Família Tuparí	Rondônia
	Língua Awetí	Mato Grosso
	Língua Puruborá	Rondônia
	Língua Mawé	Pará e Amazonas
Tronco Macro-Jê	Família Jê	Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul
	Família Boróro	Mato Grosso
	Família Botocudo	Minas Gerais e São Paulo
	Família Karajá	Goiás e Mato Grosso
	Família Maxakalí	Bahia e Minas Gerais
	Família Kamakã (extinta)	Bahia e Espírito Santo
	Família Purí (extinta)	Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro
	Família Karirí (extinta)	da Bahia ao Piauí
	Língua Guató	Mato Grosso do Sul
	Língua Ofayé	Mato Grosso do Sul
	Língua Rikbaktsá	Mato Grosso

	Língua Yatê	Pernambuco
Família Karíb	Língua Apalaí	Pará
	Língua Makuxí	Roraima
	Língua Warikyána	Pará
	Língua Arára	Pará
	Língua Kapaláio	Mato Grosso
	Língua Kuikúru (entre outras)	Mato Grosso
Família Aruák	Língua Baníwa	Amazonas
	Língua Baré	Amazonas
	Língua Teréna	Mato Grosso do Sul e São Paulo
	Língua Salumã	Mato Grosso
	Língua Tariána (entre outras)	Amazonas
Família Arawá	Língua Jarawára	Amazonas
	Língua Kulína	Acre e Amazonas
	Língua Paumarí (e outras)	Amazonas
Família Tukáno	Família Tukáno Oriental	Amazonas
	Família Tukáno Ocidental	Não tem representantes no Brasil.
Família Makú	Língua Makú-Bará	Amazonas
	Língua Guaríba	Amazonas
	Língua Húpda	Amazonas
	Língua Nadêb (e outras)	Amazonas
Família Yanománi	Língua Ninám (Yanám)	Roraima
	Língua Sanumá	Roraima
	Língua Yanomám (Yainomá)	Roraima
	Língua Yanomámi	Amazonas e Roraima
Famílias menores sul- amazonenses	Família Guaikurú	Mato Grosso do Sul
	Família Nambikwára	Mato Grosso e Rondônia
	Família Txapakúra	Rondônia e Amazonas
	Família Páno	Acre, Amazonas e Rondônia
	Família Múra	Amazonas
	Família Katukína	Amazonas
	Língua Trumái	Mato Grosso
	Língua Irántxe	Mato Grosso

Línguas isoladas	Língua Awakê	Roraima
	Língua Máku	Roraima
	Língua Aikaná	Rondônia
	Língua Arikapú	Rondônia
	Língua Jabutí	Rondônia
	Língua Kanoê	Rondônia
	Língua Koaiá	Rondônia
	Língua Tukúna (Tikúna)	Amazonas

3 OS ÍNDIOS DZUBUKUÁ

Registros mais completos acerca dos índios Dzubukuá ou Karirí são encontrados em textos de Martinho de Nantes (1979[1706]) e de Bernardo de Nantes (1702 e 1709)[6]. São relatos bastante fragmentados sobre os costumes, crenças e comportamento social dos Karirí. Os comentários a seguir se baseiam nesses documentos e também em autores contemporâneos ou não, que trataram do contato entre índios do interior nordestino e colonizadores, entre os quais cita-se Ferrari (1957), Pompa (2003a, 2003b) e Galindo (2004). Tentou-se extrair dos fragmentos encontrados acerca dos costumes Karirí um panorama geral dos hábitos sociais desses índios com o firme propósito de fornecer uma visão preliminar sobre os traços culturais peculiares a esse povo.

Os Karirí do ramo Dzubukuá eram habitantes nativos brasileiros do semi-árido nordestino, situados nas proximidades das regiões baixa e média do rio São Francisco; mais especificamente no município de Cabrobró – Pernambuco. O mapa abaixo traz a localização da região pernambucana onde os Dzubukuá habitavam:

Figura 1 – Mapa com a localização da região onde habitavam os Dzubukuá

Esses índios pertenciam a um imenso grupo de povos que se estendiam da Bahia até o Piauí. Garcia (*in* MAMIANI, 1942[1698]) os insere juntamente com as tribos das regiões ao norte da Bahia, enquanto os Kirirí – um outro ramo Karirí, é situado entre as tribos da Bahia

[6] No manuscrito não há paginação. Por isso, as citações diretas a trechos da referida obra aparecem apenas com o ano de referência, sem a indicação da página (s.p.).

em si. Conforme o mesmo autor, o designativo “kiriri” ou “karirí” é de origem tupí e indica “calado, silencioso” salientando, com isso, um traço do caráter sociocomportamental destes povos. Isso se verifica nas interações verbais das quais esses índios participavam e onde o ouvinte não costumava interromper o falante quanto este lhe dirigia a palavra (NANTES, 1979); e também nas refeições, que transcorriam “em grande silêncio” (NANTES, 1702, s.p.).

Os Dzubukuá, na concepção de Galindo (2004), eram um povo de hábitos seminômades ou semi-extrativistas. Embora procurassem se fixar em um determinado local, estavam sujeitos às condições contingentes do semiárido nordestino. Praticavam uma horticultura complementar procurando, para isso, terrenos mais úmidos e férteis e menos áridos. Nessas áreas, fixavam suas roças (“boette”) para o cultivo da mandioca (“muicu”), milho (“madiqui”), feijão (“guinhe”) “e, provavelmente também o algodão” (FERRARI, 1957, p. 28). Suas técnicas agrícolas eram mais desenvolvidas que a dos povos vizinhos, porém menos com relação às culturas tupí (GARCIA in MAMIANI, 1942[1698]).

Os Karirí eram essencialmente uma sociedade de caçadores-coletores. Suas atividades extrativistas baseavam-se principalmente na catação, caça e pesca, praticadas em caráter de subsistência. Ou seja, não havia a preocupação de estocar ou guardar alimentos, o seu consumo voltava-se estritamente para atender às necessidades imediatas da comunidade.

A catação consistia na coleta de frutos como o caju, o ouricuri, o mandacaru e outros. Para a caça, usava-se o arco e a flecha e a manutenção de armadilhas como as arapucas. Segundo Ferrari (1957), os animais caçados eram principalmente veados e onças, dentre outros. Na pesca, havia o manuseio de plantas, como o cipó timbó – vegetal piscicida empregado nos rios para aturdir o peixe (“muidze”) e facilitar sua captura. Também recorriam, nesses momentos, à utilização do anzol (“jakloro”), da rede de pesca (muhe) e de cestos de formato cônico (“kludimu”) como armadilha.

Nantes (1702, s.p.) relata alguns traços fisionômicos que configuram o perfil físico característico da etnia Karirí. Segundo o missionário, os índios “são de cor amarelada puxando para o vermelho”, possuem em geral uma estatura pequena podendo encontrar entre eles pessoas também com estatura alta. Têm o hábito de cortar o “pelo do corpo, até mesmo os das pálpebras, tanto os homens como as mulheres, mas só os homens cortam o cabelo do alto da cabeça, deixando apenas um círculo de cabelo que vai até as orelhas”. No corte de cabelo, já se percebe aqui a diferenciação social entre os sexos. Aos homens (“anran”) fica o encargo da caça, coleta de frutos e a pesca, enquanto às mulheres (“tedzi”, “tetsi”) é permitida a coleta de frutos, cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Nas festas comunitárias, onde várias casas ou famílias são convidadas, as mulheres comem separadas dos homens. Essas

refeições coletivas são realizadas no chão de um grande espaço na aldeia reservado para esse fim. Nesses momentos, bebia-se o vinho ou cauim de milho (“nuphŷ”) e cantava-se o “soponhiu”.

No intervalo dos grandes banquetes, os índios costumavam dançar. Os registros do Padre Bernardo de Nantes (1702, s.p.), descrevem pormenorizadamente essa dança que, devido ao contato entre os índios e os escravos africanos trazidos para o Brasil, já traz alguns traços da cultura negra incorporados à coreografia Karirí:

> Eles gostam de dançar entre banquetes à maneira da dança dos negros, estilo que adquiriram há pouco tempo, e lhes agrada mais que a antiga maneira deles, que era bárbara, como eu a vi praticada pelos índios kracuís, meus vizinhos. Eles dançam 60 ou 70, separados igualmente uns dos outros, aproximadamente a um braço de distância. Todos eles dançavam em diversos círculos diferentes em distância do local da dança onde estava um velho índio que ditava a marcha, tocando um instrumento feito de um certo osso. Antes de começar, ele fazia com que os outros tomassem cada um uma posição diferente: para um, um braço para cima, outro com o braço para baixo, outro com o pé para o ar, e ainda outro no chão. Aquele ali fica inclinado para um lado, aquele outro tomando suas diferentes posições. Ele fazia o sinal dando início à dança, coisa que eles seguiam todos saltando e orando, cada qual guardando sempre sua primeira posição.

Além das danças, os índios participavam de uma corrida de toras grossas ou troncos de árvore denominados por eles de “motto”. Nesse jogo, vencia aqueles que demonstrassem ser capaz de correr mais rápido carregando um tronco pesado. Esse costume também foi atestado em outros grupos indígenas do interior nordestino na época, como os Payayá. Segundo Erckmans (1985[1639], *apud* Galindo, 2004), essa prática está ligada a um ritual de virilidade masculina destinado a homens solteiros que desejassem se casar. Para isso, eles deviam provar que eram capazes “de percorrer certo espaço carregando algumas árvores pesadas”.

Com base nos termos encontrados em Nantes (1709), a família Karirí era composta pelos seguintes membros: pai (“padzu”), mãe (“de”), filhos – próprios (“nhunhu”) ou adotivos (“jetta”), masculino (“inhura”) ou feminino (“nutedzi”, “nhutetsi”) –, avô (“to”), avó (“unhique”), nora (“heitte”), tio (“cucu”), sobrinha (“nhutidzenha”), sogro ou sogra (“dzacca”). Também a presença das palavras para esposo (“padzuinhu”) e para esposa (“deinhu”) indicam a presença de relações maritais; no entanto, a estrutura desses compostos com base na combinação entre os termos “pai” (“padzu”), “mãe” (“de”) com “filho” (“nhu”) parecem sinalizar um ênfase maior dada pelos índios ao tipo de filiação entre pais e filhos do que propriamente a relação entre cônjuges. Isso parece ser evidenciado na natureza pouco consistente das relações conjugais. Os Karirí eram monogâmicos em termos de tendência, no entanto, a poligamia entre os homens também era tolerada e a separação conjungal “era

relativamente fácil" (FERRARI, 1957, p. 30). Todavia, as mulheres tinham uma influência dominante sobre seus maridos e ambos não costumavam castigar os filhos (NANTES, 1979), os quais pareciam usufruir de uma certa liberdade no ambiente doméstico.

A entrada do jovem índio para a vida adulta era realizada por meio de um rito de passagem próprio. Ao atingir a puberdade, o lábio inferior do índio era perfurado com um tipo de osso afiado pelo ministro da cerimônia e, no buraco feito, era inserida uma pedra branca, ato denominado de "romujhebbi" (tradução possível: "receber atributo/peça no lábio"). Aí ela permanecerá mesmo após a morte do indivíduo. Nessas celebrações, queimava-se "ossos de animais ou espinhas de peixe" e os jovens índios bebiam ervas amargas e recebiam escarificações no corpo. Depois do ritual, segue um "banquete em homenagem ao Deus Politay" que eles acreditavam tornar o jovem preparado para a caça e cujos esforços seriam bem sucedidos para esse fim. A esta predisposição à caça, eles chamavam de "thonne do duaplu" (tradução possível: "inventar a sua própria caça") (NANTES, 1702). Esse rito durava "dez dias". Quando voltassem da caça e da pesca, deviam presentear os velhos com os animais capturados (NANTES, 1979).

Entre os utensílios utilizados pelos índios, tem-se notícia de panelas ("runhiu"), raladores ("eru"), peneiras ("kyhiki"), cachimbos ("paewi"), banquinhos ("pyca") e outros. Como instrumentos de trabalho, tem-se registro do machado ("bodzo"), cavador ("dahèboè") e facão ("cleyahè"). Suas casas ("era", "anra") eram feitas de barro (NANTES, 1709) e tinham condições de abrigar em seu interior um número de até duzentas pessoas. A descrição detalhada dessas construções é encontrada nos relatos do capuchinho Frei Francisco de Lucé:

> Era formada de um grande galpão a maneira de meda, medindo, geralmente, quarenta metros de comprimento por vinte de largura, cujas estruturas de suporte eram feitas por uma sólida contextura de varas, coberta por uma camada compacta de palha de buriti (...) podiam caber até 200 pessoas. Geralmente era bem estruturada; a cobertura em forma de carena era impermeável, mesmo aos aguaceiros mais pesados. O pavimento, de chão batido, era enxuto e bem limpo. Na penumbra do vasto ambiente se gozava de uma temperatura amena. Não havia divisões, nem andares, nem janela, nem chaminé. A fumaça de fogo aceso no centro da maloca subia e, filtrando-se pelas brechas da palha, dissipava-se no ar. (...) Para o índio a maloca servia de cozinha, sala de jantar, quarto de dormir, lugar de trabalho e de reuniões no tempo de chuvas e de danças nas festas tribais. No perímetro podia haver de 10 a 20 malocas, alinhadas em fila dupla; assim uma aldeia podia ter de três a quatro mil pessoas (LUCÉ *apud* GALINDO, 2004, p.94).

A arquitetura do interior das casas já reflete o espírito comunitário dos Karirí, espírito esse que girava em torno da sobrevivência coletiva, em detrimento da individual. Os próprios

laços familiares se estendiam para além dos limites domésticos, estando presentes na crença de que todos pertenciam a um único núcleo familiar (PUDSEY *apud* GALINDO, 2004).

Os alimentos eram cozidos apenas com água e sem sal e organizados em porções que depois eram colocadas em pequenos pratos ou recipientes de madeira pela mãe e servidos pela filha aos demais membros da família que comiam "no chão separadamente uns dos outros" (NANTES, 1702, s.p.). Segundo Ferrari (1957), os Karirí costumavam também comer alimentos assados ou moqueados, como milho assado, beiju e carne preparada em fornos subterrâneos.

Quanto ao seu vestuário, era comum o hábito de andar nu, cabendo ao homem utilizar um protetor peniano ocultando "o pênis com a pele testicular levantada e presa com um atilho ao corpo, aliás como fazem algumas tribos Jê" (SOBRINHO *apud* FERRARI, 1957, p. 30). Os índios também utilizavam ornato de penas ("ubadi") e um colar de osso ("beba") – substituído mais tarde por um colar de contas ("mwihi"). Estes atributos eram acompanhados por pinturas corporais feitas com jenipapo e urucu aplicadas por razões estéticas ou simbólicas, estando presentes tanto no cotidiano como também nos ritos religiosos e na guerra. No caso desta última, somente os homens se pintavam, usando, para isso, várias tintas, dentre elas, a de urucu. Os guerreiros eram liderados por um chefe ou capitão da aldeia ("nanhe") cuja autoridade só era exigida nessas ocasiões. Fora de situações de guerra, ele recebia tratamento igual dado aos demais membros da aldeia. Nos combates bélicos, os índios se comportavam da seguinte maneira: "os mais disformes passam por mais valentes e mais terríveis" e, quando vêm que este tipo de coisa aflige ainda mais os inimigos, "alguns se servem de um torno de penas de aves como chapéu, outros fazem uma frisa à maneira de calção curto; há uns que se lambuzam com mel grosso e cobrem o corpo então com pequenas penas de pássaros de várias cores" (NANTES, 1702, s.p.). Isso revela que investir em mecanismos ornamentais para infligir medo ao oponente e vencer os inimigos era uma estratégia comum usada por esses índios em tempos de guerra.

Os dias e as noites eram contados com base na observação dos astros. No catecismo, palavras que se referem à lua ("kayacu"), ao sol ("uquie") e "estrela" ("batti") são utilizadas também para indicar as significados de "meses", "dia" e "anos".

Na contagem, usavam a numeração até três e, acima disso, usavam as mãos e os pés. Para isso, fazia-se uso de "quiecotto" ou cordões nodados (NANTES, 1709); comportamento esse bastante peculiar. Sua existência não foi encontrada em outros grupos indígenas que se tenha registro.

Acreditavam vir de uma grande lagoa encantada situada ao norte. Isso levou Garcia a supor que tal lagoa seria o rio Amazonas (GARCIA *in* MAMIANI, 1942). Essa suposta origem também é encontrada no catecismo:

> "Dahi vem, que nós-outros todos quãdo fomos ficando manchados por este peccado de nosso primeiro pay Adaõ; porque todos somos seus descendentes, brancos, pretos, & vermelhos: digo vermelhos, para vos tirar o erro em que estivestes até agora, de crer que vossos antecessores, de quem procedeis, sahirão formados de hũa **grande lagoa**, que está da parte do Norte: he erro grosseiro; somos todos descendentes de Adaõ" (NANTES, 1709, p.194, grifo nosso)[7].

Havia, entre os Karirí, algumas práticas que eles realizavam com o propósito de afugentar "o mal". Jogavam cinzas ao redor das suas casas ou da cama do doente para se protegerem contra o mau espírito. O encontro com determinados pássaros no meio do caminho era considerado sinal de algum presságio. Evitavam sair de casa tarde da noite ou de madrugada para não correrem o risco de contrair a bexiga. Para este mesmo fim, varriam o adro das suas casas, faziam cauin de milho e o derramavam no chão. As mulheres, após o parto, se abstinham de consumir determinados alimentos, como peixes, ovos, carne e adotavam uma dieta específica baseada em legumes e cereais, própria para esses casos.

Entre eles, existiam três mitos principais: o da descida de Badzé a Terra, o mito dos javalis e o mito da criação das mulheres. O primeiro relata que Badzé – uma das divindades Karirí, um dia desceu a Terra para visitar os índios. Em vista disso, os nativos resolveram festejá-lo, trazendo-lhe um prato feito com o que haviam caçado. Porém, esse prato não agradou ao deus que retornou ao céu levando consigo "as toras de madeira" com o fim de "puni-los pela falta de cortesia". Depois disso, não conseguiam encontrar mais caça. Então, os índios resolveram subir até o céu por meio de uma abertura de uma árvore "muito alta" e, no céu, encontraram os animais que caçavam. Satisfeitos, "tentam descer da árvore com a caça nas costas" escondidos de Badzé. Entretanto, o deus descobre e ordena que as formigas retirassem a terra "junto ao pé da árvore" por onde os índios desciam. Sem apoio, a árvore cai. Sem mais por onde descer, os caçadores, então, se prendem na cintura uns dos outros e formam um tipo de cordão humano para possibilitar a descida uns dos outros. No entanto, acabam todos caindo, deslocando "braços, mãos e pés". Para eles, essa era a justificativa para

[7] "Daí vem que nós todos ficamos manchados por este pecado do nosso primeiro pai Adão; porque todos somos seus descendentes: brancos, negros e vermelhos. Digo "vermelhos" para vos corrigir o erro em que estivestes até agora: o de crer que vossos antecessores, de quem procedeis, vieram de uma **grande lagoa** situada ao Norte. É um erro grosseiro. Somos todos descendentes de Adão (grifo e versão nossos)".

explicar certos traços do corpo, como “braços, mãos e pés tão chatos e com tantas emendas” (Nantes, 1702, s.p.).

No mito dos javalis, encontra-se uma outra versão da narrativa anterior que revela uma história um pouco diferente e mais detalhada. Conta-se que Touppart (possível variação do termo Tupã de origem Tupí – POMPA, 2003a, p. 16), sendo o “grande deus do céu”, enviou para a Terra um “grande amigo” para morar entre os índios e viver como eles. Chamavam-no de “Grande Pai” e “recorriam a ele em todas as aflições”. Pediram ao Grande Pai, então, auxílio para caçar “porcos selvagens, ou javalis”. Confiando na promessa dessa divindade, foram à caça deixando seus “filhos menores de dez anos” na aldeia. Então, o Grande Pai transformou as crianças em javalis. Os índios, ao regressarem da caça, não encontraram mais seus filhos. Suspeitaram do deus, mas não ousavam perguntar-lhe nada a respeito, pois “muito o respeitavam e temiam”. O Pai os mandou novamente caçar e, logo em seguida, levou consigo as crianças transformadas em javalis para o céu. Tendo percebido a subida dos javalis ao céu, os índios foram atrás deles. Lá, caçaram e “mataram muitos”. Ao descobrir a presença dos invasores, o Grande Pai ordenou às formigas que cortassem a árvore que logo foi derrubada. Alguns sapos tentaram deter as formigas e acabaram sendo picado por elas. Para os Karirí, isso explicaria “a pele rude” nas costas desses animais, como se fosse “empolada nas costas”. Ao perceber que a árvore havia sido derrubada, os índios se prenderam “uns aos outros pela cintura, para fazer uma corda que lhes permitisse descer”. Não conseguiram e acabaram caindo e “quebraram os ossos na queda”. Tristes, “rogaram ao Grande Pai para que voltasse”. Mas ele não atendeu e “lhes deu o fumo como compensação” (Nantes, 1979[1706], p. 99-100). Nestes dois mitos, encontra-se a base simbólico-argumentativa que provavelmente os índios usavam para justificar a importância do fumo e das corridas de toras no seio da sua sociedade; e também as bases para explicar a existência e importância do Deus Badze e a origem de determinadas características do corpo humano e do corpo de certos animais, como o sapo.

O último mito mencionado narra a origem das mulheres. Segundo essa narrativa, havia apenas uma mulher, que “ainda não se casara”, e numerosos homens Karirí. Então recorreram ao Grande Pai “que lhes desse mulheres”. Ele lhes prometeu e “mandou a todos que fossem caçar”. Em seguida, fez com que a única mulher que existia na aldeia adormecesse e, depois disso, “a dividiu em tantos pedaços” de acordo com o número de homens que havia na comunidade. O Grande Pai pediu aos homens, após o regresso deles à aldeia, que pusessem cada pedaço num algodão e “o pendurasse em determinados lugares de sua casa, e que fossem depois à caça e não voltassem a não ser depois de alguns dias”. Assim

o fizeram e quando os índios retornaram, encontraram as mulheres prometidas "já ocupadas em preparar a comida de seus maridos" (Nantes, 1979 [1706]: 101). Nessa narrativa, os índios encontravam simbolicamente a explicação para a origem das mulheres e a justificativa da diferenciação sociofuncional entre os sexos na comunidade.

Acreditavam na existência de três divindades principais chamadas de "Badzé" (ou "batzé"), "Politan" (variáveis entre os Karirí: "Politão" ou "Politay") e "Wanaguidze" (variáveis entre outros povos não tupí: "Erachizam", "Arachizâ", "Eraquizã", "Varakidran" ou "Varikidzan"). "Badze" a quem tratavam como "padzu" ("pai"), era a divindade do fumo. Os índios o celebravam mediante o uso do tabaco. "Politan" significa "moço", era invocado e celebrado nos rituais de passagem dos índios jovens para a vida adulta; ritual esse consumado com a prática da caça pelo próprio índio. "Wanaguidze", por sua vez, não era uma divindade exclusiva dos Karirí, pois era também celebrado por diversas comunidades indígenas circunvizinhas. Nessas celebrações, são-lhe ofertadas a "waka" – vestimenta curta feita de "plumagem de pássaro" usada como ornamento corporal. Para o culto dessa divindade, é construída uma cabana em um lugar a parte da aldeia contendo dimensões maiores que as casas comuns. Normalmente essas celebrações são realizadas uma vez ou duas vezes por ano. No fundo dessa cabana, era coloca uma cabaça vazia e perfurada e sob ela era aceso fogo "com lenha verde". À medida que aumentava, a fumaça escapava pelos orifícios da cabaça "em direções diversas". Nesse momento, os mais velhos fumavam cachimbos de barros em círculo. Absorvem tanto a fumaça dos cachimbos e aquela que sai da cabaça que ficavam embriagados. Em seguida, os índios mais jovens dançavam com plumas de várias cores e com pinturas no corpo. Outras cabaças vazias e furadas são levadas diante da principal. Esse ato é acompanhado com músicas cantadas em conjunto usando para isso "uma flauta de osso de certas aves". No transcorrer do ritual, os feiticeiros fazem suas adivinhões e predições a respeito da caça, pesca ou "se o ano há-de ser de seca ou de abundância", "se os ares hão-de ser salubres ou mortíferos para o corpo; se hão-de morrer velhos ou novos; e outros oráculos como estes, que ninguém dos que os ouvem põe em dúvida" (LEITE, 2000, p. 297-299). Talvez nessas celebrações fechadas se cantasse a "wajwca" mencionada por Nantes em seu catecismo como "canto supersticioso" (NANTES, 1709, p. 128).

Além dos deuses principais, havia outras duas entidades espirituais que integravam o universo espiritual Karirí, chamadas de "Meneruru" e "Ngigos"[8]. O primeiro é um espírito

[8]Possivelmente, a sequência gráfica **ng** no início da palavra representasse um som nasal velar /ŋ/ encontrado em Kipeá (AZEVEDO, 1965), mas ausente em Dzubukuá. Isso poderia indicar uma entidade espiritual compartilhada entre ambos os povos e/ou resquício de um segmento arcaico preservado, na época, nessa

que existia no ar. Criou o homem “cuja mulher teve um filho ‘Crumnimni’ ”. Meneruru gerou dois filhos chamados “Kenbarere” e Varidzam”. Já “Ngigos” são entidades inferiores que hierarquicamente situam-se abaixo de “Meneruru” (FERRARI, 1957, p. 35).

Diante dos relatos, o fumo de tabaco e os feiticeiros ou “bidzamu” eram elementos centrais na sociedade Karirí. O fumo estava sempre presente tanto nos rituais de cura como nos rituais religiosos, assegurando, com isso, a “comunicação entre o céu e a terra, humano e extra-humano” (POMPA, 2003b, p. 352). Ele assegurava tanto a cura física quanto espiritual; garantia simbolicamente o sucesso da caça e da pesca e, portanto, a sobrevivência da comunidade; e propiciava o entrosamento e a coesão entre os membros da comunidade, visto ser um objeto em torno do qual se reuniam e interagiam os índios entre si. Os “bidzamu” ou “pajés” tinham como ofício a magia e a medicina, eram ao mesmo tempo bruxos e curandeiros. Eram representantes de uma concepção circulante entre os Dzubukuá de que não havia separação entre medicina e religião. Os curandeiros podiam curar doenças e também produzi-las e predizer o futuro. O processo curativo era feito por meio de assopros de tabaco aplicados ao enfermo. Esta prática era acompanhada por orações e cantos. Caso não houvesse melhora do doente, a causa do mal físico era atribuída à feitiçaria colocada por alguém. Nessa circunstância, um culpado era designado e depois sentenciado à morte (NANTES, 1979). O “bidzamu”, portanto, era uma peça-chave no cotidiano desses índios, pois representava o médico do corpo e da alma, o profeta, o sacerdote, o orientador, o juiz; ou seja, consistia no alicerce sobre o qual a vida espiritual dessa civilização estava estruturada.

Após passar pelo curandeiro, o doente era deixado sob a observação dos parentes, processo denominado por eles de “pide idce dadinne hany”, “que vem a ser ‘eu estou aqui para observá-lo’” (NANTES, 1702, s.p.). Ele é transportado em uma rede para o “mato” e lá os parentes do doente faziam sozinhos um tipo de confissão particular dirigida a si mesmos dos possíveis males que poderiam ter cometido contra o enfermo e os quais estariam causando o seu atual estado de debilidade. Para os índios, essa atitude contribuía para o processo curativo, visto que eles acreditavam que a doença do corpo podia ter origem espiritual. Como também, ao adotar este procedimento, eles estariam possivelmente se precavendo contra acusações futuras que poderiam levá-los à morte no caso de o enfermo não se recuperar.

Em casa, o doente se integrava normalmente aos demais membros da família. Participava igualmente das refeições, sendo tratado por eles sem qualquer distinção e não recebendo qualquer privilégio ou tratamento especial nessas ocasiões. Em caso de falta de

---

estrutura. Nesse caso, o referido som não foi postulado como pertencente ao sistema fonológico do Dzubukuá, não aparecendo nos exemplos e quadros referentes a fonologia da língua na próxima seção.

apetite na hora das refeições, os índios guardavam "a porção para ele algumas vezes, sem perguntar a ele se ele está com vontade de comer outra coisa" (NANTES, 1702, s.p.).

Os Karirí só admitiam a morte como resultado de extrema velhice. Mortes prematuras ou doenças irrecuperáveis eram consideradas não naturais, produtos de mau agouro ou de forças sobrenaturais. Nesse sentido, o curandeiro e as práticas rituais por ele realizadas eram essenciais para a expulsão do mal, descobrimento da causa ou do causador e para a recuperação da vítima.

Nos sepultamentos, os índios utilizavam geralmente urnas funerárias de cerâmica cozida nas quais colocavam os seus mortos, estando estes, muitas vezes, ainda à beira da morte, "sobretudo quando muito velhos" (NANTES, 1702, s.p.).

O primeiro contato decisivo entre os Karíri-Dzubukuá e a civilização ocidental ocorreu no século XVII com o adentramento de colonos e missionários no interior do nordeste brasileiro em busca de minas de ouro, pedras preciosas e pastagens para a criação de gado e estabelecimento de latifúndios. A catequese dos Dzubukuá ficou a cargo dos religiosos franciscanos capuchinhos. Seu processo de catequização teve início em 1671 com Frei Marinho de Nantes e continuou por meio do seu sucessor Frei Bernardo de Nantes a partir de 1681 (ou 1682?) – ambos franceses. A catequização terminou com o encerramento das missões no sertão nordestino durante a segunda metade do século XVIII, em virtude da política laica e integralista da gestão pombalina quando posta em prática nas colônias portuguesas.

A partir desse período, iniciou-se o processo de transformação da cultura material e imaterial desses índios por meio da doutrinação religiosa e dos novos padrões socioculturais que lhes eram impostos. Somam-se a isso as guerras travadas entre índios e não índios, as doenças que surgiam e contra as quais os índios não tinham defesa natural, os deslocamentos e mudanças de hábitos por pressões externas. Todos esses fatores, entre outros, foram minando e desestruturando a cultura e a sociedade Karirí culminando com a total dizimação desse povo levando consigo a sua língua.

As únicas fontes primárias até então conhecidas que contém a língua dos Karirí-Dzubukuá são o manuscrito e o catecismo impresso do missionário capuchinho francês Frei Bernardo de Nantes datados, respectivamente, de 1702 e 1709.

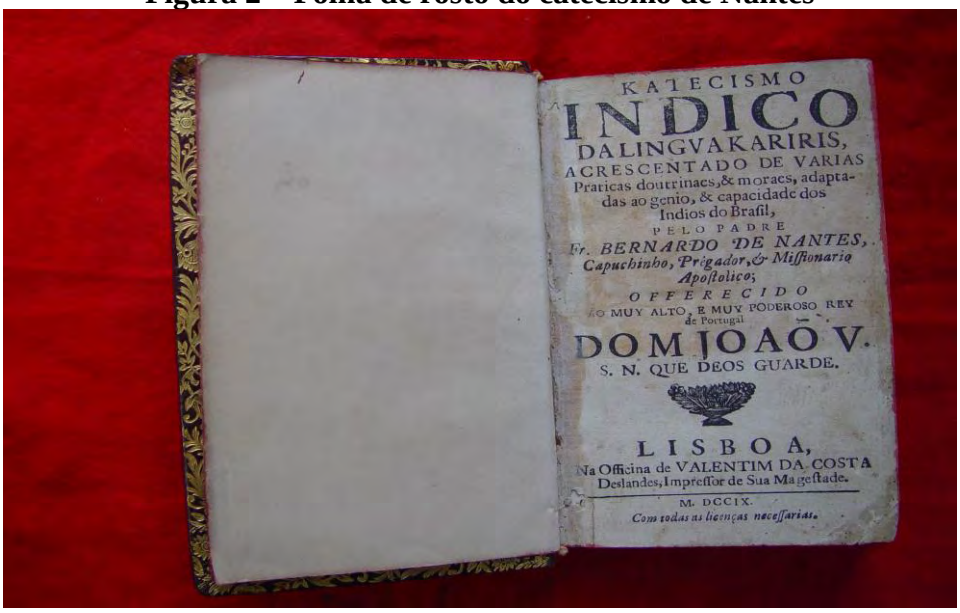
Logo no prefácio do catecismo impresso, intitulado "ao Leytor", Nantes já atesta a distinção entre o modo de falar dos índios Karirí do rio São Francisco, sob sua tutela, e o dos Kipeá cuja catequização ficou a cargo do missionário jesuíta Luiz Vicêncio Mamiani. O autor

situa ambos os índios em dois grupos diferentes e ainda faz menção ao catecismo elaborado pelo padre jesuíta. Abaixo, segue o trecho de referência:

> A ver o titulo deste Katecismo, poderá ser, Amigo Leytor, te pareça logo ser obra inutil à vista de outro Katecismo na mesma língua, que poucos annos ha sahio a luz; porêm se quizeres tomar o trabalho de combinar hum com o outro, mudaràs logo o parecer; porque veràs que como ha em Europa nações de differentes linguas, como terem o mesmo nome, assim tambem as ha no novo Orbe, como saõ os Kariris do Rio S. Francisco no Brasil, chamados Dzubucua, que saõ estes, cuja lingua he tão differente da dos Kariris chamados Kippea, que saõ os para quem se compoz o outro Katecismo, como a lingua Portugueza o he da Castellana, quer pela distancia das paragens entre estas duas nações, que he de cento, & tantas legoas, quer pela diversidade das cousas, que cada terra cria (NANTES, 1709, s.p.)[9].

O catecismo de Nantes é a fonte linguística mais abundante acerca da língua Karirí. Sua parte pré-textual contém folha de rosto, dedicatória, prefácio, aprovações e autorizações em Português ou Latim de autoridades eclesiásticas permitindo a leitura, divulgação e circulação da obra, e também apresenta um índice geral com temas tratados no texto doutrinário e suas respectivas páginas. Abaixo segue a folha de rosto microfilmada com título, autor e oferecimento da obra:

Figura 2 – Folha de rosto do catecismo de Nantes

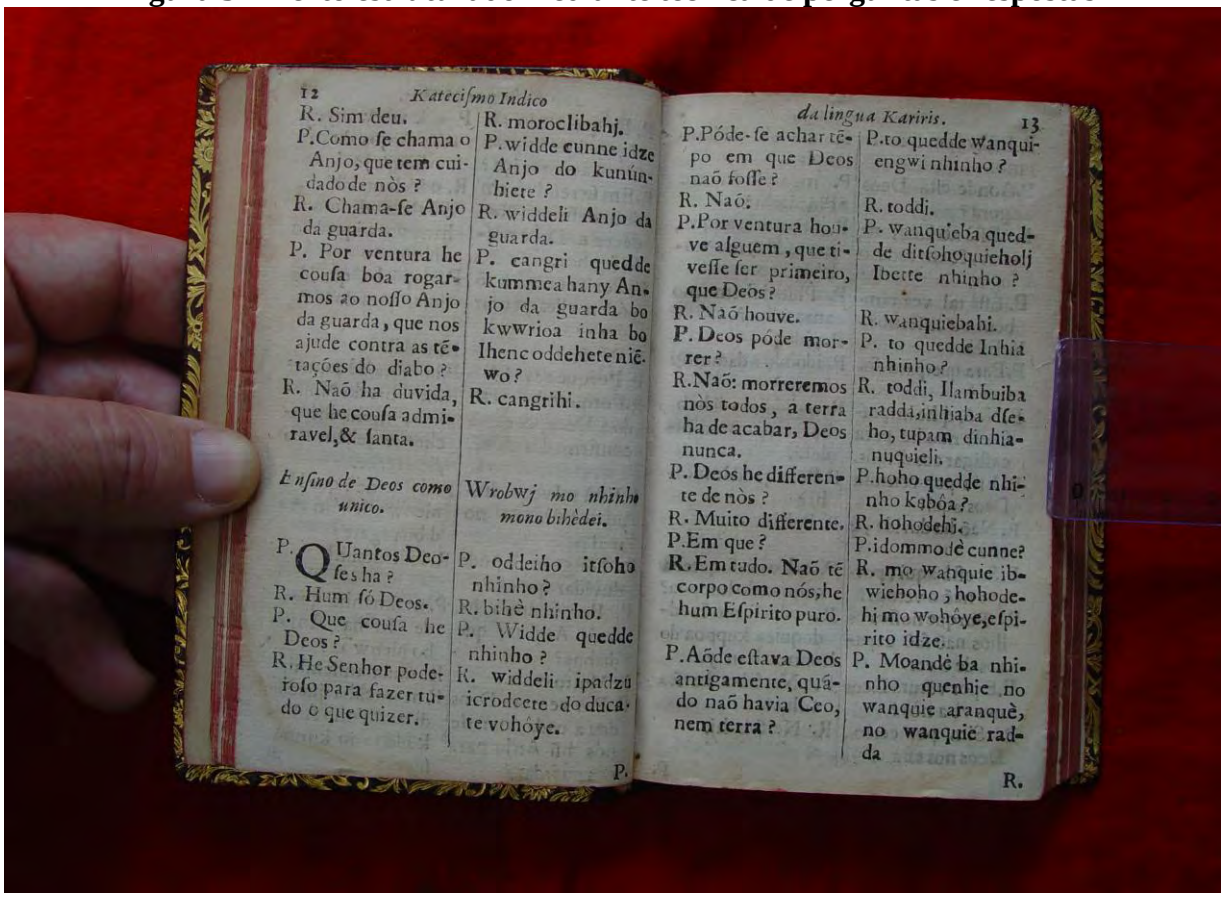

KATECISMO
INDICO
DALINGVAKARIRIS,
ACRESCENTADO DE VARIAS
Praticas doutrinaes, & moraes, adaptadas ao genio, & capacidade dos Indios do Brasil,
PELO PADRE
Fr. BERNARDO DE NANTES,
Capuchinho, Prégador, & Miſſionario Apoſtolico;
OFFERECIDO
AO MUY ALTO, E MUY PODEROSO REY de Portugal
DOM JOAO V.
S. N. QUE DEOS GUARDE.
LISBOA,
Na Officina de VALENTIM DA COSTA Deslandes, Impreſſor de Sua Mageſtade.
M. DCCIX.
Com todas as licenças neceſſarias.

[9] "Ao ver o título deste Catecismo, poderá ser, Amigo Leitor, que logo te pareça uma obra inútil se comparada a outro Catecismo escrito na mesma língua – que recentemente foi publicado. Porém, se quiseres comparar um com o outro, mudarás logo o parecer, porque verás que como há, na Europa, nações de diferentes línguas, mas tendo o mesmo nome, assim também acontece no novo Mundo com os Karirí do Rio S. Francisco no Brasil – chamados Dzubukuá (que são estes aqui) e os Karirí chamados Kipeá para quem foi elaborado o outro Catecismo. Uma língua é tão diferente da outra tanto como a Língua Portuguesa o é da Castelhana, quer pela distância das paragens entre estas duas nações – que é de cento e tantas léguas, ou pela diversidade das coisas que cada terra produz" (Versão nossa).

Como pode ser notado na figura, era de praxe na época oferecer e dedicar a obra ao financiador da publicação. Como textos religiosos não tinham valor comercial, geralmente estes textos eram patrocinados pela nobreza (BARROS, 2003a). No caso do catecismo aqui comentado, oferecido diretamente a Dom João V, mostra que a obra foi financiada pelo próprio rei de Portugal na época.

O conteúdo textual propriamente dito do catecismo conta com 363 páginas em Português (à esquerda) e Dzubukuá (à direita). O conteúdo doutrinário pode ser distribuído em quatro partes conforme as estratégias textual-discursivas empregadas. Na primeira, utiliza-se a técnica de perguntas e respostas para transmitir lições sobre Deus, Cristo, orações, mandamentos e sacramentos. A seguir, é apresentado um trecho da lição "Ensino de Deus como único", representante deste tipo de técnica textual:

Figura 3 – Texto estruturado mediante técnica de perguntas e respostas



12 *Catecismo Indico*

R. Sim deu.
P. Como se chama o Anjo, que tem cuidado de nòs?
R. Chama-se Anjo da guarda.
P. Por ventura he cousa boa rogarmos ao nosso Anjo da guarda, que nos ajude contra as tẽtações do diabo?
R. Naõ ha duvida, que he cousa admiravel, & santa.

Ensino de Deos como unico.

P. QUantos Deoses ha?
R. Hum só Deos.
P. Que cousa he Deos?
R. He Senhor poderoso para fazer tudo o que quizer.

R. moroclibahj.
P. widde cunne idze Anjo do kunúnbiete?
R. widdeli Anjo da guarda.
P. cangri quedde kummea hany Anjo da guarda bo kwwrioa inha bo Ihenc oddehete niẽwo?
R. cangrihi.

Wrobwj mo nhinho mono bihèdei.

P. oddeiho itsoho nhinho?
R. bihè nhinho.
P. Widde quedde nhinho?
R. widdeli ipadzũ icrodeete do ducate vohóye.

P.

da lingua Kariris. 13

P. Póde-se achar tẽpo em que Deos naõ fosse?
R. Naõ.
P. Por ventura houve alguem, que tivesse ser primeiro, que Deos?
R. Naõ houve.
P. Deos póde morrer?
R. Naõ: morreremos nòs todos, a terra ha de acabar, Deos nunca.
P. Deos he differente de nòs?
R. Muito differente.
P. Em que?
R. Em tudo. Naõ tẽ corpo como nós, he hum Espirito puro.
P. Aõde estava Deos antigamente, quãdo naõ havia Ceo, nem terra?

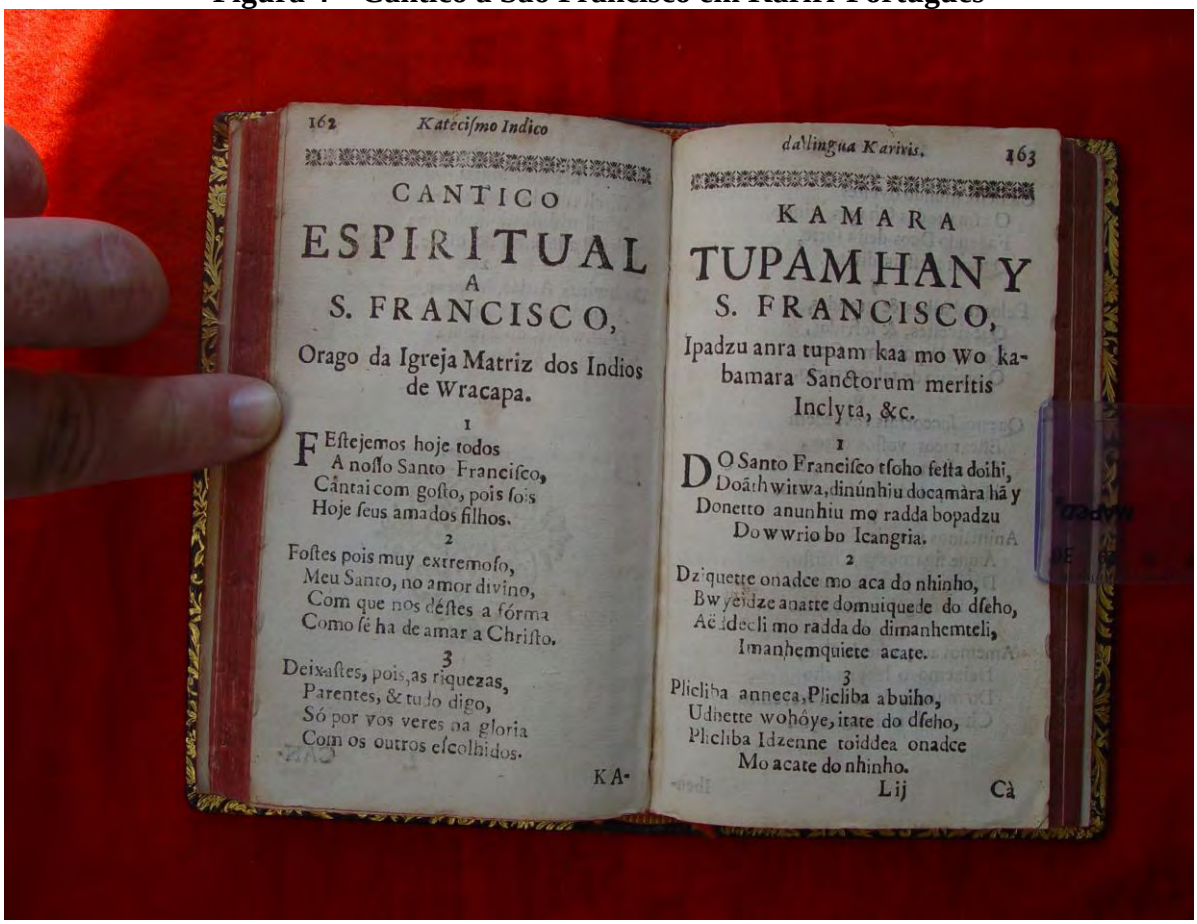
P. to quedde wanquiengwi nhinho?
R. toddi.
P. wanquieba quedde ditsohoquieholj Ibette nhinho?
R. wanquiebahi.
P. to quedde Inhia nhinho?
R. toddi, Ilambuiba raddá, inhiaba dseho, tupam dinhianuquieli.
P. hoho quedde nhinho kaboa?
R. hohodehi.
P. idommodè cunne?
R. mo wanquie ibwiehoho; hohodehi mo wohóye, espirito idze.
P. Moandè ba nhinho quenhie no wanquie aranquè, no wanquie raddá

R.

No período colonial, era bastante comum a utilização de diálogos pré-elaborados para a divulgação dos dogmas da fé. Geralmente, nestas configurações dialogais, o mestre pergunta e o discípulo responde. Esta técnica, na verdade, estava toda estruturada em diálogos fechados nos quais não se tinha espaço para questionamentos e discussões (BARROS, 2003a).

A segunda parte é reservada às exortações e observações acerca do comportamento e práticas cristãs – transmitidas por meio de textos contínuos. Ainda nesta parte estão presentes várias perguntas retóricas a respeito dos mandamentos de Deus e da Igreja e listas de festas religiosas que devem ser observadas pelos fiéis. O terceira bloco, por sua vez, contém cantos religiosos em forma de versos. Abaixo é apresentado um trecho do canto a São Francisco:

Figura 4 – Cântico a São Francisco em Karirí-Português



162 *Kateciſmo Indico*

CANTICO
ESPIRITUAL
A
S. FRANCISCO,
Orago da Igreja Matriz dos Indios de Wracapa.

1
FEſtejemos hoje todos
A noſſo Santo Franciſco,
Cântai com goſto, pois ſois
Hoje ſeus amados filhos.

2
Foſtes pois muy extremoſo,
Meu Santo, no amor divino,
Com que nos déſtes a fórma
Como ſe ha de amar a Chriſto.

3
Deixaſtes, pois, as riquezas,
Parentes, & tudo digo,
Só por vos veres na gloria
Com os outros eſcolhidos.

KA-

da Lingua Karirís. 163

KAMARA
TUPAM HAN Y
S. FRANCISCO,
Ipadzu anra tupam kaa mo Wo kabamara Sanctorum meritis Inclyta, &c.

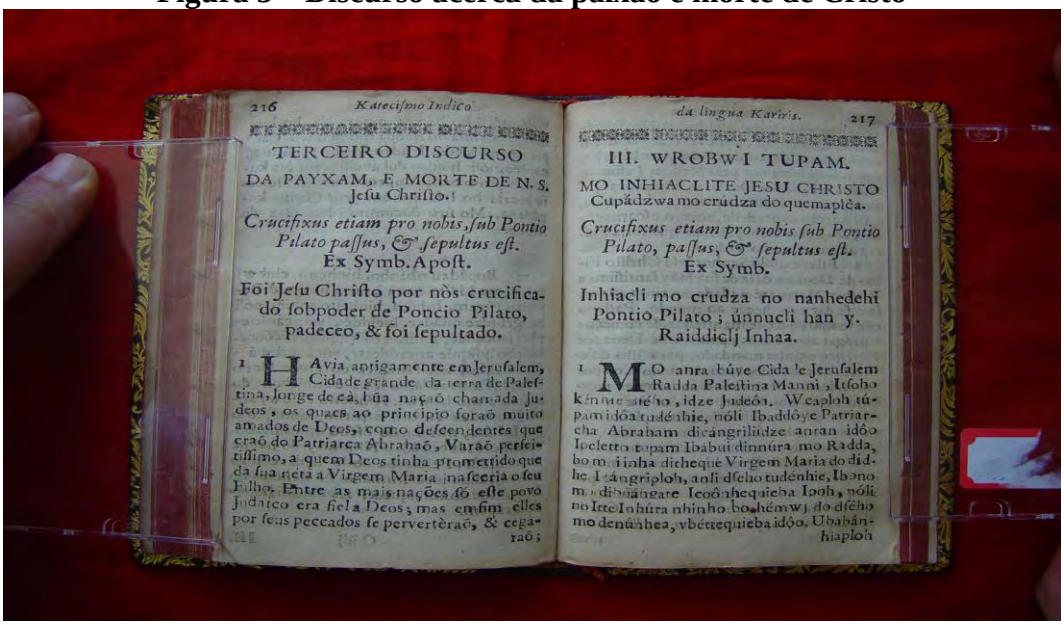
1
DO Santo Franciſco tſoho feſta doihi,
Doâ:h wirwa, dinúnhiu docamàra hã y
Donetto anunhiu mo radda bopadzu
Dowwrio bo Icangria.

2
Dz'quette onadce mo aca do nhinho,
Bwyeïdze anatte domuiquede do dſeho,
Aë:ídecli mo radda do dimanhemteli,
Imanhemquiete acate.

3
Plicliba anneca, Plicliba abuiho,
Udnette wohôye, itate do dſeho,
Plicliba Idzenne toiddea onadce
Mo acate do nhinho.

Lij Cà

Figura 5 – Discurso acerca da paixão e morte de Cristo



216 Katecismo Indico

TERCEIRO DISCURSO
DA PAYXAM, E MORTE DE N. S. Jesu Christo.

Crucifixus etiam pro nobis, sub Pontio Pilato passus, & sepultus est.
Ex Symb. Apost.

Foi Jesu Christo por nòs crucificado sobpoder de Poncio Pilato, padeceo, & foi sepultado.

1 HAvia antigamente em Jerusalem, Cidade grande da terra de Palestina, longe de cà, hũa naçaõ chamada judeos, os quaes ao principio foraõ muito amados de Deos, como descendentes que eraõ do Patriarca Abrahaõ, Varaõ perfeitissimo, a quem Deos tinha prometido que da sua neta a Virgem Maria nasceria o seu Filho. Entre as mais nações só este povo Judaico era fiel a Deos; mas emfim elles por seus peccados se pervertèraõ, & cegaraõ;

da lingua Kariris. 217

III. WROBWI TUPAM.

MO INHIACLITE JESU CHRISTO Cupádzwa mo crudza do quemaplêa.

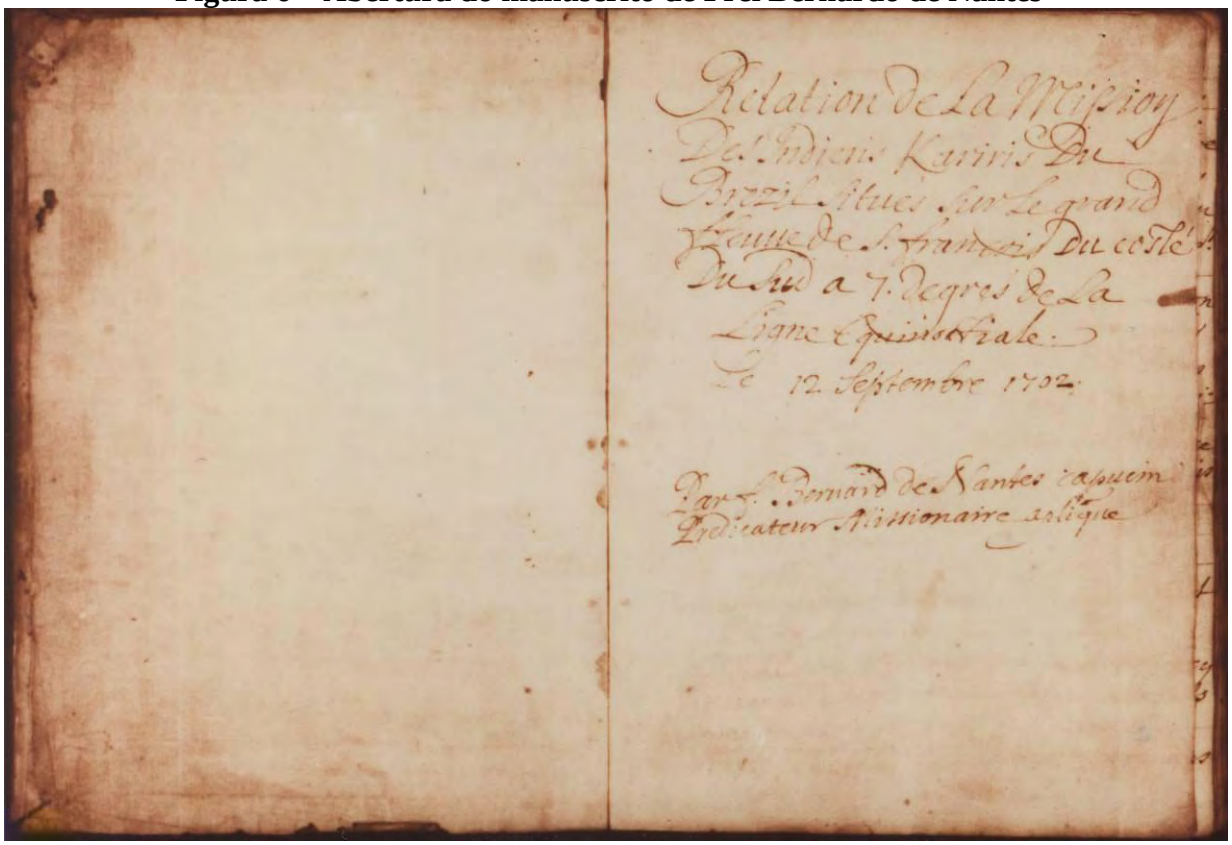
Crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato, passus, & sepultus est.
Ex Symb.

Inhiacli mo crudza no nanhedehi Pontio Pilato ; ũnnucli han y. Raiddiclj Inhaa.

1 MO anra bũye Cida'e Jerusalem Radda Paleitina Manni, Itsohokánte aého, idze Judeôn. Wcaploh túpam idôa tudénhie, nóli Ibaddôye Patriarcha Abraham dieángrilidze anran idôo Ipeletto tupam Ibabui dinnúra mo Radda, bo m inha dicheque Virgem Maria do didhe Iángriploh, anli dscho tudenhie, Ibono m dibnángare Icoônhequieba Iboh, nóli no Itte Inhúra nhinho bohémwj do dscho mo denúnhea, vbétrequieba idôo. Ubabánhiaploh

O manuscrito, por sua vez, está formado por 114 folhas (algumas escritas frente e verso): cerca de 42 delas trazem em francês dados etnográficos sobre os hábitos, costumes e cultura Karirí e alguns contatos entre índios e colonos. Logo no início dessa parte, encontra-se a abertura com o título, autor e ano de sua elaboração; como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 6 – Abertura do manuscrito de Frei Bernardo de Nantes

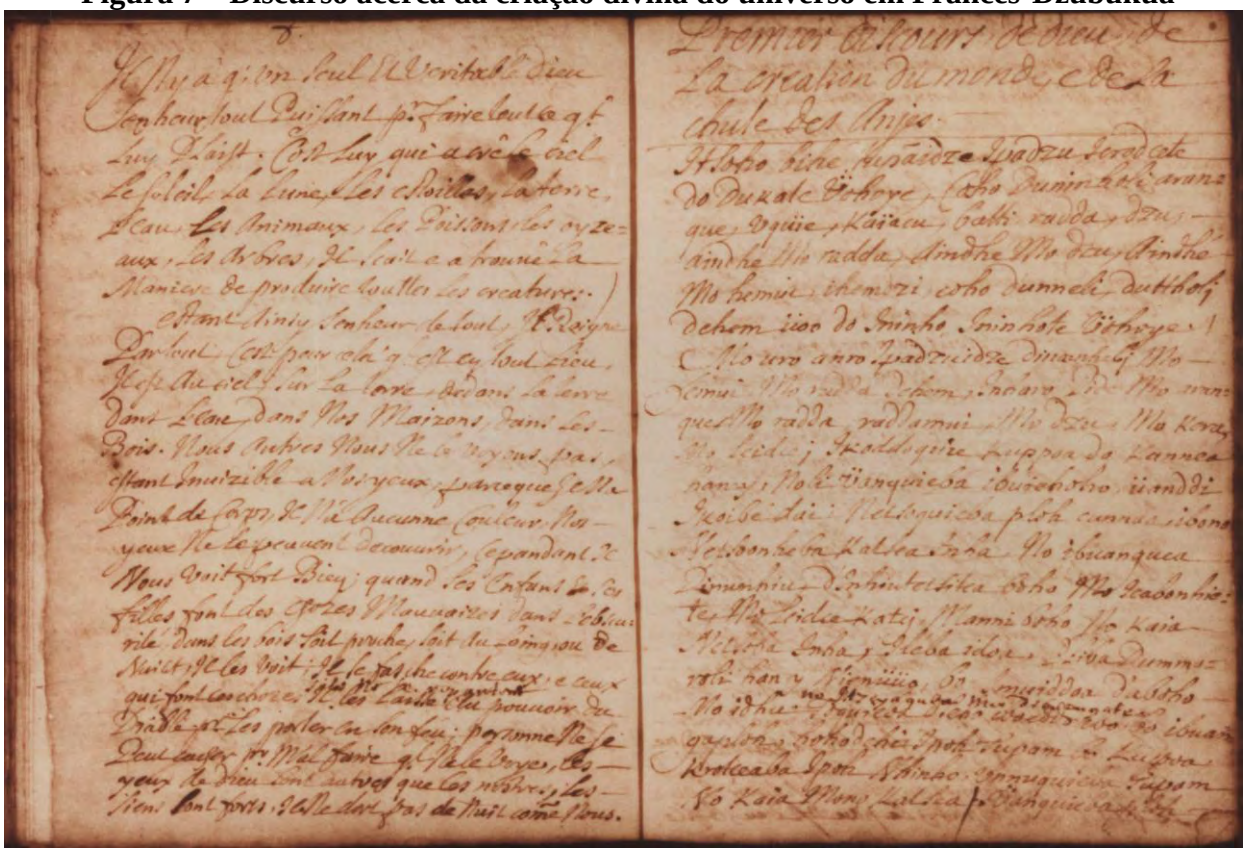


Relation de La Mission
Des Indiens Kariris Du
Brezil Faites sur Le grand
Rouge de S. François Du coste
Du Sud a 7. Degrés de La
Ligne Equinoctiale.
Le 12. Septembre 1702.

Par F. Bernard de Nantes Capucin
Predicateur Missionaire en ligne

As folhas restantes contêm os mesmos conteúdos encontrados no catecismo. O texto se encontra em versão bilíngue: Francês (à esquerda) e Dzubukuá (à direita), na maioria das vezes. Na verdade, essa versão representa um rascunho manuscrito da versão impressa, um catecismo escrito "de próprio punho com diversas práticas e exortações doutrinais e morais" contendo "os mistérios" da religião "necessários de se saber para todos os dias da semana" (NANTES, 1702, s.p.). Logo abaixo, apresenta-se um trecho do discurso da criação divina do universo e do mundo. Nele, se fala sobre Deus e a criação divina do Sol, da lua, das estrelas, da terra e de vários animais, rios, mares e plantas:

Figura 7 – Discurso acerca da criação divina do universo em Francês-Dzubukuá



O manuscrito representa um documento ainda inédito descoberto recentemente por pesquisadores no acervo da Biblioteca do erudito José Midlin, no Rio de Janeiro. Apenas a parte etnográfica foi traduzida para o Português sendo usada em pesquisas acadêmicas contemporâneas voltadas para o campo dos estudos históricos, socioculturais e indigenistas, como os de Pompa (2003a, 2003b) e Galindo (2004) cujas referências integram a bibliografia da presente tese. A segunda parte, de caráter linguístico, ainda não foi objeto de estudos linguísticos, sendo estudada pela primeira vez aqui neste trabalho.

4 FONOLOGIA DZUBUKUÁ REVISITADA

A língua, como sistema simbólico, reflete, por meio de sua configuração formal, as experiências individuais e sociais vivenciadas pelos falantes ao longo da história. É um sistema semiótico que, além de expressar a cultura e as instituições sociais de um povo, também os veicula e dar um significado a eles. Ela mesma se torna uma criação cultural, um produto social, um "microcosmos" dos hábitos e costumes de um "grupo humano":

> A língua se apresenta, pois, como um microcosmos da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão a língua um aspecto dessa cultura. Neste sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura (CÂMARA JR., 1979, 18).

Todavia, diferente de outras instituições e produtos socioculturais criados pelo homem, a comunicação linguística se mostra duplamente articulada, mediante a vocalização de unidades significativas constituídas por outras sem significação (MARTINET, 1995). A estas últimas, dá-se o nome de **fonemas**. Aparecem em número fixo para cada língua, mas quando combinados constituem os morfemas lexicais e gramaticais, possibilitando a expressão de sentenças variadas em uma dada comunicação linguística. Nesse sentido, a língua representa a expressão fônica ou sonora da experiência humana, cuja funcionamento formal apresenta três dimensões: a **cognitiva**, a **física** e a **fisiológica** (SAPIR, 1971). A primeira tem a ver com a representação mental ou realidade psíquica que se tem de um som, a segunda refere-se à sua natureza e a última está relacionada ao mecanismos articulatórios envolvidos no processo de produção desse som. Nesse caso, durante a comunicação verbal, há uma diferenciação na percepção e manifestação de um mesmo som: há aquele que o falante "imagina pronunciar e os seus interlocutores imaginam ouvir"(CÂMARA JR. 1979, p.33), e o que verdadeiramente se pronuncia (TRUBETZKOY, 1981, p. 19).

Os fonemas estão associados ao primeiro caso. Ou seja, são realidades mentais de uma língua, "organizados automática e inconscientemente pelos que a falam" (KINDELL, 1981, p. 9). Possuem propriedades distintivas, cuja função é separar diferentes tipos de palavras: "A função dos fonemas é distinguir palavras de significados diferentes. Se um fonema é subistituído por outro, uma nova palavra é produzida. Por isso, ao se substituir o /p/ inicial do

Inglês *pin*, /pin/, por /b/ tem-se *bin*, /bin/, uma palavra totalmente diferente"[10] (DIXON, 2010a, p. 264).

No entanto, ao serem oralizados ou vocalizados, os fonemas variam quanto à sua manifestação física (qualidade sonora) e articulatória (aspecto fisiológico) gerando diferentes **fones** para um mesmo som; é "o que de fato se pronuncia ao falar uma língua" (TRUBETZKOY, 1981, p. 19).

De acordo com Kindell (1981), as variações fônicas ou alofonias ocorrem sob três tipos: **variações contextuais**, **variações posicionais** e **variações livres**. As primeiras aparecem conforme o ambiente em que se encontram, quando sofrem a interferência de fones vizinhos. As segundas são desencadeadas quando os segmentos fônicos ocupam posições específicas na sílaba. E as terceiras são representadas por fones cuja co-ocorrência se dá livremente sem influência dos elementos circunvizinhos ou pela posição que ocupam na sílaba. Ou seja, onde ocorre um, o outro também ocorre.

Conforme Bybee (2006), todas as línguas, independente da diversificação em suas manifestações sonoras e léxico-gramaticais, possuem **consoantes** e **vogais**. Dentre elas, os segmentos mais recorrentes nas línguas são as consoantes oclusivas e a vogal baixa /a/. Isso revela o caráter universal destes segmentos, tão peculiares à linguagem humana.

Hengeveld (2006), por sua vez, trata a universalidade em termos de hierarquia implicacional. Ou seja, onde ocorre um fonema pode ou não implicar a ocorrência do outro. Isso irá depender em que posição determinado segmento ocupa na hierarquia. Para o autor, entre as nasais, a alveolar /n/ e a palatal /ŋ/ encontram-se nos dois polos extremos, um a esquerda e outro à direita, da linha hierárquica e a nasal bilabial /m/, no meio. A implicação se dá da esquerda para a direita. A presença, em uma língua, dos segmentos da esquerda não implica necessariamente a ocorrência dos da direita. Entretanto, a presença dos fonemas da direita implica a existência dos da esquerda. Portanto, se uma língua possuir /ɳ/, isso não quer dizer que ela apresentará as outras duas nasais em seu sistema fonológica; mas se ela tiver /ŋ/, ela também possuirá /ɳ/ e /m/. Ou seja, possuindo segmentos cuja articulação exige do falante um maior esforço (ou tensão) em sua produção – /ŋ/, por exemplo, a língua também possuirá sons produzidos com menor esforço – como a nasal /n/.

[10] The function of phonemes is to distinguish words of different meaning. If one phoneme is replaced by another, a new word is produced. Thus, replacing the initial /p/ in English *pin*, /pin/, by /b/ gives *bin*, /bin/, quite different word (Grifo do autor).

Segundo Delbecque (2006), a distinção entre consoantes e vogais está no grau de obstrução da passagem de ar que sai dos pulmões para a produção vocal. Enquanto, nas primeiras, o ar encontra um obstáculo (parcial ou total), na produção das segundas, a passagem de ar se dá livremente. Ambas também se diferenciam quando à sua posição na sílaba. As consoantes ocupam as margens (esquerda e/ou direita) de uma sílaba e as vogais o núcleo (DIXON, 2010a). Nessa perspectiva, a sílaba corresponde a uma estrutura fonológica em que se verifica a contiguidade de picos de sonoridades diferentes: o contraste entre segmentos de menor sonoridade (consoantes) e aqueles de maior sonoridade (vogais) (DELBECQUE, 2006).

Segundo Dixon (2010a), conforme são pronunciadas, há sílabas mais pesadas produzidas com maior esforço muscular, envolvendo, portanto, uma maior energia em sua emissão, contrastando com outras mais leves proferidas com menor esforço, exigindo, para isso, uma menor quantidade de energia fisiológica para serem emitidas. As sílabas pesadas são marcadas prosodicamente por um **acento**, que, segundo o mesmo autor, faz parte do quadro dos componentes suprassegmentais do sistema fonológico de uma língua; podendo recair regularmente na primeira, última ou na penúltima sílaba de uma palavra, em determinados sistemas linguísticos.

De acordo com Câmara Jr. (2008), pode-se distinguir funcionalmente dois tipos de acento: o **demarcativo** e o **distintivo**. O primeiro opera como um delimitador de fronteiras entre vocábulos fonológicos e o segundo sinaliza a diferenciação entre palavras com significados diferentes.

Em Dzubukuá, foi constatada a presença de 14 consoantes (a maioria delas oclusivas) e 07 vogais (a maioria anteriores), somando um total de 21 fonemas postulados. Para cada um desses segmentos, foi verificada a existência de um ou mais fones constituindo um ou mais casos de alofonia. Algumas das alofonias encontradas sinalizam processos recorrentes no sistema fonológico da língua. A combinação dos 21 fonemas constituem 06 padrões silábicos possíveis na língua, tendo como **V** a configuração mínima e **CCVC**, a configuração máxima. Dentre os padrões estudados, a sílaba do tipo **CV** é a mais recorrente, revelando ser a estrutura mais preferida pela língua. Ainda nesse quadro, as consoantes ocupam as margens esquerda e direita e as vogais, o núcleo da sílaba seguindo uma tendência universal encontrada nas línguas do mundo.

No tocante ao acento, só foi possível sua observação ao nível lexical graças às marcações encontradas graficamente em um pequeno grupo de palavras. Essas indicações gráficas possibilitaram a postulação de 05 padrões acentuais conforme a posição da sílaba

tônica, sinalizando a presença de estruturas mais simples, como monosílabos tônicos, até vocábulos mais complexos com mais de duas sílabas e possuindo acento inicial, medial e final.

Dessa forma, o presente capítulo aborda os seguintes assuntos: os **fonemas** postulados para o Dzubukuá e seus respectivos **alofones** e **outros aspectos fonético-fonológicos** encontrados referentes a esses fonemas, a **sílaba** e o comportamento do **acento lexical**. Como se está trabalhando com uma língua extinta, tendo como único material disponível textos escritos, alguns procedimentos específicos foram adotados para a obtenção dos resultados e sistematização dos fenômenos aqui apresentados.

Primeiramente, foi realizada uma lista exaustiva de palavras, verificando cada grafema recorrente e suas respectivas variações gráficas ou alografes. Tendo em vista a recorrência de diferentes tipos de grafemas, seguiu-se a postulação dos fonemas correspondentes e de pares mínimos que validassem seu "status" fonológico. Delineado, então, com isso, o quadro de fonemas, a investigação voltou-se para os alografes, separando casos que evidenciavam indícios de variação fonética daqueles que representavam apenas lapsos tipográficos do autor ou de imprensa. Aqui, os casos que revelavam padrões recorrentes, passíveis de sistematização, foram considerados ocorrências plausíveis de alofones, enquanto casos isolados e aqueles que apresentavam traços explícitos de falhas gráficas ou tipográficas foram avaliados como simples presença de alografes sem quaisquer implicações fonético-fonológicas.

Tendo, então, sido estabelecido o quadro de alofones, verificou-se o ambiente em que se encontravam para avaliar se sua presença era condicionada por fatores fonéticos ou morfossintáticos, chegando, ao final, a uma sistematização das ocorrências fonéticas e ao delineamento dos diferentes processos fonológicos implicados em cada um desses fenômenos.

O passo seguinte centrou-se na separação dos itens quanto ao padrão silábico e acentual que apresentavam. Chegou-se, com isso, a uma configuração geral dos padrões subjacentes e dos fenômenos envolvidos em cada uma dessas dimensões fonológicas da língua.

Vale salientar que este capítulo representa uma retomada da fonologia postulada e descrita por Queiroz (2008)[11] e uma reinterpretação dos fenômenos nela apresentados. Isso implica dizer que aspectos fonéticos e fonológicos foram revistos, levando, quando necessário, a uma nova configuração dos resultados; favorecendo, com isso, uma maior compreensão do sistema fonético-fonológico da língua em estudo. Essa nova configuração será descrita nas seções a seguir.

[11] Dissertação de mestrado apresentada em fevereiro de 2008 na Universidade Federal de Pernambuco.

4.1 FONEMAS

Em linhas gerais, com base nos grafemas **p**/**pp**, **b**/**bb**, **t**/**tt**, **d**/**dd**, **c**/**cc**/**k**/**qu**, **g**/**gu**, **m**/**mm**, **n**/**nn**, **nh**/**nnh**, **r**, **h**, **ts**/**tç**/**tc**, **dz**, **l**, foram depreendidos 14 fonemas consonantais – constituídos pelos segmentos /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ɾ, h, ts, dz, l/. Estes segmentos sonoros podem ser vistos no Quadro a seguir:

Quadro 2- Fonemas consonantais da língua Dzubukuá

	Labiais		**Alveolares**		**Palatais**		**Velares**		**Glotais**	
	surda	**sonora**	**surda**	**sonora**	**surda**	**sonora**	**surda**	**sonora**	**surda**	**sonora**
Oclusivas	p	b	t	d			k	g		
Nasais		m		n		ɲ				
Flepe				ɾ						
Fricativa									h	
Africadas			ts	dz						
Lateral				l						

As sequências **ts**/**tç**/**tc** e **dz** foram consideradas cada uma um só fonema devido à sua distribuição e à sua correspondência com cognatas do Kipeá – parente do Dzubukuá. No primeiro caso, os dois grafemas de cada sequência sempre apareciam juntos em início e meio de palavra ocupando a margem esquerda da sílaba, comportando-se como um único segmento sonoro. Ou seja, o **s** e o **z** não ocorrem sozinhos graficamente, não pertencendo ao sistema fonológico do Dzubukuá. Houve, porém, casos isolados, como **soponhiu** e **queddeze**. A primeira palavra foi interpretada como estrutura suspeita, proveniente de um empréstimo ou como forma que preservava ainda um som arcaico. E a segunda como lapso cometido pelo autor. No segundo caso, palavras que possuíam essas sequências foram comparadas com suas correspondentes no Kipeá, já que este e a língua aqui em pauta são parentes. As sequências equivaliam aos fonemas /ts/ e /dz/, respectivamente, postulados por Azevedo (1965) para o Kipeá corroborando ainda mais as observações realizadas acerca das sequências anteriores.

As consoantes duplicadas **pp**, **bb**, **dd**, **tt**, **nn**, **mm**, **nnh** foram considerados equivalentes às suas correspondentes simples **p**, **b**, **d**, **t**, **c**, **n**, **m**, **nh**, uma vez que, no próprio texto

estudado de Nantes, as palavras com os referidos grafemas duplicados aparecem também com as formas consonantais simples correspondentes. E ao serem comparadas com suas cognatas no Kipeá, elas também correspondiam a segmentos simples; levando, portanto, à conclusão de que ambas as formas, simples e duplicada, são equivalentes. Resultavam, portanto, da ausência de uma uniformização ortográfica utilizada pelo autor.

O comportamento das variações gráficas **c**/**cc**/**k**/**qu** e **g**/**gu** também foi observado. No primeiro sequenciamento, as palavras que apareciam, no texto de Nantes, com **c** e **k** eram as mesmas. Havia, para um mesmo item, alternância gráfica entre um e outro grafema. Ou seja, tanto um como o outro poderia aparecer ocupando a mesma posição em um mesmo vocábulo[12]. No caso do duplo **cc**, só ocorre em casos isolados, considerados lapsos tipográfico, como em **bucco** "lama", cuja correspondente em Kipeá é **bucò** com um único "c". No caso de **qu**, Nantes só à utiliza quando antecede **e** ou **i**, como ocorre com o português. Mamiani é mais sistemático do que Nantes ao utilizar as mesmas letras. No início de sua gramática, Mamiani (1877[1699], p. 2), adota a letra **c** para **a**, **o** e **u** e **k** para **e**, **i** e **y**. Ao serem comparadas às suas cognatas no Kipeá, os tipos **c**/**cc**/**k** correspondiam, no Dzubukuá, ao mesmo fonema oclusivo velar /k/ mencionado por Mamiani (*ibid*.) e postulado por Azevedo (1965) para o seu parente linguístico. No caso das formações **g** e **gu**, Nantes foi mais sistemático adotando **gu** apenas quando as vogais seguintes eram **e** e **i**/**j** e **g** para os demais casos, tal como era feito ortograficamente para o português; levando, com isso, à postulação de um fonema velar /g/ para ambas as representações gráficas anteriores.

O fonema flepe foi aqui postulado para o grafema **r** devido à sua frequência ser bastante atestada em línguas indígenas do Tronco Macro-Jê, ao qual o Dzubukuá pertence (ver teses de Sousa Filho, 2007, para a língua Akwẽ-Xerente, e Guedes, 1993, para o Suyá). A ocorrência das alografias **rr** e **R** que, possivelmente, indicariam uma vibrante múltipla para a língua em estudo é bastante limitada, restringindo-se somente a um ou dois casos isolados; casos esses que, em quase todas as vezes que aparece, ocorre com apenas um **r**.

Deste modo, a plausibilidade do "status" fonológicos dos 14 segmentos postulados para língua em pauta pode ser comprovada pelos pares mínimos apresentados abaixo:

[12] Os termos "vocábulo", "palavra", "lexema", "item lexical" e "forma lexical" são empregados neste trabalho como sinônimos. Preferiu-se, nesse caso, adotar uma uniformização terminológica para se evitar discussões teóricas exaustivas e concepções linguísticas cuja abordagem não correspondem aos objetivos deste trabalho e, caso fossem consideradas, suscitaria e prolongaria reflexões não pertinentes à proposta da atual pesquisa.

(1) /**p**/, /**b**/ e /**m**/

/**p**o/: bater

/**b**o/: por

/**m**o/: em

(2) /**t**/, /**d**/ /**n**/, /**ɾ**/, /**ts**/ e /**dz**/

/**t**o/: poder

/**d**o/: comer

/**n**o/: a (ADP)

/**ɾ**o/: roupa

/**ts**o/: derramar

/**dz**o/: chuva

(3) /**d**/, /**n**/, /**dz**/ e /**l**/

/**d**e/: mãe

/**n**e/: olhar

/**dz**e/: nome

/**l**e/: irritar-se

(4) /**ɲ**/ e /**n**/

/**ɲ**eto/: agradecer

/**n**eto/: lembrar

(5) /**t**/ e /**l**/

/**t**e/: vir

/**l**e/: mau

(6) /**k**/ e /**g**/

/**k**eɲe/: antigamente

/**g**eɲe/: feijão

(7) /**h**/, /**ɾ**/ e /**b**/

/**h**o/: contra

/**ɾ**o/: roupa

/**b**o/: por

(8) /**n**/ e /**m**/

/**n**o /: a (ADP)

/**m**o/: em

Os fonemas vocálicos foram estabelecidos, em geral, a partir dos grafemas **a**, **e**, **i/j/y**, **o**, **u/w/v**, **oe** e **ui/wi/wj/uy**. Destes, foram depreendidas as 07 vogais /a, e, i, o , u, œ, ɨ/ distribuídas no Quadro seguinte:

Quadro 3 – Fonemas vocálicos da língua Dzubukuá

	Anteriores		**Centrais**	**Posteriores**	
	estendida	**arredondada**	**estendida**	**arredondada**	**estendida arredondada.**
Altas	i		ɨ		u
Médias	e	œ			o
Baixas			a		

Os grafemas **e** e **o** foram considerados sinais da presença das vogais médias fechadas /e/ e /o/ e não de suas contrapartes abertas, tendo como base, para isso, um dos princípios de tendência sonora universal (CRYSTAL, 2000) e (BYBEE, 2006). Por serem menos marcadas, as vogais fechadas tendem a ser mais universais e, portanto, sua frequência é bem maior nas línguas humanas do mundo do que as vogais médias abertas.

O fonema /œ/ foi postulado a partir da sequência gráfica **oe**. No texto de Nantes, o **o** e o **e** da sequência, nesse caso, sempre aparecem juntas nos mesmos ambientes e correspondem em cognatas do Kipeá ao fonema /æ/ (ver Mamiani, (1877) [1699], p. 1, e Azevedo, 1965, p.1 e 9), ou a uma única vogal, em sua maioria, anteriores. Isso levou a considerá-la um único som e não dois, como aparenta a sequência. Em Nantes, também se verifica, em pouquíssimas ocorrências, a variação entre **oe** e **ae**. Essa observação levou a interpretá-la como um som linguístico cuja articulação se assemelhava à vogal /æ/ do Kipeá, que segundo Mamiani (*ibid*.) corresponde a um som vocálico "entre o A, & o E". Na tabela do alfabeto internacional de fonética, as possibilidades verficadas para **oe** do Dzubukuá eram /æ/, /œ/, /ɶ/. Adotando um critério quantitativo, **oe** aparece, no texto de Nantes, em quase todas as palavras e **ae** apenas em três. Isso levou a adotar a primeira forma e não a segunda como básica e a outra como variação. Nesse caso, **oe** representava, então, um som entre o **o** e o **e**. Seguindo novamente o mesmo critério teórico utilizado para as vogais fechadas do parágrafo anterior, adotou o símbolo /œ/ do alfabeto internacional como o que mais se aproximava da sequência anterior, uma vez que representava um som fechado e menos marcado e, portanto, mais universal do que seu par /ɶ/, que representa um som aberto e, consequente, menos propenso a ser encontrado em uma língua. A tabela alfabética geral classifica o segmento /œ/ como anterior média arredondada. A anterioridade do fonema explica, então, a sua correspondência, na maioria das vezes, com vogais anteriores em cognatas do Kipeá. A variação gráfica **ae** foi considerada o fone [æ] para o Dzubukuá contendo as mesmas propriedades articulatórias do fonema /æ/ no Kipeá.

Com base na sequência gráfica **ui**, postulou-se a vogal central /ɨ/. Para isso, recorreu-se primeiramente a uma análise comparativa entre cognatas do Kipeá e do. Com isso, observou-se que os itens correspondentes no Kipeá ao referido composto vocálico em Dzubukuá equivaliam, na verdade, a uma única vogal grafada como **ŷ**, postulada como central alta por Azevedo (1965) em seu trabalho com o Kiririí-Kipeá. Então, essa interpretação da autora foi

tomada como referência e considerou-se a sequência **ui** e suas variações gráficas (**wi**/**wj**/**uy**) como representantes do som /**ɨ**/ também para a língua aqui em estudo. Para os demais casos que possuíam essa mesma sequência (**ui**) mas em Kipeá correspondiam a duas vogais separadas, eles foram interpretados como hiatos /u.i/ para essas mesmas ocorrências em Dzubukuá.

O "status" fonológico dos 07 segmentos vocálicos postulados no início desta subseção são validados pelos seguintes pares contrastivos abaixo:

(9) /a/ e /e/

/m**a**ne/: trincheira

/m**e**ne/: ira

(10) /a/ e /o/

/b**a**/: viver

/b**o**/: por

(11) /a/ e /u/

/b**a**/: viver

/b**u**/: CL: aparência

(12) /e/ e /i/

/dz**e**ku/: saliva

/dz**i**ku/: bugio

(13) /e/, /œ/ e /o/

/b**e**/: colher

/b**œ**/: subir

/b**o**/: por

(14) /a/, /**ɨ**/ e /u/

/b**a**/: viver

/b**ɨ**/: pé

/b**u**/: CL:aparência

(15) /o/ e /u/

/n**o**/: a (ADP)

/n**u**/: entrada

(16) /i/ e /u/

/d**i**/: dar

/d**u**/: fogo

Desse modo, os 21 fonemas (consoantes e vogais) estabelecidos e apresentados nesta seção estarão na base das transcrições dos fenômenos gramaticais identificados aqui e descritos nos capítulos seguintes.

4.2 ALOFONES CONSONANTAIS

Nas 14 consoantes estabelecidas para o Dzubukuá, constatou-se casos de variações fonéticas. As ocorrências encontradas apontam para alofonias específicas associadas a cada um dos fonemas correspondentes ou para casos gerais que abrangem fonemas diferentes da língua.

No primeiro tipo, enquadram-se os fonemas /t/, /d/, /ts/, /dz/, /n/ e /ɲ/. Eles serão comentados a seguir.

A consoante /t/ apresenta as realizações [t] e[t^h] (alografias **t/tt** e **th/tth**) e /d/, os afones [d] e [d^h] (alografias **d/dd** e **dh/ddh**):

(17) /**t**e/ → [**t**e] ~ [**t^h**e]: vir

(18) /**t**o/ → [**t**o] ~ [**t^h**o]: poder

(19) /**d**e/ → [**d**e] ~ [**d^h**e]: mãe

(20) /ku**d**u/ → [ku**d**u] ~ [ku**d^h**u]: joelho

Postulou-se a existência de uma realização aspirada [t^h] para /t/ tendo como base as anotações de Mamiani (1699, p.2) para certas pronúncias em Kipeá, parente linguístico do Dzubukuá. Na obra, o autor afirma que /t/ pede “mais ordinariamente aspiração” do que os demais sons, corroborando, com isso, a presença de uma variante aspirada para a referida consoante. Esse mesmo procedimento foi aplicado para /d/ e seu alofone aspirado [d^h].

O fonema africado /ts/ é representado pelos fones [ts] e [ds] (alografes **ts/tç/tc** e **ds/dc**) e /dz/ é sinalizado pelos fones [dz] e [ds] (alografias **dz** e **dc**):

(21) /**ts**oho/ → [**ts**oho] ~ [**ds**oho]: existir

(22) /**ts**ebu/ → [**t**sebu] ~ [**ds**ebu]: cabeça

(23) /**dz**aka/ → [**dz**aka] ~ [**ds**aka]: sogro, sogra

(24) /behe**dz**i/ → [behe**dz**i] ~ [behe**ds**i]: melancia

Os alografes **ds** e **dc**, mencionados no parágrafo anterior, sinalizam a presença de uma africada alveolar como variante das africadas /ts/ e /dz/. No entanto, suas indicações gráficas não fornecem indícios seguros e consistentes que possam configurar o tipo de sonoridade presente na articulação desse alofone. A sequência gráfica é composta de dois tipos gráficos que representam um som sonoro e o outro, um som surdo. Portanto, achou-se mais sensato considerá-la aqui um segmento com traço de sonoridade não especificado.

O segmento /n/ demonstra ter as realizações [n] e [ɲ] – alografes respectivos **n/nn** e **nh**, e /ɲ/ possui, como suas realizações, as alofones [ɲ] e [h] (alografes **nh/nnh** e **h**, respectivamente):

(25) /**n**ienuo/ → [**n**ienuo] ~ [**ɲ**ienuo]: diabo

(26) /**n**iɲo/ → [**n**iɲo] ~ [**ɲ**iɲo]: criar

(27) /ɲu**ɲ**u/ → [ɲu**ɲ**u] ~ [ɲũ**h**u]: filhos

(28) /a**ɲ**i / → [a**ɲ**i] ~ [ã**h**i]: alma

Como pôde ser visto nos itens 25 e 26, a palatalização de /n/ ocorre quando seguido de /i/ que condiciona a realização palatal[13]. Já a variante [h] demonstra ser um caso particular resultante de um processo de desnasalização que ocorre devido a assimilação do traço nasal da consoante /ɲ/ pela vogal /a/ precedente.

Os segmentos restantes /p/, /b/, /m/, /h/, /ɾ/, /l/, /k/ e /g/ apresentam como realizações fonéticas os segmentos [p],[b],[m],[h],[ɾ],[l],[k] e [g] (alografes respectivos **p/pp**, **b/bb**, **m/mm**, **h**, **r/rr/R**, **c/cc/k/qu** e **g/gu**):

(29) /**p**ita/ → [**p**ita]: rede

(30) /**b**uko/ → [**b**uko]: lama

(31) /**m**e/ → [**m**e]: dizer

(32) /abo**h**o/ → [abo**h**o]: depois

(33) /**ɾ**ihu/ → [**ɾ**ihu]: lagoa

[13] Nos casos em que a variação entre /n/ e /ɲ/ ocorre sem interferência da vogal /i/, foram considerados ocorrências de neutralização. Isso será visto na subseção 4.4.9 adiante.

(34) /**l**anbɨ/ → [**l**ãbɨ]: acabar

(35) /**k**u**k**u/ → [**k**u**k**u]: tio

(36) /**g**ɐɲɐ/ → [**g**ɐɲɐ]: feijão

Como já mencionado no início desta seção, a possível presença de uma variante múltipla para o fonema /ɾ/ não foi cogitada aqui, por ela ser atípica às línguas indígenas do Tronco Macro-jê, ao qual pertence a língua em estudo. O grafema **R**, como apresentado no parágrafo anterior, alude a uma ortogafia adotada para nomes particulares que devem ser escritos em maiúscula e o tipo duplo **rr** remete-se a um lapso de tipografia.

As consoantes e seus respectivos alofones podem ser vistos reunidos no Quadro abaixo:

Quadro 4 – Fonemas consonantais e seus respectivos alofones

Fonemas	Alofones	Classificação	Grafemas
p	p	oclusiva labial surda	**p**, **pp**
b	b	oclusiva labial sonora	**b**, **bb**
t	t	oclusiva alveolar surda	**t**, **tt**
	t^h	oclusiva alveolar surda aspirada	**th**, **tth**
d	d	oclusiva alveolar surda	**d**, **dd**
	d^h	oclusiva alveolar surda aspirada	**dh**, **ddh**
k	k	oclusiva velar surda	**c**, **cc**, **k**, **qu**
g	g	oclusiva velar sonora	**g**, **gu**
m	m	nasal labial sonora	**m**, **mm**
n	n	nasal alveolar sonora	**n**, **nn**
	ɲ	nasal palatal sonora	**nh**
ɲ	ɲ	nasal palatal sonora	**nh**, **nnh**
	h	fricativa glotal surda	**h**
ɾ	ɾ	flepe alveolar	**r**, **rr**, **R**

h	h	fricativa glotal surda	**h**
ts	ts	africada alveolar surda	**ts**, **tc**, **tç**
	ds	africada alveolar (de sonoridade não especificada)	**ds**, **dc**
dz	dz	africada alveolar sonora	**dz**
	ds	africada alveolar (de sonoridade não especificada)	**ds**, **dc**
l	l	lateral alveolar sonora	**l**

Os demais casos foram reunidos em um quadro mais geral de fenômenos que serão vistos na seção 4.4 mais adiante, intitulado "outros aspectos fonético-fonológico da língua".

4.3 ALOFONES VOCÁLICOS

A vogal baixa /a/ possui os alofones [a], [ɐ̯]e [ã] (alografes **a**, **â** e **ã**); e a central /ɨ/ apresenta tão somente a realização [ɨ] (sequência gráfica **ui/wi/ui/uj**):

(37) /kai**a**ku/ → [kai**a**ku] ~ [kai**ɐ̯**ku]: lua

(38) /p**a**dzuare/ → [p**a**dzuare] ~ [p**ã**dzuare]: comida

(39) /ub**ɨ**ro/ → [ub**ɨ**ro]: barriga

(40) /m**ɨ**/ → [m**ɨ**]: receber

A vogal /e/ apresenta as realizações simples [e], [e̯], [ẽ] e alongada [eː] (grafemas **e**, **ê**, **ẽ** e **ee/eee**); e o fonema anterior média /œ/ é representada pelos alofones [œ], [æ] e [œ̯] (grafemas **oe**, **ae** e **oê**):

(41) /tud**e**ɲ**e**/ → [tud**e**ɲ**e**] ~ [tud**e̯**ɲ**e**]: antigamente

(42) /bud**e**uo/ → [bud**e**uo] ~ [bud**ẽ**uo]: cova

(43) /m**e**/ → [m**e**] ~ [m**eː**]: dizer

(44) /am**œ**da/ → [am**œ**da]: mão

(45) /t**œ**/ → [t^{h}**æ**]: fazer força

(46) /b**œ**/ → [b**œ**] ~ [b**œ̯**]: subir

O fonema anterior /i/ possui os alofones [i] e [i̯] (letras correspondentes **i** e **î**) que compõem os exemplos abaixo:

(47) /kl**i**m**i**/ → [kl**i**m**i**]: lontra

(48) /k**i**e/ → [k**i**e] ~ [k**i̯**e]: não

(49) /ɲaɲ**i**ke/ → [ɲaɲ**i**ke] ~ [ɲaɲ**i̯**ke]: suspirar

A vogal posterior alta /u/ apresenta como realização os alofones simples [u], [u̯] e o alongado [uː] (grafemas respectivos **u**, **û** e **uu**/**ww**/**uw**/**vw**); enquanto a vogal posterior média /o/ realiza-se como as formas simples [o], [o̯] e alongadas [oː] e [o̯ː] (letras correspondentes **o**, **ô**, **oo** e **ôo/oô**):

(50) /**u**ka/ → [**u**ka] ~ [**u̯**ka]: amar

(51) /**u**nu/ → [**u**nu] ~ [**uː**nu]: sofrer

(52) /t**o**/ → [t^{h}**o**] ~ [t^{h}**o̯**]: avô

(53) /do/ → [d**oː**] ~ [d**o̯ː**]: de

A opção por interpretar os tipos gráficos **â**, **ê**, **oê**, **î**, **ô,** e **û** dos parágrafos anteriores como sons laringais, deve-se às notações feitas por Mamiani na introdução da sua gramática (1877 [1699], p. 4) e no início do seu catecismo (1942[1698], s.p.). O autor, nessas obras, afirma que as vogais com o referido acento gráfico são pronunciadas com "som gutural na garganta" ou "som grosso com beiços fechados"; e mais particularmente quando o mesmo

acento incide na letra **a**, além das características articulatórias e sonoras mencionadas, acrescenta-se também a pronúncia intermediária entre um **a** e um **o**, fazendo-a com os "dentes fechados". Para este último caso, então, o grafema acentuado **â** foi interpretado como sinal da presença do som vocálico central médio baixo laringal, articulação que mais se aproxima do som descrito pelo autor, e cujo símbolo encontra-se no Alfabeto Internacional de Fonética representado como [ɐ̰]. Já nas demais vogais, os grafemas acentuados com circunflexo foram tidos como laringais, possuindo, todavia, os demais traços fonéticos de suas contrapartes não laringais. As notações de Mamiani (*ibid*.) foram consideradas aqui tendo em vista o parentesco do Kipeá com o Karirí aqui estudado. Além disso, Bernardo de Nantes (1709), no prefácio do seu catecismo, afirma ter conhecimento da obra de Mamiani. Portanto, possivemente deve ter adotado os mesmos procedimentos gráficos do seu colega religioso para representar sons similares aos relatados pelo missionário jesuíta.

Vale salientar que as formas laringais foram consideradas, no Dzubukuá, como fones e não como fonemas, devido ao critério quantitativo adotado para todos as consoantes e vogais como mencionado na introdução desta seção. Em outras palavras, as vogais sem acento circunflexo, ortograficamente, aparecem em quase todos os dados e suas correspondentes com acento circunflexo aparecem em um pequeno grupo de palavras co-ocorrendo com as anteriores. Portanto, a manutenção de um fonema simples para um fone laringal se mostrou mais partinente com o comportamento analisado nos dados. Além disso, esse tratamento revela ser mais coerente com o critério universal da marcação das vogais (CRYSTAL, 2000) e (BYBEE, 2006). As vogais não laringais são menos marcadas, ou seja, exigem menos esforço muscular para a sua realização e, portanto, tendem a participar com mais frequência do sistema fonológico das línguas, enquanto suas contrapartes laringais exigem uma maior energia dos órgãos da fala para serem produzidas e, portanto, menos propícias a ocorrerem na fonologia das línguas.

As considerações acima sobre as vogais e seus alofones podem ser resumidas no Quadro abaixo:

Quadro 5 – Fonemas vogais e seus respectivos alofones

Fonemas	Alofones	Classificação	Grafemas
a	a	central baixa estendida	**a**
	ɐ̰	central média laringal	**â**
	ã	central baixa estendida	**ã**

		nasal	
ɨ	ɨ	central alta estendida	**wi**, **wj**, **ui**, **uj**
e	e	anterior média estendida	**e**
	e̯	anterior média estendida laringal	**ê**
	eː	anterior média estendida alongada	**ee**/**eee**
	ẽ	anterior média estendida nasal	**ẽ**
œ	œ	central média arredondada	**oe**
	æ	central média estendida	**ae**
	œ̯	central média arredondada laringal	**oê**
i	i	anterior alta estendida	**i**, **j**, **y**
	i̯	anterior alta estendida laringal	**î**
u	u	posterior alta arredondada	**u**, **v**, **w**
	u̯	posterior alta arredondada laringal	**û**
	uː	posterior alta arredondada alongada	**uu**,**ww**,**uw**,**vw**
o	o	posterior média arredondada	**o**
	o̯	posterior média arredondada laringal	**ô**
	oː	posterior média arredondada alongada	**oo**
	o̯ː	posterior média arredondada laringal alongada	**ôo**, **oô**

4.4 OUTROS ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DA LÍNGUA

Foi identificada, em Dzubukuá, a presença fenômenos fonológicos reunidos em 10 grupos, classificados em: **casos de adição silábica**, **casos de redução fonológica**, **nasalização**, **alçamento** e **alongamento vocálicos**, **vozeamento**, **lateralização das oclusivas alveolares**, **rotacismo em oclusivas alveolares**, **neutralização entre consoantes nasais** e **harmonizações**. Cada um, separadamente, será abordado nas seções a seguir.

4.4.1 Casos de adição silábica

A adição silábica em Dzubukuá ocorre com o acréscimo de uma sílaba à estrutura da palavra, ampliando-a lexicalmente. Integram este caso, a **epêntese** e **ocorrências onde há o aparecimento de uma vogal alta seguindo a sílaba original**.

De acordo com Crystal (2000), epêntese se refere, em geral, ao processo de inserção de um som no meio de uma palavra onde antes ele não existia. Em Dzubukuá, este processo ocorre junto a vogais cujas consoantes adjacentes pertencem ao grupo dos segmentos com o traço [+ alto][14] (54 a 58) ou aquelas pertencentes ao quadro das alveolares sonoras (59 a 60). Nessas ocorrências, as vogais epentêticas encontradas foram [**i**], [**a**] e [**o**]

(54) /ɲ a/ → [ɲ **i**a]: morrer

(55) /tudeɲ e/ → [tudeɲ **i**e]: antigamente

(56) /buke/ → [buk**i**e]: ser bonito

(57) /ɲ u/ → [ɲ **i**u]: comer

(58) /keɲe/→ [k**a**iɲ**i**e]: antigamente

(59) /-di/ → [-d**a**i]: sufixo de tempo futuro

(60) /uɾio/ → /u**o**ɾio/: ajudar

[14] Consoantes produzidas com o levantamento do corpo da língua acima de sua posição neutra.

Nos exemplos de 54 a 59 acima, as consoantes de traço [+ anterior] e as alveores precedem à vogal não epentética e em 60 a consoante alveolar /ɾ/ a segue. Com o aparecimento da vogal epentética, dois novos núcleos silábicos surgem onde antes só havia um – um ocupado por ela e o outro formado pela vogal que já existia antes.

No exemplo 58, ocorre um [a] epentético e a vogal média /e/ torna-se a alta [i], visto que, no quadro das variações em Dzubukuá, a realização da vogal média como alta é comum (ver mais adiante em 4.4.4, na subseção "Alçamento vocálico"). Esse tipo de comportamento regular levou ao discernimento de qual segmento seria a vogal epentética e qual seria aquela pertencente à sílaba de origem.

Chegou-se a identificar a presença da epêntese, como representado nos casos anteriores (54 a 60), devido ao aparecimento recorrente dos grafemas vocálicos **i**, **a**, **o** entre duas letras ampliando a estrutura gráfica da palavra. O surgimento, nesse ambiente, das referidas vogais foram consideradas indicativo do referido fenômeno, de acordo a definição encontrada em Crystal (*ibidem*.).

Nos demais casos, a adição ocorre com aparecimento da vogal alta [i] no final da palavra original[15]. Geralmente, isso ocorre quando o segmento que ocupa a margem esquerda da sílaba é uma consoante com traço [+ anterior][16]:

(61) /pe-/ → [pe**i**-]: prefixo causativo

(62) /iabœ/ → [iabo**i**]: juntar

(63) /nelu/ → [nelu**i**]: porém

O acréscimo recorrente do grafema **i**, sem causa aparente, nos dados analisados levou à interpretação dessas ocorrências como casos de adição silábica, tendo em vista a regularidade do surgimento do referido grafema vocálico em um ambiente específico.

[15] Foi identificado somente um único caso onde aparece uma forma mais alongada do verbo **poklu** "imputar", a estrutura **pokluli,** com o acréscimo de uma sílaba final ao receber o marcador de polidez {-ba}. Provavelmente, a forma alongada representa uma estrutura mais antiga da referida palavra cuja presença ainda estivera subjacente na época, sendo desencadeada nos contextos em que é aplicado, na base do lexema, o referido marcador de polidez.

[16] Consoantes produzidas mediante uma obstrução na parte anterior da cavidade bucal.

4.4.2 Casos de redução fonológica

As reduções sonoras em Dzubukuá ocorrem mediante a subtração de um dos constituintes fonológicos da sílaba ou da sílaba inteira, reduzindo o tamanho da estrutural lexical da palavra. Esse apagamento pode ser motivado tanto por fatores fonológicos como pelos morfológicos. Nesse contexto, as motivações desencadeadas fonologicamente são as mais predominantes em relação àquelas motivadas morfologicamente.

Na língua, foram identificados 04 tipos de apagamento: um causado por fonemas labiais, outros motivados por segmentos anteriores e coronais (consoantes e vogais), casos de deleção da consoante /h/ e algumas pela sufixação do pluralizador {-a} a algumas palavras.

As vogais /a, e, i, o/ tendem a apagar-se ao serem precedidas pela vogal posterior /u/. O apagamento também ocorre com a consoante /h/ em coda, quando esta é precedida de um núcleo silábico constituído pela vogal /o/:

(64) /u**a**nɾandzi/ → [u**a**nadzi] ~ [unadzi]: remédio

(65) /u**i**tanedike/ → [u**i**tanedike] ~ [utanedike]: três

(66) /u**o**hoie/ → [u**o**hoie] ~ [uhoie]: tudo

(67) /po**h**/ → [po**h**] ~ [po]: bater

Tendem, também, ao apagamento as vogais /a/, /e/, /i/ e /u/e as consoantes /h/, /d/ e /n/ (esta última como coda silábica) quando são precedidas e/ou seguidas por outros segmentos anteriores e/ou coronais[17]:

(68) /dzeia/ → [dzei**a**] ~ [dzei]: estar triste

(69) /**a**maɾa/ → /amaɾa/: canto

(70) /bui**e**hoho/ → [bui**e**hoho] ~ [buihoho]: corpo

(71) /k**ie**/ → [k**i**e] ~ [ke]: não

[17] O traço coronal corresponde ao som articulado com a ponta da língua elevada acima da sua posição de descanso.

(72) /ni**e**nuo/ → [ni**e**nuo] ~ [ninuo]: diabo

(73) /uan**i**kutsu/ → [uan**i**kutsu] ~ [uːankutsu]: lavar

(74) /**h**i-aboho/ → [**h**i-oboho] ~ [i-oboho]: comigo

(75) /an**d**e/ → [an**d**e] ~ [ane]: quem

(76) /dehe**n**/ → [dehe]: também

(77) /**u**mɨkede/ →/mɨkede/: mandar

O terceiro caso de apagamento aplica-se particularmente à consoante /h/. Quando em ataque silábico, ela tende a desaparecer com a afixação dos prefixos de 1ª pessoa {hi-} (78) e {k-} (79), de 2ª pessoa {ani-} (80) ou dos sufixos {-te} (81) e {-ba} (82) à palavra da qual a consoante faz parte. E, em coda, seu apagamento se dá quando o vocábulo do qual faz parte recebe o nominalizador {-te} (83) e o pluralizador{-a} (84):

(78) /hi-u**h**amaple/ → [hi-amp̚ple]: por causa de em 1ª pessoa

1-por causa de

(79) /k-**h**anakle-a/ → [k-enakle-a]: temos vergonha

1-ter vergonha-PLUR2

(80) /ani-**h**abe/ → [aɲi-abe]: pagamento

ter vergonha-NML

(81) /**h**anakle-te/ → [anakle-te]: respeito

ter vergonha-NML

(82) /**h**anakle-bu-ie-ba/ → [anakle-bu-ie-ba]: têm grande vergonha

ter vergonha-CL:aparência-grande-PLUR2

(83) /pa**h**-kie/ /pa**h**-kie-te/ → [pa**h**-kie] [pa-kie-te]: tirar a vida

matar-não matar-não-NML

(84) /ku-ma**h**/ /ku-ma**h**-a/ → [ku-ma**h**] [ku-maː]: nos queima

1INCLPL-queimar 1INCLPL-queimar-PLUR2

Os últimos casos ocorrem com as vogais /e/ e /o/ quando constituem o núcleo da última sílaba da palavra. Ao receber o pluralizador {-a}, a palavra perde as vogais finais mencionadas anteriormente:

(85) /muŋaki**e**-a/ → [muŋaki**e**-a] ~ [muŋaki-a]: moços
moço-PLUR2

(86) /budeu**o**-a/ → [budeu**o**-a] ~ [budeu-a]: covas
cova-PLUR2

(87) /i-tsoh**o**-a/ → [i-tsoh**o**-a] ~ [i-tsoh-a]: existem
3-existir-PLUR2

Os casos apresentados até aqui, neste subitem, foram considerados casos de redução sonora devido à frequência e regularidade com que ocorriam, sinalizado pelo apagamento gráfico de letras ou grafemas no texto de Nantes. Esses casos não foram considerados lapsos, visto que apresentam um ambiente ou contexto regular de surgimento e, portanto, passíveis de sistematização. Desse modo, optou-se por interpretá-los como casos de apagamento.

4.4.3 Nasalização

O processo de nasalização, em Dzubukuá, ocorre quando as vogais /a, e, o, u/ e seus respectivos alofones são nasalizados por uma consoante nasal que as segue. Esse processo ocorre em nível lexical e em fronteira morfológica e sintática. No primeiro caso, a nasalização ocorre dentro da própria estrutura lexical da palavra (88 a 92). No segundo, o processo ocorre com o advérbio temporal **-ingi** “tempo”, quando se une ao vocábulo (93) ou com a cliticização da adposição **bo** à palavra (94). E, no terceiro caso, a nasalização ocorre quando a vogal da última sílaba da palavra anterior assimila a nasalidade da consoante nasal que inicia a primeira sílaba da palavra seguinte (95):

(88) /banɾ**a**n/ → [b**ãɾã**] ~ [b**g̃ɾã**]: começar

(89) /**a**ɲi/→ [**a**ɲi] ~ [**ã**hi]:alma

(90) /deh**e**n/ → [deh**ẽ**] ~ [deh**g̃**]:também

(91) /ɾ**o**ne/ → [ɾ**õ**ne]: bem

(92) /hem**u**mu/ → [hem**ũ**mu]: superstição

(93) /tsoh**o**-i**n**gi/ → [tsoh**õ**-gi]: até que tenha
existir-tempo

(94) /b**o**=ɲuɾa/ → [b**õ**=nuɾa]: ó filho
por=filho

(95) /uaɾ**e** me-ba/ → [uaɾ**ẽ** me-ba]: "dirá o sacerdote" (NANTES, 1709, p. 124)
sacerdote dizer-SFP1

Como pode ser verificado nos exemplos 88, 90 e 93, com a nasalização das vogais, ocorre a queda do arquifonema /**n**/[18] quando este ocupa a posição de coda na sílaba.

A nasalização de vogais foi aqui considerado com base nas variações gráficas respectivas **an**/**am** ~ **ã**, **en**/**em** ~ **ẽ**, **on**/**om** ~ **õ**, **un**/**um** ~ **ũ**. As formações à esquerda do par, constituídas por uma vogal e uma nasal, foram adotadas como formas predominantes, visto que, quantitativamente, ocorriam em maior número e abrangiam a maior parte de todas as ocorrências analisadas.

4.4.4 Alçamento vocálico

Em Dzubukuá, o alçamento ou alteamento vocálico se dá quando uma vogal baixa ou média, por motivações fonológicas (96 a 105) ou morfológicas (106 a 109), modifica seus traços fonéticos tornando-se uma vogal de articulação mais alta que ela:

[18] O referido arquifonema resultada da neutralização entre consoantes nasais na coda silábica. Esse tipo de fenômeno será descrito adiante na subseção 4.4.9.

(96) /iab**a**lu/ → [iab**e**lu]: raivoso

(97) /banahoia/ → [banahi**e**]: outro

(98) /mol**e**/ → [mol**i**]: breve

(99) /m**e**/ → [m**i**]: dizer

(100) /k**a**iaku/ → [k**u**iaku]: raivoso

(101) /eɾ**a**/ → [eɾ**u**]: casa

(102) /b**o**ɾoɾu/ → [b**u**ɾoɾu]: bexiga

(103) /dat**o**/ → [dat**u**]: encurvar

(104) /b**œ**kla/ → [b**e**kla]: tísica

(105) /toid**œ**/ → [toid**e**]: opor-se

(106) {hi-} + /**a**boho/ → [hi-**o**boho]: comigo

(107) {ani-} + /**a**boho/ → [aɲi-**e**boho]: contigo

(108) {k-} + /h**a**nakle/ + {-a}→ [k-**e**nakle]: temos vergonha
1INCLPL ter vergonha 1INCLPL-ter vergonha

(109) /buang**a**/ + {-**a**} → [buãg**e**-a]: fazem o mal
fazer mal PLUR2 fazer mal-PLUR2

Nos exemplos 102 e 103, embora as vogais /œ/ e [e], sua variante, sejam médias, esta última, conforme o alfabeto fonético internacional, é mais alta do que sua correspondente arredondada. Desse modo, integra-se ao quadro dos fenômenos de alçamento, visto que, ao se tornar uma vogal anterior não arredondada, a vogal /œ/ era produzida com a elevação do corpo da língua acima de sua articulação regular.

Nos dados seguintes, de 106 a 109, o alçamento é motivado morfologicamente. Nessas ocorrências, ele consiste no alteamento de traços fonéticos da vogal /a/ tornando-a foneticamente uma vogal média. Isso ocorre em algumas palavras quando o núcleo da primeira sílaba do vocábulo recebe prefixos de 1ª pessoa {hi-} (106) e {k-} (108) e de 2ª pessoa {ani-} (107); e também se dá no núcleo da última sílaba da palavra **buanga** “fazer mal” ao receber o pluralizador {-a} (109).

Os casos de alçamento vocálico foram postulados com base na variação gráfica de vogais que representavam fonemas de articulação média ou baixa que, em ocorrências contextuais menores, tornavam-se letras indicativas de vogais de qualidade [+ alta] ou produzidas com "a elevação do corpo da língua acima da posição neutra" (BISOL, 2005, p. 23). A recorrência regular desses alografes e o comportamento comum demonstrado por eles possibilitando reuni-los em um princípio mais geral levou a interpretar essas alografias como casos consistentes de alçamento e não como lapsos tipográficos.

4.4.5 Alongamento vocálico

Em Dzubukuá, o alongamento vocálico ocorre por fatores fonéticos e por motivações morfológicas. Os casos envolvidos no primeiro tipo já foram apresentadas na subseção 4.3, referente as alofones alongados de /e/, /o/ e /u/ e, portanto, não serão repetidos aqui. Nas ocorrências do segundo tipo se enquadra a vogal média posterior /o/ da adposição /do/ "de" e a vogal /a/ do verbo **umah** "queimar". No primeiro caso, o alongamento da vogal posterior ocorre quando a referida adposição recebe, no singular, os prefixos pessoais de 1ª pessoa /hi-/, de 2ª /a-/ e de 3ª /i-/ (110 a 112); e, no segundo caso, quando o verbo **umah** recebe os advérbios **–kie** "não" (113) e **lobœ** "totalidade" (114):

(110) /hi-d**o**/ → [hi-d**oː**]: de em 1ª pessoa
1-de

(111) /a-d**o**/ → [a-d**oː**]: de em 2ª pessoa
2-de

(112) /i-d**o**/ → [i-d**oː**]: de em 3ª pessoa
3-de

(113) /um**a**h-kie-ba/ → [m**aː**-kie-ba]: não queima
queimar-não-SFP1

(114) /um**a**h-lobœ-**a**/ → [m**aː**-lobœ-a]: queimam

queimar-totalidade-PLUR2

O alongamento causado em 113 e 114 é de natureza compensatória, visto que houve a queda da fricativa glotal da coda silábica pertencente à sílaba final da palavra.

Os casos de alongamento acima foram postulados com base, respectivamente, no aparecimento dos alografes geminados **oo** e **aa** relativos aos grafemas vocálicos **o** e **a** em contextos onde havia a nítida aplicação dos prefixos pessoais, no caso da vogal posterior da adposição **do**, e dos dois advérbios já mencionados anteriormente à estrutura do verbo **umah**. As condições regulares verificadas nesse comportamento e sua adequação a um princípio mais geral, levou-os a serem interpretados como casos de alongamento e não como falhas de impressão.

Verificou-se que, salvo os morfológicos, fatores sintáticos e textuais não justificam esse tipo de formação observado nos exemplos anteriores (110 a 114). Provavelmente, esse tipo de fenômeno venha a ser explicado por meio de aspectos prosódicos ou suprassegmentais não preservados pela escrita. Diante dessa realidade, não foi possível encontrar indícios concretos ou mesmo plausíveis para justificar a ocorrência desse fenômeno, a não ser relatar sua presença nos dados observados.

4.4.6 Vozeamento

O vozeamento se dá em Karirí com as consoantes /t/, /k/, /h/ e /ts/ quando assimilam a sonoridade dos segmentos vozeados adjacentes:

(115) /pode**t**o/ → [pode**d**o]: cravar

(116) /**k**ɾotse/ → [**g**ɾotse]: ter força

(117) /abo**h**o/ → [abo**ɾ**o]: depois

(118) /**h**emi/ → [**b**emi]: céu

(119) /te**ts**i/ → [te**dz**i]: mulher

No caso do /h/, no exemplo 117 e 118, o vozeamento é seguido por outro processo. Nos dados analisados, a referida fricativa surda se vozeia quando está contígua às vogais /a, e, i, o, œ/, assimilando a anterioridade do /e/ e do /i/, sendo produzida mais à frente da cavidade bucal ou a labialidade do /o/ e do /œ/, tornando-se uma consoante labial. Nos demais casos, quando é seguido pelo /a/ e também pelas vogais anteriores mencionadas há uma consoante bilabial próxima pertencente à margem esquerda das sílabas vizinhas. Provavalmente, há a interferência também destas consoantes na qualidade vocal da fricativa, tornando-a um segmento labial, além de sofrer também as assimilações já mencionadas.

A postulação dos casos dessa subseção levou em conta a alternância gráfica entre as consoantes **t**, **k**, **h**, **ts** e **d**, **g**, **b**, **dz** indicadoras de segmentos surdos e sonoros. As primeiras 04 consoantes foram consideradas os fonemas originais devido à sua recorrência maior nos dados analisados.

4.4.7 Lateralização das oclusivas alveolares

Em um grupo muito pequeno de ocorrências, as oclusivas /t/ e /d/ sofrem um processo classificado aqui como lateralização. Nesse caso, elas tornam-se a lateral alveolar [l]:

(120) /ihitso**t**e/ → [ihitso**l**e]: cravar

(121) /-**t**e/ → [-**l**e]: nominalizador

(122) /**d**anlan/ → [**l**anlan]: querer

Possivelmente, a lateralização dos duas consoantes mencionadas ocorre devido a um processo de assimilação do traço [+ contínuo][19] das vogais adjacentes, anulando o bloqueio à passagem do fluxo de ar na produção dessas consoantes, deixando-o passar quase que livremente e tornando as consoantes mencionadas em segmentos líquidos. No caso do item

[19] Segmentos com o traço [+contínuo] são aqueles em que o estreitamento na cavidade bucal não é o suficiente para interromper o fluxo de ar.

122, a lateralização do /d/ também é motivada por uma harmonização consonantal. Isso será visto na subseção 4.4.10 adiante.

As ocorrências dessa subseção foram postuladas como casos de lateralização devido à alternância gráfica entre as letras **t**, **d** com um **l** nos mesmos ambientes. Em um mesmo item analisado, as oclusivas ocorriam na maioria das vezes, enquanto a lateral ocorria algumas poucas vezes. Por isso, ela foi interpretada como variação das oclusivas e não o contrário.

4.4.8 Rotacismo em consoantes alveolares

Nos dados analisados, o rotacismo ocorre quando as consoantes alveolares /t/ e /l/ tornam-se a flepe alveolar [ɾ]:

(123) /ui**t**anedike/ → [ui**ɾ**anedike]: três

(124) /ɲu**t**esti/ → [ɲu**ɾ**esti]: filha

(125) /pli/ → [pɾi]: deixar

(126) /ploh/ → [pɾoh]: só

Postulou-se os casos acima como indicadores da presença do rotacismo na língua, devido à alternância gráfica entre as letras **t** e **l**, representantes de consoantes alveolares, e a letra **r**, indicando um rótico.

4.4.9 Neutralização entre consoantes nasais

As itens estudados revelam a co-ocorrência gráfica de consoantes nasais em uma mesma palavra e ocupando a mesma posição e as mesmas margens. Esses casos foram considerados

ocorrências de neutralização, visto que dois segmentos interpretados como fonemas distintos pelo sistema fonológico da língua são encontrados ocupando os mesmos espaços sem alterar o significado da palavra e sem receber interferência contextual dos segmentos vizinhos. Isso implica uma neutralização dos traços distintivos, anulando, nesses ambientes, sua oposição dentro do sistema (CRYSTAL, 2000). Em Dzubukuá, isso ocorre entre as nasais /n/ e /ɲ/ e entre /n/ e /m/:

(127) /**ɲ**ate/ → [**ɲ**ate] ~ [**n**ate]: trabalhar

(128) /**n**eto/ → [**n**eto] ~ [**ɲ**eto]: lembrar

(129) /ka**n**gɾi/ → [ka**n**gɾi] ~ [ka**m**gɾi]: fazer bem

(130) /bɨɾa**n**/ → [bɨɾa**n**] ~ [bɨɾa**m**]: irmão caçula

(131) /dahantsi/ → [daha**n**tsi] ~ [daha**m**tsi]: ali

Como se observa nos exemplos 127 e 128 acima , a neutralização entre as nasais alveolar /n/ e palatal /ɲ/ ocorre quando ambos ocupam a margem esquerda da sílaba. Nessa posição, tanto um como o outro podem aparecer sem modificar o significado da palavra ou sua função gramatical. Chegou-se a essa interpretação devido à alternância entre os grafemas **n** e **nh**, representantes de fonemas distintos na língua. A recorrência expressiva desses segmentos nos dados analisados e em um ambiente regular, levou-os a serem considerados como casos de neutralização e não como lapsos gráficos do autor ou de impressão.

Os demais casos em que a alveolar aparece também como palatal são casos em que há um /i/ adjacente. Nesses casos, há a interferência da vogal desencadeando a palatalização da referida consoante alveolar e, portanto, não foram interpretados aqui como casos de neutralização.

Nos itens de 129 a 131, as consoantes /n/ e /m/ tendem a se neutralizarem na margem direita da sílaba. Por isso, quando se transcreve um /n/ nessa posição, indica-se que esta consoante alveolar é um arquifonema[20]. A escolha por esta transcrição deve-se a um critério quantitativo e a um critério teórico. No primeiro caso o grafema **n**, nessa posição, é mais predominante do que o **m** no catecismo e no manuscrito de Nantes e, portanto, optou-se pela

[20] Arquifonema foi um terminologia elaborada pelos teóricos do Círculo Linguístico de Praga e usada para indicar o segmento sonoro resultante da neutralização dos traços distintivos entre fonemas diferentes da língua.

permanência do primeiro nas transcrições e não do segundo. O segundo critério, se apoia nas reflexões de Hengeveld (2006) acerca da tendência universal das nasais alveolares. Segundo o autor, quando há consoantes nasais em uma língua, tende-se a encontrar no sistema fonológico dessa língua a nasal alveolar mais não necessariametne uma labial. Isso reforçou ainda mais a opção por manter /n/ na posição de coda e não /m/. Por isso, na seção seguinte, referente à sílaba e a seus padrões, transcrever-se-á na margem esquerda ambas as consoantes, mas, na margem direita, somente a nasal alveolar aparecerá e não a nasal labial. Este último tipo de neutralização representada na escrita pela alternância entre os grafemas **n** e **m** não foi considerado um lapso tipográfico devido à sua frequência e regularidade, sendo passível de explicação fonológica e sistematização; visto que ocorre em uma dada posição sinalizando, assim, um fenômeno que também ocorre nas línguas vivas do mundo. Portanto, optou-se por interpretar esse tipo de ocorrência como um reflexo de fatores fonológicos que, na época, ocorriam na língua.

4.4.10 Harmonizações

Em Dzubukuá, foram identificados dois casos de harmonização recorrentes: a **consonantal** e a **vocálica**. A primeira ocorre quando a consoante que ocupa a margem esquerda de uma sílaba modifica-se ao ponto de assemelhar-se foneticamente à consoante da margem esquerda da sílaba vizinha (132 a 135). E a segunda é desencadeada quando a vogal que ocupa o núcleo de uma sílaba assemelha-se à vogal que ocupa o núcleo da sílaba adjacente (136 a 139):

(132) /bo**h**o/ → [bo**h**o] ~ [bo**b**o]: ou

(133) /**h**abe/ → [**h**abe] ~ [**b**abe]: pagamento

(134) /pode**t**o/ → [pode**t**o] ~ [pode**d**o]: cravar

(135) /**d**anlan/ → [**d**anlan] ~ [**l**anlan]: querer

(136) /n**e**to/ → [n**e**to] ~ [n**o**to]: lembrar

(137) /**a**boho/ → [**a**boho] ~ [**o**boho]: com

(138) /iakl**a**ɾo/ → [iakl**a**ɾo] ~ [iakl**o**ɾo]: anzol

(139) /tokl**a**ku/ → [tokl**a**ku] ~ [tokl**u**ku]: marcar

Ainda dentro desse quadro, foram encontradas também harmonizações consonantais e vocálicas desencadeadas em fronteiras de morfemas:

(140) /uple-nu-kie-ba-**h**i/ → [a-uple-nu-kie-ba-**b**i]: não podeis mentir
mentir-PNT-não-SFP1-EP 2-mentir-PNT-não-SFP1-EP

(141) /t**e**-ba/ → [t**a**-ba]: virá
vir-SFP1

Como pode ser percebido acima, no item 140 a consoante inicial do sufixo epistêmico se assemelha foneticamente à consoante labial do sufixo de polidez precedente. E, no item 141, a vogal do verbo "vir" torna-se um vogal central baixa igual a vogal que ocupa o núcleo silábico do sufixo de polidez que segue o referido verbo.

Aparecimento gráfico de consoantes na margem esquerda da sílaba e de vogais no núcleo silábico iguais àquelas existentes nas sílabas vizinhas e que ocupavam os mesmos ambientes, levou à classificação desses casos como indicadores de um processo de harmonização. A postulação da sílaba original se deu com base em um critério quantitativo, ou seja, as sílabas de recorrência mais predominantes foram adotadas como padrão.

Os fenômenos discutidos nesta seção são apresentados resumidamente no Quadro abaixo:

Quadro 6 – Fenômenos pertencentes à dinâmica fonético-fonológica do Dzubukuá

Processo	**Característica**
Adição silábica	- consoantes adjacentes c/ traço [+ alto] e vogais → segmentos epentéticos [i], [a] e [o]; - consoante c/ traço [+ alto] na margem esquerda da sílaba → surgimento de [i] ao final da sílaba.
	- Apagamento de /a, e, i, o, u/ e /h/ (em coda) quando precedidas de vogais labiais; - Apagamento de /a, e, i, u/ e /h, d/ e /n/ em coda quando

Redução fonológica	contíguas a segmentos anteriores e/ou coronais; - Apagamento de /h/ em ataque silábico inicial de palavra quando esta recebe os prefixos {hi-, k-, ani-} ou os sufixos {te, ba}, ou, em final de palavra, quando o vocábulo recebe {-te} (nominaizador) e {-a} (pluralizador); - Apagamento de /e, o/ em final de palavra quando esta recebe o pluralizador {-a}.
Nasalização	- /a, e, o, u/ + consoante nasal → alofones nasalizados.
Alçamento vocálico	- Vogais baixas e médias geram alofones com articulação mais alta;
Alongamento vocálico	- Prefixos {hi-}, {a-} ou {i-} + **do** (no singular) → [doː]; - /a/ (no final de **umah**) + **-kie** ou **-lobœ** → [aː].
Vozeamento	- Assimilação da sonoridade de segmentos vozeados adjacentes pelas consoantes /t, k, h, ts/.
Lateralização	- lateralização das consoantes /t, d/ → [l].
Rotacismo	- Rotacismo entre consoantes alveolares /t, l/ → [ɾ].
Neutralização	- Neutralização entre os fonemas /n/ e /ɲ/ em ataque silábico; - Neutralização da distinção entre os segmentos /n/ e /m/ em coda silábica.
Harmonizações	- Entre consoantes assemelhando-se a outras de sílabas adjacentes; - Entre vogais assemelhando-se a outras de sílabas vizinhas.

4.5 A SÍLABA

A estrutura silábica, em Dzubukuá, apresenta 06 padrões possíveis: **V**, **C_1V**, **C_1C_2V**, **VC_3**, **C_1VC_3**, **C_1C_2VC_3**; sendo que tanto a margem esquerda (ataque: **C_1** e **C_2**) quanto a margem direita (coda: **C_3**) da sílaba são ocupadas apenas por consoantes, e o núcleo silábico **V** é constituído somente por vogal:

(142) /e.he/: fugir

V.C_1V

(143) /kan.gɾi/: fazer bem

C_1VC_3.C_1C_2V

(144) /an.ɾan/: homem

VC_3.C_1VC_3

(145) /u.klen/: sabre

V.C_1C_2VC_3

(146) /pah/: matar

C_1VC_3

Todos os 06 padrões anteriores constituem o padrão geral **(C)(C)V(C)**, contendo 04 posições silábicas. Isso implica dizer que a sílaba para ser aceita pelo sistema da língua deve obedecer às seguintes condições:

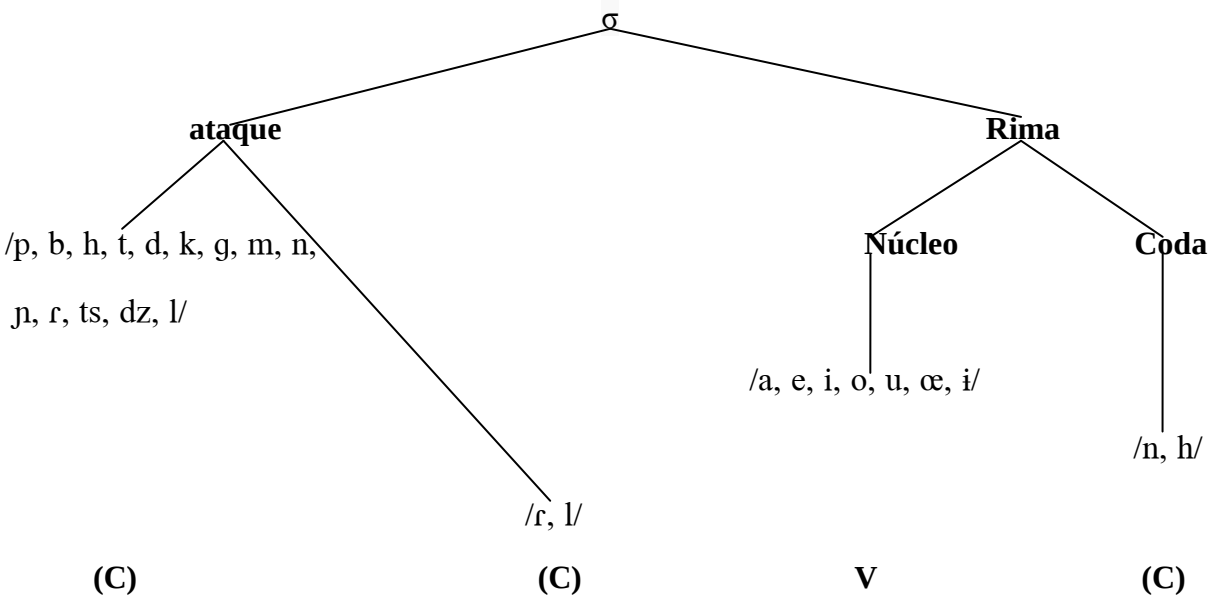
(a) A presença de, no mínimo, um núcleo vocálico obrigatório, podendo ou não ser acompanhado de ataque e/ou coda;
(b) A sílaba deve possuir, no máximo, dois ataques: um ocupando a primeira posição e o outro, a segunda formando juntos um ataque complexo;
(c) A sílaba deve ter na coda apenas um segmento.

Analisando cada constituinte da sílaba isoladamente, obtém-se uma configuração geral dos segmentos que podem ocupar uma das 04 posições assinaladas acima. Desse modo, a primeira posição de ataque (C_1) pode ser ocupado por todas as consoantes postuladas. A

segunda posição (C_2), entretanto, é mais restrita sendo constituída apenas pelas líquidas /ɾ/ e /l/ (retornar aos exemplos 143 e 145 atrás). A posição de coda (C_3), por sua vez, é reservada somente à fricativa /h/ e ao arquifonema nasal /n/ (rever os itens 143 a 146 dos exemplos anteriores).

A partir das observações acima, obtém-se o seguinte diagrama arbóreo geral configurado abaixo em relação a cada posição silábica vista isoladamente:

Figura 8 – Configuração da estrutura silábica em Dzubukuá



Todavia, ao pôr em relação as 04 posições silábicas apresentadas uma com as outras, observa-se a presença de algumas restrições fonotáticas permitindo ou não determinados fonemas aparecerem em uma dada posição quando segmentos específicos estão presentes nas outras posições.

O padrão **V** indica que uma vogal sozinha pode constituir por si mesma um sílaba em Dzubukuá. Essa possibilidade só ocorre com as vogais /a, e, i, o, u/. Nesse caso, os fonemas anteriores /ɨ/ e /œ/ não ocorrem sozinhos, mais sempre acompanhados por consoantes.

Em sílabas C_1V, núcleos ocupados por /e/ ou /i/ recebem ataques constituídos por qualquer uma das 14 consoantes postulados para a línguas. As vogais /o/ ou /u/, por sua vez, são precedidas por todas as consoantes menos pelo oclusiva velar /g/. A vogal /a/, no entanto, recebe todas os segmentos consonantais em ataque, menos os fonemas /ts, l/. Núcleos

ocupados pelas vogais anteriores /ɨ/ ou /œ/, são mais restritos, aceitando em ataque apenas as consoantes /p, b, t, l, m, k/ para /ɨ/, e /b, d, m/ para /œ/.

Em sílabas C_1C_2V, a combinação /kl/, com uma velar surda em C_1 e uma lateral em C_2, precede as vogais /a, e, i, o, u, ɨ/. Por sua vez, o ataque complexo /kɾ/, com uma velar surda em C_1 e um flepe em C_2, ocorre apenas quando o núcleo silábico é ocupado pelos fonemas /a, o, u/. Já as combinações /pl/, /pɾ/ e /gɾ/, com uma oclusiva labial surda ou um velar sonora em C_1 e uma líquida em C_2, ocorrem apenas seguindo a vogal /i/. E o ataque complexo formado por /bɾ/, com uma labial sonora em C_1 e líquida em C_2, restringe-se às vogais posteriores /o, u/. A vogal anterior /œ/ não ocorre nesse tipo de estrutura silábica.

Em sílabas com o padrão VC_3, a coda (C_3) somente é ocupada pelo arquifonema nasal /n/ seguindo apenas as vogais /a, e, i/ que ocupam o núcleo (V) da sílaba. As demais vogais não foram encontradas constituído o núcleo deste tipo de estrutura silábica.

No padrão C_1VC_3[21], quando /a/ ocupa o núcleo e C_3 é ocupado pela nasal /n/, C_1 pode ser constituído pelas consoantes /b, t, d, k, g, h, n, ɾ, l, / ou quando a mesma vogal é seguida pela fricativa /h/, como C_3, apenas as labiais /p, m/ podem ocupar C_1. Quando V é constituído por /e/, a sílaba aceita somente as consoantes /h/ ou /ɲ/ como C_1 e apenas /n/ como C_3. Quando a vogal /o/ constitui o núcleo V e C_3 é ocupado por /h/, C_1 permite apenas a presença das consoantes /p/ ou /b/. No entanto, quando a referida vogal posterior é seguida por /n/, como C_3, o ataque C_1 só aceita a consoante /t/. Já para as vogais altas /u/ e /ɨ/, quando uma ou outra ocupam o núcleo da sílaba, nessa estrutura, somente é permitida a presença de /p/ em ataque (C_1) e /h/ em coda (C_3). Os segmentos vocálicos /i, œ/ não foram encontrados neste tipo de estrutura.

As sílabas do tipo $C_1C_2VC_3$ são maiores que as outras e, ao mesmo tempo, são as mais restritas, aceitando o menor número de segmentos possível em sua estrutrura. O núcleo V só pode ser ocupado por /e/ ou por /o/ e a segunda posição de ataque (C_2) reserva-se apenas a lateral alveolar /l/ para todos os casos. Quando a vogal /e/ ocupa o núcleo, C_1 é constituído

[21] Não foi levado em consideração aqui a palavra **tupam**, bastante recorrente no texto do catecismo e do manuscrito analisados por ser um empréstimo do Tupí não adaptado ao sistema fonológico do Dzubukuá. A palavra supostamente apresentaria o padrão **CVC** em sua sílaba final, ocupada por um labial surda em ataque e uma nasal em coda.

por /k/ e C_3 por /n/. Porém, quando o núcleo é ocupado por /o/, C_1 encontra-se constituído por /p/ e C_3 por /h/.

O Quadro abaixo resume todas as considerações feitas nos parágrafos anteriores acerca das restrições fonotáticas na constituição dos 06 padrões silábicos postulados para o Dzubukuá:

Quadro 7 – Padrões silábicos e suas restrições fonotáticas

	_____	**_____**	**V**	**_____**
			/a, e, i, o, u/	
	C_1	**_____**	**V**	**_____**
	/p, b, t, d, dz, l, ɾ, m, n, ɲ, k, g, h/		/a/	
	/p, b, t, d, ts, dz, l, ɾ, m, n, ɲ, k, g, h/		/e, i/	
	/p, b, t, d, ts, dz, l, ɾ, m, n, ɲ, k, h/		/o, u/	
	/p, b, t, l, m, k/		/ɨ/	
	/b, d, m/		/œ/	
Padrão específicos	**C_1**	**C_2**	**V**	**_____**
	/k/	/l/	/a, e, i, o, u, ɨ/	
	/k/	/ɾ/	/a, o, u/	
	/p/	/l, ɾ/	/i/	
	/g/	/ɾ/	/i/	
	_____	**_____**	**V**	**C_3**
			/a, e, i/	/n/
	C_1	**_____**	**V**	**C_3**
	/b, t, d, k, g, h, n, ɾ, l/		/a/	/n/
	/p, m/		/a/	/h/

	/h, ɲ/		/e/	/n/
	/p, b/		/o/	/h/
	/t/		/o/	/n/
	/p/		/u, ɨ/	/h/
	C_1	**C_2**	**V**	**C_3**
	/k/	/l/	/e/	/n/
	/p/	/l/	/o/	/h/
Padrão geral	**(C)**	**(C)**	**V**	**(C)**

4.6 O ACENTO LEXICAL

Nos dados analisados, as evidências que sinalizam a existência de um acento lexical, em Dzubukuá, são a presença dos diacríticos gráficos **acento agudo (´)** e **grave (`)**, empregados pelo autor em seu texto doutrinário sobre um pequeno grupo de palavras. Esses diacríticos também são utilizados por Mamiani com a mesma finalidade. Mamiani afirma explicitamente em sua gramática (1877[1699]) que utiliza os referidos sinais para indicar a sílaba tônica em palavras do Kipeá. E como a gramática deste último autor era conhecida por Nantes, isto corroborou ainda mais a hipótese de que tais diacríticos também indicariam no texto do Dzubukuá a presença da tonicidade em vocábulos dessa língua. Portanto, com base nessas indicações gráficas, foi descrito de forma preliminar o comportamento léxico-acentual de um determinado grupo de palavras na língua em estudo; grupo esse no qual os referidos diacríticos aparecem. Os lexemas observados revelam um certo padrão de tonicidade lexical passível de ser sistematizado e delineado cuja descrição é apresentada nesta seção.

Salienta-se que, como se está trabalhando com um texto escrito e com dados de uma língua extinta, não foram encontrados indícios consistentes e seguros que possibilitem o avanço da descrição aqui proposta para níveis mais avançados como ritmo, tom, altura ou para dimensões prosódicas maiores, como o delineamento de um contorno entonacional da cláusula e de outros aspectos próprios da oralidade.

Tendo em vista, pois, essas restrições, os resultados a seguir objetivam apresentar tão somente um panorama geral da tonicidade em nível do vocábulo e de suas fronteiras lexicais, visto que, na língua estudada, é o fenômeno mais seguramente visível e mais sujeito à descrição e comprovação. Abstrai-se, dessa forma, quaisquer aspectos suprassegmentais, existentes apenas na dimensão oral das línguas. Tais aspectos, em Dzubukuá, ainda situam-se em um nível além da plausabilidade, existindo tão somente no limiar da especulação, da dúvida e das cogitações ainda não comprováveis linguisticamente.

Verificou-se, na língua, que o acento lexical recai em três posições atestadas nos dados[22]: **inicial**, **medial** e **final**. Constata-se também a presença de **monossílabos tônicos** que se soma ao quadro geral do comportamento acentual da língua em estudo.

O acento inicial recai na primeira sílaba de palavras paroxítonas e proparoxítonas encontradas em Dzubukuá. Nesses casos, o referido acento ocorre em sílabas abertas e fechadas[23] cujo núcleo é ocupado pelas vogais /a, e, i, o, u, œ/:

Exemplos	**Padrão acentual**
(147) /**ta**.i.u/ → [ˈ**ta**.i.u]: dinheiro	ˈ**S**SS
(148) /**kan**.gɾi/ → [ˈ**kan**.gɾi]: fazer bem	ˈ**S**S
(149) /**pe**.ne.ho/ → [ˈ**pe**.ne.ho]: diante de	ˈ**S**SS
(150) /**he**.mɨ/ → [ˈ**he**.mɨ]: céu	ˈ**S**S
(151) /**kli**.ki.e/ → [ˈ**kli**.ki.e]: pedir	ˈ**S**SS
(152) /**po**.li.tan/ → [ˈ**po**.li.tan]: divindade Karirí	ˈ**S**SS
(153) /**ku**.ne/ → [ˈ**ku**.ne]: porventura	ˈ**S**S
(154) /**bœ**.do/ → [ˈ**bœ**.do]: esconder	ˈ**S**S

Como pode ser verificado na coluna à direita, o acento inicial apresenta os padrões gerais ˈ**S**S e ˈ**S**SS, segundo os quais lexemas com tonicidade inicial permitem obrigatoriamente de uma até duas sílabas átonas pós-tônicas e uma sílaba tônica que pode se

[22] A posição do acento na palavra fora contabilizada da direita para a esquerda, da última sílaba à terceira a partir dela (antepenúltima).
[23] Sílabas abertas, em Dzubukuá, são aquelas sem coda, **V**, **CV**, **CCV**, por exemplo, e fechadas são as que possuem coda consonantal: **VC**, **CVC**, **CCVC**.

situar na segunda ou terceira posição a partir da última sílaba átona pós-tônica[24] (da direita para a esquerda).

O acento medial, tal como o anterior, pode ser proparoxítono ou paroxítono, podendo aparecer tanto na antepenúltima sílaba de algumas palavras e na penúltima sílaba de outras. Em relação ao primeiro, a tonicidade proparoxítona restringe-se a um número bastante reduzido de palavras, atestando sua pouca frequência nos dados analisados; ao mesmo tempo em que reflete sua menor preferência pelo sistema fonológico da língua em estudo.

O acento medial proparoxítono aparece em palavras com, no mínimo, quatro sílabas, ocorrendo somente em sílabas abertas cujos núcleos são constituídos pelas vogais /a, e, o, u/:

Exemplos	**Padrão acentual**
(155) /me.**ka**.ki.e/ → [me.ˈ**ka**.ki.e]: murmurar	SˈSSS
(156) /u.l**e**.ki.di/ → [u.ˈl**e**.ki.di]: perguntar	SˈSSS
(157) /u**.o**.li.dze/ → [uˈ**o**.li.dze]: boca	SˈSSS
(158) /ta.ɾu.**ɾu**.ki.e/ → [ta.ɾu.ˈ**ɾu**.ki.e]: ser indiferente	SSˈSSS

As configurações silábico-acentuais SˈSSS e SSˈSSS (como observado na coluna à direita acima) revelam que, em Dzubukuá, palavras proparoxítonas com proeminência acentual medial possuem obrigatoriamente duas sílabas átonas pós-tônicas e, no mínimo, uma sílaba pré-tônica até, no máximo, duas.

O acento medial paroxítono recai em sílabas abertas e fechadas de vocábulos com três ou mais sílabas, cujos núcleos são ocupados pelas vogais /a, e, i, o, u, œ, ɨ/:

Exemplos	**Padrão acentual**
(159) /i.a.**ba**.lu/ → [i.a.ˈ**ba**.lu]: raivoso	SSˈSS

[24] Foi encontrado, no catecismo impresso, um caso isolado onde há dupla acentuação em um vocábulo, uma na preantepenúltima sílaba e outra na antepenúltima. A ocorrência encontrada é constituída pela forma gráfica "**útsó**tsoho" do verbo **utsotsoho** "ofender". Entretanto, no texto de Nantes, o referido verbo apresenta tonicidade medial. O acento lexical, nessa palavra, pode recair tanto na antepenúltima, [u**tso**tsoho], quanto na penúltima sílaba, [utso**tso**ho]; com maior tendência para esta última. Esse comportamento regular e mais recorrente leva a considerar o comportamento acentual em "**útsó**tsoho" como um lapso tipográfico, não sendo, portanto, considerado aqui.

(160) /u.**man.**ɾan/ → [u.ˈ**mã.**ɾã]: inimigo S'**S**S

(161) /da.**he.**klɨ/ → [da.ˈ**he.**klɨ]: finalmente S'**S**S

(162) /a.ɲi.ki.**en.**gi/ → [a.ɲi.ki.ˈ**en.**gi]: ter compaixão SSS'**S**S

(163) /u.o.ho.**i.**e/ → [uohoˈ**i**e]: tudo SSS'**S**S

(164) /u.**ɾo.**bɨ/ → [u.ˈ**ɾo.**bɨ]: notícia S'**S**S

(165) /u.bo.ɾo.**nu**.nu/ → [u.bo.ɾu.ˈ**nu.**nu]: escravo SSS'**S**S

(166) /ho.i.**bœ**.ɾu/ → [ho.i.ˈ**bœ.**ɾu]: transmitir SS'**S**S

(167) /ta.**mɨ**.di/ → [ta.ˈ**mɨ.**di]: oferecer SS'**S**S

Os padrões acentuais fornecidos pelos itens acima são três: S'**S**S, SS'**S**S e SSS'**S**S. Essas configurações sugerem o seguinte: em palavras paroxítonas com três ou mais sílabas e de acento medial, o vocábulo deve ter, no mínimo, uma sílaba átona pós-tônica obrigatória. E também devem possuir obrigatoriamente de uma até três sílabas átonas pré-tônicas.

O acento final ou oxítono aparece em sílabas abertas e fechadas de palavras de duas a quatro sílabas e cujo núcleo é ocupado pelas vogais /a, e, i, o, u, œ/:

Exemplos	**Padrão acentual**
(168) /u.**ka**/ → [u.ˈ**ka**]: amar	S'**S**
(169) /an.ɾan.**ke**/ → [ã.ɾã.ˈ**ke**]: porque	SS'**S**
(170) /ma.**ɲen**/ → [ma.ˈ**ɲẽ**]: mais	S'**S**
(171) /no.**li**/ → [no.ˈ**li**]: porque	S'**S**
(172) /mo.**ɾo**/ → [mo.ˈ**ɾo**]: assim	S'**S**
(173) /ne.**lu**/ → [ne.ˈ**lu**]: porém	S'**S**
(174) /u.i.te.**b**œ/ → [u.i.te.ˈ**bœ**]: separar	SSS'**S**

Acima, os exemplos revelam três padrões acentuais: S'**S**, SS'**S** e SSS'**S**. A partir desses padrões, observa-se, que, em palavras de tonicidade final com mais de uma sílaba, ocorre a presença de, no mínimo, uma sílaba átona pré-tônica e, no máximo, três.

Em monossílabos tônicos, a proeminência acentual recai em núcleos de sílabas abertas e fechadas ocupados pelas fonemas vocálicos /a, e, o, u, œ, ɨ/, constituindo o padrão geral acentual ˈ**S**:

(175) /**ɲa**/ → [ˈ**ɲ**ⁱ**a**]: morrer

(176) /**le**/ → [ˈ**le**]: irritar-se

(177) /**poh**/ → [ˈ**poh**]: olho

(178) /**tu**/ → [ˈ**tu**]: decidir

(179) /**bœ**/ → [ˈ**bœ**]: subir

(180) /**pɨh**/ → [ˈ**pɨh**]: alagar

O comportamento acentual observado nos resultados acima revela, para o Dzubukuá, o padrão geral (S) (S) (S) ˈ**S** (S) (S). Isso implica dizer que todos os lexemas são tônicos, possuindo, no mínimo, 01 sílaba tônica. Além disso, podem também apresentar, no máximo, 04 sílabas átonas distribuídas da seguinte maneira: 02 pré-tônicas com 2 pós-tônicas ou 3 pré-tônicas com 01 pós-tônica. Vale salientar que esta distribuição representa o número máximo observado quando os dois tipos de sílabas átonas mencionadas aparecem juntas.

Abaixo segue um quadro com as configurações acentuais da língua, conforme os padrões apresentados anteriormente:

Quadro 8 – Configurações gerais do acento lexical em Dzubukuá

Tonicidade	**Posição**	**Padrões**
Acento proparoxítono	inicial	ˈ**S**SS
	medial	S'**S**SS e SS'**S**SS
Acento paroxítono	inicial	ˈ**S**S
	medial	S'**S**S, SS'**S**S e SSS'**S**S
Acento oxítono	final	S'**S**, SS'**S** e SSS'**S**
Monossílabos tônicos		ˈ**S**
Configuração geral		(S) (S) (S) ˈ**S** (S) (S)

Nos dados analisados, foi observado que o acento tônico tende a permanecer em cada um das formas quando elas se unem gramaticalmente em uma única estrutura morfológica. Isso é evidenciado quando, em construções léxico-gramaticais, ocorre graficamente, no texto de Nantes, o aparecimento de dois diacríticos simultâneos em uma mesma estrutura. Essa dupla acentuação aparece, em um grupo reduzido de itens, na combinação entre lexemas livres (181, 182), entre formas presas e livres (183) e entre estruturas reduplicadas (184):

(181) [ti.ˈ**dze**.ˈ**bœ**]: relâmpago → [ti.ˈ**dzo**]: chover + [ˈ**bœ**]: subir

(182) [ˈ**kã**.gɾi-ˈ**klu**.bɨ]: muito bom → [ˈ**kã**.gɾi]: fazer bem + [ˈ**klu**.bɨ]: muito

(183) [ˈ**ã**-dze.ˈ**nu**.ɲe-a]: fugi dos laços → [ˈ**ã**]: prefixo de 2ª pessoa + [dzeˈ**nu**.ɲe]: guardar-se

(184) [ˈ**kle**.ˈ**kle**]: ficar manchado → [ˈ**kle**] ficar manchado+ [ˈ**kle**]: ficar Manchado

Comparando a descrição apresentada aqui com o trabalho de caráter fonológico realizado em Queiroz (2008), o que permaneceu foram o número de consoantes e vogais postuladas para o sistema fonológico do Dzubukuá, os fones e alofones encontrados para cada um dos segmentos verificados, os processos de nasalização, alongamento e alçamento vocálicos e apagamento; os configurações-padrão relativas à sílaba e ao acento lexical. Todos esses elementos foram aqui reapresentadas e alguns com mais detalhes em virtude da adição de novos itens possibilitada pela coleta de mais dados a partir do manuscrito estudado. No entanto, uma investigação mais acurada do material impresso e manuscrito levou a uma mudança de posição quanto a suposta existência de "glides" na língua e a uma reinterpretação de casos de alofonia e de alguns processos fonológicos até então presentes na dissertação de 2008.

A presença dos grafemas **j**/**y** e **w**/**v** levou, no trabalho precedente, a postulá-las como indicadores gráficos dos glides /y/ e /w/ para língua. Contudo, esta posição foi revista e ambos os grafemas foram reinterpretados como vogais altas /i/ e /u/. Essa mudança de perspectiva ocorreu com base em três observações. A primeira que, no catecismo impresso, Nantes mostrou-se pouco sistemático em representar graficamente as referidas vogais altas, grafando-as ora **j**/**y** e **w**/**v**, ora com **i** e **u**, seja elas acompanhadas de outra vogal ou precedidas de uma consoante. No manuscrito, o autor marca com um trema (¨) o **i** e **u** nos casos em que se

encontram contíguas a outras vogais, indicando que representam sílabas diferentes e não ditongos. No catecismo, as mesmas vogais altas tremadas são grafadas como **j**/**y** e **w**/**v**. Isso corroborou ainda mais a hipótese de que estes últimos grafemas não eram "glides", mas vogais e a estrutura silábica em que se encontravam não eram ditongos e sim representavam núcleo de sílabas independentes. Uma terceira observação que veio confirmar a hipótese deve-se às notificações deixadas por Mamiani (1877[1699], p.1) para o Kipeá, onde ele afirma que "as vogais entre si não formam ditongos, mas se pronuncia cada uma por si como sílaba diversa". Como a língua aqui estudada e o Kipeá são parente próximos, então foi dada relevância a essa notificação. Isso levou a rever os constituintes que compunha a sílaba em Dzubukuá reinterpretando as tipologias silábicas quanto ao seu padrão silábico e léxico-acentual. Em decorrência disso, houve apenas a reorganização de alguns dados, sem interferir diretamente nas configurações gerais encontradas para a sílaba e para o acento lexical. Ou seja, as novas estruturas silábicas e acentuais resultantes desse processo se encaixaram adequadamente dentro dos padrões silábico e acentuais postulados para a língua, confirmando-os.

Os casos de alofonia, antes estipuladas isoladamente para cada fonema consonantal e vocálico, foram revistos em virtude de sua generalização para dois ou mais fonemas diferentes. A revisão desses casos possibilitou configurar processos plausíveis mais abragentes indicadores de fenômenos novos que poderiam ser adicionados ao quadro dos demais processos fonológicos da língua. Com base nessas ocorrências, foram identificados os casos de êpentese, vozeamento, lateralização, rotacismo, neutralização e harmonização ampliado o quadro dos aspectos fonético-fonológicos da língua. Ainda nesse contexto, alguns dos fenômenos já existentes nesse quadro foram reinterpretados e redistribuídos. Os casos de elisão e palatalização foram considerados, respectivamente, processos de apagamento e adição silábicos. O primeiro foi reunido aos casos de apagamento no quadro dos fenômenos de redução fonológica e o segundo inserido juntamente com os casos de epêntese ao contexto dos fenômenos de adição silábica. Os exemplos tidos como espraiamento da nasal palatal foram incluídos nos casos de nasalização e adição silábica e, portanto, não foram considerados aqui como uma seção à parte, tal como fora colocada no trabalho de investigação anterior.

Essas alterações foram possibilitadas pelo estudo do manuscrito que forneceu mais dados, complementando o material já coletado do catecismo impresso e favorecendo o amadurecimento das reflexões e análises aqui apresentadas. A dissertação de 2008 dedicou-se exclusivamente à obra impressa de Nantes; ao contrário da presente investigação que se

respaldou em ambas as versões do autor, a impressa e a manuscrita, dando mais consistência à descrição dos fenômenos fonológicos aqui realizada.

Vale salientar que o capítulo das alografias resultantes de lapsos tipográficos explícitos que constituiu parte integrante do trabalho de investigação anterior, realizado em 2008, não foi repetido aqui, visto que não integra o objetivo da presente tese. Além do mais, não foram identificadas novas ocorrências, a não ser as já conhecidas e levantadas no referido trabalho dissertativo anterior. Entretanto, quando necessário, recorreu-se a algumas delas ao longo do texto descritivo de determinadas subseções desta tese para justificar desvios do padrão regular observado em itens isolados e para os quais não havia explicação plausível.

5 MORFOLOGIA DZUBUKUÁ: CONSIDERAÇÕES TIPOLÓGICAS E CONCEPÇÕES DE PALAVRA

Embora intuitivamente reconhecida pelos falantes (SAPIR, 1971), a palavra é de difícil definição, uma vez que se encontra, no percurso da comunicação verbal, em uma intricada cadeia constituída pela conexão com outros elementos gramaticais.

Em estudos mais recentes, como os de Givón (1984), Payne (1997), Schachter e Shopen (2007), a palavra é vista em seu contexto de uso operando morfossintaticamente para atender a determinados fins sociocomunicativos.Vê-se também em autores, como Delbecque (2006) e Croft e Cruse (2008), uma relação entre palavra e cognição humana. Nesta últma perspectiva, os componentes lexicais são concebidos não apenas como fenômenos linguísticos, mas também como instrumentos de intermediação simbólica entre a língua e o universo de experiências dos seus falantes.

Isso não é diferente com relação às línguas indígenas, uma vez que, como todas as demais línguas, representam "um sistema único de expressão humana, no qual se cristalizaram os efeitos de uma experiência de vida e de análise inteligente do mundo acumulada através de inúmeras gerações de um povo" (RODRIGUES, 2002, p. 27). Desse modo, as palavras que constituem as línguas indígenas vivas ou que compuseram os sistemas extintos têm muito a dizer sobre importantes aspectos da cosmovisão dos seus falantes e de seu universo socioconceitual.

De acordo com Delbecque (2006), a palavra pode ser definida como signo lexical por meio do qual os universos simbológico, social e vivencial dos seres humanos são categorizados. Ou seja, contêm em si "o conjunto das experiências consideradas cultural, ecológica e historicamente importantes no interior de uma dada comunidade" (p. 50). As palavras, portanto, trazem em si as informações lexicais relevantes acerca dos significados atribuídos pelo homem ao mundo que o circunda e as relações estabelecidas entre ambos.

Conforme o critério empregado para a sua postulação, as palavras podem ser classificadas como **unidades ortográficas**, **fonológicas** e **gramaticais** (CÂMARA JR, 2002, e AIKHENVALD, 2007). As primeiras são estabelecidas com base em convenções ortográficas e funcionam para línguas que já possuam um sistema institucionalizado de escrita. Nesta perspectiva, as palavras, em geral, são unidades lexicais separadas umas das outras por espaços em branco demarcados no texto. No caso do critério fonológico, por sua

vez, as palavras são conceituadas como unidades prosódicas, apresentando, entre outras coisas, acento, comportamento fonotático e princípios fonológicos próprios. Na perspectiva gramatical, por outro lado, a palavra é tratada como uma unidade morfossintática, consistindo da coesão de elementos gramaticais que a estruturam e que ocorrem juntos e não dispersos em uma cláusula.

Todas as palavras se encontram organizadas no **léxico**, o qual funciona como se fosse uma espécie de enciclopédia onde estão estocados os conhecimentos culturais permanentes, internalizados e expressos pelos falantes de uma determinada comunidade. Léxico, nesse sentido, seria como uma lista organizada de vocábulos, onde haveria a correspondência arbitrária entre forma e sentido convencionalizada pelos falantes (AIKHENVALD, 2007). É a essa lista que os falantes sempre recorrem linguística e cognitivamente nas interações sociocomunicativas.

Ao serem enunciadas, as palavras desempenham determinados papéis morfossintáticos, favorecendo a compreensão de uma dada sentença quando comunicada; contribuindo, dessa maneira, para o andamento normal da comunicação verbal. Conforme o conteúdo lexical que trazem e seu comportamento gramatical, as palavras se enquadram em determinadas **categorias morfossintáticas** que, por sua vez, podem ser divididas em **classe aberta** e **fechada**, no tocante a possibilidade de seu inventário ser ampliado ou não.

A classe aberta consiste de um inventário amplo de componentes que pode ser ampliado mediante a incorporação de novas palavras. Essa incorporação pode ser feita via empréstimo ou através da formação de novos itens, empregando, para isso, outros já existentes em seu próprio sistema. A classe fechada, ao contrário, apresenta um inventário restrito, composto de uma quantidade fixa de membros. Tende a consistir de um número razoavelmente reduzido e limitado de componentes.

Interdialetalmente, as classes abertas variam de falante para falante, enquanto as classes fechadas comportam membros que "são [essencialmente] o mesmo para todos os falantes da língua, ou do dialeto" (SCHACHTER; SHOPEN, 2007, p.3).

Para o Dzubukuá, foram empregados, além do critério semântico, o critério ortográfico e o gramatical, ambos complementados pelas considerações de Mamiani (1877[1699]) e Azevedo (1965) em relação às cognatas em Kipeá (parente linguístico mais próximo da língua em estudo). Com base, portanto, nesses critérios, com destaque no comportamento gráfico dos componentes ao nível individual ou combinados com demais elementos, foram configuradas as fronteiras do vocábulo fonológico e postulados lexemas e morfemas gramaticais bem como a dinâmica de suas relações ao nível sintagmático e clausal.

Concomitante, pois, ao significado de cada item, considerou-se os espaços graficamente demarcados entre eles, a combinação de morfemas no interior das estruturas lexicais, e o papel desempenhado por cada item na cláusula. Desta forma, as análises aqui realizadas consideraram a palavra tanto em sua dimensão ortográfica como em sua dimensão semântico-gramatical. Neste último aspecto, observou-se a composição morfológica e o comportamento sintático dos lexemas, ou seja, sua estrutura, distribuição e função na cláusula.

Sendo assim, os dados, em Dzubukuá, podem ser morfologicamente classificados em dois tipos: **lexemas** e **afixos**. O grupo dos lexemas envolve palavras semântica e morfossintaticamente livres e raízes lexicais presas que, embora preservem a autonomia do seu significado lexical como uma palavra, morfossintaticamente ocorrem presas a raízes lexicais livres. Esse é o caso, por exemplo, de alguns advérbios, como **-kie** "não", **-ɾoɾo** "pouco" e **-iho** "muito", por exemplo. Palavras pertencentes ao quadro dos lexemas livres tem-se **padzu** "pai", **kangɾi** "fazer bem" e **dzodzo** "brilhante" considerados, na língua, como substantivo, verbo e adjetivo, respectivamente. Os afixos, por definição, ocorrem unicamente ligado às palavras. Seu "status" semântico e gramatical é reconhecido apenas quando presos estruturalmente a raízes lexicais. Esse é o caso de {hi-}, prefixo de 1ª pessoa, e os sufixos interrogativo{-de} e de polidez {-ba}, por exemplo.

Na língua em análise, foram verificadas nove classes de palavras distribuídas em categorias abertas e fechadas. As classes abertas estão compostas pelos **substantivos**, **adjetivos**, **verbos** e **advérbios**; e as classes fechadas são formadas pelos **numerais**, **pronomes**, **adposições**, **conjunções** e **interjeições**. Não foi encontrada qualquer evidência morfossintática da presença da classe dos artigos em Dzubukuá, o que levou a concluir que o sistema em questão não possui este tipo de categoria gramatical. A ausência de artigos não é incomum em línguas do Tronco linguístico Macro-Jê, ver Alves (2004), Santos (2006), Campos (2009), por exemplo.

Dentre os afixos encontrados, destacam-se aqui os prefixos pessoais. Eles operam como mecanismos transcategoriais recaindo em substantivos, verbos, adjetivos, adposições, advérbios, pronomes e conjunções. Todas estas classes recebem os mesmos prefixos. Nos substantivos, eles sinalizam a flexão de posse, e nas demais categorias eles indicam a flexão de pessoa. Nesse caso, para evitar repetições desnecessárias, optou-se aqui por reunir os prefixos pessoais em uma subseção própria (item 5.6.1.2), na parte referente aos pronomes pessoais, visto que seu caráter é pronominal e sua função é a indicação da 1ª, 2ª e 3ª pessoas no discurso. Nessa subseção, serão dados mais detalhes e informações acerca das

características e comportamento dos referidos prefixos. Enquanto isso, eles serão abordados com menos detalhes em cada seção relativa às classes mencionadas anteriormente, visto que são componentes da dinâmica flexional dessas categorias lexicais.

5.1 *SUBSTANTIVOS*

De acordo com Givón (1984), os **substantivos** ou **nomes** (“nouns”) correspondem a um dos polos extremos de um “continuum” que o autor denomina **Escala de Tempo-Estabilidade**. Segundo essa escala, há entidades que são mais constantes no tempo ou relativamente permanentes, enquanto outras mudam com mais facilidade. A classe dos substantivos, nessa instância, reúne entidades que apresentam uma maior estabilidade no tempo, categorizando-as, por exemplo, como “pessoa”, “árvore”, “pedra”, etc. No entanto, como figuram em um “continuum”, a estabilidade dos nomes ocorre em matéria de grau. Por exemplo, há seres, como animais e pessoas, que crescem, envelhecem e morrem e cessam de existir; ou seja, mudam mais rápido se forem comparadas ao desenvolvimento de uma árvore ou de uma pedra. Entretanto, todos, até não mais existirem, permanecem a mesma e única entidade ao longo do tempo.

Os substantivos constituem uma hierarquia implicativa em que os elementos aparecem organizados conforme seu grau de existência no espaço e no tempo e de acordo com a presença ou ausência dos traços de animacidade e humanidade.

De acordo com Givón (*ibidem*), esta hierarquia pode ser configurada do seguinte modo: **Entidade > Temporal > Concreta > Animada > Humana**. Esta sequência implicacional é de caráter decrescente, indo da esquerda para a direta; partindo de categorias mais gerais ou mais abrangentes para as mais específicas. Isso implica dizer que estando presentes os tipos da direita, obrigatoriamente, também estarão envolvidos os da esquerda, mas não necessariamente o inverso. Ou seja, se um referente é animado, então ele também será uma entidade temporal concreta obrigatoriamente. Porém, se for temporal, ele obrigatoriamente será uma entidade, mas não necessariamente poderá ser concreta, animada ou humana.

A categoria **entidade** representa qualquer ser/objeto/conceito que exista. Envolve nomes abstratos independentemente de possuírem uma existência temporal, tais como, “eternidade”, “paz”, “tenacidade”, etc. O tipo **temporal** corresponde a qualquer entidade

existente no tempo. Está diretamente associada, conforme Givón (1984), aos nomes semiabstratos, como "semana", "mês", "ano", etc. O grupo **concreto** abrange as entidades existentes tanto no tempo como no espaço. Estão relacionadas ao seres inanimados, como "mesa", "montanha", "flor", "planta", "água", etc. A categoria **animada**, por outro lado, representa todo e qualquer organismo vivo que apresenta deslocamento no tempo e no espaço. Refere-se aos seres animados propriamente ditos, como "cavalo", "besouro", "pássaro", etc. E, por fim, segue a classe das **entidades humanas** que está diretamente associada a entidades de caráter humano, como "homem", "mulher", "criança", etc.

5.1.1 Aspectos semânticos

Os substantivos, em Dzubukuá, semanticamente, encontram-se distribuídos nos cinco grupos da hierarquia implicacional apresentada acima[25]:

a) As **entidades não temporais** envolve, em Dzubukuá, nomes abstratos que significam lei/mandamento, modo/caminho, mistérios, matrimônio, laços entre pessoas, carga/obrigação, castigo/pena, doutrina, ensino, motivo, elementos (positivos ou negativos) da natureza humana, jejum, nome, doença, coisa que se tem e que se dar, resistência, avareza, preguiça, inveja, viagem, jornada, pensamento, superstições, casta (tipo), costume, perigo, guerra, verdade, benefícios, zombaria, sede, apostasia, falsidade, febre e riquezas:

(185) i-**e**-kie-ba do i-ɲate-a
3-**carga**-não-SFP1 de 3-trabalhar-PLUR2
não tinham obrigação do trabalho

[25] As cinco categorias aqui apresentadas não são rígidas. Um mesma palavra, dependendo do seu uso, pode apresentar mais de um significado e, portanto, aparecer em duas categorias diferentes. Por exemplo, os vocábulos **bati** e **ukie**. O primeiro pode ser usado tanto para indicar "ano" como "estrela" e os segundo pode referir-se tanto a "dia" como também a "sol". A depender do seu uso em um determinado contexto, essas duas palavras podem tanto pertencer à classe das entidades temporais não concretas como à das entidades concretas.

(186) **urobɨ** mo nɲo i-ui-kli-te do tseho
notícia em Deus 3-fazer-se-PAS-NML de gente
Ensino de Deus feito homem

(187) neto-maɲen-kie-ba kede **hemumu**-te anɾaniede-a?
lembrar-mais-não-SFP1 talvez superstição-PLUR1 antepassado-PLUR2
Não vos lembreis mais porventura das abusões de vossos antepassados?
(lit. não lembram mais talvez das superstições dos antepassados?)

b) As **entidades temporais não concretas** correspondem a palavras que significam elementos usados para demarcar o tempo, como dia (170), anos (171), noite (172), manhã (173):

(188) uitanedike **ukie**
três **sol**
três **dias**

(189) maɲen-kli kede **bati** bo a-uipabœ
passar-PAS talvez **estrela** por 2-confessar
Passastes o **ano** sem vos confessar?

(190) kanatsikie no i-**kaie** no **kaia** dehen
diariamente a 3-**dia** a **noite** também
Todos os dias pela **manhã** e pela **noite**

c) As **entidades concretas não animadas** envolvem fenômenos naturais, elementos minerais e geológicos, objetos produzidos pela natureza, líquidos, elementos medicinais, caça, substâncias em geral, instrumentos, objetos manufaturados e religiosos, cantigas, construções infraestruturais e alimentos:

(191) i-ubananɾe nienuo i-dzene **dzu** tupan
3-ter medo diabo 3-de **água** Deus
O diabo tem medo da água benta?

(192) ka-kli kede **uaiuka** a-na
cantar-PAS talvez **uaiuca** 2-a
Teríeis cantado o uaiuca?

(193) ku-dziklo-a mo **anɾa** i-du
1INCLPL-cair-PLUR2 em **grande casa** 3-fogo
descemos na casa grande de fogo.

(d) As **entidades animadas não humanas** são representadas, no Dzubukuá, por palavras referentes a animais:

(194) bœtodi-a kede **ainde**-a-di
levantar-se-PLUR2 talvez **animal**-PLUR2-FUT
Ressuscitarão porventura os animais?

(195) plo-ba madiki no **doie**
comer-SFP1 mandioca a **capivara**
as capivaras comem a mandioca

a. i-tsoho **nieɲi** mo i-uo
3-existir **cobra** em 3-caminho
a aspereza dos caminhos nos molesta com o temor das cobras
(lit. existe cobras no caminho)[26]

e) As **entidades humanas** além de indicarem seres e traços humanos, referem-se também a entidades espirituais (uma vez que comportam-se como seres humanos);

[26] Quando necessário, serão abertos parênteses dentro da própria tradução portuguesa ou numa linha à parte com significado literal (lit.) dos itens em Dzubukuá apresentados ou com o contexto a que eles fazem referência.

partes do corpo, termos de parentesco, consanguinidade e função social; e aqueles relativos a grau de proximidade entre seres humanos (tais como "amigo", "marido", "esposa", "inimigo", "madrinha", "padrinho", etc.)[27]:

(196) neto-kli **badze uanagidze politan** boho
lembrar-PAS **fumo uanaguidze Politão** ou
Lembraste-vos de vossos antigos deuses Badze, Wanaguidze e Politão?

(197) koho du-di-li i-**beŋe** i-deho i-**poh** do tseho
esse 3ENF-dar-REL 3-**orelha** 3-com 3-**olho** de gente
ele é o que dá a todos olhos e ouvidos.

(198) mete-kli kede **bidzamu** do boŋahen
avisar-PAS talvez **feiticeiro** de adivinhar
Consultastes porventura as bruxas para adivinharem?

Vale salientar que as categorias semânticas dos substantivos elencadas aqui foram caracterizadas apenas com base em seu significado. Ou seja, não apresentam qualquer distinção gramatical entre elas e quaisquer implicações diretas na morfossintaxe da língua.

5.1.1.1 Gênero

De acordo com Crystal (2000), gênero sinaliza os tipos masculino, feminino e neutro. Há, nesta categoria, dois tipos de marcação de gênero que podem co-ocorrer juntas em um sistema linguístico: **gênero natural** e **gênero gramatical**. O primeiro está associado à relação natural entre a palavra e o sexo do referente e o segundo tipo tem a ver com as relações

[27] Nos exemplos 196 e 198 acima, o sujeito não aparece explicitamente nas cláusulas, nem lexicalmente e nem prefixalmente. Esse fenômeno é classificado aqui de analepse ou marcação zero de sujeito. É bastante recorrente em Dzubukuá e, portanto, se repetirá com bastante frequência nos exemplos dados ao longo deste trabalho. Esses casos serão tratados com detalhes, nas subseções 7.8, 7.12 e 7.13 do próximo capítulo.

gramaticais de concordância entre o substantivo e outras classes lexicais regidas por ele em matéria de gênero.

Em Dzubukuá, a indicação de gênero é de natureza semântica, sendo expressa diretamente pela raiz lexical do vocábulo. Ou seja, ele é inerente às próprias palavras. Não foi identificada, portanto, nenhuma marcação morfológica ou sintática diferenciadora de gênero. Diante disso, conforme o comportamento semântico dos itens lexicais analisados, foram postulados, com base na classificação encontrada em Crystal (2000), três tipos de gêneros para as palavras da língua em pauta: o **masculino**, o **feminino** e o **neutro**.

Os **gêneros masculino** e **feminino** em Karirí reúnem termos familiares, de parentesco e consanguinidade, genealógicos e demais expressões atribuídas às entidades humanas cujo significado[28] está diretamente associado ao sexo biológico do referente:

(199) i-**kuku**-te
3-**tio**-PLUR1
tios

(200) di-**teke**
3ENF-**neta**
sua neta

(201) ku-**ɲike**
1INCLPL-avó
nossa primeira mãe

(202) **anɾan**-te
homem-PLUR1
varões

Os substantivos masculinos e femininos possuem antônimos correspondentes. Isso possibilitou agrupá-los em categorias distintas. Abaixo, segue os casos de antonímia:

[28] A título de uma maior objetividade e clareza, está se considerando aqui os termos “sentido”, “significado” e “acepção” como sinônimos.

Quadro 9 - Antônimos entre gêneros

Masculino	Femenino
anɾan: homem	tetsi: mulher
to: avô	ɲike: avó
padzu: pai	de: mãe
biɾan: irmão caçula popo: irmão mais velho	bɨke: irmã
ɾande: amigo	dzide: amiga
anɾotse: homem velho	ɾute: mulher velha

O **gênero neutro** aplica-se a palavras relativas às entidades humanas indicativas de ambos os sexos ou portadoras de significado coletivo ou geral; a vocábulos de referência não-humana e aos lexemas referentes às partes do corpo e às entidades espirituais. Foram classificados assim devido à ausência de pares opostos ou antônimos que os podessem incluir numa das duas categorias genéricas anteriores. Abaixo segue alguns exemplos:

(203) **utu**: fruta, fruto

(204) **anɾaniede**: antepassado

(205) **tseho**: gente

(206) **idi**: coração

(207) **buiehoho**: corpo

(208) **aɲi**: alma

5.1.2 Aspectos morfossintáticos

Além do gênero, os substantivos, em Dzubukuá, apresentam **número** e **posse** que, ao contrário do primeiro, possuem marcação ou indicação gramatical na língua. Os nomes também podem receber, em determinados contextos, os sufixos indicadores de **tempo futuro, reflexividade** e **polidez**. As subseções a seguir abordarão cada uma dessas categorias.

5.1.2.1 Número

Em geral, a pluralidade, em Dzubukuá, é marcada morfologicamente através da sufixação dos morfemas {-te} e {-a}[29] ou através da reduplicação de uma das sílabas da palavra.

Deste modo, pode-se constatar cinco subclasses de substantivos: a) os que recebem apenas o pluralizador {-te}; b) os que recebem somente o pluralizador {-a}; c) os que aceitam tanto um como o outro; d) os casos de pluralização com alomorfia lexical; e e) as reduplicações.

O subgrupo que aceita unicamente o pluralizador {-te} está relacionada, em sua maioria, às entidades temporais não concretas e humanas:

(209) alidze: doença → alidze-te: doenças
doença-PLUR1

(210) anɾan: homem → anɾan-te: varões
homem-PLUR1

Os substantivos que recebem apenas o morfema {-a} está associado, em grande parte, aos vocábulos designativos de entidades animadas humanas ou de termos referentes ao corpo humano:

(211) to: avô → to-a: primeiros pais
avô-PLUR2

(212) uiɲu: menino → uiɲu-a: meninos
menino-PLUR2

(213) buiehoho: corpo → buiehoho-a: corpos
corpo corpo-PLUR2

[29] A ocorrência do pluralizador {-de} em substantivos aplica-se só a casos de marcação morfológica de posse (ver subseção 5.1.2.3).

Verificou-se também a presença de substantivos que recebem indiferentemente tanto um como outro pluralizador. Nas palavras em que isso acontece, ambos os pluralizadores são mutuamente exclusivos, ou seja, quando um está presente o outro não ocorre. Isso foi verificado nos itens **dze** "nome", **de** "mãe e **uboronunu** "escravo" abaixo:

(214) i-dze: nome → i-dze-te ~ i-dze-a: nomes
3-nome 3-nome-PLUR1 3-nome-PLUR2

(215) de: mãe → ku-de-te ~ ku-de-a: nossas mães
INCLPL-mãe-PLUR1 1INCLPL-mãe-PLUR2

(216)
uboronunu: escravo → uboronunu-te: lit. escravos ~ di-boronunu-a: seus escravos
escravo-PLUR1 3ENF-escravo-PLUR2

Em um pequeno número de palavras, a pluralização é seguida de uma alomorfia da raiz do substantivo ao qual o pluralizador se sufixa. A estrutura lexical de origem gera, no plural, um alomorfe lexical silabicamente maior terminado em **te:**

(217) umanɾan: inimigo → k-**umanɾante**-te: inimigos
1INCLPL-inimigo-PLUR1

(218) tetsi: mulher → **tetsite**-a: mulheres
mulher-PLUR2

(219) ainde: animal → **ainde**-a ~ **aindete**-a: animais
animal-PLUR2

(220) ami: comida → k-**ami**-a ~ hi-**amite**-de: o pão nosso
1INCLPL-comida-PLUR2 1-comida-PLUR3

Vale salientar aqui que não foi encontrada qualquer evidência concreta no texto do catecismo e do manuscrito de Nantes que possa levar a uma diferenciação morfossintática ou semântica mais sistemática ou mais consistente no emprego dos dois pluralizadores em substantivos. Neste caso, o que se fez aqui foi um apresentação de alguns itens que recebem os sufixos de plural mencionados; evitando-se, com isso, recorrer a exposição de listas exaustivas de palavras.

Duas hipóteses podem ser levantadas em relação ao emprego dos dois pluralizadores apontados. Na primeira hipótese, cogita-se que o emprego de {-a} e {-te} enquadra-se no que Bickel e Nichols (2007) denominam, respectivamente, de **plural distributivo** e **plural coletivo**. Ou seja, enquanto {-a} indicaria a "pluralidade de indivíduos separados" – como "homens", por exemplo, {-te} corresponderia a uma indicação mais geral e abstrata, denotando um único grupo formado por vários indivíduos ou uma totalidade de indivíduos "humanidade". Na segunda, deduz-se que, como nos verbos, o sufixo {-te} seria, na verdade, um morfema derivacional ou um nominalizador, tornando os substantivos mais abstratos e gerais, como ocorre em dois casos isolados **anrande-te** "amigo-PLUR1": "amizade" e uboronunu-te "escravo-PLUR1": "cativeiro"; e o sufixo {-a} seria um pluralizador propriamente dito. No entanto, os dados encontrados nos textos de Nantes e o contexto onde eles ocorrem não fornecem indícios concretos e consistentes para se defender estas ideias ou confirmar qualquer uma dessas hipóteses. A presença da pluralidade indicada por ambos os sufixos mencionados é a propriedade mais claramente recorrente e explícita nas traduções de Nantes. Portanto, se há realmente uma distinção funcional de ambos os pluralizadores, essa propriedade foi perdida ou apagada pela ausência de notificação ou de indicação textual por parte do autor.

O quinto grupo, por fim, reúne a classe de palavras que sofrem processo de reduplicação da raiz lexical:

(221) muŋakie: mancebo → muŋakie-kie: mancebos

moço-moço

(222) i-ɲu: filho → i-ɲu-ɲu: filhos[30]
3-filho 3-filho-filho

5.1.2.2 Posse

A marcação de posse é realizada morfologicamente e/ou (morfo)sintaticamente. Ela ocorre por meio de **prefixos**, de **incorporações**, de **justaposições** e de **sintagmas adposicionais**. No primeiro caso, a posse é expressa pelos prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas[31] e representa o tipo mais produtivo encontrado em Dzubukuá (223). No segundo, ela ocorre por meio da incorporação à direita de um substantivo em outro (224). Como terceiro tipo, as justaposições, nessa função, são constituídas pela presença de dois substantivos adjacentes sendo que um deles é o possuidor (geralmente o segundo) e o outro o possuído (225). Os sintagmas adposicionais com essa função são bastante recorrentes na língua e consiste na associação entre dois substantivos mediante uma adposição (226):

(223) i-ɲa-te **ku**-bi ho
3-morrer-NML **1INCLPL**-parente
morte de nossos parentes

(224) padzu-**a-ɲu**
pai-**2-filho**
vosso marido
(lit. o pai do vosso filho)

[30] Foi encontrado um caso isolado: <**inhunha**> **i-ɲu-ɲu-a** "filhos", que apresenta redundância de plural mediante a reduplicação da raiz mais o acréscimo do pluralizador {-a}. Diante disso, cogita-se a possibilidade de este caso resultar de um lapso do autor do catecismo ao registrar por escrito a palavra ou de um lapso de tipografia ao trocar erroneamente o grafema "u" por "a" na sílaba final da palavra. Trocas gráficas são bastante frequentes no catecismo. Para isso, consultar a dissertação Queiroz (2008), seção reservada às "alografias".

[31] Informações mais detalhadas sobre as características e dinâmica funcional dos prefixos pessoais são descritas na subseção 5.6.1.2. referente aos prefixos pessoais.

(225) h-ami **anɾanke**

3-comida **céu**

manjar do céu

(226) naɲe-te **mo ɾada**

chefe-PLUR1 **em chão**

majestades da terra

Quando a relação de posse ocorre com os prefixos pessoais enfáticos de terceira pessoa {d-}, {di-} ou {du-}, tem-se a intenção de enfatizar simplesmente a relação estabelecida entre o possuidor e a entidade possuída:

(227) d-**amœda**: sua (própria)mão

3ENF-**mão**

sua (própria) mão

(228) di-**buiehoho**

3ENF-corpo

seu corpo próprio

(229) du-**ɾada**

3ENF-**chão**

sua (própria) terra

No plural, os prefixos pessoais são acompanhados pelos sufixos {-a}, {-te} e pelo pluralizador pronominal{-de} que ocorre apenas, nesses casos, com a primeira pessoa exclusiva, formando a estrutura circunfixal {hi-...-de}:

(230) ani-**aɲi**-a

2- alma-PLUR2

vossas almas

(231) di-**de**-te

3ENF-mãe-PLUR1

suas mães

(232) hi-**to**-de

1-avô-PLUR3

nosso pai

5.1.2.3 Nomes e os sufixos de futuro, reflexivo e de polidez

Os substantivos podem receber o sufixo de tempo futuro {-di} quando se encontram em final de cláusula:

(233) do a-uka-idze do ku-padzu-a **niŋo**-di

de 2-amar-muito de 1INCLPL-pai-PLUR2 **Deus**-FUT

Amarás a Deus sobre todas as coisas

(234) bœtodi kede **ainde**-a-di

levantar-se talvez **animal**-PLUR2-FUT

Russuscitarão porventura os animais?

Quando, na cláusula, se quer chamar a atenção para um traço inerente da natureza de um dos participantes da predicação, o substantivo referente a este traço recebe o sufixo reflexivo {-ho}:

(235) niŋo-kli i-na uan-di do **antse**-ho

criar-PAS 3-a haver-não de **natureza**-REFL

não o formou de sua substância

(236) di-ba nɲo di-**netso-te**-ho di-**krotse-te**-ho
dar-SFP1 Deus 3ENF-**ver-NML**-REFL 3ENF-**ter força-NML**-REFL
(...) ku-do-a
1INCLPL-de-PLUR2
Deus nos fará participantes de sua sabedoria, de seu poder

Em cláusulas eloquentes, os substantivos recebem os marcadores de polidez {-ba} e {-de}. Quando um nome opera como predicado intransitivo, recebe o marcador {-ba} (237), mas quando o substantivo denomina uma autoridade, tende a receber o sufixo {-de}:

(237) **urobɨ**-ba i-na-a
notícia-SFP1 3-a-PLUR2
tiveram antigamente alguma notícia

(238) i-ɲa-kli mo krudza no **naɲe**-de-hi <Pôncio Pilatos>[32]
3-morrer-PAS em cruz a **chefe**-SFP2-EP
Foi Jesus Cristo por nós crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos

Abaixo segue um Quadro reunindo objetivamente as características que fazem parte do comportamento morfológico dos substantivos em Dzubukuá:

Quadro 10 – Morfologia geral dos substantivos

Substantivos		
Gênero	**Masculino**	- termos referentes a entidades humanas do sexo masculino.
	Feminino	- termos referentes a entidades humanas do sexo feminino.

[32] Os sinais "< >" são empregados, nesta tese, para indicar palavras do Português introduzidas pelo próprio Bernardes de Nantes no texto em Dzubukuá.

	Neutro	- termos gerais e coletivos relativos a entidades humanas; - termos referentes a entidades humanas pertencentes a ambos os sexos; - termos referentes a entidades não humanas; - partes do corpo; - termos referentes a entidades espirituais.
Número	**Singular**	- sem aplicação de pluralizadores.
	Plural	- sufixação de pluralizadores {-te} e/ou {-a}; - sufixação do pluralizador {-de} em construções possessivas em 1ª pessoa exclusiva; - substantivo + aumento silábico (alomorfia lexical) + pluralizador; - Ruplicação silábica;
Posse	**Comum**	- utilização dos prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (não enfáticos); - emprego de incorporações; - jusposição; - sintagmas adposicionais.
	Enfática	- ocorre em 3ª pessoa com o emprego dos prefixos enfáticos de 3ª pessoa.
Outras marcações	**Tempo**	- substantivos em final de cláusula + sufixo de futuro {-di}.
	Traço inerente	- substantivos + sufixo reflexivo {-ho} → caráter enfático.
	Polidez	- substantivos (como predicados intransitivo) + sufixo {-ba}; - substantivos (referentes a nomes de autoridade) + sufixo {-de}.

5.1.2.4 Adjuntos

Na sintaxe, os nomes ocupam o núcleo do sintagma nominal, sendo acompanhados pelos seguintes adjuntos:

a) **Adjetivos** – ocorrem em posição posposta (mais predominante) ou anteposta ao substantivo:

(239) i-buiehoho **bu-pi**

3-corpo **CL:aparência-pequeno**

um corpo pequenino

(240) i-**bu-le**-a nienuo-a

3-**CL:aparência-mau**-PLUR2 diabo-PLUR2

maus diabos

(241) i-ɾo-**bu-ku**

3-roupa-**CL:aparência-branco**

um lençol limpo

b) **Numerais** – aparecem antepostos aos nomes no sintagma nominal:

(242) **bihe** anɾan

um homem

um homem só

(243) uitanedike **tseho**

três **gente**

três pessoas

c) **Pronomes** – os demonstrativos aparecem sempre antepostos ao substantivo, enquanto os indefinidos tanto se antepõem quanto se pospõem aos nomes:

(244) **anli** utu
aquele fruta
aquela fruta

(245) **banahoia** uanɾandzi
outro remédio
outro remédio

(246) anɾa **mangi**
grande casa **alguém**
casa de alguém

d) **Substantivos** – nomes podem aparecer adjuntos a outros nomes de forma direta ou indireta mediante o auxílio de uma adposição:

(247) ku-padzu-a **niŋo**
1INCL PL-pai-PLUR2 **Deus**
Deus nosso senhor
(lit. Nosso senhor Deus)

(248) alidze **i-buiehoho**
doença 3-**corpo**
doenças do corpo

(249) h-ami mo **ɾada**
3-comida em **chão**
manjar da terra

e) **Advérbios** – modificam, em alguns casos particulares, o sentido do substantivo pospondo-se a ele:

(250) uekole-**kie**-te
avareza-**não**-PLUR1
esmolas

(251) ɾada-**ploh**
chão-só
terra sensível

(252) ked-amœda **lobœ**
1INCLPL-mãos **totalidade**
dez

(253) niɲo **idze**
Deus muito
é verdadeiramente Deus

Aparecem também como adjuntos dos substantivos, os itens lexicais nominalizados (254, 255) ou relativizados (256) e alguns verbos (257):

(254) utu **ueko**-te
fruta **proibir**-NML
fruta vedada

(255) muɲakiekie i-**kangɾi**-te
moço 3-**fazer bem**-NML
formosos mancebos

(256) ainde-te-a **di-netso-kie-li** nɲo
animal-PLUR1-PLUR2 **3ENF-ver-não-REL** Deus
animais que não conhecem a Deus

(257) tupan **uple**
Deus **mentir**
Deus falso

5.1.2.5 Funções gramaticais

Sintaticamente, os substantivos desempenham as funções gramaticais de sujeito (258), adjunto nominal (com, 259, e sem adposição, 260), predicado intransitivo (261), vocativo (262) e adjunto adverbial (263):

(258) te-kli **i-ɲura** **niɲo** bo hemɨ
vir-PAS 3-**filho** **Deus** por céu
O filho de Deus desceu do céu

(259) ainde mo **hemɨ**
animal em **céu**
pássaros (lit. animal do céu)

(260) uboɾonunu **nienuo**
escravo **diabo**
escravo do diabo

(261) i-**ɲura** niɲo itse
3-**filho** Deus pessoa
eu sou filho de deus

(262) te-kli itse bo=**ɲu-ɲu** bo hemɨ moihi ani-uhamaple-a
vir-PAS pessoa por=**filho-filho** por céu aqui 2-por causa de-PLUR2
Amados filhos, eu desci do céu por amor de vós

(263) me-kli no **kaia** a-unu
dizer-PAS a **noite** 2-dormir
Rogastes a Deus antes de vos deitar à noite?

Como complemento verbal, os substantivos desempenham o papel de objetos direto e indireto:

(264) di-kli a-**bɨho** do **nienuo**
dar-PAS 2-**parente** de **diabo**
OD OI
destes vossos parentes ao diabo

Foram elencados abaixo, lado a lado, as características gerais do comportamento sintático dos substantivos do Dzubukuá:

Quadro 11 – Sintaxe geral dos substantivos

Substantivos		
Adjuntos		**Funções gramaticais**
Antepostos	**Pospostos**	sujeito e objetos sintáticos
adjetivos	adjetivos	adjunto nominal (com ou sem adposição)
numerais	_____	predicado intransitivo
pronomes (demonstrativos e Indefinidos)	pronomes (indefinidos)	vocativo
_____	substantivos (com e sem adposição)	adjunto adverbial

_____	advérbios	_____
_____	itens nominalizados	_____
_____	itens relativizados	_____
verbos	verbos	_____

5.2 VERBOS

Em relação aos substantivos, os verbos se situam no extremo oposto do contínuo da Escala de Tempo-Estabilidade proposta por Givón (1984). Eles sinalizam estados transitórios que mudam mais rapidamente ou mais lentamente. Portanto, dentro do próprio quadro dos verbos, há diferentes níveis ou graus de mudança. É o caso de verbos que denotam mudanças instantâneas como "espirrar"; outros que marcam processos mais lentos como "estudar", "refletir" e há também aqueles que representam eventos mais estáveis como "ser", "estar", "viver". Em Dzubukuá, este mesmo "continuum" é também demarcado por diferentes lexemas verbais, tais como **tsoho** "existir" e **ba** "viver" que indicam processos mais estáveis, e verbos como **titi** "tremer" e **pah** "matar", dentre outros, que denotam processos mais rápidos de mudança.

As diferentes categorias semânticas e o comportamento morfossintático dos verbos serão tratados nas subseções a seguir.

5.2.1 Aspectos semânticos

Na língua estudada, conforme o conceito expressos pela sua raiz lexical, pode-se classificar semanticamente os verbos em **estativos** e **ativos**[33]. Em geral, os primeiros

[33] A divisão e subdivisão apresentadas nesta subseção têm caráter meramente classificatório e semântico não possuindo, deste modo, quaisquer implicações morfossintáticas para a língua em estudo. Optou-se em assim

representam estados, sinalizando uma postura não-ativa do sujeito ou denotam uma situação mais duradoura na linha do tempo; enquanto os do segundo tipo fazem referência às ações ou eventos limitados no tempo (SCHACHTER; SHOPEN, 2007).

Os verbos estativos denotam **estado** (265), **posição** (266), **cognição** (pensamento e memória) (267), **sensação (**que envolve os cinco sentidos) (268), **emoção** (269) e **eventos potenciais** (270, 271)[34]:

(265) keɲe **uan**-kie-ba ɾada **uan**-kie-ba anɾanke
antigamente **haver**-não-SFP1 chão **haver**-não-SFP1 céu
Antes do tempo não havia nem céu, nem terra

(266) i-buiehoho-a **ba**-de-a di-budeuo-a
3-corpo-PLUR2 viver-SFP2-PLUR2 3ENF-cova-PLUR2
os corpos estão em suas covas

(267) **nabetse**-ba kede bo ku-moɾo-te-a
esquecer-SFP1 talvez por 1INCLPL-fazer igual-NML-PLUR2
ele pode se esquecer do que fazemos?

(268) **ubi**-ba kede do di-koto-li mani katsi boho
ver-SFP1 talvez de 3ENF-roubar-REL longe perto ou
Vê também aos ladrões que furtam cá perto e ao longe?

(269) i-**ubananɾe** nienuo i-dzene dzu tupan
3-ter medo diabo 3-de água Deus
O diabo tem medo da água benta?

proceder para mostrar previamente a grande variedade de verbos e a diversidade cognitivo-conceitual apresentada por eles em Dzubukuá.

[34] A classificação a seguir, tanto para verbos estativos como para verbos ativos, teve como base a nomeclatura proposta por Payne (1997).

(270) **to**-kie-ba kede i-buanga-a doihi

poder-não-SFP1 talvez 3-fazer mau-PLUR2 agora

Porventura não podem eles pecar agora?

(271) **neieta**-kli an-atse kede h-ani tetsite-a

desejar-PAS 2-pessoa talvez 3-para mulher-PLUR2

Desejastes pecar com mulheres?

(lit. Desejastes mulheres talvez?)

Os verbos ativos referem-se às **ações da natureza** (272), **processos voluntários** (273) e **involuntários** (ação não volitiva) (274)**; ações intermitentes** (275), **movimento** (276), **eventos factivos** (ação responsável pelo surgimento de alguma entidade) (277), **ações manipulativas** (que induz a alguma ação ou comportamento) (278) e **elocução** (279):

(272) i-**pɨh**-kli-bune-te

3-alagar-PAS-todo-NML

(as chuvas) alagaram toda a terra

(273) **pah**-kli tseho a-na

matar-PAS gente 2-a

Espancastes alguém?

(lit. Mataste gente?)

(274) to kede i-**ɲa** niɲo

poder talvez 3-**morrer** Deus

Deus pode morrer?

(275) **titititi**-ba ɾada

tremer-SFP1 chão

a terra tremeu

(276) i-**bœ**-kli mo hemɨ
3-**subir**-PAS em céu
Subiu ao Céu

(277) **niɲo**-kli dehen tseho mo ɾada
criar-PAS também gente em chão
(Deus) criou também os moradores da Terra

(278) **ueko**-kli mohotse no tupan anli utu i-kangɾi-te
proibir-PAS sem razão a Deus aquele fruta 3-fazer bem-NML
Deus os proibiu comer desta fruta, que parece tão boa
(lit. Deus proibiu comer daquela fruta boa)

(279) ode ku-**me**-a mo i-dze, **me**-kie-ba mo i-dze-te
por que 1INCLPL-**dizer**-PLUR2 em 3-nome **dizer**-não-SFP1 em 3-nome-NML
Por que dizemos em nome, e não em os nomes?

5.2.2 Aspectos morfossintáticos

Em Dzubukuá, os verbos seguem um único e mesmo paradigma, sejam eles estativos ou ativos, apresentando todos a mesma marcação de pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz. Eles exercem exclusivamente função predicativa, existindo um número bastante reduzido de verbos que também podem desempenhar papel atributivo (ver adiante na subseção 5.2.2.7).

A marcação de pessoa é realizada mediante a afixação dos prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoa[35] ao verbo, possuindo caráter argumental, não sendo utilizado em caráter de concordância. Ou seja, os verbos, na língua em estudo, quando flexionados, geralmente não concordam nem com o sujeito e nem com o objeto. O próprio sujeito e o objeto trazem em si a pessoa correspondente do discurso. Quando há concordância, ela não é obrigatória.

[35] Mais informações e detalhes sobre os prefixos pessoais é descrita na subseção 5.6.1.2 pertencente à parte reservada, neste trabalho, ao comportamento dos pronomes pessoais em Dzubukuá.

Ao serem flexionados, os verbos indicam o comportamento morfossintático dos argumentos na sentença: se o sujeito ou objeto direto são enunciados como formas independentes ou como formas codificadas na estrutura lexical do próprio verbo. Este último caso geralmente ocorre em 1ª e 2ª pessoas ou anaforicamente quando o referente ao qual os argumentos do verbo fazem remissão já foi introduzido previamente no discurso.

Deste modo, havia duas opções em que o falante Dzubukuá dispunha, na época, para enunciar o verbo e seus argumentos em uma sentença: com os argumentos (sujeito e/ou objeto) lexicalmente expressos na cláusula ou com eles expressos diretamente na estrutura verbal. No primeiro caso, o verbo permanece obritagoriamente em 3ª pessoa, sendo facultativo o emprego do prefixo de 3ª pessoa {i-} (280a, 281a). Neste caso, o verbo pode aparecer sem marcação (280b, 281b). No segundo, quando o verbo expressa estruturalmente em si mesmo os seus argumentos, ele recebe os prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas de acordo com a pessoa dos participantes envolvidos na predicação. Em Dzubukuá, apenas um dos argumentos é expresso pelos prefixos e não os dois ao mesmo tempo (282, 283):

(280) a. **i**-buanga-nu-kie aɲi
3-fazer mal-PNT-não alma
V **S**
a alma não pode fazer o mal

b. buanga-kli k-atse-a
fazer mal-PAS 1INCLPL-pessoa-PLUR2
V **S**
fizemos mal

(281) a. **i**-netso i-na i-toide-te
3-ver 3-a 3-opor-se-NML
V **S** **O**
ele vê algum impedimento

b. netso-ba k-atse-a i-na
ver-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 3-a
V **O** **S**
Deus nos vê a nós

(282) **ku**-ɲate

1INCLPL-trabalhar

S-V

nós trabalhamos

(283) **k**-uɾio-a i-na-a

1INCLPL-ajudar-PLUR2 3-a-PLUR2

O-V **S**

eles **nos** ajudam

Em Dzubukuá, a propriedade de sinalizar prefixalmente os argumentos diretamente na estrutura verbal é restrita apenas ao sujeito e ao objeto direto, não sendo permido este tipo de comportamento ao objeto indireto, que é obrigatoriamente expresso fora da estrutura verbal.

Não obstante, nem todos os verbos recebem todos os componentes do paradigma geral. Nesse caso, eles podem ser classificados em **finitos** e **não finitos**. Os primeiros apresentam flexão regular, aceitando todas as marcações do paradigma geral. Eles recebem os prefixos de primeira, segunda e terceira pessoa e ocorrem com os pluralizadores {-a} ou {-de}. Este último aparece quando os verbos se encontram flexionados na primeira pessoa formando o plural exclusivo. Os não finitos, por outro lado, não manifestam todos os elementos da morfologia regular (COMRIE; THOMPSON, 2007) tanto em cláusulas simples como na combinações entre sentenças. Eles recebem somente os prefixos de terceira pessoa e o pluralizador {-a} ou aparecem sem flexão de número ou pessoa. Devido a este comportamento, os verbos não finitos podem também ser classificados de **defectivos**, já que não se flexionam em todas as pessoas como os verbos regulares.

Tanto os finitos como os não finitos podem ser estativos e ativos. No quadro dos estativos, como finitos pode-se citar os verbos **bananɾe** “ter medo”, **ubete** “conhecer”, **klodi** “ter força”, por exemplo, e como não finitos cita-se os verbos **ana** “querer”, **tsoho** “existir”, **uan** “haver”. No quadro dos ativos, pode-se encontrar os lexemas verbais finitos **pah** “matar”, **pele** “fazer sair” e **do** “comer” e como não finitos tem-se os lexemas **banɾan:** “começar”, **bɾuka** “vir depressa” e **toide** “opor-se”. Dentre os não finitos, destaca-se **bɾuka** que ocorre unicamente no imperativo sem qualquer flexão de pessoa ou número,

cumulando em si mesmo as noções de 2ª pessoa, plural e modo. Ele pode ocorrer sozinho ou ser acompanhado de um objeto indireto opcional:

(284) **bɾuka** bo=ɲu-ɲu hidz-uka-te
vir depressa por=filho-filho 1-amar-NML
vinde, filhos amados

(285) **bɾuka** hi-aboho
vir depressa 1-com
V **OI**
vinde comigo

Em Dzubukuá, os verbos podem incorporar em si outros verbos (286) e lexemas pertencentes à classe dos advérbios (287), adjetivos (288), numerais (289), substantivos (290), pronomes (291) e adposições (292). Abaixo os itens incorporados seguem em negrito:

(286) i-le-**unu**-kie-ba
3-irritar-se-**sofrer**-não-SFP1
sofreu sem nenhuma indignação

(287) utsotsoho-**idze**-a-ba
ofender-**muito**-PLUR2-SFP1
fizeram muitas afrontas

(288) i-me-bu-**pi**-kie
3-dizer-CL:aparência-**pequeno**-não
nunca ou quase nunca rogar

(289) tu-**bihe**-a
decidir-**um**-PLUR2
logo consentiram

(290) i-tsoho-**hikie**

3-existir-**pertences**

ser rico

(291) me-kli-**ɾo**

dizer-PAS-**isto**

dizer estas palavras

(292) netso-i-**na**-a

ver-3-**de**-PLUR2

eles souberam

As incorporações verbais juntamente com os demais tipos de incorporações existentes na língua em análise serão abordadas em detalhes no capítulo seguinte, referente aos "Aspectos gerais da dinâmica gramatical do Dzubukuá", especificamente na subseção 6.5 adiante.

5.2.2.1 Tempo

O sistema temporal do Dzubukuá se baseia em três tipos gerais, distinguíveis morfologicamente: o **presente**, o **pretérito** e o **futuro**.

O presente é o tempo não marcado (morfologicamente)[36] ocorrendo naturalmente com o verbo flexionado ou não em número e pessoa:

(293) **pete** mɨ-ba-be-ku no padzuaɾe

partir receber-SFP1-CL:redondo-branco a sacerdote

o Sacerdote parte a Hóstia

[36] As terminologias "marcado" e "não marcado", seguindo a proposta de Andrews (2007b) e Dryer (2007b), são empregadas, neste trabalho, como referência a presença explícita ou ausência de algum indicador ou operador morfossintático (morfológico e/ou sintático) que sinalize uma determinada função ou comportamento gramatical.

(294) **ukaiko**-a habɨhan h-ani tseho
calar-PLUR2 verdade 3-para gente
calem a verdade destas novas ao povo

(295) hidz-**uka** a-do
1-**amar** 2-de
eu vos amo

O pretérito e o futuro são os tempos marcados. O primeiro resulta da sufixação de {-kli} a uma estrutura verbal; e o segundo é constituído através da afixação do sufixo {-di} ao próprio verbo:

(296) nuɲe-**kli**-a kede
obedecer-**PAS**-PLUR2 talvez
Obedeceram-lhe porventura?

(297) i-te-di i-krotse-idze
3-vir-**FUT** 3-ter força-muito
virá com grande poder

5.2.2.2 Aspecto

Foram identificados, nos verbos, a presença dos seguintes aspectos: **potencial**, **progressivo**, **intensivo**, **atenuativo** e **iterativo**. Os dois primeiros são marcadas morfologicamente mediante a afixação de sufixos aspectuais constituindo casos de flexão, enquanto os três últimos são sinalizados por meio de uma combinação morfossintática do verbo com advérbios envolvendo estruturas léxico-gramaticais não flexionais.

O aspecto potencial corresponde a uma ação possível, latente ou subjacente, que pode acontecer e que o sujeito da cláusula é capaz de manifestá-la. Nos dados analisados, ele é

expresso mediante a afixação do sufixo potencial {-nu} ao verbo, que obrigatoriamente deve estar na forma negativa (298). O progressivo, por sua vez, representa um processo em andamento, uma ação ainda não concluída na linha do tempo. Nos exemplos abaixo, ele é representado pela afixação do sufixo **-itu** à estrutura verbal (299):

(298) uple-**nu**-kie-ba-hi
mentir-**PNT**-não-SFP1-EP
não pode mentir

(299) doihi dzeia-**itu** anki-a-**itu** i-le-a
agora estar triste-3-**PROG** gritar-PLUR2-3-**PROG** 3-irritar-se-PLUR2
di-do-ho-a
3ENF-de-REFL-PLUR2
Eles estão agora chorando, gritando, agastando-se e maldizendo-se uns aos outros

O intensivo atribui maior intensidade, esforço ou empenho à ação ou processo. O atenuativo, ao contrário, ameniza ou atenua a intensidade da ação, diminuindo o grau de empenho gasto ao executar uma atividade. O iterativo, por seu lado, refere-se a uma ação ou processo intermitente, que se repente na linha do tempo. Esses três últimos aspectos são expressos por advérbios unidos ao lexema verbal. O intensivo é formado pela incorporação dos advérbios **klubɨ** (300), **idze** (301) e pelo recebimento da raiz adverbial **-iho** (302) pelo verbo. Todos estes advérbios denotam "muito". O atenuativo, por seu turno, ocorre quando os verbos recebem o advérbio **-ɾoɾo** "pouco" (303), e o iterativo ocorre com os advérbios **-ɾone** "(agir) repetidamente" (304) ou **maɲen** presos ao verbo – que denota, neste contexto, "mais (outra vez)" (305):

(300) hi-ɲeto-**klubɨ** ani-ei
1-agradecer-**muito** 2-para
dou-vos muitas graças

(301) hanakle-**idze**-a-ba-hi

ter vergonha-**muito**-PLUR2-SFP1-EP

terão muita vergonha

(302) i-tsoho-**iho**-a i-badoie

3-existir-**muito**-PLUR2 3-descedente

Teve muitos descendentes

(303) di-pele-**ɾoɾo**-li di-buanga-te

3ENF-fazer sair-**pouco**-REL 3ENF-fazer mal-NML

Os que fazem pesar se contentam de dizer seus pecados

(304) i-beɲe-**ɾone**-ba krudza

3-marcar-repetidamente-SFP1 cruz

fazemos tantas vezes o sinal da Cruz

(305)

dzikloku an-atse-di h-ani tupan (...) du-mi-**maɲen**-li

estar cheiroso 2-pessoa-FUT 3-para Deus 3ENF-receber-**mais**-REL

an-atse-a mo ɾada do di-ɲuɲu[37]

2-pessoa-PLUR2 em chão de 3ENF-filhos

vos achais todos alegres, limpos e agradáveis diante de Deus o qual torna (...)

a receber-vos por seu filho neste mundo

Com base nos dados analisados, foi postulada a ordem morfológica geral **Verbo–Aspecto–Tempo**:

[37] Quando necessário, recorrer-se-á à supressão de partes do enunciado – sinalizada por **(...)**, sem com isso prejudicar o sentido do mesmo. Esse procedimento foi adotado para evitar a transcrição de trechos excessivamente longos que poderiam dificultar o acompanhamento e a compreensão do leitor às análises realizadas.

(306) umɨkede-kli do a-ɲu-ɲu do i-**te-ɾone**-a mo tupan
mandar-PAS de 2-filho-filho de 3-**vir-repetidamente**-PLUR2 em Deus
Verbo-Aspecto (iterativo)-Tempo (presente, [ø])
do i-me-a do di-ɲu
de 3-dizer-PLUR2 de 3ENF-comer
Mandastes a vossos filhos que frequentassem a Igreja?

(307) **tu-iho-kli** an-atse ɾadamɨ do i-pah ploh no an-le
decidir-muito-PAS 2-pessoa interior de 3-matar só a 2-irritar-se
Verbo-Aspecto (intensivo)-Tempo (passado)
Desejastes interiormente matar alguém, deixando-vos levar pela paixão e ira?

(308) uɾobɨ mo <Jesus Cristo> di-**te-maɲen**-li-**di** mo ɾada
notícia em 3ENF-**vir-mais**-REL=**FUT** em chão
Verbo-Aspecto (iterativo)-Tempo (futuro)
do di habe do tseho
de dar pagamento de gente
Ensino de Jesus Cristo voltando à terra para julgar o mundo

5.2.2.3 Modo

Na língua, os verbos podem aparecer nos modos **declarativo**, **interrogativo** e **imperativo**. Cada um destes possuem um subtipo **afirmativo** e outro **negativo**.

O declarativo e o interrogativo, quando ambos ocorrem na forma afirmativa, aparecem sem qualquer negador (309-310). Entretanto, quando eles ocorrem na forma negativa (311-312) recebem um ou outro dos negadores adverbiais **-di** ou **-kie**:

(309) koho du-**niŋo**-li ku-idi-a

esse 3ENF-**criar**-REL 1INCLPL-coração-PLUR2

ele que fez os nossos corações

(310) **doihen**-kli kede nienuo dehen mo di-buanga-te

permanecer-PAS talvez diabo também em 3ENF-fazer mal-NML

Está talvez o diabo obstinado no mal?

(311) peleui-maŋen-nu-**di**

sair-mais-PNT-**não**

nunca mais sai

(312)

mo=ande ba niŋo keŋe no uan-**kie** anɾanke

em=quem viver Deus antigamente a haver-**não** céu

no uan-**kie** ɾada

a haver-não chão

Onde estava Deus antigamente quando não havia Céu nem terra?

O imperativo afirmativo, em Dzubukuá, ocorre apenas no tempo presente, podendo ser subdividido em formas **regular** e **irregular**. O imperativo negativo, porém, é sempre regular e pode aparecer tanto no presente como no futuro. Cada um desses subtipos são construídos a partir dos seguintes princípios abaixo elencados:

a. Afirmativo regular → alomorfe adpositivo {do(=)} (cliticizado ou não) ou {da=} + verbo (em início de cláusula e não flexionado em 3ª pessoa enfática) (313-315);
b. Afirmativo irregular → verbo não-finito **bɾuka** sem qualquer flexão (316);
c. Negativo presente → adposição cliticizada {do=} + forma verbal {pɾi}(sem flexão e em início de cláusula) (317-318);
d. Negativo futuro → adposição {do} opcional + verbo (flexionado ou não em pessoa e em início de cláusula) + **-kie** + {-di} (319-320).

Abaixo segue os exemplos dos respectivos princípios acima:

(313) **do** a-uka-idze do ku-padzu-a niɲo-di

de 2-amar-muito de 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus-FUT

Amarás a Deus (nosso Senhor)

(314) **do**=aɲi-hanakle i-dzene a-padzu i-dzene an-de-di

de=2-ter vergonha 3-de 2-pai 3-de 2-mãe-FUT

Honrarás a teu pai e a tua mãe

(315) **da**=dz-uɾio a-na bo=padzu niɲo do i-ne-oɲe

de=1-ajudar 2-a por=pai Deus de 3-olhar-bem

ERG

Senhor, (...) ajudai-me a me perservar

(316) **bɾuka** hi-aboho bo=ɲu-ɲu

vir depressa 1- com por=filho-filho

Vinde comigo, meus queridos filhos

(317) **do=pɾi** bo=ɲuɾa di tseho do i-bu-le-te

de=deixar por=filho dar gente de 3-CL:aparência-mau-NML

Fugi, filho, de rogar pragas à gente

(318) **do=pɾi** a-ubananɾe-a

de=deixar 2-ter medo-PLUR2

não tenhais medo

(319) do a-koto-to-**kie-di**

de 2-roubar-inventar-**não-FUT**

Não furtarás

(320) neieta-**kie** aboho banahoia-**di**

desejar-**não** com outro-**FUT**

Não desejarás a mulher do teu próximo

5.2.2.4 Voz

Podem ser identificadas quatro vozes verbais em Dzubukuá: **ativa**, **passiva**, **reflexiva** e **recíproca**.

A voz passiva se faz com a sufixação do nominalizador {-te} à forma ativa do verbo no pretérito constituindo o complexo sufixal {-kli-te}:

(321) a. a-**ɲa-**kie-a-di:

2-**morrer**-não-PLUR2-FUT

não morrereis

b. a-ɲa-**kli-te**

2-morrer-**PAS-NML**

haverdes padecido a morte

(322) a. **ui**-kli do uiɲu:

fazer-se-PAS de menino

ele se fez menino

b. hi-**ui-kli-te**

1-fazer-se-**PAS-NML**

me haverdes feito

(323) a. i-**tu**-lobœ-a mo hemɨ do ku-nuɲe-te bo
3-decidir-todalidade-PLUR2 em céu de 1INCLPL-obedecer-NML por
i-du nienuo
3-fogo diabo
todos os três juntos resolveram nos preservar do fogo do inferno

b. **tu-kli-te**
foi servido eleger
(lit. foi decidido)

Em geral, a voz reflexiva e a voz recíproca na língua são construídas de acordo com os princípios abaixo:

a. Voz reflexiva → adposição flexionada em 1ª, 2ª e 3ª (enfática) pessoas + sufixo reflexivo {-ho} (324-326) [38];
b. Voz recíproca → adposição flexionada em 1ª, 2ª e 3ª (enfática) pessoas + sufixo reflexivo {-ho} + pluralizador {-a} (327-329).

Abaixo seguem exemplos dos respectivos princípios indicados acima:

(324) di-ba itse **hi-na-ho** a-do bo=padzu
dar-SFP1 pessoa **1-a-REFL** 2-de por=senhor
Eu me dou e ofereço a vós, Senhor

(325) do=kede-oɲe a-buanga-te **a-na-ho**
de=dizer-bem 2-fazer mal-NML **2-a-REFL**
dizei de vós mesmos os vossos pecados

[38] Foi encontrado no catecismo e no manuscrito apenas um caso isolado em que se usa a 3ª pessoa comum e não a enfática na adposição **no** constituindo a forma **i-na-ho** na voz reflexiva. No entanto, como há somente um único caso, esta estrutura foi interpretada aqui como um lapso tipográfico ou do autor da obra; sendo a forma verdadeira considerada **di-na-ho**.

(326) mɨ-kli i-ɲuɾa niɲo anli i-buiehoho (...) **di-domo-ho**

receber-PAS 3-filho Deus aquele 3-corpo **3ENF-em-REFL**

o Filho de Deus tomou a si este corpo

(lit. o Filho de Deus recebeu em si próprio aquele corpo)

(327) uitebœ k-atse-a **ku-bo-ho-a**-di

separar 1INCLPL-pessoa-PLUR2 **1INCLPL-por-REFL-PLUR2**-FUT

nos apartaremos uns dos outros

(328) bo i-di i-ɲa a-uka-te **a-do-ho-a**

por 3-dar 3-morrer 2-amar-NML **2-a-REFL-PLUR2**

para que ele vos dê a graça de vos amardes um ao outro

(329) do koho pihoho-de-a **di-bo-ho-a** nelu

de esse ser separado-SFP2-PLUR2 **3ENF-de-REFL-PLUR2** porém

Mas então serão apartados uns dos outros

5.2.2.5 Particípio, infinitivo e gerúndio

Nos verbos da língua em estudo, foi identificada a presença das seguintes formações verbais: **particípio**, **infinitivo** e **gerúndio**.

O particípio é consituído pela afixação no verbo do sufixo de tempo passado {-kli} seguido do nominalizador {-te}:

(330) a. peihan: fechar → i-peihan-**kli-te**: fechado

3-fechar-**PAS-NML**

(331) a. niɲo: criar → i-niɲo-**kli-te**: criado

3-criar-**PAS-NML**

Os infinitivos, na língua, são formados de forma analítica, quando os verbos são antecipados preferencialmente pela adposição **do** (332) ou geralmente quando se encontram em locuções precedidos de outros verbos (333):

(332) ku-e-a **do** **k-uka-a** do
1INCLPL-carga-PLUR2 **de** **1INCLPL-amar-PLUR2** de
ku-padzu-a nɲo
1INCLPL-pai-PLUR2 Deus
Temos obrigação de amar a Deus nosso Senhor

(333) do=pɾi **nemoli** h-ani tseho
de=deixar **desprezar** 3-para gente
Guardai-vos de desprezar a alguém

O gerúndio, por outro lado, é constituído analiticamente pela adposição **do** precedendo o verbo flexionado na 3ª pessoa enfática (334). Em quase todos os casos, ocorre, nessas circunstâncias, a cliticização da referida adposição ao verbo com o prefixo enfático. A forma cliticizada da adposição é representada pelo proclítico {da=}:

(334) ɲa: morrer → **do** **di**-ɲa : morrendo
de **3ENF**-dizer

(335) me: dizer → **da**=**di**-me: dizendo
de=**3ENF**-dizer

(336) ne: olhar → **da**=**di**-ne: olhando
de=**3ENF**-olhar

(337) kangɾi: fazer bem → **da**=**di**-kangɾi: dando saúde
de=**3ENF**-fazer bem

5.2.2.6 Verbos e afixos de ênfase e polidez

Os verbos, em determinados contextos, são marcados morfologicamente para expressar ênfase e polidez. No primeiro caso, eles recebem os prefixos enfáticos de terceira pessoa e, no segundo, os sufixos de polidez {-ba} e{-de}.

Quando se quer pôr em evidência o agente da ação ou desencadeador de um processo, ou chamar atenção para o sujeito que se encontra em um determinado estado ou situação, os verbos, na cláusula, recebem os prefixos enfáticos de terceira pessoa[39]:

(338) uan-kie-ba kede **di**-tsoho-kieho-li i-bete niɲo
haver-não-SFP1 talvez **3ENF**-existir-antes-REL 3-por Deus
Porventura houve alguém que tivesse de ser primeiro que Deus?

(339) pli-kie-ba **d**-uka ɾadamɨ i-do-a
deixar-não-SFP1 **3ENF**-amar interior 3-de-PLUR2
não deixou de os amar em seu coração

(340) a-utsotsoho-kie-a-di do **d**-utsotsoho-li a-do-a
2-ofender-não-PLUR2-FUT de **3ENF**-ofender-REL 2-de-PLUR2
não fazer mal a quem vô-lo faz

Para expressar eloquência, os verbos recebem os sufixos de polidez {-ba} e{-de}, dando um certo tom solene ao que é dito, visto que se dirige a um público mais amplo.

O morfema de polidez{-ba}, por seu lado, aparece em verbos tanto no modo afirmativo (menos recorrente) como negativo (mais frequente). Ao sufixar-se na forma afirmativa de verbos estativos e ativos, ele realça, no caso dos primeiros, o estado atual em que o sujeito da cláusula se encontra (341), e, no caso dos segundos, ressalta a ação em si mesma realizada

[39] Foi encontrado um único caso no catecismo em que {-ho} ocorre diretamente na estrutura verbal. Isso foi visto com o verbo **moɾo** "fazer igual" na estrutura **i-moɾo-ho** (3-fazer igual-REFL) "assim o fez". Contudo, foi interpretado como uma falha tipográfica, uma vez que não existe no manuscrito e nem em qualquer outra parte do próprio catecismo. Ele aparece em início de resposta, caso típico de palavras cuja posição é marcada pelo sufixo epistêmico {-hi}. Então, possivelmente a forma verdadeira da estrutura anterior seria **i-moɾo-hi**.

pelo sujeito sintático (342). E preso à forma negativa desses verbos, ele ressalta a própria negação verbal expressa no discurso (343, 344):

(341) klo-bihe kaiaku i-deho h-enuɲe ba-**ba** <Jesu Christo>
estar dentro-um lua 3-com 3-entre viver-**SFP1**
bo i-bœtodi mo ɾada
de 3-levantar-se em chão
Deixou-se estar nosso Senhor quarenta dias na terra com os seus Discípulos

(342) a-ɲa-ba-hi
2-morrer-SFP1-EP
perdereis a vida

(343) to-kie-**ba** kede i-buanga-a doihi
poder-não-**SFP1** talvez 3-fazer mal-PLUR2 agora
Porventura não podem eles pecar agora?

(344) ku-dzi-kie-**ba**
1INCLPL-baixar-se-não-**SFP1**
não descemos nós

O sufixo {-de} recai apenas em verbos no modo afirmativo. Em verbos estativos, ele realça o caráter provisório (345) ou permanente (346) expressso por estes. E em verbos ativos, indica o caráter temporário de uma determinada ação (347):

(345) klo-**de**-a uiɲu-a mo i-mudu di-de-te
estar dentro-**SFP2**-PLUR2 menino-PLUR2 em 3-ventre 3ENF-mãe-PLUR1
estão os outros meninos nas entranhas de suas mães

(346) do koho pihoho-**de**-a di-bo-ho-a nelu
de esse ser separado-**SFP2**-PLUR2 3ENF-de-REFL-PLUR2 porém
Mas então serão apartados uns dos outros

(347) do i-meidɨ <Adão> i-nɨɲo i-na no unu-**de**-hi
de 3-costela 3-criar 3-a a dormir-**SFP2**-EP
Deus a fez de uma costa de Adão enquanto dormia.

Em Kipeá, os sufixos de polidez {-de} e {-ba} do Dzubukuá correspondem {-de} e {-bæ}. De acordo com Mamiani (1877 [1699], p. 94-95), o primeiro "se usa por elegância no fim dos verbos, em particular com os verbos de Estar, Jazer"; enquanto o segundo "serve de elegância no fim dos verbos" e "em particular se forem negativos". Essa visão também foi adotada por Azevedo (1965, p.86) para o próprio Kipeá. Isso corrobora ainda mais a empregabilidade destes sufixos também como indicadores de polidez para Dzubukuá.

5.2.2.7 Verbos como modificadores nominais

Há, em Dzubukuá, um pequeno grupo de que, ao contrário da maioria, opera também como adjuntos nominais, modificando o sentido do substantivo, precedendo-o ou seguindo-o dentro de um sintagma nominal. Para isso, eles perdem sua propriedade predicativa, típica dos verbos. Nessa função, foram encontrados tanto verbos estativos como ativos.

Os verbos estativos expressam alguma propriedade ou característica pertencente a uma dada entidade. Este traço geralmente está associado à aparência física (348-349). Os verbos ativos, por seu turno, enquadram-se no grupo daqueles que geralmente expressam ação voluntária ou emoção, mas quando funcionam como adjuntos nominais recebem significados estativos (350-351) e perdem sua função predicativa:

(348) i-beŋe-ba | i-**kohe** aŋi |
3-marcar-SFP1 3-**estar podre** alma
V(predicado) **V(adjunto)** **SUB**
SN
mostra que (...) trazia sua alma **podre** |

(349) ku-ba-a i-lanbɨ-kie mo | ihitsote ɾada **nanle** |
1INCLPL-viver-PLUR2 3-acabar-não em este chão **ser feio**
V + V SUB V(adjunto)
(predicado/locução verbal) SN
vivemos eternamente neste vale de misérias

(350) peleui-ba maɲen | bidzamu **uple** |
sair-SFP1 mais feiticeiro **mentir**
V(predicado) SUB V(adjunto)
SN
parece destes feiticeiros enganadores

(351) bukeke-ba | aɲi i-**kangɾi** |
ser bonito-SFP1 alma 3-**fazer bem**
V(predicado) SUB V(adjunto)
ele dá vigor e vida às almas bem dispostas

Nos termos propostos por Delbecque (2006), Croft e Cruse (2008), os verbos apresentados acima representam os membros menos prototípicos da categoria gramatical ao qual pertencem, uma vez que revelam comportamentos particulares que os situam na fronteira entre uma classe lexical e outra. Nesse caso, o subgrupo de verbos apresentados acima possuem traços que os aproximam dos adjetivos.

5.2.2.8 Transitividade verbal

De acordo com o número de argumentos exigidos na predicação, os verbos podem ser classificados em intransitivos, transitivos e ambitransitivos. Os do primeiro tipo correspondem a verbos que exigem um argumento central obrigatório (WU, 2006), correspondendo a verbos monovalentes. Os transitivos, por outro lado, reúnem grupos de verbos que apresentam pelo menos dois argumentos centrais obrigatórios e, no máximo, três,

podendo, portanto, ser subdivididos, respectivamente, em bivalentes e trivalentes. E os ambitransitivos reúnem em si o quadro dos verbos que operam tanto transitivamente como intransitivamente (DIXON; AIKHENVALD, 2000). No entanto, há operações utilizadas pelas línguas para ajustar a valência dos seus verbos, aumentando-a ou reduzindo-a. Isso ocorre também no Dzubukuá e será estudada na subseção 7.7.2.3.1 referente à "transitivização e detransitivização", pertencente ao capítulo 7 da sintaxe.

Em Dzubukuá, a intransitividade recai tanto em verbos estativos (352, 354) e ativos (353, 355), sejam eles finitos (352, 353) ou não finitos (354, 355):

(352) **dzeia**-idze-a-ba a-ɲutetsite-a
estar triste-muito-PLUR2-SFP1 2-filha-PLUR2
V **S**
vossas filhas estão muito tristes

(353) **unu**-kie-ba tupam
dormir-não-SFP1 Deus
V **S**
Deus não dorme de noite

(354) i-**bepli**-bu-ie-ba di-ɲu-ɲu
3-**ficar assustado**-CL:aparência-grande-SFP1 3ENF-filho-filho
V **S**
os seus discípulos ficaram assustados

(355) **titititi**-ba ɾada
tremer-SFP1 chão
V **S**
a terra tremeu

Verbos transitivos bivalentes são encontrados também entre as formas verbais finitas (356, 357) e não finitas (358, 359) sejam ambos estativos (356, 358) ou ativos (357, 359):

(356) i-**ubananɾe** nienuo i-dzene dzu tupan

3-t**er medo** diabo 3-de água Deus

V **S** **O**

O diabo tem medo da água benta?

(357) **pah**-kli tseho a-na

matar-PAS gente 2-a

Espancastes alguém?

(lit. Mataste gente?)

(358) **pi**-de an-atse hi-aboho

estar fincando-SFP2 2-pessoa 1-com

V **S** **O**

estais comigo

(359) **pli**-ba ɾada hi-na

deixar-SFP1 chão 1-a

V **O** **S**

eu hei de deixar a terra

Há também, na língua, verbos transitivos que exigem obrigatoriamente três argumentos, sendo um deles o sujeito e os outros dois, os objetos. Esses tipos de verbos são denominados pela literatura linguística de trivalentes ou ditransitivos, visto que apresentam um duplo objeto (ANDEWS, 2007b). Eles ocorrem apenas com verbos ativos finitos (360) e não finitos (361):

(360) uide kede habe **di** niɲo ku-padzu-a do nienuo

que talvez pagamento **dar** Deus 1INCLPL-pai-PLUR2 de diabo

O **S** **O**

Que castigo Deus deu ao diabo?

(361)

tamɨdi-kie-ba	i-ɲura	niɲo	no	padzuare	dehen	h-ani	niɲo
oferecer-não-SFP1	3-filho	Deus	a	sacerdote	também	3-para	Deus
V	**O**		**S**			**O**	

Não oferece também o sacerdote o Filho de Deus à majestade de Deus?

Em Dzubukuá, constata-se também a presença de um grupo pequeno de verbos que se comportam ora como intransitivos (monovalentes), ora como transitivos (bivalentes). Quando monovalentes, exigem obrigatoriamente um sujeito como argumento central, e, quando bivalentes, demandam um sujeito e um objeto como argumentos obrigatórios. Nesses casos, ambitransitividade é causada por motivações semântico-funcionais constituindo dois tipos de processos. O primeiro ocorre em verbos cuja variação de transitividade decorre de uma mudança semântica interna à própria palavra. O segundo processo, por sua vez, está relacionada ao tipo de sujeito empregado na cláusula.

O grupo de verbos ligados ao primeiro processo apresentam funções distintas dentro da cláusula de acordo com um dos significados que assume. Os verbos não existenciais se comportam da seguinte maneira: são monovalentes quando estativos (362a), mas bivalentes quando ativos (362b). Nos verbos existenciais, por outro lado, com a mudança de significado ainda permanecem como estativos, contudo constituem predicados diferentes. Quando monovalentes, formam predicados existenciais (363a, 364a), mas quando bivalentes, operam como predicados possessivos (363b) ou nominais (364b):

(362) a. i-**kangri**-a k-aɲi-a

3-**fazer bem**-PLUR2 1INCLPL-alma-PLUR2

V **S**

nossas almas são boas

b. i-**kangri**-ba k-aɲi-a i-na-a

3-**fazer bem**-SFP1 1INCLPL-alma-PLUR2 3-a-PLUR2

V **O** **S**

eles curam as nossas almas

(363) a. odeiho i-**tsoho** niɲo

quanto 3-existir Deus

V **S**

Quantos Deuses há?

b. bihe i-padzu i-**tsoho** i-do mo hemɨ

um 3-pai 3-**existir** 3-de em céu

O **V** **S**

Deus só tem pai no céu

(364) a. **uan**-kie anɾanke

haver-não céu

V **S**

não havia céu

b. **uan**-di uɾo i-ɲa-te

haver-não isto 3-morrer-NML

V **S** **O**

isto não é morte

Por outro lado, os verbos relacionados ao segundo processo são monovalentes quando acompanham um agente não humano (365a, 366a) que desempenha a função de sujeito; ou, ao contrário, são bivalentes quando o papel de sujeito é exercido por um agente humano (365b, 366b):

(365) a. **uple** uɾo

mentir isto

V **S**

isto é mentira

b. keɲe **uple**-kli nienuo do ku-to-a

antigamente **mentir**-PAS diabo de 1INCLPL-avô-PLUR2

V **S** **O**

o inimigo enganou antigamente a nossos primeiros pais

(366) a. **peihan**-kli kedze ukie
fechar-PAS instantaneamente sol
V **S**
no mesmo instante, o sol se escureceu

b. **peihan**-kli i-nu budeuo i-na-a i-deho kro
fechar-PAS 3-entrada cova 3-a-PLUR2 3-com pedra
V **O** **S**
fecharam a entrada do sepulcro com uma grande pedra

Como pôde ser visto nos exemplos acima, os verbos ambitransitivos são encontrados entre verbos finitos (365) e não finitos (366). Porém, enquanto eles podem ser estativos e ativos no quadro dos finitos, eles só são estativos quando não finitos.

A presente subseção teve como foco somente o verbo e o número de argumentos por ele exigidos na cláusula. A relação semântico-gramatical mantida entre ele e os participantes da predicação serão tratatados na seção 7.8 relativa à marcação dos casos semânticos e sintáticos recorrentes em Dzubukuá.

5.2.2.9 Causativização verbal

A causativização verbal se dá quando ao verbo é afixado o prefixo causativo {pe-} sinalizando a presença de um sujeito-agente intencional, causador de uma ação deliberada ou desencadeador consciente de um processo. Em verbos estativos, ele modifica seu "status" semântico-funcional tornando-os verbos ativos (367). Quando recai em verbos ativos, ele intensifica a ação expressa pelos verbos (368). Ao intensificar essa ação em um verbo intransitivo, o prefixo causativo aumenta a valência desse verbo (369):

(367) a. ba tupan ani-aboho
viver Deus 2-com
Deus está em vossa companhia

b. mo=ande kune **pe**-ba-a no nɲo
em=quem porventura **CAUS**-viver-PLUR2 a Deus
Onde lhes fez Deus a morada?

(368) a. pli-ba ɾada hi-na
deixar-SFP1 chão 1-a
eu deixei a terra
b. di-buanga-li **pe**-pli-ba i-na-a
3ENF-fazer mal-REL **CAUS**-deixar-SFP1 3-a-PLUR2
eles expulsam com ira os maus

(369) a. buanga-kli k-atse-a
fazer mal-PAS 1INCLPL-pessoa-PLUR2
V(PI) **S**
nós fizemos mal
b. **pe**-buanga-kli tseho i-na
CAUS-fazer mal-PAS gente 3-a
V(PT) **O** **S**
ele acabou de perverter quase todo mundo

As cláusulas causativas ocorrem sempre em 3ª pessoa, sendo que, como já mencionado anteriormente, o prefixo {i-} é opcional quando não corresponde, na predicação, a um argumento, como é o caso dos exemplos acima. O prefixos de 3ª pessoa precedem geralmente o prefixo causativo na morfologia verbal:

(370) **i**-pe-hanakle nienuo i-na
3-CAUS-ter vergonha diabo 3-a
ele envergonha o diabo

Em geral, com relação à posição dos afixos na estrutura verbal, pode-se obter a seguinte configuração geral: (proclítico adpositivo) + (prefixo pessoal) + (prefixo causativo) + **verbo** +

(sufixo aspectual) + (sufixo temporal de passado) + (nominalizador) + (pluralizador) + (sufixo temporal de futuro) + (sufixo de polidez).

Como o padrão anterior revela, o verbo é o componente obrigatório, podendo aparecer sozinho ou acompanhado pelos afixos mencionados, conforme a relação gramatical que ele desempanhar na cláusula. Quando exigidos, os afixos ocorrerão na ordem indicada pelo padrão do parágrafo anterior. Verifica-se na configuração acima que, dependendo do tipo de sufixo temporal, ele pode vir antes ou depois do nominalizador e do pluralizador. Se o verbo estiver no passado, o sufixo {-kli} ocorrerá antes do nominalizador e/ou do pluralizador; no entanto, se o verbo estiver no futuro, o sufixo {-di} aparecerá depois do nominalizador e do pluralizador.

5.2.2.10 Casos de homonímia entre verbos e outras classes lexicais

Em linhas gerais, concebem-se homônimos, segundo Martinet (1995), Croft e Cruse (2008), como casos em que palavras diferentes possuem a mesma forma de expressão, compartilhando, para isso, de uma mesmo som e grafia similar. Em Dzubukuá, é bastante comum a presença de homonímia entre verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes e adposições; casos esses que compartilham de estruturas lexicais idênticas. No entanto, seu conteúdo semântico e seu comportamento gramatical os situa em classes lexicais distintas.

Abaixo seguem exemplos representativos de homônimos entre verbos e as classes gramaticais mencionadas:

Verbo	**Substantivo**	**Verbo**	**adjetivo**
aɲi: amarrar	aɲi: alma	buie: crescer	buie:grande
beɲe: marcar	beɲe: orelha	he: pintar	he: vermelho
bɨ: correr	bɨ: pé	nu: poder	nu: classificador
bɨho: livrar	bɨho: parente	pi: estar fincado	pi: pequeno
bœdo: esconder	bœdo: monte		
de: rogar	de: mãe		

dze: chamar	dze: nome	**Verbo**	**advérbio**
dzi: cair	dzi: pau	bepli: ficar assustado	bepli: logo
habe: julgar	habe: pagamento	di: dar	di: não
me: dizer	me: jenipapo	kede: dizer	kede: talvez
niɲo: criar	niɲo: Deus	kie: atar	kie: não
nu: poder	nu: entrada	moɾo: fazer igual	moɾo: assim
ɲe: livrar	ɲe: pescoço	**Verbo**	**pronome**
ɲu: comer	ɲu: filho	uide: ganhar	uide: que
pli: deixar	pli: sangue		
to: poder	to: avô		
tseho: procurar	tseho: gente		
uaɲo: ser incrédulo	uaɲo: costume		
uaɲu: cobiçar	uaɲu: inveja		
uɲike: estar preparado	uɲike: nora		

Verbo	**adposição**
do: comer	do: de
dzene: temer	dzene: de
ho: avançar	ho: contra
uhamaple: ser causa	uhamaple: por causa de

As palavras acima possuem, cada uma, traços morfológicos e sintáticos próprios que as integram na categoria gramatical a qual pertencem, ao mesmo tempo em que as diferenciam de seus correspondentes homônimos e de outras classes lexicais.

5.2.2.11 Regência entre verbos e adposições

Em Dzubukuá, os verbos acompanhados de um objeto indireto aparecem associados a uma determinada adposição. Como exemplo, tem-se, entre outros, os verbos **ubabaɲi** "esperar" seguido de **bete** "por"; **ubananɾe** "ter medo" e **hanakle** "ter vergonha" que aparecem com **dzene** "para"; o verbo **ɲaɲike** "suspirar" que exige a adposição **aboho** "com"; e a forma **ui** "fazer-se" que é acompanhado obrigatoriamente pela adposição **do** "de":

(371) do=pɾi **a-ubabaɲi-a** i-**bete**
de=deixar **2-esperar-PLUR2** 3-**por**
Não deveis esperar

(372) uan-di **k-ubananɾe-a** **i-dzene** ku-ɲa
haver-não **1INCLPL-ter medo-PLUR2** 3-**para** 1INCLPL-morrer
não há morte, nem temor dela

(373) **hanakle**-kie-ba **i-dzene**[40]
ter vergonha-não-SFP1 **3-para**
não o respeita

(374) **i-ɲaɲike** i-popo **aboho** di-biɾan
3-suspirar 3-irmão mais velho **com** 3ENF-irmão caçula
o irmão maior sente a ausência de seu irmão (caçula)

(375) **i-ui** i-ɲuɾa niɲo **do** tseho
3-fazer-se 3-filho Deus **de** gente
o Filho de Deus se fez homem

[40] Como já fora mencionado na seção 5.1 atrás referente aos substantivos, em muitos exemplos não aparecerá o sujeito ou o objeto. Isso ocorre devido à elisão de um desses termos, visto que seu referente já foi introduzido anteriormente em outras cláusulas. A anáfora zero será abordada mais adiante nas seções 7.8, 7.12 e 7.13 referentes, respectivamente, à predicação, cláusulas coordenadas e subordinadas pertencentes ao capítulo da sintaxe.

O Quadro abaixo resume os assuntos tratados nas seções anteriores acerca da morfologia e sintaxe verbais, trazendo os principais traços gramaticais que caracterizam a classe dos verbos na língua:

Quadro 12 – Traços gerais da morfossintaxe verbal

<table>
<tr><th colspan="2">Pessoa</th><th colspan="2">Número</th><th>Tempo</th></tr>
<tr><th>Finitos</th><th>Não finitos</th><th>Finitos</th><th>Não finitos</th><td rowspan="2">- presente → não marcado;
- passado → {-kli};
- futuro → {-di}.</td></tr>
<tr><td>- flexão em 1ª, 2ª, 3ª pessoas.</td><td>- flexão em 3ª pessoa e em número ou sem flexão.</td><td>- singular;
- plural com {-a} ou {-de}.</td><td>- singular;
- plural (não obrigatório).</td></tr>
<tr><th>Aspecto</th><th>Modo</th><th>Voz</th><th>Ênfase</th><th>Polidez</th></tr>
<tr><td>- potencial;
- progressivo;
- intensivo;
- atenuativo;
- iterativo.</td><td>- declarativo;
- interrogativo;
- imperativo.</td><td>- ativa;
- passiva;
- reflexiva;
- recíproca.</td><td>- prefixos enfáticos de 3ª pessoa + verbo.</td><td>- verbo + {-ba} ou {-de}</td></tr>
<tr><th colspan="3">Formas nominais</th><th>Causativização</th><th>Homônimos</th></tr>
<tr><th>Particípio</th><th>Infinitivo</th><th>Gerúndio</th><td rowspan="2">- {pe-} + verbo;
- Torna verbos estativos em ativos;
- Intensifica a ação de verbos ativos;
- Aumenta a valência de verbos intransitivos.</td><td rowspan="2">- verbo-substantivo;
-verbo-adjetivo;
- verbo-advérbio;
- verbo-numeral;
- verbo-pronome;
- verbo-adposição.</td></tr>
<tr><td>- Verbo + {-kli} + {-te}.</td><td>- Adposição + Verbo;
- Verbos em locuções.</td><td>- {da=} ou do + prefixos enfáticos + verbo.</td></tr>
</table>

Funções Sintáticas	
- Núcleo do SV; - Predicado; - Adjunto nominal (subgrupo verbal); - Regência de adposições; - Intransitivos (monovalentes) → verbo e sujeito.	- Transitivos bivalentes → verbo e 2 argumentos (sujeito e objeto): - Transitivos trivalentes → verbo e 3 argumentos (1 sujeito e 2 objetos); - Ambitransitivos → monovalentes ~ bivalentes.

5.3 *ADJETIVOS*

Os adjetivos são modificadores que atribuem alguma característica ao núcleo substantivo do sintagma nominal. Por apresentar, na maioria das vezes, propriedades nominais e/ou verbais, os adjetivos ocupam uma posição intermediária entre substantivos e verbos na Escala de Tempo-Estabilidade proposta por Givón (2011). Eles podem expressar semanticamente tanto estados transitórios (traço verbal) como atributos permanentes (qualidade dos nomes). Devido a esse comportamento, os adjetivos, nos estudos linguísticos tradicionais, foram tratados como uma sub-classe dos nomes ou como uma sub-classe dos verbos (HAJEK, 2004). Para Dixon (2004b), os adjetivos correspondem a uma das principais classes gramaticais da linguagem humana, tendo caráter universal, embora em alguns sistemas linguísticos a fronteira entre eles e a classe dos verbos e a dos nomes seja bastante sutil.

Os adjetivos, em Dzubukuá, corresponde a uma classe com configurações nitidamente definidas, limitando-se a um grupo reduzido de palavras constituídas de uma a três sílabas. Compartilha com nomes e verbos os mesmos prefixos pessoais, atuando tanto como adjuntos (exclusivamente) e como predicados. No entanto, diferenciam-se dos substantivos e verbos por não demonstrar muitas das propriedades morfológicas destas duas classes, como, por exemplo, a ausência de flexão de posse, recorrente nos nomes; e nem possuírem as propriedades de tempo e aspecto, presentes nos verbos. As características e a dinâmica funcional dos adjetivos serão descritas nas subseções a seguir.

5.3.1 Aspectos semânticos

Seguindo a nomenclatura proposta por Dixon (2004b), os adjetivos, em Dzubukuá, expressam os conceitos semânticos de **cor** (376), **dimensão** (377), **valor** (378), **tendência humana** (caráter, temperamento) (379), **propriedade física** (aparência) (380):

(376) i-ɾo bu-**ku**
3-roupa CL:aparência-**branco**
vestido branco

(377) i-buiehoho bu-**pi**
3-corpo CL:aparência-**pequeno**
pequenino corpo

(378) i-**bu-le-a** nienuo-a
3-**CL:aparência-mau**-PLUR2 diabo-PLUR2
maus diabos

(379) **iabalu** hamo
raivoso bicho
leão raivoso

(380) **madi**-a di-buiehoho-a-di
pesado-PLUR2 3ENF-corpo-PLUR2-FUT
lit. seus próprios corpos pesados

5.3.2 Aspectos morfossintáticos

No sistema linguístico estudado, os adjetivos exercem função atributiva e predicativa: operando como adjuntos do substantivo em um sintagma nominal e também como predicados intransitivos estativos não verbais acompanhando um sujeito em uma predicação. Conforme sua configuração formal, os adjetivos podem ser classificados em **formas curtas** e **longas**. Os primeiros são monossilábicos, enquanto os segundos possuem palavras com mais de uma sílaba.

Os adjetivos pertencentes ao quadro das formas curtas expressam os conceitos de dimensão e cor. Ao contrário dos adjetivos longos, as formas curtas aparecem com um dos prefixos classificadores {bu-},{be-}, {nu-}; sendo que o primeiro é o mais produtivo, aparecendo com mais frequência em adjetivos diferentes:

(381) a. bu-**ie**
CL:aparência-**grande**
grande

b. be-**ie**
CL:redondo-**grande**
grande

(382) bu-**pi**
CL:aparência-**pequeno**
pequeno

(383) a. bu-**he**
CL:aparência-**vermelho**
vermelho

b. be-**he**
CL: redondo-**vermelho**
ouro (tonalidade dourada)

c. nu-**he**

CL:buraco-**vermelho**

vermelho (algo vermelho em um buraco)

(384) bu-**le**

CL:aparência-**mau**

mau

Em geral, o prefixo classificador {bu-} prende-se a um forma adjetiva curta relacionada a substantivos que fazem referência à aparência ou à imagem de entidades concretas (385). O prefixo {be-}, por seu lado, prende-se aos adjetivos quando estes se associam a nomes referentes a um objeto de forma arredondada (386). E {nu-} é empregado quando se quer remeter a algum buraco (387):

(385) tepelebɨ-a h-ani-dza uitane anɾan-te

aparecer-PLUR2 3-para-PLUR4 dois homem-PLUR1

di-daklo-li i-ɾo-**bu**-cu

3ENF-vestir-REL 3-roupa-**CL:aparência**-branco

lhes apareceram nos ares dois varões com vestidos brancos

(386) mo budeuo kla-nu-kie-te mo kɾo-**be**-ie

em cova cavar-PNT-não-NML em pedra-**CL:redondo**-grande

klo-kli-a i-na-a

estar dentro-PAS-PLUR2 3-a-PLUR2

puseram-no em um sepulcro, dentro de uma pedra cavada

(387) bukeke-ba mo **nu**-he ɾada h-ani

ser bonito-SFP1 em **CL:buraco**-vermelho chão 3-para

está de bom modo exposta ao sol com as raízes postas em boa terra

Os adjetivos longos possuem de duas a três sílabas e pertencem ao grupo dos que denotam propriedades físicas e tendências humanas:

(388) dzodzo
brilhante

(389) dzikete
dedicado

(390) madi
pesado

(391) iabalu
raivoso

Geralmente, a flexão de pessoa e número nos adjetivos curtos e longos não é obrigatória. Quando eles apresentam alguma flexão ocorrem apenas em 3ª pessoa (com o prefixo {i-}) e recebem o pluralizador {-a} no plural:

(392) bu-**le**: mau → i-bu-**le**-a: maus
CL:aparência-**mau** 3-CL:aparência-**mau**-PLUR2

(393) bu-**ie**: grande → i-bu-**ie**-a: grandes
CL:aparência-**grande** 3-CL:aparência-**grande**-PLUR2

(394) **madi**: pesado → madi-a: pesados
pesado **pesado**-PLUR2

Como adjuntos nominais, os adjetivos em geral podem modificar o sentido do nome precedendo-o ou seguindo-o dentro do sintagma. Aparecem, morfossintaticamente, livres ou incorporados ao substantivo cujo sentido modificam:

(395) i-ui-a do i-**bu-le**-a nienuo-a
3-fazer-ser-PLUR2 de 3-**Cl:aparência-mau**-PLUR2 diabo-PLUR2
se fizeram maus diabos

(396) do-kli naɲe-**bu-ie** mo anɾa
entrar chefe-**CL:aparência-grande** em grande casa
entrou o rei (na grande casa)
(lit. o grande chefe está dentro da grande casa)

(397) ubɨdzi (...) do mɨhi kɾo-**dzodzo** i-deho ɾo i-mɨ-te
receber de presente de contas pedra-**brilhante** 3-com roupa 3-receber-NML
i-na-a bo kaɾai
3-a-PLUR2 por homem branco
receberam o pano, as miçangas e velórios que lhes deu o branco

(398) plihi-tidzo-ui-ba no nienuo noli **madi**-a
arrastar-chover-ir-SFP1 a diabo porque **pesado**-PLUR2
di-buiehoho-a-di
3ENF-corpo-PLUR2-FUT
Os diabos sairão do inferno e levarão os maus (por causa dos seus próprios corpos pesados)

Os adjetivos podem também exercer função predicativa, constituindo predicados intransitivos estativos e, nesta função, podem receber, como os verbos, o sufixo de polidez {-ba}. Não obstante, diferenciam-se dos verbos estativos por não apresentarem marcação de tempo passado e futuro, modo ou voz:

(399) bu-**le** kede i-boito i-peneho-kie padzuaɾe
CL:aparência-**mau** talvez 3-casamento 3-diante de-não sacerdote
É grande pecado o casar-se quando padre está ausente?

(400) dzikete an-atse
dedicado 2-pessoa
fostes pois muito extremoso

Além das propriedades citadas até aqui, os adjetivos curtos de dimensão **pi** "pequeno" e **ie** "grande" também podem, em determinados contextos, ser empregados na cláusula exercendo função adverbial e, apenas no caso do segundo, também função pronominal.

Quando **bu-pi** modifica diretamente o sentido dos verbos estando a eles incorporado, desempenha função adverbial:

(401) i-me-bu-**pi**-kie h-ani niŋo
3-dizer-CL:aparência-**pequeno**-não 3-para Deus
quase nunca rogar a Deus

Geralmente, **ie** se pospõe aos substantivos como adjunto nominal. Contudo, opera como advérbio de intensidade quando os precede em um sintagma nominal (402); ou quando se associa aos verbos dentro de um sintagma verbal (403), intensificando o sentido destes últimos:

(402) ba-ba bu-**ie** i-bu-le-te mo ɾada
viver-SFP1 CL: aparência-**grande** 3-CL:aparência-mau-NML em chão
todas as maneiras de calamidades reinarão na terra
(lit. viverão muitos males na terra)

(403) ŋate-bu-**ie**-kli do uɾo kede
trabalhar-CL:aparência-**grande**-PAS de isto talvez
Trabalhou muito porventura para isto?

Ao ocupar sozinho o núcleo de um sintagma nominal, **ie** opera como um pronome indefinido denotando "todos", "todas", "tudo":

(404) i-pemɨ-ba habɨhan no tupan i-peneho-a bu-**ie**
3-mostrar-SFP1 verdade a Deus 3-diante de-PLUR2 CL:aparência-**grande**
Deus mostrará a verdade a **todos**

(405) ku-hanakle-kie-a i-peneho-a bu-**ie**
1INCLPL-ter vergonha-PAS-PLUR 3-diante de-PLUR2 CL:aparência-**grande**
não há de ter vergonha diante de **todos**

Abaixo segue um quadro reunindo as traços gerais do comportamento dos adjetivos em Dzubukuá:

Quadro 13 – Propriedades gerais dos adjetivos

Adjetivos	
Formas curtas	**Formas longas**
- Dimensão e cor; - Monossílabos; - Classificadores {bu-},{be-}, {nu-}; - 3ª pessoa e plural não obrigatórios; - Adjuntos nominais (exclusivamente); - Adjuntos adverbiais; - Função predicativa (pouco frequente); - Função adverbial: **pi** e **ie**. - Função pronominal: **ie**. - Núcleo de sintagma adjetival.	- Propriedade física e tendência humana; - Possuem de duas a três sílabas; - Sem classificadores; - 3ª pessoa e plural não obrigatórios; - Adjuntos nominais (exclusivamente); - Função predicativa (pouco frequente). - Núcleo de sintagma adjetival.

5.4 *ADVÉRBIOS*

Os advérbios nas línguas humanas correspondem a uma classe lexical aberta e bastante heterogênea tanto semântica, morfológica e sintaticamente (GIVÓN, 1984). Segundo Payne (1997), a categoria adverbial abrange todo e qualquer item lexical (não claramente

identificado como substantivo, verbo ou adjetivo e não sendo a palavra uma partícula. Conforme o referido autor, a dinâmica semântica dos advérbios dificulta abordá-los em termos da escala de tempo-estabilidade ou de outros parâmetros semânticos, uma vez que seu escopo varia, podendo restringir-se a um verbo ou predicado ou envolver toda uma cláusula. Seguindo este critério, postulou-se semanticamente diferentes grupos de advérbios em Dzubukuá e observou-se os diferentes comportamentos morfossintáticos que eles apresentavam. Verificou-se que a classe dos advérbios, na referida língua, envolve formas livres e presas e também construções adverbiais constituídas pela composição de palavras pertencentes a diferentes classes lexicais. Todos estes tipos integram os resultados apresentados nas subseções a seguir.

5.4.1 Aspectos semânticos

Na língua em estudo, os advérbios possuem **escopo restrito** e **amplo**, conforme a abrangência do seu alcance semântico. Os de escopo restrito modificam o sentido de verbos (406), adjetivos (407) e outros advérbios (408); e os de escopo amplo modificam sentenças inteiras (409):

(406) i-me **kieho** h-ani-dza
3-dizer **antes** 3-para-PLUR4
antes lhes tinha dito

(407) bu-le-**kie**-ba
CL:aparência-mau-**não**-SFP1
é coisa louvável

(408) kangɾi-**idze**-**ploh**
fazer bem-**muito**-**só**
fostes tão bom

(409) **dahekl̩** netso-ba i-ɲa i-bœ mo anɾanke bo i-tseka bœdo
finalmente ver-SFP1 3-morrer 3-subir em céu por 3-cume monte
Finalmente o viram subir ao céu do cume de um monte

Em Dzubukuá, os advérbios se dividem em 06 subcategorias distintas: **modais**, **temporais**, **locativos**, **negativos**, **dubitativos** e **intensificadores** que serão tratados cada qual nas subseções seguintes.

5.4.1.1 Advérbios modais

Os advérbios modais correspondem ao grupo que indica a forma ou modo como a ação verbal é realizada. Este subgrupo envolve os lexemas apresentados no Quadro abaixo:

Quadro 14 – Advérbios modais

Dzubukuá	Português
ploh	só
bidzoho	a sós
mohotse	sem razão
moɾo	assim
amodi ~ amo	assim seja
-ɾone	repetidamente
-oɲe	bem

Abaixo segue exemplos contendo alguns dos advérbios apresentados acima:

(410) i-kangɾi-**ploh** anli tseho
3-fazer bem-**só** aquele gente
só este povo judaico era fiel

(411) pli-kie-ba an-atse-a hi-na a-**bidzoho**-a

deixar-não-SFP1 2-pessoa-PLUR2 1-a 2-**a sós**-PLUR2

não vos hei de deixar **sós**.

(412) i-do-**oŋe**-a

3-comer-**bem**-PLUR2

eles comem bem

(413)

uanikutsu an-atse hi-na mo i-dze i-padzu i-ɲura <Espírito Santo> h-**amodi**

lavar 2-pessoa 1-a em 3-nome 3-pai 3-filho 3-**assim seja**

Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

5.4.1.2 Advérbios temporais

Os advérbios temporais indicam o espaço de tempo em que uma ação ou evento ocorrem. Por isso, de acordo com Givón (1984), tendem a possuir escopo amplo abrangendo a cláusula inteira, uma vez que caracterizam temporalmente o evento ou estado como um todo. Os advérbios de tempo encontrados foram os seguintes:

Quadro 15 – Advérbios temporais

Dzubukuá	Português
doihi	agora
tudeŋe	antigamente
-ingi	tempo
kieho	antes
keŋe	antigamente
uangan	antes
aboho	depois

kedze	instantaneamente
mœnahan	hoje
kanatsi	amanhã
kaiabɨ	depois de amanhã
kanatsikie	diariamente
kaiahoho	ontem
mole	breve
budɨrode	logo
dahekli	finalmente
bepli	repentinamente
kede	então

Lista-se abaixo exemplos representativos de alguns advérbios temporais:

(414) uide kune nienuo **tudeŋe**
que porventura diabo **antigamente**
Quem eram os diabos antigamente?

(415) di-kie-ba kede habe i-na mo ku-ŋa-**ingi**
dar-não-SFP1 talvez pagamento 3-a em 1INCLPL-morrer-tempo
ele não nos julga na hora da morte?

(416) moihi kangɾi an-atse **mœnahan kanatsi** an-kangɾi-kie
aqui fazer bem 2-pessoa **hoje** **amanhã** 2-fazer bem-não
cá hoje estais sãos, amanhã estais doentes

(417) i-bœbœ-a **kedze** i-deho i-tuitu mo hemɨ
3-subir-PLUR2 **instantaneamente** 3-com 3-alegrar-se em céu
eles começaram logo a subir alegres para o céu

O advérbio **-ingi** aparece também em sentenças interrogativas combinado com o pronome interrogativo **ode** constituindo o pronome temporal **odeingi** “quando”:

(418) **odeingi** kede i-bœtodi
quando talvez levantar-se
Quando é que ressuscitou?

(419) **odeingi** kede hi-peleui-de i-bo-di
quando talvez 1-sair-PLUR3 3-por-FUT
Quando sairemos daí?

Ao prender-se à palavra, o advérbio **-ingi** perde o seu /i/ inicial:

(420) ŋa + ingi → [i-ŋa-**ngi**]: a hora de morrer
morrer tempo 3-morrer-**tempo**

(421) dzeia + ingi → [ã-dzeia-**ngi**]: o tempo de vossas tristezas
estar triste tempo 2-estar triste-**tempo**

O advérbio **kede**, quando aparece em sentenças declarativas, funciona como advérbio de tempo, significando “então” (422). Contudo, quando ocorre em cláusulas interrogativas denota “talvez” (423), integrando o quadro dos advérbios dubitativos (ver adiante na subseção 5.4.1.5):

(422) **kede** i-ŋa-bu-ie-ba tseho
talvez 3-morrer-CL:aparência-grande-SFP1 gente
Todos os homens **então** hão de morrer

(423) doihem-kli **kede** nienuo dehen mo di-buanga-te
permanecer-PAS **talvez** diabo também em 3ENF-fazer mal-NML
Estar **talvez** o diabo obstinado no mal?

5.4.1.3 Advérbios locativos

Os advérbios locativos expressam as circunstâncias locativas (espaço e local) onde transcorrem uma determinada ação, estado ou evento. Conforme Givón (1984.), os advérbios locativos ou de lugar tendem a modificar semanticamente a sentença inteira. Esses tipos de advérbios em Dzubukuá são representados pelas palavras abaixo:

Quadro 16 – Advérbios locativos

Dzubukuá	Português
moihi	aqui
-ki	até lá
dahantsi	ali
mani	longe
katsi	perto

Logo abaixo, são apresentados exemplos de alguns advérbios locativos:

(424) uide i-ɲa-te **dahantsi**
que 3-trabalhar-NML **ali**
Que trabalho faziam lá?

(425) ubi-ba kede do di-koto-li **mani katsi** boho
ver-SFP1 talvez de 3ENF-roubar-REL **longe perto** ou
Vê também aos ladrões que furtam cá perto e ao longe?

(426) **moihi** i-tsoho anɾotse-te
aqui 3-existir homem velho-NML
cá há velhice e caducidade

(427) i-bœ-**ki**

3-subir-**até lá**

(ele) ter subido já alto

Quando a adposição locativa **mo** "em" se cliticiza ao pronome interrogativo **ande** "quem", a estrutura formada funciona como um pronome locativo interrogativo denotando "(a)onde, em que lugar":

(428) **mo**=**ande** kune ba-a tudeɲe

em=**quem** talvez viver-PLUR2 antigamente

Onde moravam eles antigamente?

(429) **mo**=**ande** i-ui aboho

em=quem 3-ir depois

Depois disso para onde foram?

5.4.1.4 Advérbios negativos

Os advérbios negativos funcionam, no enunciado, como negadores de uma dada ação, circunstância, estado, qualidade ou evento. Foram encontrados apenas dois advérbios de negação propriamente ditos nos dados analisados. Eles aparecem listados abaixo:

Quadro 17 – Advérbios negativos

Dzubukuá	Português
-kie	não
-di	não

Os dois negadores acima aparecem sempre presos aos itens que eles modificam e são mutuamente exclusivos, ou seja, não ocorrem juntos em uma mesma palavra. Ao nível semântico, o negador **-kie** é mais produtivo do que o advérbio **-di** aparecendo em um maior

número de classes lexicais. Ambos modificam as mesmas palavras, no entanto, apenas **-kie** aparece em formações com substantivos, numerais e adposições:

(430) uekole-**kie**-te
avareza-**não**-PLUR1
esmolas

(431) uani-bihe-**kie**
CL:modo-um-**não**
não só

(432) i-peneho-**kie**
3-diante de-**não**
ausência

Em cláusulas interrogativas polares[41], ambos os advérbios negativos podem funcionar como pró-sentenças, sendo que o negador **-di** é mais empregado do que o advérbio **-kie** para responder esses tipos de questões:

(433) Pergunta: nuɲe-kli-a kede
obedecer-PAS-PLUR2 talvez
Obedeceram-lhe porventura?
Resposta: nuɲe-**di**
Não
(lit. Não obedeceram)

Como se observa acima, a negação é feita repetindo-se o predicado inicial da sentença adicionando-se a ele o advérbio negativo.

[41] Refere-se a perguntas diretas que exigem "sim" ou "não" como resposta; ao contrário das informacionais que exigem uma resposta mais elaborada.

O negador **-kie,** no entanto, é mais empregado em sentenças interrogativas (434) e relativas (435). O uso de **-di** é bastante raro em perguntas e está ausente em cláusulas relativas:

(434) ode ku-dzi-**kie**-ba mo ku-buanga-te-a
por que 1INCLPL-baixar-se-**não**-SFP1 em 1INCLPL-fazer mal-NML-PLUR2
mo anra i-du i-deho ku-to-a
em grande casa 3-fogo 3-com 1INCLPL-avô-PLUR2
Por que não descemos por nossos pecados ao inferno e o nosso primeiro pai Adão também?

(435) uro i-me-te tupan d-uple-nu-**kie**-li
isto 3-dizer-NML Deus 3ENF-mentir-PNT-**não**-REL
estas palavras são palavras de Deus, que não pode mentir

Entre eles, também se verifica uma diferença no comportamento morfotático. No primeiro caso, um sufixo pode afixar-se a **-kie**, não ocorrendo o mesmo com o negador **-di** que bloqueia a fronteira das palavras a qualquer outro componente que possa prender-se a ela, após o negador:

(436) a. uan-**kie**-ba
haver-**não**-SFP1
não houve
b. uan-**di**
haver-**não**
não houve

(437) a. ku-krotse-**kie**-te
1INCLPL-ter força-**não**-NML
nossas enfermidades

b. krotse-**di**

ter força-**não**

não tem poder

(438) a. i-ɲa-**kie**-ba

3-morrer-**não**-SFP1

não morre

b. i-ɲa-**di**

3-morrer-**não**

não morre

No âmbito funcional, o negador **-kie** aparece em sentenças imperativas negativas, enquanto **-di** não é empregado neste tipo de cláusula:

(439) do-**kie** anli utu a-na-a-di

comer-**não** aquele fruta 2-a-PLUR2-FUT

lit. não comais aquela fruta

(440) mepedi-**kie** an-atse-a ani-ei-ho-a-di

testemunhar-**não** 2-pessoa-PLUR2 2-para-REFL-PLUR2-FUT

Não levantarás falso testemunho

Ao combinar-se com substantivos, adjetivos e advérbios, os negadores geralmente alteram o sentido destas palavras, formando verdadeiros antônimos. Nessa condição, o negador **-di** não ocorre apenas com adjetivos:

(441) uekole → uekole-**kie**

avareza avareza-**não**

avareza esmolas

(442) bu-le → bu-le-**di**

CL: aparência-mau CL:aparência-mau-**não**

mau coisa boa

(443) maŋen → maŋen-**kie**

mais mais-**não**

mais menos

5.4.1.5 Advérbios dubitativos (interrogativos)

Os advérbios dubitativos sinalizam o grau de certeza do enunciador em relação ao conhecimento do que está sendo enunciado. Em Dzubukuá, foram encontrados somente dois advérbios nesta subcategoria:

Quadro 18 – Advérbios dubitativos

Dzubukuá	Português
kede	talvez
kune	porventura

Semanticamente, ambos modificam uma sentença inteira. No entanto, ocorrem somente em cláusulas interrogativas. Ao aparecer, pois, somente nessas circunstâncias, esses advérbios podem também ser considerados advérbios interrogativos ou dubitativos-interrogativos:

(444) i-tsoho **kede** nienuo-a

3-existir **talvez** diabo-PLUR2

Há porventura diabos?

(445) uidde **kune** nienuo-a tudeŋe

que **porventura** diabo-PLUR2 antigamente

Quem eram os diabos antigamente?

A diferença entre os dois advérbios acima se encontra no plano funcional. O advérbio **kede**, na maioria dos casos, ocorre em questões polares (446); enquanto o advérbio **kune**, tende a aparecer mais em questões informacionais (447):

(446) Pergunta: krotse **kede** niɲo do d-uka-te uohoie
ter força **talvez** Deus de 3ENF-amar-NML tudo
Deus tem porventura o poder de fazer tudo o que quer?
Resposta: krotse-hi
ter força-EP
Sim tem.

(447) Pergunta: i-do-de **kune** i-niɲo ku-ɲike-a <Eva>
3-de-INT **porventura** 3-Deus 1INCLPL-avó-PLUR2
De que fez Deus nossa primeira mãe Eva?
Resposta: do i-meidɨ <Adão> i-niɲo i-ɲa no unu-de-hi
de 3-costela 3-criar 3-a a dormir-SFP2-EP
(Deus) a fez de uma costa de Adão em quanto dormia.

5.4.1.6 Advérbios intensificadores

Os intensificadores são advérbios que ampliam ou reduzem o sentido das palavras modificadas por eles. Em Dzubukuá, foram encontrados os seguintes advérbios que compõem este grupo:

Quadro 19 – Advérbios intensificadores

Dzubukuá	Português
-iho	muito
-uido	demais
maɲen	mais

klubɨ	muito
-ɾoɾo	pouco
-hehe	tanto
idze	Muito
lobœ	totalidade (todos juntos)

Abaixo segue alguns exemplos contendo advérbios intensificadores:

(448) dziklo-**lobœ**-a mo anɾa i-du
cair-**totalidade**-PLUR2 em grande casa 3-fogo
caíram todos juntos no inferno

(449) bu-le **klubɨ**
CL:aparência-mau **muito**
muito mau

(450) ku-dzeia-**hehe**
1INCLPL-estar triste-**tanto**
entristecemos tanto

(451) i-tsoho-**iho**-a i-badoie
3-existir-**muito**-PLUR2 3-descendente
tem muitos descendentes

O advérbio **-iho** combina-se com o pronome interrogativo **ode** "por que", formando o pronome quantitativo **odeiho** "quanto" usado em interrogações:

(452) **odeiho** kaiaku klo-ba mo di-mudu
quanto lua estar dentro-SFP1 em 3ENF-ventre
quanto tempo esteve o menino no ventre de sua mãe?

5.4.2 Aspectos morfossintáticos

Morfossintaticamente, o quadro dos advérbios é composto por **lexemas livres** e **presos**[42]. Estes últimos se inserem em todas as categorias estabelecidas anteriormente, exceto no quadro dos advérbios dubitativos. Como exemplo de formas adverbiais livres têm-se **mœnahan** "hoje", **katsi** "perto" e **klubɨ** "muito"; e como exemplo de advérbios presos têm-se **-ingi** "tempo", **-ki** "até lá" e **-ɾoɾo** "pouco", entre outros.

Dentre as formas livres, apenas advérbios modais, temporais e intensificadores podem ocorrer incorporados a verbos, adjetivos e a outros advérbios constituindo verdadeiros complexos léxico-gramaticais:

(453) a. i-kangɾi a-ɲa **ploh**
3-fazer bem 2-morrer **só**
melhor vos fora morrer

b. bu-ie-**idze**-**ploh** ku-padzu-a
CL:aparência-grande-**muito**-**só** 1INCLPL-pai-PLUR2
Nosso Senhor é tão grande

(454) a. i-le maɲen bo **kieho** tupan
3-irritar-se mais por **antes** Deus
Deus irou-se ainda mais que antes

b. uan-kie-ba di-tsoho-**kieho**-li
haver-não-SFP1 3ENF-existir-**antes**-REL
ninguém foi antes dele

[42] Optou-se por considerar os morfemas presos indicadores de circunstâncias como raízes lexicais presas e não como mero sufixos, devido ao seu comportamento semântico-gramatical. Primeiramente, eles apresentam todas as noções circunstanciais indentificadas nos advérbios livres da língua, podendo se distribuírem, conforme a noções que trazem, em cada uma das modalidades adverbiais, como apresentado nos quadros da subseção 5.4.1 anterior. Os lexemas adverbiais presos também alteram o sentido das mesmas palavras modificadas pelas formas livres. E, por fim, ocupam morfossintaticamente, nos vocábulos, a mesma posição ocupada pelos advérbios livres quando estes são incorporados à direita de outras palavras.

(455) a. i-te **maɲen** mo ɾada
3-vir **mais** em chão
ele vem mais uma vez à terra

b. me-**maɲen**-kli ku-padzu-a
dizer-mais-PAS 1INCLPL-pai-PLUR2
Nosso Senhor disse mais

A presença, em uma mesma classe, de advérbios livres e presos em Dzubukuá sinaliza a ocorrência de um processo de gramaticalização em andamento na época. Segundo Givón (1979), nesse processo, formas livres tendem a se tornar, com o passar do tempo, formas morfológicas presas. Isso é verificado em advérbios livres da língua analisada que também podem ser incorporados a palavras de outras classes lexicais, como, por exemplo, os intensificadores **maɲen** e **idze** que, quando incorporados ao verbo, exercem o papel de marcadores aspectuais, atuando como se fossem flexões verbais (retornar à seção 5.2.2.2, referente ao aspecto do verbo). Eles estariam, na época, em um estágio intermediário entre uma forma livre e presa, indo em direção para esta última, contribuindo para aumentar a velocidade do processamento linguístico na comunicação verbal (GIVÓN, 2011). Por outro lado, as formas presas recorrentes na língua já se encontrariam em um estágio posterior de gramaticalização, ocorrendo somente presas à estrutura lexical de outras palavras, vindo posteriormente a se tornar possíveis sufixos circunstanciais na língua.

Os advérbios constituem o núcleo de um sintagma adverbial e, geralmente, as formas livres tendem a apresentar flexão de pessoa, número e, quando em final de cláusula, também de tempo futuro, recebendo, para este último, o sufixo {-di}. A flexão de pessoa ocorre mediante a afixação, no advérbio, dos prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª sinalizadas, respectivamente, por {hi-}, {a-} e {i-} (3ª comum) ou {di-} (3ª enfática). Detalhes sobre estes prefixos serão dadas na subseção 5.6.1.2 adiante. A flexão de número, por outro lado, é sinalizada apenas pelo pluralizador {-a}.

Ainda segundo Givón (1984), a classe dos advérbios corresponde a um grupo misto, podendo ser derivada de outras classes lexicais, como substantivos, verbos e adjetivos. É o caso, portanto, dos lexemas **bidzoho** “a sós”, **maɲen** “mais” e **moɾo** “assim”.

O advérbio **bidzoho** corresponde à forma gramaticalizada do substantivo **bidzo** "pessoa" combinado com o sufixo reflexivo {-ho}. Evidências da presença do referido substantivo encontra-se apenas no Pedra Branca ou Kamurú (parente linguístico do Dzubukuá) na forma gráfica **bichó**; posição essa defendida por Adam (1897).

Os advérbios **maŋen** e **moro**, todavia, são os únicos dentre os advérbios que operam também como predicados intransitivos. Nesta função, recebem o marcador de polidez{-ba} quando ocorrem como predicados intransitivos negativos (predicado adverbial + negador **-kie**). Isso sugere que, provavelmente, tenham origem verbal e, na época, embora já se comportassem gramaticalmente como advérbios, preservavam ainda traços de sua categoria anterior. Contudo, ao gramaticalizar-se como advérbios perderam as flexões de tempo, voz, modo e aspecto e propriedades morfossintáticas dos verbos, como formas do infinitivo, gerúndio, particípio, dentre outras.

Os advérbios negativos são bastante empregados no processo de renovação lexical da língua, participando da constituição de novas palavras a partir da composição formada entre eles e substantivos, adjetivos, numerais, adposições e outros advérbios:

(456) i-uaŋu + -kie → i-uaŋu-kie
3-inveja não 3-inveja-não
invela dele caridade dele

(457) bu-le + -di → bu-le-di
CL:aparência-mau não CL:aparência-mau-não
mau coisa boa

(458) uani-bihe + -kie → uani-bihe-kie
CL:modo-um não CL:modo-um-não
um não só

(459) i-peneho + -kie → i-peneho-kie
3-diante de não 3-diante de-não
diante dele ausência

(460) maɲen + -kie → maɲen-kie

mais não mais-não

mais menos

Verificou-se também, em Dzubukuá, que, em um número bastante pequeno de ocorrências, alguns advérbios modais (461, 462), temporais (463) e intensificadores (464) são aproveitados pela língua para desempenharem a função de adjetivos quando acompanham o substantivo em um sintagma nominal:

(461) aɲi-**oɲe**

alma-bem

perfeitíssima alma

(462) ɾada-**ploh**

chão-**só**

terra sensível

(463) uɾobɨ <Chuminis> **tudeɲe**

notícia **antigamente**

antiga tradição dos índios Cuminis

(464) i-de-**idze**

3-mãe-**muito**

mãe verdadeira

Os casos particulares acima ocorrem possivelmente devido ao quadro bastante reduzido de adjetivos existente na língua, os quais não expressam todos os conceitos e menos ainda sinalizam noções tão abstratas como as indicadas acima. Sendo assim, é normalmente esperado que os falantes aproveitem recursos disponíveis existentes em sua própria língua para atender a uma necessidade sociocomunicativa, preenchendo, nesse caso, uma lacuna deixada pelos adjetivos em expressar tais conceitos.

Na língua, os advérbios também podem ser empregados para modificar o sentido de predicados não verbais, ou seja, formações predicativas cujo núcleo é ocupado por palavras não pertencentes à classe verbal, mas que atuam no início da cláusula como predicados intransitivos – função típica dos verbos:

(465) i-ɲu-ɲu-**ploh** tupam
3-filho-filho-**só** Deus
ele é filho de Deus

(466) bihe-**ploh** niɲo
3-um-**só** Deus
há um só Deus

(467) iatse-**ploh** a-padzu-idze
pessoa-**só** 2-pai-muito
eu sou vosso pai verdadeiro

É compreensível a aplicação de advérbios nos exemplos acima, visto que, embora as palavras que operam, no contexto acima, não sejam verbos, elas atuam como se fossem. Mais informações acerca dos predicados não verbais serão dadas no subitem 7.7.1 pertencente ao quadro dos tipos de predicados no capítulo 7 da sintaxe.

O advérbio intensificador **lobœ** "totalidade", em particular, quando associado ao substantivo, funciona, em algumas ocorrências, como quantificador:

(468) ked-amœda **lobœ**
1-mão totalidade
dez

(469) do-**lobœ** ainde
comer-totalidade animal
os animais (todos) também o comem

Nos casos dos advérbios **bidzoho**, dos que também podem funcionar, em casos particulares, como adjetivos e **lobœ** são exemplos, em Dzubukuá, de membros menos prototípicos da classe adverbial, segundo a perspectiva de Delbecque (2006), um vez que se comportam de modo peculiar em comparação aos membros de sua classe; apresentando, para isso, também traços de uma outra categoria gramatical.

Morfossintaticamente, algumas funções adverbiais são desempenhadas pela combinação de palavras de diferentes classes lexicais formando composições adverbiais temporais (470), locativas (471, 472), e afirmativas (473):

(470) kaia-hoho: anteontem
noite-ser diferente
SUB V

(471) boɾo-(o)ɲe-mɨ: à direita
braço-bem-receber
SUB ADV V

(472) boɾo-uani-du-mɨ: à esquerda
braço-CL:modo-fogo-receber
SUB CL SUB V

(473) coho-bœ-ɾo: certamente
esse-subir-isto
PRO V PRO

Os advérbios modais **moɾo** e **amodi** funcionam também como mecanismos anafóricos, retomando referentes introduzidos anteriormente no discurso:

(474)

uan-kie-te i-buiehoho i-bono i-**moɾo** ku-me-a

haver-não-NML 3-corpo 3-contudo 3-**assim** 1INCLPL-dizer-PLUR2

bo i-netso

por 3-ver

não tem corpo contudo falamos **assim** para entendermos

(475) do i-koto i-buiehoho(...) h-**amodi** i-me-a

de 3-roubar 3-corpo 3-**assim seja** 3-dizer-PLUR2

furtaram o seu corpo (....), **assim** o direis.

Em 474 acima, **moɾo** retoma a cláusula "não tem corpo" e em 475, **amodi** se reporta à cláusula "furtaram o seu corpo".

Abaixo segue um quadro geral que sintetiza o assuntos abordados nesta seção acerca das características e comportamento dos advérbios:

Quadro 20 – Característica geral dos advérbios

Tipologia	Morfologia	Funções gramaticais
- Modais; - Temporais; - Locativos; - Negativos; - Dubitativos; - Intensificadores.	- Flexão de pessoa e número → formas livres; - Lexemas livres; - Raízes lexicais presas.	- Indicação de modo na predicação; - Indicação de tempo; - Indicação do espaço; - Sinalização de negação; - Marcação de dúvida; - Intensificação de estado, situação, ação ou processo; - Núcleo do sintagma adverbial; - Modificam predicados intransitivos não verbais; - Adjunto nominal; - Adjunto adverbial;

		- Predicados intransitivos → **moɾo** e **maɲen**; - Modifica o sentido de verbos, adjetivos e outros advérbios e também o de uma sentença inteira. - Recaem em cláusulas declarativas, interrogativas e imperativas; - Formam novas palavras; - Operam como mecanismos anafóricos.

5.5 *NUMERAIS*

Segundo Dryer (2007b), numerais são palavras que expressam quantidade ou extensão. Nessa perspectiva, há línguas que distinguem entre numerais cardinais e numerais ordinais. Quando seu sistema numérico é bastante limitado, as línguas tendem a recorrer a empréstimos linguísticos para quantificações mais altas (PAYNE, 1997).

Os componentes que compõem o quadro dos numerais envolve aqui os numerais propriamente ditos e membros provenientes de outras classes lexicais. O sistema numeral do Dzubukuá é composto por termos indicadores de quantidades definidas, classificados em **numerais cardinais** e **ordinais**, e aqueles que apontam para quantidades imprecisas, que aqui denominados de **quantificadores**.

5.5.1 Aspectos semânticos

Os numerais, na língua estudada, podem ser classificados em **cardinais** e **ordinais**. Os do primeiro tipo contabilizam entidades individuais e os segundos designam ordem, posição e sequenciação.

Os cardinais são representados por três termos, indicando "um" (476), "dois" (477) e "três" (478):

(476) **bihe** niɲo
um Deus
Um Deus

(477) **uitane** alidze-te
dois doença-PLUR1
dois tipos de doenças

(478) **uitanedike** ukie
três sol
três dias

Para quantidades indefinidas, são empregados o quantificador temporal **kloiho** "muito tempo" (479), os advérbios intensificadores **maɲen** "mais" – sozinho (480) ou em composição com o verbo **mɨ** "receber" denotando "muito mais" (481), e o pronome indefinido **uohoie** "tudo" (482) que operam como quantificadores, contabilizando quantidades grandes e imprecisas:

(479) maɲen-kli-a-ploh i-**kloiho** bati
passar-PAS-PLUR2-só 3-**muito tempo** estrela
passaram-se muitos anos

(480) h-ande **maɲen** ku-me-a kune

3-quem **mais** 2INCLPL-dizer-PLUR2 porventura

A quem mais fazemos oração?

(481) **mɨ-maɲen** kede i-tsoho-a <Anjos> bo nienuo

receber-mais porventura 3-existir-PLUR2 por diabo

talvez há (muito) mais anjos que diabos?

(482) tseho **uohoie** mo ɾada

gente **tudo** em chão

todos os povos da terra

O número cardinal “dez” e o sistema ordinal, por outro lado, é formado, respectivamente, pelas locuções numerais **ked-amœda lobœ** “dez”, **do i-tsebu-te** “primeiro” e **aboho anɾo** “depois deste”. Esta última denota uma ordem sequencial situada “depois do primeiro” (“segundo”, “terceiro”...):

(483) ked-amœda lobœ

1INCLPL-mão totalidade

dez

(484)

do i-**tsebu**-te i-padzu **aboho anɾo** i-ɲuɾa **aboho anɾo** <Espírito Santo>

de 3-**cabeça**-NML 3-pai **depois este** 3-filho **depois este**

A primeira (pessoa) é o Pai, a segunda o Filho, a terceira o Espírito Santo

5.5.2 Aspectos morfossintáticos

Os numerais propriamente ditos não apresentam flexões de pessoa e número. É o caso de **bihe** "um", **uitane** "dois" e **uitanedike** "três". Já os quantificadores e as construções numerais provenientes de outras classes lexicais podem ou não apresentar flexão de pessoa. Para este último caso, foi atestada a presença dos prefixos pessoais de 1ª e de 3ª pessoas, representadas, nesta ordem, pelos prefixos {ked-} (arcaico) e {i-}[43]:

(485) uitane → uitane: dois

(486) amœda lobœ → **ked**-amœda lobœ: dez
mão totalidade **1INCLPL**-mão totalidade

(487) kloitho → **i**-kloiho: muito tempo
3-muito tempo

(488) aboho anɾo → aboho anɾo: depois deste
depois este

Os numerais cardinais recebem, em determinados contextos, os prefixos classificadores {klo-}, {bu-} e {uani-}. O classificador {klo-} se prefixa ao numeral quando este é empregado para quantificar o tempo (489). O prefixo {bu-}, por outro lado, é utilizado quando se quer evidenciar a quantidade ou o número por si mesmo de entidades mencionadas (490). E o prefixo classificador{uani-}, por seu lado, é usado apenas na forma negativa com o numeral cardinal **bihe** – quando este recebe o advérbio **-kie**. O numeral, nesse caso, opera como um tipo de advérbio modal negativo denotando "não só" (491):

[43] Mais comentários a respeito desxes prefixos serão dadas na subseção 5.6.1.2.

(489) **klo-uitanedike** bati naɲe-ba mo ɾada
CL:tempo-três estrela chefe-SFP1 em chão
O seu reino há de durar na terra **três anos**

(490) uan-di uitanedike di-lanbɨ-kie-li nelu **bu-bihe**
haver-não três 3ENF-acabar-não-REL porém **CL:número-um**
di-lanbɨ-kie-li
3ENF-acabar-não-REL
não são, porém, três eternos; mas **um só** eterno

(491) **uani-bihe-kie** h-amadi-a i-bœ-kli ku-padzu-a
CL:modo-um-não 3-por-PLUR2 3-subir-PAS 1INCLPL-pai-PLUR2
mo hemɨ k-amadi-a no-dehen
em céu 1INCLPL-por-PLUR2 a-também
não só para eles subiu ao céu, senão também para nós

Sintaticamente, os numerais exercem o papel de adjuntos nominais, aparecendo antepostos ao substantivo (492-494) e também podem operar como predicados intransitivos estativos, no caso dos cardinais (495-496):

(492) **bihe** anran
um homem
um só homem

(493) **uitane** ɲu-ɲu
dois filho-filho
dois filhos

(494) **uitanedike** niɲo
três Deus
três Deuses

(495) **bihe** di-beɲe-te
um 3ENF-marcar-NML
PI **S**
só é sua imagem

(496) **uitanedike** tseho mo niɲo
três gente em Deus
PI **S**
há três pessoas em Deus

Além das funções referidas acima, o numeral **bihe** também pode funcionar como advérbio. Isso ocorre de quatro formas: quando recebe o negador **-kie** juntamente com o classificador {uani-} (retornar ao exemplo 491); quando a ele se cliticiza a adposição **bo** "por" (497); ou quando a ele é incorporado ao verbo (498):

(497) **bo**=**bihe** h-ami a-na-a bo pele ukeuo an-bo-a
por=**um** 3-comida 2-a-PLUR2 por fazer sair veneno 2-por-PLUR2
bebeis **logo** a contra para vomitar a peçonha

(498) dziklo-**bihe**-a mo anɾa i-du
cair-**um**-PLUR2 em grande casa 3-fogo
descem **logo** para o inferno

Em uma ocorrência isolada, **bihe** aparece constituindo sozinho núcleo de uma cláusula subordinada comparativa. Nesse caso, ele recebe o sufixo de polidez {-de}:

(499) uɾobɨ mo niɲo mono **bihe**-de
notícia em Deus como **um**-SFP2
ensino de Deus como único

O Quadro a seguir reúne os traços que configuram o comportamento geral dos numerais observados em Karirí:

Quadro 21 – Comportamento geral dos numerais e quantificadores

Numerais		**Quantificadores**
Cardinais	**Ordinais**	
- Contabilizam entidades individuais; - Propriamente ditos: de um a três; - Proveniente de outras classes lexicais: dez; - Os numerais propriamente ditos não se flexionam em pessoa e em número; - Recebem classificadores numerais: {klo-}, {bu-} e {uani-}; - Adjuntos nominais; - Adjuntos adverbiais: **bihe** "um". - Função predicativa (pouco frequente).	- Sinalizam ordem, sequência e posição das entidades; - Provenientes de outras classes lexicais: locuções; - Podem aparecer ou não flexionados em pessoa; - Não recebem classificadores; - Adjuntos nominais; - Não funcionam como predicados; - Não apresentam função adverbial.	- Fazem referência a uma quantidade imprecisa; - Provenientes de outras classes lexicais: advérbios e pronomes; - Podem ou não apresentar flexão de pessoa; - Não aceitam classificadores; - Adjuntos nominais; - Não operam como predicados; - Não funcionam como advérbios.

5.6 *PRONOMES*

Pronomes são uma classe lexical fechada, correspondendo a proformas que, em determinadas circunstâncias, funcionam como substitutos de nomes ou sintagmas nominais. Em Dzubukuá, foram identificadas quatro categorias funcionais: os **pronomes pessoais**, os

demonstrativos, os **indefinidos** e os **interrogativos**. Cada uma delas será abordada semântica e morfossintaticamente nas próximas subseções.

5.6.1 Pronomes pessoais

Esta função é desempenhada exclusivamente por um lexema livre, representado por **atse**, e por morfemas presos, classificados como **prefixos pessoais**. Ambos os tipos de pronomes pessoais, em Dzubukuá, sinalizam as pessoas do discurso: aquela que fala ou enunciador (1ª pessoa), aquela para quem se fala – o receptor ou interlocutor (2ª pessoa), e aquela de quem se fala (3ª pessoa). E, no caso dos prefixos pessoais, também operam como indicadores de posse quando recaem nos substantivos e expressam os argumentos centrais da predicação diretamente na estrutura verbal.

5.6.1.1 Pronome pessoal de 1ª e 2ª pessoas

O pronome **atse** "pessoa"[44] sinaliza, em Dzubukuá, a primeira e a segunda pessoa, apresentando três alomorfes funcionais: {itse}, {iatse} e {atse}. A forma {itse} ocorre sem flexão e indica somente a primeira pessoa do singular (500). {iatse} indica a primeira pessoa do singular – operando, nesse contexto, como predicado intransitivo (501), ou sinaliza a primeira pessoa exclusiva do plural recebendo, para isso, o pluralizador {-de} (502). O alomorfe {atse}, por outro lado, expressa a primeira pessoa inclusiva do plural (503) ou a

[44] Segundo Adam (1897), **atse** corresponderia a forma pronominalizada do substantivo **antse** "natureza". Isso é plausível, visto que o referido pronome pessoal apresenta algumas propriedades dos substantivos em Dzubukuá, como flexão de pessoa e número, função predicativa, opera como núcleo do sintagma nominal e como sujeito e objeto de uma cláusula. Portanto, o pronome seria uma forma gramaticalizada do substantivo mencionado. Isso implica dizer que, ao se flexionar em primeira e segunda pessoas, o substantivo já estava sendo interpretado, na época, como pronome pessoal pelos falantes da língua, sendo empregado para esse fim. Nessas circunstâncias, o pronome assumiu a forma desnasalizada **atse** e respectivas alomorfias perdendo sua flexão de terceira pessoa e de posse. A forma nasalizada **antse** ainda sobrevive na língua ficando restrita a raras ocorrências.

segunda pessoa (504, 505) recebendo, para ambas as indicações, respectivamente o prefixo de 1ª pessoa inclusiva plural {k-} e o de 2ª pessoa {an-}. Para o plural, recebe o sufixo {-a}:

(500) niɲo koho **itse**
Deus esse **pessoa**
Eu sou Deus

(501) **iatse** a-padzu-a tupan
pessoa 2-pai-PLUR2 Deus
Eu sou Deus
(lit. Eu sou vosso pai Deus)

(502) uanganle-te-ploh **iatse**-de
ser pobre-NML-só **pessoa**-PLUR3
(**nós**) somos tão vis e baixas criaturas

(503) unu-kie-ba no kaia mono k-**atse**-a
dormir-não-SFP1 a noite como 1INCLPL-**pessoa**-PLUR2
não dorme como **nós**

(504) mekakie an-**atse** do tupan-di
murmurar 2-**pessoa** de Deus-FUT
não jurarás o seu santo nome em vão

(505) mɨ-kli an-**atse**-a a-na-ho-a
receber-PAS 2-**pessoa**-PLUR2 2-a-REFL-PLUR2
vós recebestes um ao outro

O pronome pessoal **atse** e seus respectivos alomorfes podem ser melhor visualizados no Quadro abaixo:

Quadro 22 – Pronome pessoal atse e respectivos alomorfes

Primeira pessoa			**Segunda pessoa**	
Singular	**Plural exclusivo**	**Plural inclusivo**	**Singular**	**Plural**
itse: eu iatse: eu (minha pessoa)	iatse-de: nós (minha pessoa e a dela e não a tua)	k-atse-a: nós (nossas pessoas: a minha, a tua e a dela)	an-atse: tu (tua pessoa)	an-atse-a: vós (vossa pessoa)

Morfologicamente, o pronome pessoal **atse** flexiona-se em pessoa e número, aceitando apenas as flexões de primeira e segunda pessoa e os pluralizadores {-de} e {-a} (retornar aos exemplos 502, 503 e 505 anteriores), o sufixo de futuro {-di} (506) e, quando opera como predicado, incorpora advérbios (507) e recebe o sufixo reflexivo {-ho} enfatizando, no caso deste último, o estado em que se encontra o sujeito da cláusula intransitiva (508):

(506) bœtodi itse-**di**
levantar-se pessoa-**FUT**
hei de me ressuscitar

(507) iatse-**ploh** a-padzu-idze
pessoa-**só** 2-pai-muito
eu sou vosso pai verdadeiro

(508) iatse-**ho** a-padzu-a
pessoa-**REFL** 2-pai-PLUR2
eu sou vosso mesmo mestre

Sintaticamente, o pronome **atse** opera como núcleo de um sintagma nominal (509), predicado intransitivo (510), sujeito nominativo (511) e objeto absolutivo (512):

(509) uan-di aŋi **itse**
haver-não alma **pessoa**
eu não sou espírito

(510) **iatse** a-padzu

pessoa 2-pai

eu sou vosso Senhor e Deus

(511) he-kli **an-atse** kede do me bo bukleke boho

pintar-PAS **2-pessoa** talvez de jenipapo por urucu ou

S (NOM) O (DAT)

Pintaste-vos porventura de jenipapo ou de urucu

(512) henkode **k-atse-a** no nienuo

induzir **1INCLPL-pessoa-PLUR2** a diabo

O (ABS) S (ERG)

o diabo nos atenta

5.6.1.2 Prefixos pessoais

Em Dzubukuá, a indicação da primeira, segunda e terceira pessoas é realizada preferencialmente por meio de prefixos pessoais. Foram verificadas, ao todo, 14 formas prefixais para indicação de pessoa, sendo 06 delas usadas para a 1ª pessoa, 03 para 2ª e 05 para a 3ª. Os prefixos encontrados aparecem reunidos no Quadro a seguir:

Quadro 23 – Prefixos pessoais

1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
hi-	ani-	h-
hidz-	an-	i-
dz-	a-	d-
k-		di-
ku-		du-
ked-		

Os prefixos pessoais acima, em Dzubukuá, são os mesmos utilizados tanto para substantivos como para verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, adposições e conjunções, diferindo somente no tipo de função exercida por eles em cada uma dessas classes. Nos substantivos (513), eles indicam a flexão de posse e nas demais classes, eles sinalizam a flexão de pessoa (514-519):

(513) **hi**-padzu
1-pai
meu pai

(514) **i**-tsoho
3-existir
existe

(515) **di**-bu-ie-li
3ENF-CL:aparência-grande-REL
o maior

(516) **a**-bidzoho
2-a sós
a sós em 2ª pessoa

(517) **h**-ande
3-quem
a quem

(518) **k**-aboho-a
3INCLPL-com-PLUR2
conosco

(519) **i**-bono
3-contudo
contudo

Ainda no quadro da flexão verbal, os prefixos pessoais também aparecem exercendo função argumental, indicando diretamente o sujeito (520) ou o objeto direto (521) codificados no próprio lexema verbal:

(520) **ani**-hanakle
2-ter vergonha
tendes de ter vergonha

(521) **a**-netso-maɲen-kie-a hi-na
2-ver-mais-não-PLUR2 1-a
eu não vos vejo mais

Para indicar a pessoa correspondente, os prefixos pessoais são empregados conforme a estrutura (de natureza morfofonológica) e o significado da palavra a qual se afixam. Esse é um dos aspectos que será abordado nas subseções que se seguem.

5.6.1.2.1 Prefixos de primeira pessoa

O prefixo {hidz-} pode ocorrer tanto em sua forma completa (menos frequente) como em suas formas reduzidas {hi-} e {dz-}. Em alguns exemplos, há alternância entre elas:

(522) utsotsoho → **hidz**-utsotsoho-kli ou **hi**-utsotsoho-kli: eu ofendi
ofender **1**-ofender-PAS **1**-ofender-PAS

(523) umɨkede → **hi**-umɨkede ou **dz**-umɨkede: dão-me obediência
mandar **1**-mandar-bem **1**-mandar

A forma reduzida {hi-} é mais produtiva e abrange um maior número de classes. Recai em substantivos, verbos e adposições iniciados por consoantes e vogais. O prefixo {dz-}, ao contrário, é menos produtivo e restringe-se a substantivos e verbos iniciados pela vogal posterior /u/. No caso do prefixo {hi-}, quando a palavra é iniciada com /u/, a vogal é apagada:

(524) a. utsotsoho
ofender
b. **hi**-**u**tsotsoho → [**hi**-dsodsoho-kli]
1-ofender-PAS
ofendi

Quando o prefixo {dz-} recai nos verbos **urio** “ajudar”, “socorrer”, e **ubi** “ver”, a ele se cliticiza o alomorfe adpositivo {da=} (forma referente à adposição **do**):

(525) a. uɾio

ajudar

b. **da**=**dz**-uɾio

de=**1**-ajudar

socorrei-me

(526) a. ubi

ver

b. **da**=**dz**-ubi

de=**1**-ver

veja

No plural, há dois tipos de primeiras pessoas: a **exclusiva** e a **inclusiva**[45]. A forma exclusiva é constituída pelo prefixo {hi-} mais o pluralizador pronominal {-de} (527) e a inclusiva é constituída pelos prefixos inclusivos de plural {k-} (528) e {ku-}(529):

(527) a. to

avô

b. **hi**-to-**de**

1-avô-**PLUR3**

nosso (primeiro) pai

(528) a. aɲi

alma

k-aɲi-**a**

1INCLPL-alma-**PLUR2**

as nossas almas

[45] Conforme Payne (1997), a primeira pessoa inclusiva inclui o ouvinte/interlocutor no discurso: "nós" = "eu" + "ele"+ "tu", e "nosso", que quer dizer, "meu", "dele" e "teu". A exclusiva inclui apenas o falante/emissor e um terceiro participante excluindo o ouvinte/interlocutor: o pronome "nós", nesse contexto, quer dizer "eu" e "ele" e não "tu"; e "nosso" implica "meu" e "dele" e não "teu".

(529) a. pah

matar

b. **ku**-pah

1INCLPL-matar

nos atormentarem

Em alguns casos, foi verificada a co-ocorrência em uma mesma palavra da primeira pessoa inclusiva plural com ou sem o pluralizador {-a}:

(530) a.padzu

pai

b. **ku**-padzu

1INCLPL-pai

nosso pai

c. **ku**-padzu-**a**

1INCPL-pai-**PLUR2**

nosso pai

(531) a. buiehoho

corpo

b. **ku**-buiehoho

1INCLPL-corpo

nossos corpos

c. **ku**-buiehoho-a

1INCLPL-corpo-**PLUR2**

nossos corpos

Essa co-ocorrência entre as mesmas formas plurais parece apontar para a existência, em Dzubukuá, de uma primeira pessoal inclusiva dual[46] que ocorre com a aplicação do prefixo

[46]A forma dual da primeira pessoa plural é constituída pela inclusão do falante/emissor e do interlocutor (receptor) e exclusão de um terceiro participante; ou seja, o "nós" corresponde apenas a "meu e seu", "eu e você" e não "ele", ou a "nós dois" apenas e mais ninguém.

inclusivo à palavra sem a presença do pluralizador. Ou seja, as formas do item "b" nos exemplos 530 e 531 acima teriam, nesta ordem, os seguintes significados: "nosso pai" (o meu e o teu somente) e "nossos corpos" (só o meu e o teu). Nessas circunstâncias, o prefixo de 1ª pessoa inclusiva cumula sozinho as noções de pessoa e plural.

As formas cujo prefixo inclusivo é acompanhado pelo pluralizador abrangeriam mais do que dois participantes no discurso. As palavras do item "c" dos dois exemplos acima expressariam mais ou menos as noções "o meu, o teu e o pai dele" e "o meu, o teu e o corpo dele(s)".

Esta hipótese também foi cogitada por Adam (1897) para o Dzubukuá e para o seu parente linguístico o Kipeá. Também aqui se considera a plausabilidade dessa hipótese. Primeiramente porque é razoavelmente comum a presença desse tipo de plural em línguas indígenas do Tronco Macro-Jê. Isso pode ser constatado em línguas como a Akwẽ-Xerente (SOUSA FILHO, 2007) – falada por índios de mesmo nome habitantes dos Estados de Goiás e Tocantins; a Panará (DOURADO, 2001) – pertencente ao povo Panará, situados ao norte do Estado de Mato Grosso; e a Apãniekrá (ALVES, 2004) – falada pelos índios Canela Apãniekrá do interior do Estado do Maranhão, entre outros.

Uma outra possibilidade para justificar o aparecimento de duas formas plurais, uma constituída pela presença e outra pela ausência de pluralizador, seria a tese do plural coletivo e distributivo de Bickel e Nichols (2007) mencionado para os morfemas indicativos de plural {-te} e {-a}, na subseção 5.1.2.1 atrás, referente à flexão de número do substantivo. Nessa perspectiva, as formas com o pluralizador {-a} acima indicariam a soma resultante de cada entidade individualmente, "os corpos de cada um", "os pais de cada um"; enquanto aqueles sem o pluralizador estruturadas apenas com o prefixo inclusivo sinalizariam uma coletividade geral reunindo todos os indivíduos em uma única categoria mais geral. Desse modo, as formas sem pluralizador indicariam acima, mais ou menos, "o pai da humanidade", "o corpo humano". Todavia, nas versões portuguesas utilizadas pelo autor, ambas as formas aparecem traduzidas do mesmo modo, obscurecendo, com isso, quaisquer indícios que possam corrobarar consistemente uma das hipóteses levantadas nos parágrafos anteriores. As considerações feitas acerca do morfema {-a} como indicador hipotético de um plural distributivo tiveram como base as discussões já levantadas para esse morfema na subseção 5.1.2.1 mencionada anteriormente no presente parágrafo.

Para algumas adposições, ao invés do pluralizador {-a}, une-se ao prefixo de primeira pessoa do plural inclusivo {k-} o pluralizador {-dza}:

(532) ho → **k**-ai-**dza**: contra nós
contra 1INCLPL-contra-PLUR4

(533) ani → **k**-ani-**dza**: para nós
para 1INCLPL-para-PLUR4

O prefixo {k-} ocorre com palavras iniciadas por vogal (menos as coronais). A forma {ku-}, por sua vez, ocorre em itens iniciados por consoantes e por vogais coronais, ou seja, /e/ e /i/.

Os vocábulos iniciados pela consoante /h/ tendem a perdê-la quando recebe o prefixo {hi-} de 1ª pessoa:

(534) a. henkode
induzir
b. **hi**-**h**enkode-te → [**hi**-ẽkodhe-te]
1-induzir-NML
minhas tentações

O último prefixo a ser considerado aqui é a forma {ked-}, primeira pessoa inclusiva plural, que aparece somente em dois substantivos referentes a partes do corpo, “mão” e “veia”:

(535) a. amœda
mão
b. **ked**-amœda
1INCLPL-mão
mãos (nossas)

(536) a. amaœdi
veia
b. **ked**-amaœdi
1INCLPL-veia
(nossas) sangrias

Provavelmente, o prefixo acima corresponde a uma forma arcaica do prefixo {k-}, uma vez que ambos ocorrem em palavras iniciadas por vogais não coronais. A forma longa acabou sobrevivendo nas duas ocorrências apontadas acima como um resquício dessa estrutura mais antiga.

A seguir, aparecem reunidas as características gerais dos prefixos de primeira pessoa:

Quadro 24 – Prefixos pessoais de 1ª pessoa em Dzubukuá

Singular		**Plural**			
hidz-		**Exclusivo**	**Inclusivo**		
hi-	**dz-**	**hi-...-de**	**k-(...-a)/ k-...-dza**	**ku-(...-a)**	**ked-**
- Substantivos; - Verbos; - Adposições; - Palavras iniciadas por consoante e vogal.	- Substantivos; - Verbos; - Palavras iniciadas por /u/.	- Exclusão da 2ª pessoa do discurso.	- Inclusão da 2ª pessoa do discurso; - Palavras iniciadas por vogais não coronais.	- Inclusão da 2ª pessoa do discurso; - Palavras iniciadas por consoantes e vogais coronais.	- Inclusão da 2ª pessoa do discurso; - Restrito a dois substantivos iniciados por vogal; - Forma arcaica.

5.6.1.2.2 Prefixos de segunda pessoa

A segunda pessoa é marcada pelos prefixos {ani-}, {an-} e {a-}. Os dois últimos correspondem às formas reduzidas ou apócopes[47] do primeiro. O prefixo {ani-} reduz-se às outras duas formas apresentadas conforme o tipo de segmento consonantal ou vocálico que iniciam as palavras e/ou pelo conteúdo semântico expresso por elas, como pode ser observado no Quadro abaixo:

Quadro 25 – Prefixos pessoais de 2ª pessoa em Dzubukuá

Forma completa	**Formas reduzidas**	
ani-	**an-**	**a-**
- Palavras iniciadas por /a/ e /h/; - Nos substantivos: **eɾa** "casa", **ŋaho** "lado", **ei** "para."	- Palavras iniciadas por /dz/ (exceto **dzaka** "sogro"); - Monossílabos substantivos iniciados em /p, d, b/; - Monossílabos verbais iniciados em /l, u, p, b/; - Substantivos dissilábicos referentes a partes do corpo acima do ombro e iniciados por consoantes (exceto por /n, ɾ/) e pela vogal /u/; - Nas palavras: **atse** "pessoa", **te** "vir", **kɾotse**"ter força", **klodi** "ser forte", **kangɾi** "fazer	- Palavras iniciadas por consoantes (exceto por /h, dz/, a não ser **dzaka** "sogro"); - Palavras iniciadas pelas vogais /e, i, u/ (exceto monossílabos iniciados em /u/); - Termos referentes a entidades humanas (exceto partes do corpo acima do ombro e monossilábicos iniciados em /b, d, p/); - Lexemas referentes a partes do corpo abaixo da cabeça; - Não ocorre com monossílabos iniciados por

[47]O termo apócope é aplicado ao processo linguístico no qual a palavra sofre redução de um dos seus sons finais.

	bem" e **bo** "por".	/t, d, p, b, l/ (exceto **do** "de" e **tu** "decidir").

Como as formas reduzidas representam apócopes da forma completa, há palavras em que ainda se verifica a co-ocorrência explícita entre elas. Tais vocábulos são iniciados, geralmente, por consoantes que compartilham em comum o traço [-baixo][48]:

(537) koibe → **a**-koibe-a ou **an**-koibe-a: vossas testas
testa **2**-testa-PLUR2 **2**-testa-PLUR2

(538) buanga → **a**-buanga ou **an**-buanga-a: fazes mal
fazer mal **2**-fazer mal **2**-fazer mal-PLUR2

(539) ui → **aɲi**-ui-a ou **an**-ui-a: vás
ir **2**-ir-PLUR2 **2**-ir-PLUR2

Em Dzubukuá, palavras iniciadas por /h/ perdem a consoante ao receberem {ani-} (540), e aquelas com /u/ inicial perdem a vogal com a prefixação de {a-} (541):

(540) **ani**- + **h**anakle → [**aɲi**-anakle]: tende respeito
2- ter vergonha **2**-ter vergonha

(541) **a**- + **u**bɪɾo → [**a**-bɪɾo]: vossa barriga
2- barriga **2**-barriga

Nos prefixos de segunda pessoa ocorre ainda dois processos observáveis: o **alçamento vocálico** e a **palatalização**. O primeiro processo se dá com {a-} e {an-} quando eles se prefixam, respectivamente, ao alomorfe adpositivo {na} e ao pronome {atse}. Ao afixar-se em {na}, o prefixo {a-} torna-se a vogal anterior média [e] (542); e, ao afixar-se em {atse}, o

[48] Referente ao som produzido sem abaixamento do corpo da língua em direção a uma posição mais baixa que a neutra (ou posição de descanso).

prefixo {an-} torna-se {on-} (543). O segundo processo, por outro lado, ocorre com {ani-} que, devido à interferência da vogal /i/ ao final do prefixo, gera a variante [aɲi-] (544). Neste último caso, a palatalidade[49] do /i/ é assimilada pela consoante /n/ que aparece adjacente à referida vogal:

(542) **a**- + na → [**e**-na]: vós
2- a **2**-a

(543) **an**- + atse → [**on**-atse]: tu
2- pessoa **2**-eu

(544) a**n**i- → [a**n**i-] ~ [a**ɲ**i-]
2- **2-** **2-**

Para indicar o plural, une-se aos prefixos de segunda pessoa o pluralizador {-a}, na maioria das palavras (545-547), ou, para algumas adposições, une-se ao prefixo {ani-} o pluralizador {-dza} (548):

(545) aɲi: alma → **ani**-aɲi-**a**: vossas almas
2-alma-**PLUR2**

(546) koibe: testa → **an**-koibe-**a**: vossas testas
2-testa-**PLUR2**

(547) idi: coração → **a**-idi-**a**: vosso coração
2-coração-**PLUR2**

[49] O termo "palatalidade" refere-se à propriedade articulatória resultante do elevamento da língua em direção à parte anterior do palato duro; ou seja, a língua move-se para a frente da cavidade bucal tocando a parte superior interna da boca.

(548) ei: para → **ani**-ei-**dza**: para vós

2-para-**PLUR4**

Dessa forma, para sinalizar segunda a pessoa no singular e no plural, os prefixos correspondentes assumem as configurações apresentadas no Quadro abaixo:

Quadro 26 – 2ª pessoa do singular e plural em Dzubukuá

2ª pessoa					
singular			**plural**		
ani-	an-	a-	ani-...-a/ ani-...-dza	an-...-a	a-...-a

5.6.1.2.3 Prefixos de terceira pessoa

Os prefixos pessoais de terceira pessoa podem ser classificados em: **comuns** e **enfáticos**. Os primeiros sinalizam posse, sujeito ou objeto clausal em terceira pessoa sem qualquer ênfase. Os segundos, ao contrário, operam como marcadores discursivos cuja função é chamar a atenção do interlocutor para determinados aspectos da mensagem transmitida.

O quadro dos prefixos comuns de terceira pessoa é composto pelos morfemas {h-} e {i-}. O primeiro recai em palavras iniciadas por vogais não posteriores (exceto **uiɲu** "menino"). Ele não recai em **ami** "fome" e em itens iniciados por /e/ contendo um número igual ou inferior a duas sílabas. O prefixo {i-}, por outro lado, aparece em itens iniciados por consoantes, pela vogal /u/, em vocábulos com até duas sílabas iniciados por /e/ e na palavra **ami** "fome"[50]. No caso do verbo **uɲikle** "estar preparado", a vogal inicial é apagada quando a palavra recebe o prefixo {i-}:

[50] A palavra **ami** "fome" possui como par homólogo o também substantivo **ami** "comida". No entanto, demonstram um comportamento morfológico diferente no tocante aos prefixos de terceira pessoas comuns. Enquanto **ami** recebe {i-}, seu homônimo recebe {h-}, obedecendo o princípio acima para este último prefixo, uma vez que começa por vogal não posterior.

(549) i- + uɲikle → [**i**-ɲikle]: ele está pronto

3 estar preparado **3**-estar preparado

Nos verbos, quando não posssui caráter argumental, o prefixo {i-} é facultativo:

(550) a. **i**-ɲate niɲo

3-trabalhar Deus

Deus trabalha

b. **ɲate** itse-di

trabalhar pessoa-FUT

eu trabalharei

(551) a. **i**-ba tupan ani-aboho-a

3-viver Deus 2-com-PLUR2

Deus mora convosco

b. **ba** tupan ani-aboho

viver Deus 2-com

está Deus em vossa companhia

O prefixo {h-} é menos produtivo que sua contraparte {i-}. Enquanto o primeiro aparece somente em substantivos, adposições, no advérbio **amodi** "assim seja" e no pronome interrogativo **ande**, o prefixo {i-} ocorre em substantivos, verbos, adjetivos, adposições e advérbios.

O quadro dos prefixos enfáticos de terceira pessoa é composto pelos morfemas {d-}, {di-} e {du-}. O prefixo {d-} aparece em vocábulos iniciados por vogal (exceto **e** "carga", **anraniede** "antepassado", **ui** "ir", **ui** "ser", **iara** "inchaço", **uɲikle** "estar preparado" e **uboronunu** "escravo"). {di-}, ao contrário, acompanha itens começados por consoantes e recai nas palavras tidas como exceção para o prefixo anterior. Os vocábulos **uɲikle** e **uboronunu**, ao receber o prefixo {di-}, perdem o /u/ inicial:

(552) di- + ɲikle → [**di**-ɲikle]: ele mesmo está pronto
3ENF estar preparado **3ENF**-estar preparado

(553) di- + uboɾonunu → [**di**-buɾununu]: seu próprio escravo
3ENF escravo **3ENF**-escravo

Particularmente, {du-} corresponde a um alomorfe do prefixo {di-} e recai apenas nos substantivos concretos inanimados referente **ɾada**, "terra" **tonɾanɾan** "livro" e **uolidze** "boca":

(554) du- + ɾada → **du**-ɾada: sua própria terra
3ENF chão

(555) du- + tonɾanɾan → **du**-tonɾanɾan: seu próprio livro
3ENF livro

(556) du- + uolidze → **du**-uolidze: sua própria palavra
3ENF boca

Tanto o prefixo {du-} como o prefixo {di-} constituem juntamente com o relativizador {-li} cláusulas relativas, formando, para isso, a estrutura circunfixal {du-...-li} e {di-...-li}, respectivamente. Quando há co-ocorrência de ambos os tipos de construções relativas, elas se diferem funcionalmente, conforme os participantes envolvidos na predicação. Nessas construções, {du-} sinaliza que o sujeito é o agente da predicação, enquanto {di-} tende a estar associado a um sujeito-paciente[51]:

[51] Nesta categoria, também se incluem os denominados agentes e pacientes menos prototípicos que, por extensão metafórica, recebem o mesmo tratamento dado pela sintaxe ao sujeito-agente e paciente prototípicos da língua (Givón, 1984). Os menos prototípicos são, por exemplo, os sujeitos e objetos de predicados estativos e de predicados cujo núcleo é ocupado por verbos de cognição e emoção, nos quais não há propriamente um controle por parte do sujeito, e o objeto não é propriamente afetado pela ação de um agente.

(557) buanga (...) **du**-ɲa-**li** k-aɲi-a
fazer mal **3ENF**-morrer-**REL** 1INLPL-alma-PLUR2
pecado que mata a (nossa) alma

(558) klaɾaido-kli ɾadamɨ bo mɨpele i-kangɾi-te **di**-ɲa-**li**
cair-PAS interior por tirar 3-fazer bem-NML **3ENF**-morrer-**REL**
Desceu ao Limbo para tirar de lá os Santos Padres que morreram

As palavras onde se dá a co-ocorrência entre ambos os circunfixos pertencem apenas à classe dos verbos. Esse quadro é constituído pelos formas **ɲa** "morrer", **do** "comer", **pah** "matar", **pli** "deixar", **niɲo** "criar", **di** "dar", **mɨ** "receber", **babɨ** "enviar" e **bœtodi** "levantar-se". Nos demais casos, não há co-ocorrência entre os dois e ambos sinalizam o sujeito-agente da cláusula relativa. O grupo de palavras que integra este último caso é composta por substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e adposições.

O plural de palavras flexionadas em terceira pessoa é marcado pelos pluralizadores {-a} (para substantivos e outras classes) e {-dza} (para algumas adposições):

(559) ɲutetsi → **di**-ɲutetsite-**a**: suas próprias filhas
filha **3ENF**-filha-PLUR2

(560) bo → **i**-bo-**a**: deles
por **3**-por-**PLUR2**

(561) ani → **h**-ani-**dza**: para elas
para **3**-para-**PLUR4**

Abaixo segue um quadro reunindo aspectos característicos dos prefixos de terceira pessoa:

Quadro 27 – Prefixos pessoais de 3ª pessoa em Dzubukuá

Número	**Comuns**		**Enfáticos**		
Singular	h-	i-	d-	di-	
	- Palavras com vogais não posteriores iniciais; - Exceções: **uiɲu** “menino”, **ami** “fome” e itens com uma a duas sílabas iniciados por /e/.	- Palavras iniciadas por consoantes; - Vocábulos iniciados por /u/; - Palavras de uma a duas sílabas com /e/ inicial; - Recai na palavra **ami** “fome”.	- Lexemas iniciados por vogal; - Exceções: **e** “carga”, **anraniede** “antepassado”, **ui** “ir”, **ui** “ser”, **iara** “inchaço”, **uɲikle** “estar preparado”, **uboronunu** “escravo”.	di-	du-
				- Lexemas iniciados por consoantes; - Recai nas palavras tidas como exceções para {d-}.	- Alomorfe de {di-}; - Recai em alguns substantivos concretos inanimados; - Indica sujeito-agente em cláusulas relativas.
Plural	{h-...-a}/ {h-...-dza}	{i-...-a}/	{d-...-a}	{di-...-a}	{du-...-a}

5.6.1.2.4 Funções gramaticais dos prefixos pessoais

Os prefixos pessoais sinalizam dois tipos de posse: a **comum** (562 a 564) e a **enfática** (565) em substantivos:

(562) a. de

mãe

b.**hi**-de

1-mãe

minha mãe

(563) a. uanɾandzi

remédio

b. **a**-uanɾandzi

2-remédio

vosso medicamento

(564) a. hine

luz

b. **i**-hine

3-luz

sua luz

(565) a. padzu

pai

b. **di**-padzu

3ENF-pai

seu (próprio) pai

Sintaticamente, os prefixos pessoais funcionam como sujeito (566), objeto (567) e participam da constituição de cláusulas relativas (568), reflexivas (569) e recíprocas (570) na predicação verbal:

(566) **ku**-bœtodi

1INCLPL-levantar-se

ressuscitamos

(567) i-le-kie-ba tupan **ku**-do-a

3-irritar-se-não-SFP1 Deus **1INCLPL**-a-PLUR2

Deus (...) não nos aborrece

(568) koho **du**-nɲo-li ku-idi-a

esse **3ENF**-criar-REL 1INCLPL-coração-PLUR2

ele que fez os nossos corações

(569) di-ba itse **hi**-na-ho a-do bo=padzu

dar-SFP1 pessoa **1**-a-REFL 2-de por=senhor

Eu me dou e ofereço a vós, Senhor

(570) me-ba **d**-ai-ho-a

dizer-SFP1 **3ENF**-contra-REFL-PLUR2

diziam-se uns aos outros

Textualmente, os prefixos também se constituem em recursos anafóricos que retomam algum referente mencionado anteriormente no discurso. Logo abaixo, o prefixo destacado retoma o termo referente a "nossos pais":

(571) du-pe-buanga-li ku-to-a (...) peleto-kli **i**-do

3ENF-CAUS-fazer mal-REL 1INCLPL-avô-PLUR2 discursar-PAS **3**-de

do **i**-ɲa-kie-a

de **3**-morrer-não-PLUR2

(ele) induziu a **nossos pais** a pecar (...) prometendo-**lhes** que não **haviam** de morrer

Discursivamente, os prefixos enfáticos de 3ª pessoa enfatizam o sujeito da cláusula (572) e as circunstâncias nas quais uma ação ou processo é realizado (573):

(572) pli-kie-ba **d**-uka ɾadamɨ i-do-a
deixar-não-SFP1 **3ENF**-amar interior 3-de-PLUR2
não deixou de os amar em seu coração

(573) di-ba hi-na i-krotse-te i-do do i-ɲu **di**-bidzoho-di
dar-SFP1 1-a 3-ter força-NML 3-de de 3-filho **3ENF**-a sós-FUT
eu lhe darei a virtude de poder conceber de si mesma só.

5.6.2 Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos possuem natureza dêitica, sinalizando a posição de determinadas entidades em relação às pessoas do discurso. Em Dzubukuá, os demonstrativos compõem uma classe fechada e restrita a quatro palavras. Elas expressam apenas dois conceitos básicos: o **proximal** e o **distal**, como pode ser observado no Quadro a seguir:

Quadro 28 – Pronomes demonstrativos

	Dzubukuá	**Português**
Proximal	uɾo	isto, isso
	anɾo	este
	ihitsote	este, esta
	koho	esse, essa
Distal	anli	aquele, aquela

O pronome **uɾo** sinaliza referentes não humanos que estão próximos do emissor e/ou do interlocutor (574). **anɾo** aplica-se a referentes humanos (na maioria dos casos, masculinos)

quando estes estão próximos do enunciador (575). O demonstrativo **ihitsote**, por outro lado, aparece apenas com substantivos locativos de referência não animada (576). O pronome **koho,** por seu turno, aplica-se tanto a entidades humanas como não humanas, estando elas próximas do interlocutor ou receptor (577). O demonstrativo distal **anli,** ao contrário dos anteriores, denota uma distância maior entre o referente indicado e o enunciador (578), sendo empregado tanto para entidades humanas como para aquelas não humanas:

(574) **uɾo** unu-te

Isto dormir-NML

Isto é sono

(575) **anɾo** hi-padzu tupan

este 1-pai Deus

este é o mesmo Senhor

(lit. este é meu Pai Deus)

(576) **ihitsote** ɾada

este chão

esta terra

(577) **koho**-a kede i-hoibœɾu-a tseho uohoie mo ɾada

esse-PLUR2 porventura 3-transmitir-PLUR2 gente tudo em chão

Porventura são esses os primeiros progenitores de todos os povos da terra?

(578) a-ne bo=padzu **anli** muŋakie **anli** tibudina

2-olhar de=pai **aquele** moço **aquele** moça virgem

olhai, senhor, para aquele mau homem, para aquela má mulher

Morfologicamente, os pronomes demonstrativos, em Dzubukuá, flexionam-se apenas em número, recebendo os pluralizadores {-a} e {-dza}:

(579) anɾo: este → anɾo-a: estes

(580) koho: esse → koho-a: esses

(581) anli: aquele → anli-dza: aqueles

Sintaticamente, os pronomes podem funcionar como núcleo de um sintagma nominal (582), como adjunto nominal (583), como sujeito (584) e objeto da cláusula (585), como predicados intransitivos (586) e podem operar como macanismos anafóricos retomando referentes mencionados anteriormente (587):

(582) uple **uɾo**
mentir **isto**
isto é mentira

(583) uide i-dze **anli** anɾan
que 3-nome **aquele** homem
Como se chama **aquele** homem?

(584) **koho** di-bu-ie-ui-li i-ɲuɾa niɲo mo
esse 3ENF-CL:aparência-grande-fazer-se-REL 3-filho Deus em
d-eɾa
3ENF-casa
ela mesma criou o Filho de Deus em sua casa

(585) ode uo niɲo **uɾo** no padzuaɾe
por que como criar **isto** a sacerdote
De que modo faz **isto** o Sacerdote?

(586) **koho** naɲe nienuo-a
esse chefe diabo-PLUR2
ele é o primeiro dos diabos

(587) **anli**-dza anki-di dehem do an-dzeia-a-oɲe
aquele-PLUR4 gritar-FUT também de 2-estar triste-PLUR2-bem
Eles agora estão chorando, gritando

No item (587) acima, o pronome **anli** retoma o referente **di-dziklo-li** (3ENF-cair-REL) (lit. os que caíram) que fora introduzido pela primeira vez numa cláusula anterior (NANTES, 1709, p.147).

Os pronomes demonstrativos são utilizados também pela língua na constituição de locuções numerais e adverbiais contribuindo para o sequenciamento textual de assuntos tratados no texto:

(588)
do i-tsebu-te i-padzu aboho **anɾo** i-ɲura aboho **anɾo** <Espírito Santo>
de 3-cabeça-NML 3-pai depois **este** 3-filho depois **este**
A **primeira** (pessoa) é o Padre, **segunda** o Filho, a **terceira** o Espírito Santo

(589) i-ɲaɾo **anɾo** i-padzu idze di-naɲe-li
portanto **este** 3-pai muito 3ENF-chefe-REL
Sendo assim Senhor de tudo reina em todas as partes.

(590) uide i-beui do **koho**[52]
que 3-suceder de **esse**
Que coisas aconteceram **então**?

Dos pronomes demonstrativos apresentados até aqui, **uɾo** é o único que ocorre também incorporado ao verbo quando este se encontra no tempo passado. Para isso, sofre redução silábica realizando-se, nesta situação, como forma presa **-ɾo**:

[52] A adposição **do** que precede o demonstrativo **koho**, nestas circunstância, pode aparecer ou não cliticizada ao referido pronome mediante seu alomorfe proclítico {do=} constituindo a estrutura **do=koho**. Neste caso, a cliticização da adposição, nesta construção, é opcional.

(591) me-kli-**ɾo** <Jesus Cristo> h-ani di-ɲuɲu i-bœbœ-a
dizer-PAS-**isto** 3-para 3ENF-filho 3-subir-PLUR2
kedze i-deho i-tuitu
instantaneamente 3-com 3-alegrar-se
Acabando nosso Senhor de dizer estas palavras a seus escolhidos, eles começaram logo a subir

(592) i-ɲa-kli-**ɾo** i-kabo-oɲe-bepli-kli-hi mo ɾada
3-morrer-PAS-**isto** 3-escurecer-bem-repentinamente-PAS-EP em chão
uohoie pehan-kli kedze ukie titititi-ba ɾada
tudo fechar-PAS instantaneamente sol tremer chão
No mesmo instante que expirou, a terra tremeu, o sol se escureceu

Assumiu-se aqui a forma acima do demonstrativo **uɾo** como caso de incorporação tendo como base a aplicação de dois critérios: um **morfológico** e o outro **ortográfico**. O primeiro é sinalizado pela queda da vogal posterior inicial da palavra, tal como é comum ocorrer em casos de combinações entre lexemas livres formando uma única estrutura léxico-gramatical. A perda da vogal, nesses casos, ocorre com a mesmo pronome tanto no catecismo impresso como no manuscrito, indicando a regularidade e a recorrência desse fenômeno nesses ambientes. A junção entre o verbo no passado e o pronome demonstrativo é expresso ortograficamente nos mesmos textos, impresso e manuscrito, de forma recorrente evidenciando o processo. Diante disso, optou-se por considerar esses casos como ocorrências de incorporação e não como lapsos tipográficos cometidos pelo autor ou, no caso do texto impresso, falhas de tipografia.

O pronome **koho,** além de possuir as propriedades gerais pertencentes aos demonstrativos, também exerce o papel de operador pró-sentencial, sendo empregado como resposta direta e afirmativa a perguntas polares:

(593) Pergunta: niɲo kede i-padzu
Deus talvez 3-pai
O pai é Deus?

Resposta: koho
esse
Sim.

Conforme Crystal (2000) e Delbecque (2006), pode-se dizer que os signos que integram o quadro dos pronomes pessoais e demonstrativos e os advérbios temporais e locativos apresentados até aqui são exemplos, em Dzubukuá, de signos indexicais (índices ou dêiticos). Eles expressam a propriedade cognitiva e funcional da língua de situar os participantes no discurso, de indicar a distância entre eles e das demais entidades envolvidas no evento comunicativo e situá-las no espaço e no tempo em que ocorre a interlocução.

5.6.3 Pronomes indefinidos

De modo geral, pronomes indefinidos correpondem às proformas que sinalizam uma referência vaga de algum referente em terceira pessoa. Este referente não possui qualquer identificação específica ou determinada. Em Dzubukuá, foram encontrados quatro pronomes que desempenham esse papel, os quais aparecem listados abaixo:

Quadro 29 – Pronomes indefinidos

Dzubukuá	Português
bune	todo
uohoie	tudo
banahoia	outro
mangɨ	alguém

Dos pronomes encontrados acima, somente **bune** ocorre com flexão de número, recebendo o sufixo pluralizador {-a}. Os demais aparecem sem flexão de número ou pessoa:

(594) di-padzu-a mo anɾa **mangɨ**

3ENF-pai-PLUR2 em casa **alguém**

seus pais da casa de N. (alguém)

(595) te-kli **bune**-a mo i-bunete < Josafá>

vir- PAS todo-PLUR2 em 3-vale

Chegados todos os homens (...) ao Vale de Josafá

(596) uɾobɨ mo niɲo mono du-niɲo-li **uohoie**

notícia em Deus como 3ENF-criar-REL **tudo**

Ensino de Deus como criador de tudo

(597) uan-kie-ba kede **banahoia** anɾa i-do

haver-não-SFP1 talvez **outro** grande casa 3-de

Não havia para ela outra casa melhor?

Sintaticamente, os pronomes indefinidos desempenham o papel de adjuntos nominais (598, 599) e de objeto do verbo (600):

(598) i-to tseho **uohoie**

3-avô gente **tudo**

primeiro pai de todas as nações

(599) uan-di **banahoia** uanɾandzi

haver-não **outro** remédio

não há outro remédio

(600) di-kie-ba do **banahoia**

dar-não-SFP1 de **outro**

não deu a outro qualquer

O pronome **uohoie**, em algumas ocorrências, também desempenha o papel de quantificador:

(601) ande bu-le di-bu-le-li bo
quem CL:aparência-mau 3ENF-CL:aparência-mau-REL por
i-bu-le-te **uohoie**
3-CL:aparência-mau-NML **tudo**
Qual o pior de todos os males?

(602) utu **uohoie**
fruta **tudo**
Todas estas castas de frutas

5.6.4 Pronomes interrogativos

Foram encontrados três tipos de lexemas que possuem a função de introduzir sentenças interrogativas. Eles aparecem reunidos no Quadro seguinte[53]:

Quadro 30 – Pronomes interrogativos

Dzubukuá	Português
ande	quem
ode	por que
uide	que

Segue abaixo alguns exemplos com as palavras interrogativas listadas acima:

[53] Provavelmente as proformas interrogativas acima são formas cristalizadas provenientes da junção entre uma raiz lexical (de significado e classe gramatical desconhecidos) e o sufixo interrogativo {-de}. Isso implica crer que, na época, a combinação desses morfemas já representava uma forma lexicalizada na língua.

(603) **ande** kune i-padzu uple-te

quem porventura 3-pai mentir-NML

Quem é o pai das mentiras?

(604) **ode** netso-kie-ba ku-na-a do ku-poh-a

por que ver-não-SFP1 1INCLPL-a-PLUR2 de 1INCLPL-olho-PLUR2

Por que não o vemos?

(605) **uide** i-ɲate-a dahantsi

que 3-trabalhar-PLUR2 ali

Que trabalho faziam lá?

Morfossintaticamente, o pronome **ande,** ao receber o prefixo pessoal de terceira pessoa {h-}, sofre processo de adição silábica no início de sua estrutura. Nesse ambiente, um [i] epentético é acrescido entre o seu /a/ inicial e a nasal /n/ seguinte gerando duas sílabas distintas; ampliando; com isso, a constituição do lexema que, de dissilábico, passa a trissilábico. Nessas condições, a estrutura gerada [ha**i**nde] denota "a quem", constituindo, semanticamente, o caso direcional (DIR) e, sintaticamente, o objeto indireto (OI):

(606) h-**ande** maɲen ku-me-a kune

[h-**ãʲde** maɲẽ ku-me-a kũne]

3-**quem** mais 1INCLPL-dizer-PLUR2 porventura

DIR/OI

A quem mais fazemos oração?

Ao referido pronome, também se cliticiza a adposição **mo** constituindo a forma **mo=ande** denotando "(a)onde", "para onde", "donde" sinalizando o caso locativo (LOC) em cláusulas interrogativas. Mas, nessas circunstâncias, nenhuma mudança em sua raiz lexical é verificada:

(607) mo=**ande** kune pe-ba-a no niŋo
em=**quem** porventura CAUS-viver-PLUR2 a Deus
LOC
Onde lhes fez Deus a morada?

A proforma **ode** combina-se com o advérbio intensificador **-iho** (608), com o advérbio temporal **-ingi** (609) e é seguida pelo advérbio modal **uo** (610) constituindo, respectivamente, os advérbios interrogativos quantitativo **odeiho** "quanto" e **odeingi** "quando" e a expressão modal **ode uo** "de que modo":

(608) **odeiho** i-tsoho niŋo
quanto 3-existir Deus
Quantos Deuses há?

(609) **odeingi** kede i-bœtodi
quando talvez 3-levantar-se
Quando é que ressuscitou?

(610) **ode** uo i-niŋo uohoie i-na
por que modo 3-criar tudo 3-a
De que modo ele fez tudo?

Sintaticamente, pode-se encontrar pronomes interrogativos exercendo o papel de sujeito (611) e objeto (612) da sentença interrogativa:

(611) **ande** kune du-niŋo-li i-moɾo-te i-me
quem porventura 3ENF-criar-REL 3-fazer igual-NML 3-dizer
S
Quem fez estas orações?

(612) **uide** i-beui do koho

que 3-suceder de esse

O

Que coisas acontecerão então?

Os pronomes interrogativos aparecem também em início de resposta dada às próprias questões por eles introduzidas. Para isso, recebem o sufixo relativizador {-li}:

(613) Pergunta: **ande** kune d-utsoho-li k-atse-a

quem porventura 3ENF-fazer-REL 1INCLPL-pessoa-PLUR2

E quem nos fez a nós?

Resposta: **ande**-li ku-padzu-a nɲo

quem-REL 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus

É Deus Nosso Senhor

(614)

Pergunta: **ode** netso-kie-ba ku-na-a do ku-poh-a

por que ver-não-SFP1 1INCLPL-a-PLUR2 de 1INCLPL-olho-PLUR2

Por que não o vemos?

Resposta: **ode**-li mo i-kodo-kie-a ku-poh-a do

por que-REL em 3-ser visível-não-PLUR2 1INCLPL-olho-PLUR2 de

ku-ne-a h-ani

1INCLPL-olhar-PLUR2 3-para

Por(que) nossos olhos não são capazes de o ver.

(615) Pergunta: **uide** kede nɲo

que talvez Deus

Que coisa é Deus?

Resposta: **uide**-li i-padzu i-krotse-te do d-uka-te
que-REL 3-pai 3-ter força-NML de 3ENF-amar-NML
uohoie
tudo
É Senhor poderoso para fazer tudo o que quiser.

Seguem reunidos abaixo, os traços característicos da morfossintaxe dos pronomes em Dzubukuá:

Quadro 31 – Morfossintaxe geral dos pronomes

Tipologias	Morfologia	Sintaxe
- Pronomes pessoais; - Pronomes demonstrativos; - Pronomes indefinidos; - Pronomes interrogativos.	- Formas livres (lexemas); - Formas presas (prefixos); - Flexão de pessoa e/ou de número para alguns e sem flexão para outros; - Prefixos: conferem a flexão de pessoa e posse para substantivos e de pessoa para outras categorias gramaticais. - Flexão de futuro: **atse** + {-di}. - Ênfase de estado: **atse** + {-ho}.	- Adjuntos nominais; - Núcleo do sintagma nominal; - Sujeito e objeto da cláusula; - Predicados intransitivos; - Integram construções passivas, relativas, reflexivas e recíprocas (prefixos pessoais); - Sinalizam ênfase (prefixos enfáticos); - Operadores anafóricos; - Integram perguntas e respostas; - Indicam as pessoas do discurso; - Sinalizam referentes definidos e indefinidos; - Constituem locuções.

5.7 *ADPOSIÇÕES*

Seguindo a classificação de Schachter e Shopen (2007), adposições correspondem ao nome dado, em Dzubukuá, a conectivos que ligam sintagmas nominais a um predicado. Geram juntamente com o sintagma nominal a elas associado um sintagma adposicional. Na língua, além de exercerem este papel, algumas das adposições encontradas também operam funcionalmente como marcadores de casos sintáticos e semânticos e também introduzem sentenças coordenadas e subordinadas operando como conjunções. Isso aponta, portanto, para o caráter multifuncional desses tipos de palavras e sua tamanha relevância para a gramática do Dzubukuá, visto que operam como elementos coesivos e funcionais em um número bastante variado de enunciados e sintagmas, e sinalizam dimensões semântico-gramaticais essenciais para o funcionamento da língua. Tais aspectos aqui levantados serão abordados nas subseções a seguir.

5.7.1 Aspectos semânticos

Em geral, foram atestados dezessete itens que funcionam como adposições em Dzubukuá, os quais podem ser observados no Quadro a seguir:

Quadro 32 – Adposições

Dzubukuá	Português
mo ~ ma ~ domo	em
do ~ do: ~ da	de
bo	por
no ~ na~ ɲa	a
ani	para
ho ~ ai	contra
ei	para
dzene	de

bete	por
amɨ	para (movimento)
enuɲe	entre
aboho	com
peneho	diante de
deho	com
amadi	por
uhamaple	por causa de
dikliho	até

Em geral, as adposições, em Karirí, sinalizam os papéis semânticos de **locativo**, **alativo**, **instrumental**, **essivo**, **elativo**, **inessivo**, **direcional**, **benefactivo**, **malefactivo**, **comitativo**, **presentativo**, **razão ou motivo** e **limite de ação e tempo**[54].

O locativo (referente a lugar ou local) é sinalizado pelas adposições **mo, bo** e, poucas vezes, por **no**. O alativo (movimento para) é indicado por **amɨ**. O instrumental (por intermédio de algum instrumento) é expresso por **do** e **deho**. O essivo (estado de) é marcado por **do**, **bo**, **dzene**, **deho** e **bete**. O elativo (de dentro para fora) é indicado pela adposição **bo**. O inessivo (posição dentro de) é expresso por **enuɲe**. O direcional (direcionado a, voltado para) ocorre com as adposições **bo**, **ani**, **ho**, **ei** e **dzene**. O benefactivo (beneficiário de) pode ser indicado por **do**, **amadi**. O malefactivo (prejudicado por), no texto de Nantes, ocorre apenas com **do**. O comitativo (em companhia de) é sinalizado por **aboho** e **deho**. O presentativo (em presença de) é indicado apenas por **peneho**. A razão ou o motivo pela qual uma ação, processo e estado ocorrem é marcado pela adposição **uhamaple**. E o limite de ação e tempo é demarcado por **dikliho**.

Os respectivos casos semânticos e as adposições correspondentes aparecem reunidos no Quadro a seguir[55]:

[54] Os casos semânticos acima desempenhados pelas adposições foram configurados com base em Chafe (1979), Crystal (2000), Dixon e Aikhenvald (2000) e Andrews (2007b).

[55] As indicações aos casos ergativo, dativo e vocativo expressos também por adposições não foram colocados no Quadro 33 desta subseção por corresponderem a casos gramaticais em Dzubukuá e não a casos semânticos. Portanto, eles serão abordados no subtópico seguinte, reservado ao comportamento morfossintático das adposições.

Quadro 33 – Adposições e respectivos casos semânticos

Casos semânticos/siglas	Adposições
locativo (LOC)	mo, bo, no
alativo (ALA)	amɨ
instrumental (INST)	do, deho
Essivo (ESS)	do, bo, dzene, deho, bete
Elativo (ELA)	bo
Inessivo (INES)	enuŋe
direcional (DIR)	bo, ani, ho, ei, dzene
Benefactivo (BEN)	do, amadi
Malefactivo (MALE)	do
Comitativo (COM)	aboho, deho
Presentativo (PRES)	peneho
Razão ou motivo	uhamaple
Limite de ação e tempo	dikliho

Abaixo, seguem-se alguns exemplos mais representativos de cada caso em particular com uma de suas adposições correspondentes:

(616) pi-de **mo** anranke **mo** ɾada **mo** uohoie
estar fincado-SFP2 **em** céu **em** chão **em** tudo
LOC **LOC** **LOC**
Está no céu, na terra e em todo o lugar

(617) uhamaple uɾo ui-kli-a h-**amɨ** naŋe-bu-ie
por causa de isto ir-PAS-PLUR2 3-**para** chefe-CL:aparência-grande
ALA
A este fim foram eles ter com o Juiz

(618) hanuo aɲi-a i-**deho** hanuo-te

varrer alma-PLUR2 3-**com** varrer-NML

INST

deveis varrer a casa de vossa alma com a vassoura

(619) i-ui **do** tseho

3-fazer-se **de** gente

ESS

tomou o ser de homem

(620) ande kune du-hanpele-li nienuo-a **bo** anɾanke

quem porventura 3ENF-expulsar-**REL** diabo-PLUR2 **de** céu

ELA

Quem foi que expulsou os diabos do Céu?

(621) i-bu-pi-ui-kli no k-**enuɲe**-a

3-CL:aparência-pequeno-fazer-se-PAS a 1INCLPL-**entre**-PLUR2

INES

se fez pequeno entre os homens

(lit. se fez pequeno entre nós)

(622) kɾotse i-beɲe-te kɾudza **ho** i-henkode-te nienuo

ter força 3-marcar-NML cruz **contra** 3-induzir-PLUR1 diabo

DIR

O sinal da Cruz tem força contra as tentações do diabo?

(623) do=a-me h-ani ku-padzu-a tupan hi-**amadi**

de=2-dizer 3-para 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus 1-**por**

BEN

rogai a Deus por mim

(624) uide kede habe di niɲo ku-padzu-a
que talvez pagamento dar Deus 1INCLPL-pai-PLUR2
do nienuo
de diabo
MALE
Que castigo Deus deu ao diabo?

(625) ɾadamɨ mo neieta-te **aboho** tetsi
interior em desejar-PLUR2 **com** mulher
COM
desejar interiormente (...) pecar com alguma mulher

(626) mɨ di-na-ho-a do i-deiɲu do padzuiɲu dehen
receber 3ENF-a-REFL-PLUR2 de 3-esposa de marido também
peneho padzuaɾe
diante de sacerdote
PRES
se receberem por marido e por mulher em presença do Páraco

(627) te-kli i-ɲuɾa niɲo bo hemɨ mo ɾada do
vir-PAS 3-filho Deus por céu em chão de
k-u**hamaple**-a
1INCLPL-**por causa de**-PLUR2
Motivo
O Filho de Deus por amor de nós e nossa salvação desceu dos Céus

(628) unu h-ani di-ɲa-oɲe-li **dikliho** i-di i-na-a
sofrer 3-para 3ENF-morrer-bem-REL **até** 3-dar 3-a-PLUR2
Limite de ação e tempo
habe di-buanga-ka-i-tu-te
pagamento 3ENF- fazer mal-cantar-3-decidir-NML
padecem os que morreram na graça de Deus até que tenham pago o resto de seus pecados

Como foi observado no Quadro 33 atrás, uma mesma adposição cumula em si mais de um caso semântico. A distinção se dá, em Dzubukuá, como base em um princípio semântico-regencial. Ou seja, dependendo de que verbo a adposição seguir, ela expressará um ou outro caso. A própria semântica verbal direcionará a indicação do caso sinalizado pelo conectivo regido por ela. Por exemplo, a adposição **dzene** marca tanto o essivo e o direcional. Entretanto, se ela vier regida pelo verbo **ubananɾe** "ter medo", indicará o essivo. Porém, se vier precedida do verbo **hanakle** "ter vergonha", ela sinalizará o direcional (retornar à subseção 5.2.2.11 atrás relativa à regência entre verbos e adposições).

5.7.2 Aspectos morfossintáticos

As adposições, em Dzubukuá, apresentam flexão de pessoa – recebendo os prefixos pessoais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (descritos anteriormente na subseção 5.6.1.2), e de número – recebendo, no plural, os pluralizadores {-de} para 1ª inclusiva plural, e {-a} e {-dza} para as demais. Enquanto {-a} ocorre na maioria das adposições, {-dza} aplica-se apenas ao lexemas **ho**, **ei** e **ani**:

(629) a. amadi
por

b. hi-**amadi**-de

1-**por**-PLUR3

por nós

(630) a. bo

de

b. i-**bo**-a

3-**de**-PLUR2

deles

(631) a. ho

contra

b. k-**ai**-dza

1INCLPL-**contra**-PLUR4

contra nós

Além de pessoa e número, as adposições podem receber também o marcador de tempo futuro {-di}, quando se encontram incorporadas a verbos e/ou em final de cláusula.

Quando flexionadas ou quando constituem determinadas formações morfossintáticas, a estrutura morfológica de algumas adposições é modificada. Nesse caso, foram verificados três tipos de fenômenos morfofonológicos responsáveis por estas modificações: **alongamento** e **abaixamento vocálicos**, **palatalização** e **aumento silábico**.

O alongamento vocálico ocorre quando a adposição **do** se flexiona em 1ª, 2ª e 3ª pessoas, resultando, com isso, no alomorfe com vogal alongada{do:} (632). O abaixamento vocálico aplica-se a **no**, a **mo** e a **do** quando a vogal média /o/ do núcleo de cada uma delas torna-se a vogal baixa [a]; resultando, com isso, respectivamente, nos alomorfes adpositivos {na}, {ma} e {da}. O alomorfe {na} surge quando **no** recebe a flexão de pessoa (633) e quando introduz locuções (634). As formas {da=} (635) e {ma=} (636) aparecem, respectivamente, quando as adposições **do** e **mo** se cliticizam às palavras formando uma única estrutura gramatical. A palatalização (concomitante ao abaixamento vocálico) se dá

com a prefixação dos afixos {hi-} e {i-} à adposição **no** gerando o alomorfe {ɲa} (637). O aumento silábico, por sua vez, ocorre com **mo** e **ho**. Quando ambas as adposições anteriores se flexionam em pessoa, é adicionada às suas raízes lexicais mais uma sílaba, resultando nos dissílabos {domo} (638) e {ai} (639). No caso de **ho**, o aumento silábico é acompanhado também pelo apagamento da consoante inicial e pelo abaixamento da vogal /o/:

(632) do → [hi-**doː**], [a-**doː**], [i-**doː**]
de 1-**de** 2-**de** 3-**de**

(633) no → [ku-**na**], [a-**na**], [di-**na**]
a 1-**a** 3-**a** 3ENF-**a**

(634) no → [i-ɲ^{i}a **na** danadzu]: morrer de sede
a 3-morrer **a** sede

(635) do → [**da**=d-uɾobɨ]: dar a notícia, [**da**=dz-uɾio]: ajudai-me
de **de**=3ENF-notícia **de**=1-ajudar

(636) mo → [**ma**=**nutetsi**]: ó filha
em **em**=filha

(637) no → [hi-**ɲa**], [i-**ɲa**]
a 1-**a** 3-**a**

(638) mo → [hi-domo], [a-domo], [i-domo]
em 1-**em** 2-**em** 3-**em**

(639) ho → [k-ai-dza], [d-ai]
contra 1INCLPL-contra-PLUR4 3ENF-contra

Quanto ao seu comportamento morfossintático dentro de uma cláusula, uma mesma adposição pode ocorrer tanto como **adposição propriamente dita** ou como **preposição** (**adposição prepositiva**). No primeiro caso, elas não acompanham um sintagma nominal ligando-o a um predicado, mas constituem sozinhas o sintagma adposicional (SADP) associando-se elas mesmas a um predicado (640). No segundo, elas precedem um sintagma nominal e o ligam a um predicado correspondente, constituindo juntamento com o SN um sintagma adposicional (641):

(640) hanpele-ba i-buanga-te bu-le **i-bo-a**
expulsar-SFP1 3-fazer mal-NML CL:aparência-mau **3-por-PLUR2**
SADP (ADP)
expulsa deles o pecado

(641) i-ubananre nienuo i-**dzene** dzu tupan
3-ter medo diabo 3-**de** água Deus
ADP(preposição) + SN
SADP
O diabo tem medo de água benta

Os exemplos do tipo 640 não foram considerados ocorrências de posposição devido à própria natureza do conectivo. Ou seja, ele não segue um SN formando um só sintagma adposicional. Nesses casos, ela nem ocorre como preposição e nem como posposição. Portanto, categorizá-la, nessas circunstâncias, apenas como adposições mostrou-se ser mais pertinente.

Sintaticamente, as adposições exercem as seguintes funções:

(a) Ocupam o núcleo do sintagma adposicional (642-655);

(b) Ligam o sujeito (642, 643) e o objeto (indireto) (643, 644) ao predicado da cláusula;

(c) Participam da formação do infinitivo (645) e gerúndio verbais (caso específico de **do**) (646);

(d) Fazem parte da constituição de locuções (647), adjuntos nominais (648), adjuntos adverbiais (649) e de genitivos sintáticos (650);

(e) Constituem o caso vocativo (sinalizado pelos proclíticos adpositivos {bo=} e {ma=} – alomorfes respectivos de **bo** e **mo**) (651);

(f) Introduzem cláusulas interrogativas (652, 653) e respostas dadas a perguntas introduzidas pelas próprias adposições (função específica de **mo**) (653);

(g) Introduzem também cláusulas imperativas[56] (654) e operam, em substantivos, como reforço expressivo de posse quando cliticizadas aos prefixos enfáticos de 3ª pessoa (655) (casos específicos de **do**).

(h) Operam como marcadores do caso ergativo – indicado apenas pela adposição **no** (643), e do caso dativo – sinalizado pelas demais adposições, salvo **mo**, **uhamaple**, **amadi**, **deho**, **aboho**, **dikliho** (642, 643, 644).

Abaixo segue um exemplo representativo para cada uma das funções listadas acima:

(642) unu kede h-**ani** no di-nu
sofrer porventura 3-**para** a 3ENF-filho
S (DAT)
Sofreu ela algumas dores quando pariu?

(643) di niaɲi **no** uare ku-**do**-a
dar sal **a** sacerdote 1INCLPL-a-PLUR2
O(ABS) **S (ERG)** **O (DAT)**
nos dá o sal o Sacerdote

(644) di-kli a-biho **do** nienuo
dar-PAS 2-parente **de** diabo
O(DAT)
Destes vossos parentes ao diabo

[56] Predicados inciados em /u/ tende a perdê-lo quando recebem diretamente a forma proclítica adpositiva /do/, realizando-se foneticamente sem a vogal inicial de origem:

a. **u**tsoho: fazer + do → [**do**=tsoho] /**do**=utsoho/: faça-se

b. **u**mikede: mandamento + do → [**do**=mikede] /**do**=umikede/: mandai

(645) ku-e-a **do** k-uka-a do

1INCLPL-carga-PLUR2 **de** 1INCLPL-amar-PLUR2 de

ku-padzu-a nɲo

1INCLPL-pai-PLUR2 Deus

temos obrigação de amar a Deus nosso Senhor

(646) k-urio-a i-na-a **da**=di-klikie-a

1INCLPL-ajudar-PLUR2 3-a-PLUR2 **de**=3ENF-pedir-PLUR2

i-kangɾi-te do tupan k-amadi-a

3-fazer bem-NML de Deus 1INCLPL-por-PLUR2

eles nos ajudam rogando a Deus por nós.

(647) **mo uɾo** uka-idze nɲo i-do-a

em isto amar-muito Deus 3-de-PLUR2

por isso Deus Nosso Senhor lhes tem grande amor

(648) tami **do** meɾata

vara **de** ferro

vara de ferro

(649) kie-kli-a **mo** ihendzi i-na-a

atar-PAS-PLUR2 **em** árvore 3-a-PLUR2

ataram-no em uma árvore

(650) h-ami **mo** ɾada

3-comida **em** chão

manjar da terra

(651) ku-tuitu-a **bo**=biɾan-te

1INCLPL-alegrar-se-PLUR2 **por**=irmão caçula-PLUR1

Alegrias haja sempre, irmãos

(652) i-**do**-de kune i-nɲo anranke

3-**de**-INT porventura 3-criar céu

para quem fez o céu?

(653) Pergunta: **mo**=ande kune pe-ba-a no nɲo

em=quem porventura CAUS-viver-PLUR2 a Deus

Onde lhes fez Deus a morada?

Resposta: **mo**=ande-li mo <Paraíso Terreal>

em=quem-REL em

No Paraíso Terreal

(654) **do**=a-uka do uanganle-te

de=2-amar de ser pobre-NML

Amai aos pobres

(655) do=pele **da**=d-uhe

de=fazer sair **de**=3ENF-corda

Assisti ao Terço de N. S.

(lit. tire para fora sua própria corda/rosário)

Com relação ao ergativo (exemplo 643 atrás), no Kipeá (parente do Karirí, língua aqui em estudo), a adposição **no** também marca o ergativo (LARSEN, 1984) e (ALBUQUERQUE, 2009); corroborando ainda mais a presença da referida adposição como marcador desse caso sintático em Dzubukuá.

Foram encontrados também casos isolados apresentando, na grafia, uma junção entre algumas adposições e um advérbio ou entre elas e um nome, constituindo, respectivamente as formas: i**deho**ploh "3-**com**-só", i**domo**ploh "3-**em**-só", e **mo**idze "**em**-3-nome". Essas formações aparentemente sinalizariam a cliticização de uma adposição a um advérbio e a um nome. No entanto, essas ocorrências foram interpretadas aqui como lapsos tipográficos, tendo como base, para isso, a análise feita do comportamento geral das adposições em Dzubukuá. Uma primeira observação realizada nos dados indica que as adposições não costumam se cliticizar a advérbios. Isso invalida os dois primeiros casos mostrados anteriormente, em que

possivelmente **deho** e o alomorfe adpositivo **domo** se cliticizariam a **ploh**. Uma segunda observação revela que a adposição **mo** se cliticiza a substantivos apenas no vocativo e como proclítico {=**ma**}, o que não é o caso acima, em que o sintagma adposicional **moidze** opera no contexto em que aparece como locativo e não como vocativo. Isso, portanto, contesta o último caso mostrado atrás de uma possível cliticização de **mo** ao substantivo **dze**. Em decorrência dos princípios revelados pelo comportamento regular das adposições, as ocorrências acima foram descartadas como casos de cliticização adposicional e consideradas apenas uma falha de impressão, sendo reintrepadas como formas separadas: **ideho ploh**, **idomo ploh** e **mo idze**.

As adposições **do**, **bo**, **no**, **deho** e **dzene** também funcionam sozinhas como adverbializadores, introduzindo cláusulas coordenadas e subordinadas. Isso implica dizer que, em Dzubukuá, além de exercer seu papel básico – o de unir o sintagma nominal a um predicado, a função relacional dessas adposições fora ampliada, operando, nesse contexto, também como elementos de ligação entre termos ou entre cláusulas. Esse comportamento, em particular, parece evidenciar a presença de um processo de gramaticalização em andamento para esses tipos de adposições, as quais estavam também sendo interpretadas, na época em que a língua fora registrada por Nantes, como conjunções. Nesse caso, as adposições mencionadas também integrarão o quadro das conjunções abordadas na próxima seção.

Abaixo seguem reunidas as características gerais do comportamento gramatical das adposições em Dzubukuá:

Quadro 34 – Morfossintaxe geral das adposições

Morfologia	Sintaxe
- flexão de pessoa e número; - Alomorfias: • **do** → {do:} (alongamento vocálico); • **do** → {da} (abaixamento vocálico); • **no** → {na} (abaixamento vocálico); • **no** → {ɲa} (palatalização e abaixamento vocálico); • **mo** → {ma} (abaixamento vocálico);	- Núcleo do sintagma adposicional; - Ligam o sujeito e o objeto (indireto) a um predicado; - Participam da constituição de infinitivos e gerúndios verbais, de locuções, de adjuntos nominais, de adjuntos adverbiais e de genitivos; - Sinalizam o caso vocativo;

• **mo** → {domo} (aumento silábico); • **ho** → {ai} (aumento silábico, abaixamento vocálico e apagamento do /h/ inicial). - Formas livres que apresentam alomorfes proclíticos em determinadas construções ou funções morfossintáticas. - Recebem flexão de tempo futuro, especialmente quando incorporadas a verbos e/ou em final de cláusula.	- Introduzem cláusulas interrogativas, imperativas, coordenadas e subordinadas; - Iniciam respostas de perguntas dadas às questões introduzidas por adposições; - Operam como reforço expressivo de posse para substantivos flexionados na 3ª pessoa enfática; - Marcam sintaticamente os casos ergativo e dativo.

5.8 *CONJUNÇÕES*

Segundo Schachter e Shopen (2007), conjunções equivalem a vocábulos empregados para estabelecer uma conexão entre palavras, sintagmas ou sentenças. Duas classes de conjunções são verificadas: as **coordenativas** e as **subordinativas**. Ambos os tipos serão tratados nas subseções a seguir.

5.8.1 Aspectos semânticos

As conjunções coordenativas conectam elementos que possuem o mesmo grau de igualdade sintática. Já as subordinativas ligam componentes que possuem "status" desigual nas formações interclausais, introduzindo uma cláusula subordinada a uma outra de "status" sintático independente. Além do estatuto de dependência e independência, as conjunções sinalizam diferentes relações semânticas. Em Dzubukuá, essa categoria lexical é formada por conjunções propriamente ditas e também por membros da classe das adposições e dos advérbios. Cada um deles aparecem sozinhos ou combinados entre si constituindo locuções.

5.8.1.1 Conjunções coordenativas

Em Dzubukuá, foram verificados quatro tipos de conjunções coordenativas, classificadas em: **copulativas**, **adversativas**, **disjuntivas**, **explicativas** e **conclusivas**. Todos estas categorias e suas respectivos membros podem ser visualizados no Quadro abaixo:

Quadro 35 – Conjunções coordenativas

Copulativas	deho “com” dehen“também” no(=)dehen “também” (com cliticização opcional da adposição **no** à conjunção **dehen**)
Adversativas	ko“mas” nel**u** “porém” bono “contudo”
Disjuntivas	boho “ou”
Explicativas	noli “porque” mo (uɾo) “por isso”
Conclusivas	ɲaɾo “portanto”

As conjunções copulativas (também conhecidas como aditivas) fazem a ligação entre dois termos ou cláusulas equivalentes expressando a ideia de adição ou concomitância (656). As adversativas associam termos contrastantes ou expressam ideias opostas ou contrárias (657). As disjuntivas sinalizam uma relação de escolha ou alternativa (658). Explicativas, por seu turno, relacionam sentenças em que uma justifica ou explica o que se declara na outra (659). E as conclusivas, por sua vez, denotam a ideia de conclusão de algo mencionado por uma das sentenças a elas relacionada (660):

(656) ande kune du-niɲo-li anɾanke ɾada i-**deho** uohoie
quem porventura 3ENF-criar-REL céu chão 3-**com** tudo
Quem é que fez o céu, a terra **e** as mais criaturas?

(657)

uanɾandzi tseho kɾotse-kie-ba (...) **ko** uanɾandzi tupan anɾo di-kɾotse-li

remédio gente ter força-não-SFP1 **mas** remédio Deus este 3ENF-ter força-REL

As mesinhas humanas não têm às vezes todas as virtudes (...) **mas** a mesinha de Deus é infalível

(658) mekakie-kli kede do a-naɲe-te do uaɾe-a **boho**

murmurar-PAS talvez de 2-chefe-PLUR1 de sacerdote-PLUR2 **ou**

Murmurastes de vosso Governador **ou** de vosso Padre?

(659) bo=padzu niɲo hi-hanakle klubɨ hi-ne i-bœ ani-ei **noli**

por=pai Deus 1-ter vergonha muito 1-olhar 3-subir 2-para **porque**

hidz-utsoho-kli

1-ofender-PAS

Senhor Deus, tenho grande vergonha de levantar os olhos para vós, **porque** eu vos ofendi

(660) i-peleui-maɲen-nu-kie-a i-bo i-**ɲaɾo** bo=ɲu-ɲu do

3- sair-mais-PNT-não-PLUR2 3-por 3-**portanto** por=filho-filho de

a-ne-a do a-uka-te

2-olhar-PLUR2 de 2-amar-NML

nunca mais hão de sair (do inferno). Portanto, fiéis, olhai de que banda e companhia quereis ser

No quadro das explicativas, destaca-se aqui a conjunção **mo**, empregada em respostas para justificar questões introduzidas pelo seu alomorfe adpositivo {domo}:

(661) Pergunta: i-**domo**-de kune

3-**em**-INT porventura

Por que razão?

Resposta: **mo** ubi-a do nɲo
em ver-PLUR2 de Deus
Porque estão vendo a Deus

5.8.1.2 Conjunções subordinativas

Quanto às conjunções subordinativas, foram verificados dois tipos: **complementizadoras** e **adverbializadoras**, cujos membros encontram-se reunidos no Quadro a seguir:

Quadro 36 – Conjunções subordinativas

Complementizadoras	do “de” (significando “que”)
Adverbializadoras	
Temporais	no “a” (opera como “quando”) kieho bo “antes por” -ingi “tempo”
Condicionais	no “a” (opera como “se”)
Finais	bo “por” dzene “de” (ambos operam no sentido de “para que”)
Comparativas	bo “de” (funciona no sentido de “do que”) mono “como” (mo) uo “como”
Conformativas	mono “como” (mo) uo “como” (ambos operam no sentido de “segundo”, “conforme”)

A função de **complementizador**, na língua em estudo, é desempenhada pela conjunção **do** denotando "que". Ela introduz claúsulas que operam como complementos de verbos que expressam elocução, manipulação, desejo e cognição:

(662) a-klie-kie-kli i-do **do** i-to-ploh uaplu a-na
2-pedir-não-PAS 3-de **de** 3-inventar-só caça 2-a
(não) pediste-lhe que vos deparasse caças?

(663) metse-kli nɲo ku-do-a **do**
aconselhar-PAS Deus 1INCLPL-de-PLUR2 **de**
ku-hanakle-a i-dzene ku-padzu-a
1INCLPL-ter vergonha-PLUR2 3-de 1INCLPL-pai-PLUR2
Deus nos encomendou muito que respeitássemos nossos pais

As adverbializadoras introduzem sentenças que desempenham funções adverbiais. Elas aqui são distribuídas em cinco categorias diferentes denominadas de **temporais**, **condicionais**, **finais**, **comparativas** e **conformativas**. As temporais expressam a ideia de tempo (664, 665)[57]. As condicionais denotam uma condição determinante para a ocorrência de um fato ou situação expressa na cláusula principal (666) As finais ou propositivas, por outro lado, declaram a finalidade, o propósito ou objetivo de uma determinada ação ou fato apresentado pela cláusula principal (667). As comparativas realizam uma comparação entre termos desiguais (668) ou equivalentes (669). E as conformativas indicam concordância, condescendência ou conformidade em relação ao que foi dito na claúsula principal (670) [58]:

[57] A conjunção **no** possui dois significados: de "quando" e o de "se", acumulando tanto a função de conjunção temporal como a de condicional. A distinção de ambas as funções situa-se apenas no plano semântico e contextual.

[58] Os itens **mono** e **(mo) uo** aparecem tanto denotando a ideia de comparação de igualdade como a ideia de conformidade, sem qualquer distinção morfossintática. Tal como a conjunção **no**, a diferença entre as duas funções, exercidas por ambas as conjunções mencionadas, se situa, em Dzubukuá, no plano semântico e contextual.

(664) **no** i-ui i-ɲuɾa niɲo do tseho pli-kli kede
a 3-fazer-se 3-filho Deus de gente deixar-PAS talvez
antse niɲo
natureza Deus
Quando se fez homem, o Filho de Deus deixou porventura de ser Deus?

(665) ku-e-a do ku-ɲa **kieho** **bo** i-pli
1INCLPL-carga-PLUR2 de 1INCLPL-morrer **antes** **por** 3-deixar
ku-na-a pedi mo niɲo
1INCLPL-a-PLUR2 crer em Deus
Temos obrigação de morrermos, **antes que** negarmos a Fé de Jesus Cristo

(666) **no** ana-kie pedi mo hi-me-te do pedi an-atse-a
a querer-não crer em 1-dizer-NML de crer 2-pessoa-PLUR2
mo hi-kɾotse-te
em 1-ter força-NML
Se não quiserdes dar crédito a minhas palavras, dai-o pelo menos ao poder de minhas obras

(667) peihan-ba d-uolidze no nienuo i-**dzene** i-pele-a
fechar-SFP1 3ENF-boca a diabo 3-**de** 3-fazer sair-PLUR2
di-buanga-te
3ENF-fazer mal-NML
o diabo lhe fecha assim a boca **para que** não saiam por ela os pecados

(668) bo=padzu niɲo mɨ-maɲen dz-uka a-do **bo** hi-padzu
por=pai Deus receber-mais 1-amar 2-a **por** 1-pai
Meu Deus e Senhor, eu vos amo mais **do que** a meu pai

(669) mo uɾo tseho **mono** k-atse-a nɲo no dehen
em isto gente **como** 1INCLPL-pessoa-PLUR2 Deus a também
mono di-padzu
como 3ENF-pai
por esta razão ele é homem **como** nós e é também Deus **como** seu Pai

(670) i-ɲutetsi nɲo itse do=moɾo **uo** a-me-te-di
3-filha Deus pessoa de=fazer igual **como** 2-dizer-NML-FUT
Eu sou a escrava do Senhor, faça-se em mim **segundo** vossa palavra

A conjunção comparativa **uo** está presente também em sentenças interrogativas (671); enquanto **mono** aparece predominantemente em cláusulas declarativas (672):

(671) odde **uo** i-nɲo k-atse-a no nɲo
que **como** 3- criar 1INCLPL-pessoa-PLUR2 a Deus
De que modo nos criou Deus?

(672) uɾobɨ mo nɲo **mono** uitanedike tseho
notícia em Deus **como** três gente
Ensino de Deus como Trino

5.8.2 Aspectos morfossintáticos

As conjunções coordenativas e subordinativas aparecem de formas diferentes nas línguas, podendo ser representadas por formas livres (palavras, partículas, etc.) ou formas presas (afixos, clíticos presos, dentre outros). Em Dzubukuá, o grupo das conjunções correspondem quase todas por lexemas livres, com exceção da raiz adverbial **-ingi** que ocorre

presa a um verbo e a adposição **no** que, ao integrar a locução conjuntiva **no=dehen**, ocorre cliticizada à conjunção **dehen**.

Em sua morfologia, as conjunções não se flexionam em número. Quanto à flexão de pessoa, elas podem ser classificadas de duas maneiras: **flexionadas** e **não flexionadas**. As flexionadas aparecem somente com o prefixo pessoal de terceira pessoa não enfático {i-}. É o caso das conjunções **deho**, **bono**, **ɲaro**, **dzene** que ocorrem nas formas **i-deho**, **i-bono**, **i-ɲaro**, **i-dzene**. As não flexionadas, por seu turno, são as mais predominantes, sendo o caso das conjunções restantes: **no**, **do**, **bo**, **ko**, **mono**, **boho**, **nelu** e **noli**.

Ao nível clausal, as conjunções, quanto à sua posição na sentença, podem ser classificadas como **prepositivas** (precedem seus conjuntivos) e/ou **pospositivas** (seguem seus conjuntivos).

As prepositivas, em Dzubukuá, são **no**, **bo**, **ko**, **mono**, **noli**, **dzene**, **bono** e **ɲaro** pois introduzem sentenças ou sintagmas precedendo seus conjuntivos. O quadro das pospositivas, no entanto, é composto só pela conjunção **nelu** que tende a ocorrer no final da cláusula. Já as conjunções **deho**, **(no=)dehen** e **boho** variam entre uma posição prepositiva e outra pospositiva. **deho** demonstra uma maior tendência em ocorrer na primeira posição; enquanto **boho** tende mais a uma posição pospositiva.

Ao nível interclausual, as conjunções constituem cláusulas coordenadas sindéticas (673) e subordinadas (completivas – 674, e adverbiais – 675):

(673) i-niɲo-lobœ-a anɾanke i-**deho** uohoie
3-criar-totalidade-PLUR2 céu 3-**com** tudo
todos os três fizeram o Céu **e** tudo o mais

(674) do=k-umɨkede-a do muɲakie du-nuɲe-li
de=1INCLPL-mandar-PLUR2 de moço 3ENF-obedecer-REL
do ukaiko-a habɨhan
de calar-PLUR2 verdade
digamos aos soldados, que estiveram de guarda no sepulcro, **que** calem a verdade

(675)

no i-buanga-kie-ba-ploh ku-to-a hanpele-kie-ba no tupan

a 3-fazer mal-não-SFP1-só 1INCLPL-avô-PLUR2 expulsar-não-SFP1 a Deus

Se nosso primeiro pai não pacara, Deus nunca o expulsara (do Paraíso)

Abaixo segue um quadro geral reunindo os traços que compõem o comportamento das conjunções apresentados nesta seção:

Quadro 37 – Comportamento geral das Conjunções

Coordenativas	Subordinativas
- Sinalizam as ideias de adição, oposição, alternativa, explicação e conclusão; - Constituem cláusulas coordenadas sindéticas; - Ocorrem com ou sem flexão de pessoa; - Prepositivas e/ou pospositivas; - Formas livres	- Introduzem cláusulas completivas; - Introduzem cláusulas adverbiais expressando tempo, condição, propósito, comparação e conformidade; - Aparecem com ou sem flexão de pessoa; - Prepositivas; - Formas livres.

Em geral, as conjunções apresentadas nesta seção, as adposições, os numerais, os pronomes e os afixos, dentre outros, representam os melhores exemplos de signo simbólico na língua. Neles, a ligação entre significante e significado é imotivada (ou arbitrária), puramente convencional, não havendo qualquer correspondência natural explícita entre o signo e o seu referente ou entre a forma e o conteúdo conceitual por ela transmitida. Convenção essa que deriva da necessidade do ser humano em comunicar "coisas mais abstratas: acontecimentos que pertencem ao passado ou ao futuro, objetos que não se encontram nas imediações ou ainda sobre os seus medos e expectativas" (DELBECQUE, 2006, p. 21). Sendo assim, a correspondência existente entre forma e sentido convencionalizada nesses signos simbólicos é aquela que fora estabelecida tão somente entre os membros da comunidade ao longo da história do desenvolvimento da língua e compartilhada pelos seus falantes na época em que fora registrada.

5.9 *INTERJEIÇÕES*

Interjeições geralmente correspondem aos itens lexicais que, por si mesmos, formam interlocuções, funcionando como mecanismos puramente emotivos. É uma categoria mista que envolve desde palavras usualmente comuns, tais como no Português "viva!", "alô!", "tomara!", a expressão de sons particulares como "ops!", "ah!", "oh!". Em Dzubukuá, foi encontrado somente um item que corresponde a essa descrição. Ele é formado pelo som **huu** "oh!":

(676) do=ku-ba-a-idze dahantsi **huu**
de=1INCLPL-viver-PLUR2-muito ali **oh**!
Oh, quem nos dera vermo-nos já nesta bem-aventurança!

Funcionalmente, foram encontrados em dois exemplos isolados o advérbio **ploh** "só" operando com acepção interjeitiva estando incorporado à palavras e denotando, nesse contexto, o significado de "prouvera Deus" (677). Também, neste bloco, foi constatada apenas uma outra ocorrência, a da adposição **bo** "por" encontrada numa construção vocativa (678) equivalendo semanticamente à expressão "Oh!":

(677) bo=padzu hi-buanga-kie-**ploh**
por=pai 1-fazer mal-não-**só**
meu Senhor, **prouvera Deus**, que eu não vos ofendera!

(678) kangɾi klubɨ an-atse hi-ei **bo**=padzu tupan
fazer bem muito 2-pessoa 1-para **por**=pai Deus
Oh meu Deus, quantos bens me fizestes!

Todas elas, a interjeição propriamente dita **huu** e as funcionais que operam em determinados contextos, provenientes de outras classes lexicais. Nesse último item, encontra-

se o advérbio **ploh** e a adposição **bo**, as quais exercem a função de interjeições optativas, expressando desejo.

Segundo Schachter e Shopen (2007, p. 57), com relação à descrição de línguas extintas a partir de documentos escritos (que é o nosso caso), alegam que "(...) interjeições não podem ser atestadas em registros escritos devido ao caráter geralmente informal e coloquial desta classe de palavra"[59]. Isso parece explicar a ausência quase total de interjeição nos textos analisados do catecismo e do manuscrito. Ambas as obras, por se destinarem à doutrinação, apresenta em seu conteúdo catequético um discurso com um teor bastante formal suprimindo qualquer traço de expontaneidade ou emoção necessária à ocorrência de interjeições.

[59] "In the case of extinct languages interjections may not be attested in the written records because of the generally informal, colloquial character of this word class".

6 ASPECTOS GERAIS DA DINÂMICA GRAMATICAL DO DZUBUKUÁ

Foram constatados a presença de oito aspectos gramaticais recorrentes na língua em estudo, classificados em **reduplicação**, **nominalização**, **negação derivacional, composição**, **incorporação**, **conversão**, **empréstimo** e **locução**. Tais fenômenos ou alteram a estrutura lexical da palavra e/ou sua função na cláusula. Cada um deles será abordado nas seções a seguir.

6.1 REDUPLICAÇÃO

A reduplicação, em Dzubukuá, consiste no desdobramento morfológico da palavra mediante a repetição da raiz lexical. Verificou-se que este processo ocorre quando a sílaba a ser repetida é formada por consoantes labiais que ocupam o ataque da sílaba, ou o seu núcleo é constituído por vogais anteriores ou posteriores.

Em um grupo de substantivos, a reduplicação pluraliza as palavras ou muda o sentido de algumas delas:

(679) nu ou ɲu: filho → nu-**nu** ou ɲu-**ɲu**: filhos

(680) du: fogo → du-**du**: caldeiras infernais

(681) dze: nome → dze-**dze**: graça (divina)

(682) babate: incisão →baba**ba**te [baba**boi**te]: lanceta

Em outros casos, a reduplicação intensifica o sentido das palavras:

(683) a. padzu: pai → **pa**-padzu: pai (tom afetivo)

b. koho **pa**-padzu i-ɲa-kli mo krudza
esse **pai**-pai 3-morrer-PAS em cruz
Sim Padre, (Jesus Cristo) morreu na Cruz

(684) a. kle → kle-**kle**: ficar manchado

b. uanɾandzi do pekla ku-kle-**kle**- bo

remédio de limpar 1INCLPL-ficar manchado-**ficar manchado**-NML por

dzu tupan

água Deus

o remédio para nos lavar desta **mácula original** é a água do santo Batismo

(685) a. titi: tremer → titi-**titi**: tremer (com mais intensidade)

b. titi-titi-ba ɾada

tremer-tremer-SFP1 chão

a terra tremeu (terremoto)

(686) a. bœ: subir → bœ-**bœ**: subir (muito alto)

b. i-bœ-**bœ** i-deho i-tu-i-tu-te (...) mo hemɨ-di

3-subir-**subir** 3-com 3-alegrar-se-3-alegrar-se-NML em céu-FUT

Subirão com alegria para o Céu

Os casos de reduplicação apresentados acima expressam, nessas circunstâncias, a propriedade icônica. Conforme Aikhenvald (2007), iconicidade é a correspondência formal de determinados signos ou construções linguísticas com o seu referente. Nessa perspectiva, a relação entre signo e referente ou entre significante e significado é motivada (não arbitrária). Ao possuir essa propriedade, os componentes da língua refletirão explicitamente nas configurações de sua estrutura o que é expresso por eles.

No caso dos exemplos acima, a iconicidade é expressa lexicalmente mediante a reduplicação da estrutura interna da palavra. Ou seja, para indicar pluralidade ou intensificar um processo ou situação, dobra-se a raiz da palavra que irá corresponder (ou imitar) à presença de mais um referente no discurso ou a intensidade de uma ação ou estado.

6.2 NOMINALIZAÇÃO

A nominalização, em Dzubukuá, é um processo derivacional que gera substantivos ou nomes a partir da sufixação do nominalizador {-te} a um adjetivo ou a um verbo – sendo este último acompanhado ou não por seus adjuntos. Geralmente, as palavras derivadas são, em sua maioria, substantivos abstratos:

(687) bu-ku: branco → i-bu-ku-**te**: alvura
CL:aparência-branco 3-CL:aparência-branco-**NML**

(688) bu-le: mau → i-bu-le-**te**: o mal, o pecado
CL:aparência-mau 3-CL:aparência-mau-**NML**

(689) uple: mentir → uple-**te**: mentira
mentir-**NML**

(690) ŋate: trabalhar → a-ŋate-**te**: vosso trabalho
2-trabalhar-**NML**

Além de receber diretamente o nominalizador em sua raiz lexical, os verbos também podem ser nominalizados juntamente com suas flexões, modificadores e adjuntos:

(691) kla: cavar → kla-nu-kie-**te**: cavado
cavar-PNT-não-**NML**

(692) ŋa: morrer → ŋa-kli-**te**: morto
morrer-PAS-**NML**

(693) ba: viver → ba-oɲe-**te**: boas vindas
viver-bem-**NML**

No caso em que o nominalizador {-te} se afixa a um verbo no passado (item 692 acima), a formação resultante será um particípio (retornar à subseção 5.2.2.5 atrás). Nas demais ocorrências, os lexemas nominalizados exercerão as mesmas funções de um substantivo, como, por exemplo, serem núcleos de um sintagma nominal, podendo ou não, nessa posição, receberem adjuntos nominais. Modificarão também outro nome exercendo o papel de genitivos, e atuarão, por exemplo como sujeito e objetos de um predicado em uma cláusula. Ou mesmo podem operar como predicados intransitivos, tal como ocorre geralmente com os nomes na língua.

6.3 NEGAÇÃO DERIVACIONAL

A negação derivacional ocorre em Dzubukuá mediante à combinação de um negador adverbial com substantivos, adjetivos, advérbios, numerais e adposições derivando uma palavras de sentido oposto:

(694) uekole → uekole-**kie**
avareza avareza-**não**
avareza esmola

(695) i-uaɲu → i-uaɲu-**kie**
3-inveja 3-inveja-**não**
inveja caridade

(696) bu-le → bu-le-**di**
CL:aparência-mau CL:aparência-mau-**não**
mau coisa boa

(697) maɲen → maɲen-**kie**
mais mais-**não**
mais menos

(698) kanatsi → kanatsi-**kie**
amanhã amanhã-**não**
amanhã todos os dias

(699) uani-bihe → uani-bihe-**kie**
CL:modo-um CL:modo-um-**não**
um não só (não apenas um)

(700) i-peneho → i-peneho-**kie**
3-diante de 3-diante de-**não**
diante dele ausência

6.4 *COMPOSIÇÃO*

Segundo Aikhenvald (2007, p. 24), o processo de composição consiste na combinação de pelo menos dois lexemas "potencialmente" livres formando uma palavra. Ou seja, representa uma estrutura lexical complexa que se comporta morfossintaticamente como uma palavra simples. Em Dzubukuá, o processo composicional se dá de duas formas: entre membros da mesma classe lexical (701, 702) e aqueles formados por componentes lexicais diferentes (703, 704) formando composições mistas:

(701) padzuaɾe: sacerdote → padzu: pai + uaɾe: sacerdote

SUB **SUB** **SUB**

(702) bœtodi: levantar-se → bœ: subir + todi: estar em pé

V **V** **V**

(703) buiehoho: corpo → bu-ie: grande + hoho: ser diferente

SUB **CL:aparência (ADJ)** **V**

(704) boɾoɲemɨ: à direita → boɾo: braço + oɲe: bem + mɨ: receber

ADV **SUB** **ADV** **V**

As composições, na língua, revelam um comportamento semântico-morfológico próprio: apresentam um único significado e uma morfologia geral aplicada a palavra composta como um todo. Ou seja, como os membros reunidos na combinação formam um único vocábulo, o composto inteiro expressá um só conceito e irá receber as flexões próprias das classes de palavras. Com isso, por exemplo, os afixos serão aplicados a todo o composto e não a cada um de seus membros individualmente. Nesse caso, os prefixos recairão no início do primeiro membro do composto e os sufixos no final do último membro da combinação:

(705) **ku**-bu-ie-hoho-**a**

1INCLPL-CL:aparência-grande-ser diferente-**PLUR2**

nossos corpos

(706) **i**-pele-ui-**kli**

3-fazer sair-ir-**PAS**

eles saíram

(707) **i**-bo-no

3-por-a

contudo

(708) me-ka-kie-**te**

dizer-cantar-não-**NML**

murmuração

Seguindo a perspectiva teórica de AIKHENVALD (2007), os compostos, em Dzubukuá, podem ser classificados em **endocêntricos** e **exocêntricos**.

Os compostos endocêntricos expressam especificidade de itens. Essa especificade é veiculada por um dos lexemas combinados. Na língua em estudo, alguns compostos se enquadram nessa descrição cujos exemplos são listados abaixo:

(709) ŋu-tetsi: filha

filho-mulher

(710) hamo-kle-kle: onça (lit. bicho manchado)

bicho-ficar manchado-ficar manchado

(711) me-ka-kie: murmurar

dizer-cantar-não

Em algumas construções, todavia, o especificador não está claro ou seu significado está obscurecido. No entanto, foram consideradas aqui composições endocêntricas, em virtude de a acepção geral do composto estar relacionada diretamente com o significado das partes ou com uma delas:

(712) ɾada-mɨ: interior

chão-receber

(713) pele-ui: sair

fazer sair-ir

(714) ka-amaɾa: entoar
cantar-canto

Os compostos exocêntricos são aqueles que denotam algo geral e diferente do significado dos componentes que o compõem. Ou seja, enquanto nos endocêntricos o significado composicional está muito próximo daquele dos componentes individuais que o formam, os exocêntricos apresentam um significado composicional mais distante. Nos dados analisados, esse fenômeno está presente em composições formadas por lexemas da mesma classe (715, 716) e naquelas formadas por categorias gramaticais diferentes (717, 718):

(715) le-to: esforçar-se
irritar-se-inventar
V V

(716) klo-bœ: banquete
estar dentro-subir
V V

(717) koho-bœ-ɾo: certamente, sem dúvida
esse-subir-isto
PRO V PRO

(718) kaia-hoho: ontem
noite-ser diferente
SUB V

Os compostos (endocêntricos ou exocêntricos) constituídos por componentes da mesma classe lexical ocorrem entre substantivos, verbos e adposições:

(719) dzu-du: inferno
água-fogo
SUB SUB

(720) anɾanke-dzo: nuvem

céu-chuva

SUB SUB

(721) ho-pele: saltar

avançar-fazer sair

V V

(722) te-pele-bi-bœ: descer logo

vir-fazer sair-correr-subir

V V V V

(723) mo-no: como

em-a

ADP ADP

(724) i-bo-no: contudo

3-por-a

ADP ADP

Outras construções, no entanto, apresentam lexicalmente caráter misto, estabelecidas por meio da combinação de diferentes classes de palavras:

(725) kaia-pli: tarde

noite-deixar

SUB V

(726) elidze-kaia: dali às três horas

estar escuro-noite

V SUB

(727) kaia-bɨ: depois de amanhã

noite-correr

SUB V

(728) kie-ko-to: corda de contar

atar-caroço-inventar

V SUB V

Do total das composições levantadas, 48,96% delas são formadas por palavras pertencentes à mesma classe lexical, enquanto os 51,04% restantes são mistas. Dentre as composições com membros da mesma classe, as dos verbos são as mais predominantes contando com mais da metade das ocorrências neste grupo (31,25%). As dos substantivos vêm em segundo lugar contabilizando 11,46% dos dados; e, por último, segue o grupo das adposições contando com 04 ocorrência apenas, perfazendo um total de 4,17% do total. Isso revela que combinações lexicais entre verbos são mais recorrentes e mais produtivas que as dos demais tipos de composições mencionadas. Esses resultados encontram-se reunidos no Quadro abaixo:

Quadro 38 – Ocorrências de composições entre palavras de mesma classe lexical

Classe lexical	Nº de ocorrências	Percentual (%)
Entre verbos	30	31,25%
Entre substantivos	11	11,46%
Entre advérbios	02	2,08%
Entre adposições	04	4,17%
Mista	49	51,04%
Total	96	100%

Em Dzubukuá, o processo de junção de palavras em um composto se dá de duas formas: por **justaposição** ou por **aglutinação**. No primeiro caso, a combinação acontece sem alteração na estrutura interna da raiz de uma das partes que forma o composto (729, 730, 731). No segundo, ao contrário, ocorre a alteração da raiz lexical de um dos componentes, gerando modificações sonoras localizadas (732-735):

(729) to: avô + hikiete: virgem → [tohikiete]: senhora virgem

(730) klo: estar dentro + bœ: subir → [klobœ]:banquete

(731) kaia: noite + ku: branco → [kaiaku]: lua, meses

(732) anɾanke: céu + dzo: chuva → [anɾan**ke**dzo] ~ [anɾan**kie**dzo]: sacerdote, pároco

(733) padz**u**: pai + **u**aɾe: sacerdote → [padz**u**aɾe]: sacerdote

(734) ɲu ~ nu: filho + **an**ɾan: homem → [ɲu**ɾa**] ~ [nu**ɾa**]: filho

(735) mɨ: receber + pene**ho**: diante de → [mɨpe**ne**]: tomar para si

Do total dos dados levantados, a justaposição é o processo mais recorrente, perfazendo um total de 89,58% das amostras coletadas, enquanto a aglutinação segue em segundo lugar contando com 10,42% das ocorrências. Isso revela que há uma certa preferência da gramática do Dzubukuá por composições que não alterem a estrutura interna das palavras.

Abaixo segue um quadro reunindo as ocorrências abordadas no parágrafo anterior:

Quadro 39 – Ocorrências entre processos de justaposição e aglutinação

Classe lexical	Nº de ocorrências	Percentual (%)
Justaposição	86	89,58%
Aglutinação	10	10,42%
Total	96	100%

6.5 INCORPORAÇÃO

Um outro tipo de processo bastante comum na língua estudada é a **incorporação**. As incorporações produzem palavras gramaticais morfossintaticamente complexas e se diferem da composição por apresentarem uma maior tendência para preservar os significados (736, 737) e/ou a morfologia individual (738, 739, 740, 741) de cada um dos componentes que a estruturam. Abaixo seguem destacados em negrito os lexemas incorporados:

(736) kɾo-**be-ie**

pedra-**CL:redondo-grande**

grande pedra

(737) uaɾe-a-**idze**

sacerdote-PLUR2-**muito**

sacerdotes (verdadeiros)

(738) hi-ne-**i-boe**[60]

1-olhar-**3-subir**

eu levantei os olhos

(739) i-de-**a-nu**

3-mãe-**2-filho**

vossa esposa

(740) umah-a-**lobe-a-ploh**

queimar-PLUR2-**totalidade-PLUR2-só**

sempre queimam

(741) ui-a-**bœ-a** h-ani

fazer-se-PLUR2-**subir-PLUR2** 3-para

ela mostrou mágoa e sentimento

Como pode ser observado nos exemplos acima, a maioria deles expressam mais de um significado ao mesmo tempo e, no caso dos itens 737 a 741, os membros apresentam flexões individuais.

As incorporações ocorrem com substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes e com o numeral **bihe** "um". Nesse contexto, adjetivos e advérbios, quando incorporados

[60] Optou-se por considerar as combinações entre verbos, nessas circunstâncias, como incorporação e não como serialização, visto que o termo "incorporação" mais se adéqua aos fenômenos observados na língua. Nessas condições, os verbos incorporados demonstram o mesmo comportamento visto nos demais tipos de incorporação não verbal recorrentes em Dzubukuá. Ou seja, ao serem incorporados, os verbos apresentam flexão independente do verbo incorporante, ao contrário das formas serializadas cuja flexão dos verbos incorporados é regida pelo verbo central ou regente da série (KEENAN; DRYER, 2007). A incorporação verbal, em Dzubukuá, demonstra estar mais propícia a lexicalização do que uma construção serial cuja tendência para esse tipo de comportamento, segundo Aikhenvald (2007), é bem menor. Esse comportamento é verificável na maioria das incorporações da língua que revelam variação semântica, expressando os significados de cada um dos seus membros separadamente ou expressam, em outros contextos, um único significado. Isso evidencia uma forte tendência dessas incorporações, na época, em tornarem-se, em um tempo posterior, composições na língua.

aparecem apenas à direita do substantivo. Porém, em verbos, eles são incorporados tanto à direita quanto à esquerda.

Nos exemplos abaixo, seguem destacadas as palavras incorporadas:

(742) i-tsoho-**hikie**

3-ser-**pertences**

ser rico

(743) i-bœ-**banɾan**

3-subir-**começar**

começaram a levantar-se

(744) me-an-**le**-kli

dizer-2-**irritar-se**-PAS

falaram apaixonadamente

(745) **bu-pi**-ui-kli no k-enuɲe-a

CL:aparência-pequeno-fazer-se-PAS a 1INCLPL-entre-PLUR2

fez-se menino entre os homens

(746) **i-bepli**-i-tu-i-tu-a

3-repentinamente-3-alegrar-se-3-alegrar-se-PLUR2

ficaram cheios de alegria

(747) mɨ-ba-**be**-**ku**

receber-SFP1-**CL:redondo**-**branco**

aparências brancas

(748) ɲate-**bu**-**ie**-kli

trabalhar-**CL:aparência**-**grande**-PAS

trabalhou muito

(749) di-dzeia-**klubɨ**-li

3ENF-estar triste-**muito**-REL

muito triste

(750) me-**maɲen**-kli

dizer-**mais**-PAS

ele disse mais

(751) niɲo-**lobœ**-a

criar-**totalidade**-PLUR2

todos fizeram

(752) a-me-**bihe**

2-dizer-**uma**

dizei só uma palavra

(753) a-ɲa-**bihe**-di

2-morrer-**um**-FUT

no mesmo instante morrereis

(754) i-beŋe-**bu**-**ie**-ba

3-marcar-**CL:aparência**-**grande**-SFP1

ele aponta todas

(755) kro-**be**-**ie**:

pedra-**CL:redondo**-**(muito)grande**

grande pedra

(756) me-kli-**ro**

dizer-PAS-**isto**

dizer estas palavras

Os verbos podem incorporar à sua direita mais de um item, formando, com isso, uma estrutura morfossintática mais complexa. Abaixo, eles seguem destacados em negrito:

(757) ku-**ɲu**-bu-pi-kie-ba

1INCLPL-**comer**-CL:aparência-pequeno-não-SFP1

devemos estar em jejum, sem comer

(758) **klu**-bu-pi-kie-ba-dzu

beber-CL:aparência-pequeno-não-SFP1-água

devemos estar sem beber nada

(759) ku-**ɲa**-maŋen-kie-a-di

1INCLPL-**morrer**-mais-não-PLUR2-FUT

nunca mais morreremos

(760) **me**-pedi-kie

dizer-crer-não

não levantar falso testemunho

Há também uma tendência, em menor escala, de serem incorporados à direita dos verbos, quando flexionados, a adposição **no** (como alomorfe {na}) e o pronome pessoal **atse**. Isso se dá, na maioria dos casos, quando a cláusula se encontra no tempo futuro:

(761) mɨ-ku-**na**-a-di

receber-1INCLPL-**a**-PLUR2-FUT

devemos receber

(762) netso-i-**na**-a

saber-3-**a**-PLUR2

souberam

(763) an-uɾio-hi-**na**-di

2-ajudar-1-**a**-FUT

eu vos ajudarei

(764) do a-ɲu me-an-**atse**-di

de 2-comer dizer-2-**pessoa**-FUT

Para comer, direis

(765) kangɾi-an-**atse**-a

Fazer bem-2-**pessoa**-PLUR2

sede bons

(766) klo-**itse**-di mo i-budeuo

estar dentro-**pessoa**-FUT em 3-cova

hei de estar encerrado no sepulcro

As incorporações de substantivos, verbos, adjetivos e advérbios são frequentes em cláusulas relativas cujo núcleo é ocupado por um verbo, o qual recebe o relativizador {-li}[61]. Enquanto a incorporação de substantivos (767), verbos (768) e adjetivos (769) ocorre somente dentro da construção relativa – antes do relativizador, a incorporação de advérbios pode ocorrer tanto dentro (770) da formação relativa como fora (771) – logo depois do relativizador:

(767) ku-padzu-a di-dato-**kudu**-li

1INCLPL-pai-PLUR2 3ENF-encurvar-**joelho**-REL

Nosso Senhor que se ponhe de joelhos

(768) di-ɲa-**bœ-ui**-li

3ENF-morrer-**subir-ir**-REL

os que estão para morrer

[61] Mais informações sobre o comportamento das cláusulas relativas em Dzubukuá serão dadas na subseção 7.13.2 pertencente à seção das cláusulas subordinadas.

(769) di-kangɾi-**bu-ie-**li

3ENF-fazer bem-**CL:aparência-grande**-REL

o que fará bem a todos

(770) di-tsoho-**kieho**-li

3ENF-existir-**antes**-REL

o que tem ser primeiro

(lit. o que existe antes)

(771) di-kangɾi-li-**idze**

3ENF-fazer bem-REL-**muito**

aquele que é perfeito

(lit. o que faz muito bem)

Constata-se também, para alguns casos, a incorporação de palavras compostas formando estruturas lexicais mais complexas. Destaca-se abaixo os compostos incorporados:

(772) di-buanga-**ka-itu-**te

3ENF-fazer mal-**cantar-carne**-NML

o resto dos seus pecados

(773) plihi-**ti-dzo-ui-**ba

arrastar-**colocar-chuva-ir**-SFP1

ele foi arrastado e levado

Dentre as classes lexicais verificadas, os advérbios são a categoria que mais aparece incorporada às outras palavras, perfazendo cerca de 48,10% do total de dados levantados. Em segundo lugar, segue os adjetivos, com 18,65%; em terceiro, os verbos, com 17,80%. Os demais grupos contam com menos de 6% de ocorrência. Essa constatação revela que a incorporação de advérbios, adjetivos e verbos é mais produtiva em Dzubukuá e também a

mais recorrente. Isso pode ser observado no número de ocorrências com seus respectivos grupos no Quadro abaixo[62]:

Quadro 40 – Ocorrências de incorporação entre classes lexicais

Classe lexical	Nº de ocorrências	Percentual (%)
Incorporação de substantivos	13	3,79%
Incorporação de verbos	61	17,80%
Incorporação de adjetivos	64	18,65%
Incorporação de advérbios	165	48,10%
Incorporação de pronomes	19	5,54%
Incorporação de bihe	13	3,79%
Incorporação de no	08	2,33%
Total	343	100%

Quando se muda a perspectiva para o grupo de palavras mais incorporantes ou incorporadoras, verifica-se que os verbos seguem na frente contabilizando um total de 81,92% do total de amostras coletadas. Em segunda posição, encontram-se os substantivos, com 12,54% das ocorrências. As demais classes observadas não ultrapassam o percentual de 2,04% – número referente ao grupo dos pronomes. Verifica-se também, em Dzubukuá, que substantivos e verbos são as classes capazes de incorporar à sua estrutura palavras pertencentes a mais de um tipo de categoria lexical. Os demais grupos incorporam apenas advérbios à sua estrutura. Isso implica dizer que o emprego de verbos e substantivos como incorporadores de palavras é mais produtivo, com destaque para os verbos que detêm certa preferência pelo sistema da língua em estudo para a realização desse tipo de construção.

O Quadro abaixo reúne o número de ocorrências com as respectivas classes lexicais incorporantes em Dzubukuá:

[62] Foi encontrado o caso isolado **i-peneho-a-bu-ie** (3-diante de-PLUR2-CL:aparência-grande) “diante de todos”, no texto do catecismo impresso, que aparentemente poderia estar sinalizando um caso de incorporação adposicional: tendo ou a adposição como incorporante e o adjetivo como incorporado ou vice-versa. No entanto, não foi considerada aqui. Primeiramente foi observado que, em Dzubukuá, as adposições não incorporam e, menos ainda, são incorporadas pelos adjetivos e vice-versa. No manuscrito, e na maioria dos trechos em que aparece esta mesma ocorrência, a adposição flexionada em pessoa e número e o adjetivo ocorrem um ao lado do outro separadamente. Essas observações levaram, deste modo, a reinterpretar esta ocorrência e considerá-la tão somente como um lapso tipográfico, sem qualquer implicações para morfossintaxe da língua em estudo.

Quadro 41 – Ocorrências de palavras incorporantes

Classe lexical	Nº de ocorrências	Percentual (%)
Substantivos	43	12,54%
Verbos	281	81,92%
Adjetivos	04	1,17%
Advérbios	05	1,46%
Numerais	03	0,87%
Pronomes	07	2,04%
Total	343	100%

Possivelmente, a diferença no comportamento semântico de compostos e incorporações se devem às diferentes etapas de lexicalização sofrida pela sistema em estudo, conforme a perspectiva de Aikhenvald (2007). Enquanto as composições se situam num polo mais adiantado de lexicalização em que seus membros já estão lexicalizados em um único vocábulo, as incorporações se encontram numa etapa de transição, a meio caminho desse processo. Isso explica, então, a presença, em Dzubukuá, de incorporações que apresentam uma certa variação semântica atestada no texto de Nantes. Tais construções são constituídas por membros que ora expressam independentemente seu significado individual, tal como as incorporações propriamente ditas, ora revelam um significado único para todos os membros da combinação, semelhante às composições:

(774) i-ɾo-bu-ku: vestido branco (incorporação) ~ lençol (composição)
3-roupa-CL:aparência-branco

(775) bu-pi-ui: fazer-se menino (incorporação) ~ baixar-se (composição)
CL:aparência-pequeno-fazer-se-PAS

(776) bu-ie-ui: fezer-se grande (incorporação) ~ elevar-se (composição)
CL:aparência-grande-fazer-se

6.6 *CONVERSÃO*

Conversão, conhecida também como derivação zero (AIKHENVALD, 2007), é o processo derivacional pelo qual uma palavra de determinada classe lexical "passa a pertencer a uma outra classe, sem que seja acrescido de um afixo" (CRYSTAL, 2000, p. 68). A mudança se estabelece unicamente nos planos semântico e lexical, não havendo qualquer modificação na forma da palavra. Nessas condições, o vocábulo aparece em determinados contextos desempenhando o papel de uma outra categoria gramatical.

Em Dzubukuá, as conversões mais recorrentes ocorrem com verbos (777) e adjetivos (778) quando estas categorias operam como substantivos situando-se no núcleo de um sintagam nominal:

(777) urobɨ mo **buanga**
notícia em **fazer mal**
Ensino do **pecado**

(778) **bule** buanga
mau fazer mal
pecado mortal

Um outro caso bastante recorrente no catecismo impresso e no manuscrito é a expressão **mɨ-ba-be-ku** (**receber-SFP1-CL:redondo-branco**) ou **mɨ-be-ku** (**receber-CL:redondo-branco**), denotando "hóstia sagrada", "aparências brancas" ou "comunhão". O verbo **mɨ** "receber", nesse contexto, opera como um substantivo, funcionando como núcleo de um sintagma nominal e tendo como adjunto o adjetivo curto **be-ku** a ele incorporado.

A título de esclarecimento, pode-se citar como exemplos de conversão em Português e no Inglês, respectivamente, o comportamento dos verbos "amar" e "walk" ("caminhar") nas sentenças: "**amar** é possível" e "**walk** is good" ("**caminhar** é bom"). Acredita-se que estes itens se aproximam mais dos casos acima levantados em Karirí. Como os exemplos mostram,

embora sejam verbos, “amar” e “walk” em suas respectivas línguas, ocorrem, nesse contexto, como substantivos não sofrendo qualquer modificação morfológica para exercer esta função.

6.7 EMPRÉSTIMOS

Empréstimo é o processo pelo qual os sistemas linguísticos ampliam seu léxico mediante a aquisição (importação) de palavras pertencentes a outras línguas ou dialetos. Isso decorre do contato linguístico ou interdialetal entre indivíduos de culturas diferentes. No caso das línguas indígenas brasileiras, em especial, as do Tronco Macro-Jê, é frequente empréstimos do Tupí e do Português que, direta ou indiretamente, se estabeleceram nestas línguas durante o período colonial. Processo esse proporcionado pelas reduções (onde eram reunidos, em um mesmo local, índios de várias etnias a serem catequizados) e pelo contato entre índios e não índios (colonos e religiosos).

Em Dzubukuá, conforme Ribeiro (2010), são encontrados empréstimos do Tupí, Português e de outras línguas Macro-Jê. Alguns deles recebem, em maior ou menor grau, o mesmo aparato morfológico dado às palavras nativas. Abaixo seguem alguns dos exemplos mais representativos encontrados nos textos do catecismo e do manuscrito:

- **Empréstimos do Tupí**

(779) tupan: Deus → a-tupan: vosso Deus
2-Deus

(780) tapɨɲu: negro → tapɨɲu-a: negros
homem negro-PLUR2

(781) uaɾe: padre → uaɾe-a-idze: apóstolos → padzu-(u)aɾe: sacerdote
sacerdote-PLUR2-muitos pai-padre

(782) dapuka: galinha

- **Empréstimos do Português**[63]

(783) <sacramento> → <sacramento-a>: sacramentos
sacramento-PLUR2

(784) <anjo> → <di-anjo>: seu anjo
3ENF-anjo

(785) <communhão> → <communhaõ-onhe-quie-ba-hj>: comungar com má disposição
comunhão-bem-não-SFP1-EP

(786) <christão> → <di-christaõ-quie-te>: os pagãos
3ENF-cristão-não-NML

- **Empréstimos de outras línguas Macro-Jê**

(787) kradzo: gado (do Masakará)

Alguns empréstimos sofreram adaptações, apresentando modificações em suas raízes lexicais. Tais modificações decorrem da simples alteração da qualidade fonética dos segmentos sonoros da raiz e/ou pela redução ou ampliação na estrutura da palavra. Nos itens a seguir, antes da seta se encontram as fontes linguísticas dos empréstimos e depois da seta suas correspondentes na língua em análise. Em negrito, seguem destacados tanto os elementos que sofreram modificação pertencentes à outra língua quanto os componentes deles resultantes existentes no Karirí:

(788) <cra**z**o> (Masakará) → kra**dz**o: gado

[63] Preferiu-se transcrever nesta seção as palavras tal como grafadas por Nantes na época em que o missionário escreveu o catecismo. Esse procedimento foi adotado numa tentativa de preservar suas configurações gráficas tal como aparecem no texto da obra. Para isso, utilizou-se os sinais "< >" que vêm sendo empregados, quando necessário, desde o início deste trabalho.

(789) <cru**z**> (Português) → kɾu**dza**: cruz

(790) <**s**apuca> (Tupí) → **d**apuka: galinha

(791) <**ab**aré> (Tupí) → **u**aɾe: sacerdote

(792) <karaí**ba**> (Tupí) → kaɾa**i**: homem branco

(793) <ca**bra**> (Português) → ka**ba**ɾa: cabra

Vale salientar aqui que as respectivas origens linguísticas indicadas para os empréstimos apresentados nos itens 779 a 782 e 787 a 793 foram postuladas por Ribeiro (2010).

De todas as palavras aqui descritas, apenas em 04 delas encontram-se acentuadas no texto de Nantes, sendo todas elas dissilábicas. Desse pequeno grupo, 03 apresentam o acento paroxítono inicial ˈSS – **tupan** [ˈ**tu**pã] "Deus", **kɾadzo** [ˈ**kɾa**dzo] "gado" e **kɾudza** [ˈ**kɾu**dza] "cruz", e apenas 01 ocorre com o acento oxítono SˈS – **uaɾe** [uaˈ**ɾe**] "sacerdote". Esse comportamento sinaliza para um processo de adequação desses vocábulos ao sistema fonológico da língua pelos falantes na época em que o Karirí era falado.

Foram encontradas ainda, no catecismo, as palavras **sopoɲu** "canto Karirí" e **setobuie** "baleia" – esta última formada pela composição entre **seto** "peixe" (?) mais o adjetivo **bu-ie** "CL:aparência-grande". As referidas palavras apresentam, em sua estrutura, a sibilante alveolar /s/, som não integrante do sistema fonológico do Dzubukuá (retornar ao capítulo 4, seção 4.1 referente aos fonemas consonantais). Essa constatação leva a duas hipóteses: ou representariam formas arcaicas do próprio Dzubukuá ainda preservadas, na época, pela gramática da língua; ou, por outro lado, corresponderiam a empréstimos de outras línguas com os quais os índios, na período, mantiveram contato e que hoje permanecem desconhecidas.

6.8 LOCUÇÕES

Locução consiste na sequência de duas ou mais palavras que se unem sintaticamente para desempenhar juntas as funções exercidas por uma determinada classe lexical (CRYSTAL, 2000). Na língua em pauta, foram encontradas locuções **adjetivas**, **numerais**, **verbais**, **adverbiais**, **conjuntivas** e **adpositivas**.

As locuções adjetivas são constituídas por adposição mais substantivo e exercem a função de adjuntos nominais, operando, nesse contexto, como genitivos:

(794) tseho uohoie **mo ɾada**
gente tudo **em chão**
todos os povos da terra

(795) uɾobɨ **mo niɲo**
notícia **em Deus**
Ensino de Deus

(796) i-du **bo ɾada**
3-fogo **por chão**
fogo das entranhas da terra

As locuções numerais encontradas são compostas por adposição mais substantivo (797, 798), advérbio mais pronome demonstrativo (797) e substantivo mais advérbio (799). Os dois primeiros denotam números ordinais enquanto o último expressa dezena:

(797) **do i-tsebu-te** i-padzu **aboho anɾo** i-ɲuɾa **aboho anɾo**<Espírito Santo>
de 3-cabeça-NML 3-pai **depois este** 3-filho **depois este**
A primeira (pessoa) é o Pai, a segunda é o Filho, a terceira o Espírito Santo

(798) **do** i-**tsebu-te** k-uka-a-idze i-do

de **3-cabeça** 1INCLPL-amar-PLUR2-muito 3-de

Em primeiro lugar, que (ele) nos dê o seu amor

(799) ked-**amœda** **lobœ** ukie

1INCLPL-mão **totalidade** sol

dez dias

As locuções verbais, em Dzubukuá, desempenham sintaticamente o papel de predicado (800). Demonstram flexibilidade na ligação entre os termos, possibilitando a intrusão de um outro lexema não pertencente à estrutura locucional. Geralmente o lexema inserido é sujeito da sentença (801, 802) e, no caso de perguntas, é o advérbio **kede** (802):

(800) do=**neto** i-**pemɨ** an-**tsebu** i-peneho krudza

de=**lembrar** 3-**mostar** 2-cabeça 3-diante de cruz

Lembrai-vos **de fazer reverência** às cruzes

(801) ui-kli **an-atse** do ka-a sopoɲu

ir-PAS 2-**pessoa** de cantar-PLUR2 canto Karirí

S

Fostes cantar o Soponhiu?

(802) mɨ **kede** mɨ-ba-be-ku **a-na** mo <Pascoa>

receber **talvez** receber-SFP1-CL:redondo-branco **2-a** em

Comungastes no tempo da Páscoa

As locuções verbais, em Dzubukuá, são constituída de, no mínimo, duas palavras e, até no máximo, quatro. A posição inicial dessas locuções pode ser ocupada por verbos ou substantivos. A posição final pode ser preenchida por verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. A posição medial, todavia, pode ser ocupada por adposições, advérbios, verbos, adjetivos e substantivos.

Seguem listados abaixo alguns exemplos representativos de locuções verbais[64]:

(803) ana toide: querer opor-se
querer opor-se

(804) umɨkede do nuɲe: mandar guardar
mandar de obedecer

(805) kangɾi do ubi: ser coisa boa de ouvir
fazer bem de ver

(806) uhamaple pele-ui: ser causa de haver
ser causa fazer sair-ir

(807) dato kudu: ajoelhar-se
encurvar joelho

(808) to-kie kangɾi: não poder perdoar
poder-não fazer bem

(809) tsoho buanga-te: pecar
existir fazer mal-NML

(810) to uan-kie-ingi: poder achar tempo
poder haver-não-tempo

(811) pele-bu-ie dzeia-te: mostrar-se triste
fazer sair-CL:redondo-grande estar triste-NML

[64] As composições são parte constitutiva de várias locuções verbais. Nos exemplos apresentados, as formações composicionais foram consideradas individualmente como um único lexema. Os seus elementos constitutivos não foram contabilizados separadamente. Ou seja, foi levada em consideração a estrutura da composição como um todo e não cada parte que a compunha em separado.

(812) tɨ-ho ɾadamɨ do pah: interiormente desejar matar
desejar-muito interior de matar

(813) ɲa na ami: morrer de fome
morrer a fome

Quando aparecem na locução verbal, as adposições funcionam como mecanismos de ligação de termos. Nessa função, a adposição **do** "de" é a mais empregada nesse tipo de locução, aparecendo geralmente sem flexão.

As locuções adverbiais exercem, em sua maioria, a função de advérbios temporais e são constituídas por adposição ou pelo advérbio **aboho** "depois" mais pronome demonstrativo:

(814) niɲo-kli aɲi-idze i-**domo do koho** mi-kli i-ɲuɾa niɲo
criar-PAS alma-muito 3-**em de esse** receber-PAS 3-filho Deus
anli i-buiehoho i-deho aɲi di-domo-ho
aquele 3-corpo 3-com alma 3ENF-em-REFL
criou-se uma perfeita alma e **no mesmo instante** o Filho de Deus tomou a si este corpo e esta alma

(815) **aboho uɾo** do=a-me (...) ku-padzu-a niɲo
depois isto de=2-dizer 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus
Depois disto, dizei o Padre Nosso

(816) uide i-beui **do koho**
que 3-suceder **de esse**
Que coisas aconteceram **então**?

As locuções conjuntivas introduzem cláusulas subordinadas e são compostas por adposição mais pronome demonstrativo (817, 818), por conjunções (819), ou por advérbio mais adposição (820):

(817) ɲate-bu-ie-kli **do ʉro** kede
trabalhar-CL:aparência-grande-PAS **de isto** talvez
Trabalhou muito porventura **para isto**?

(818) **mo ʉro** mɨ-lobœ-a habe
em isto receber-totalidade-PLUR2 pagamento
portanto eles recebem conjuntamente o seu pagamento

(819) do=kabi a-na hi-do-de mo hi-buanga-te-de ani-ei
de=perdoar 2-a 1-de-PLUR3 em 1-fazer mal-NML-PLUR3 2-para
mono uo hi-kabi-de do di-buanga-li hi-ei-de
como como 1-perdoar-PLUR3 de 3ENF-fazer mal-REL 1-para-PLUR3
E perdoa-nos as nossas dívidas, **assim como** nós perdoamos aos nossos devedores

(820) ku-e-a do ku-ɲa **kieho bo** i-pli
1INCLPL-carga-PLUR2 de 1INCLPL-morrer **antes por** 3-deixar
ku-na-a pedi mo niɲo
1INCLPL-a-PLUR2 crer em Deus
Temos obrigação de morrermos, **antes que** negarmos a Fé de Jesus Cristo

As locuções adpositivas são formadas pela combinação entre as adposições **do** "de" e **uhamaple** "por causa de"; e entre **no** "a", **mo** "em", **deho** "com" e **enuɲe** "entre". Nesta circunstância, as adposições **uhamaple**, **deho** e **enuɲe** ocorrem flexionadas, enquanto as outras, não:

(821) tamɨdi di-na-ho keɲe h-ani di-padzu mo krudza
oferecer 3ENF-a-REFL antigamente 3-para 3ENF-pai em cruz
do k-**uhamaple**-a
de 1INCLPL-**por causa de**-PLUR2
ele se ofereceu antigamente por nós na Cruz a seu Eterno Pai

(822) i-bu-pi-ui-kli **no** k-**enuɲe**-a bo
3-CL:aparência-pequeno-fazer-se-PAS **a** 1INCLPL-**entre**-PLUR2 por
ku-bu-ie-ui-a **mo** h-**enuɲe** <Anjos>
1INCLPL-CL:aparência-grande-fazer-se-PLUR2 **em** 3-**entre**
fez-se menino entre os homens para nos fazer grandes entre os Anjos

(823) klo-bihe kaiaku i-**deho** h-**enuɲe** ba-ba <Jesu Christo>
estar dentro-um lua 3-**com** 3-**entre** viver-SFP1
bo i-bœtodi mo ɾada
por 3-levantar-se em chão
Deixou-se estar nosso Senhor quarenta dias na terra com os seus Discípulos

Apresenta-se a seguir um quadro resumindo os processo gramaticais recorrentes em Dzubukuá e abordados neste capítulo:

Quadro 42 – Aspectos gramaticais em Dzubukuá

Processos	Características
Reduplicação	- Pluralização; - Mudança e intensificação de sentido.
Nominalização	- Verbos ou Adjetivos + nominalizador {te}= substantivos
Negação derivacional	- Substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio + negador adverbial → palavras antônimas.
Composição	- Entre palavras da mesma classe lexical; - Entre palavras de classes lexicais diferentes: mistas; - Endocêntricos → palavras de sentido específico; - Exocêntricos → palavras de sentido geral; - Justaposição → junção entre lexemas sem modificação temática; - Aglutinação → junção entre lexemas com modificação temática.
	- Incorporantes → todas as classes lexicais, menos adposições, conjunções e interjeições;

Incorporação	- Incorporadas → substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, o numeral **bihe** e a adposição **no**; - Incorporação de lexemas compostos.
Conversão	- Conversão de verbos e adjetivos em substantivos, operando como núcleo do sintagma nominal.
Empréstimo	- Emprego de palavras provenientes do Tupí; - Utilização de palavras provenientes do Português; - Uso de palavras provenientes de línguas Macro-Jê; - Adaptação fonológica → modificações sonora na raiz lexical e enquadramento aos padrões acentuais ˈ**S**S e S ˈ**S**; - Lexemas suspeitos, de origem desconhecida → **sopoɲu** e **setobuie**.
Locução	- Adjetivas → adposição + substantivo; - Numerais → adposição + substantivo, advérbio + demonstrativo, substantivo + advérbio; - Verbais → posição inicial (verbo ou substantivo) + posição medial (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio ou adposição) + posição final (substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio); - Adverbiais → adposição ou **aboho** (advérbio) + demonstrativo; - Conjuntivas → adposição + pronome, conjunção + conjunção, advérbio + adposição; - Adpositivas → **do** + **uhamaple**, **no**, **mo** ou **deho** + **enuɲe**.

As locuções, na verdade, correspondem a sintagmas na língua vistos por uma perspectiva paradigmática. Dito de outra forma, por meio de um procedimento comutativo, elas podem ser substituídas por uma palavra simples da classe lexical que representam. Todavia, vistas pelo viés sintagmático, tais construções são consideradas sintagmas devido à relação hierárquica que essas formações mantêm com outros constituintes da cláusula. Portanto, sintagma e locuções são um mesmo objeto visto por perspectivas analíticas distintas.

7 SINTAXE: CONSIDERAÇÕES SOBRE CLÁUSULA, PREDICAÇÃO E COMBINAÇÃO DE SENTENÇAS

Mais do que uma associação formal entre sintagmas, a sintaxe corresponde a uma combinação de conceitos ou proposições que discursivamente são expressos por meio de cláusulas (PAYNE, 1997). Esta definição, como qualquer outra, é geral e não pretende ser exaustiva ou esgotar todas as possibilidades funcionais da gramática ou mesmo figurar toda a dinâmica relacional do comportamento sintático de uma língua. Todavia, nessa definição, subjaz um aspecto bastante particular: o de que os seres humanos cognitivamente combinam e manipulam conceitos. Nesse jogo discursivo, são envolvidas entidades (animadas e inanimadas, concretas e abstratas) e as propriedades pertencentes às mesmas, bem como as atividades e relações realizadas, estabelecidas e mantidas por elas. Essas relações se materializam na língua, viabilizando a comunicação interpessoal e organizando-se gramaticalmente por meio da **cláusula**, **sentença** ou **frase** – "unidade central da sintaxe" (DELBECQUE, 2006, p. 113).

A cláusula, em geral, comporta um predicado e seus argumentos, nos quais estão situados os participantes da predicação (GIVÓN, 1984). Ela expressa um acontecimento completo integrando a ele um participante (pelo menos), o evento, o estado, a ação e o processo em que este participante está envolvido. Essas relações predicativas, por seu turno, são ancoradas no tempo e no espaço mediante mecanismos morfossintáticos empregados pela língua; ao mesmo tempo em que indicam a postura e a atitude do locutor ante seu interlocutor. Esses aspectos não só alicerçam a predicação, mas também favorecem linguisticamente o transcurso efetivo da comunicação verbal entre os indivíduos.

Na língua, as relações predicativas são articuladas em uma estrutura linear constituída hierarquicamente por unidades sintático-funcionais denominadas de **sintagmas**. Os sintagmas são formados por uma ou mais palavras que mantêm relações entre si mediante elos bastante coesivos que se unem na formação de níveis imediatamente superiores na hierarquia da estruturação clausal.

Além de combinações entre palavras, como os sintagmas, as línguas humanas também revelam combinações ainda maiores que associam sintaticamente sentenças inteiras formando construções mais complexas, por meio das quais o pensamento humano é verbalmente transmitido e comunicado durante o processo da interação social com outros indivíduos.

Desse modo, para atender devidamente a essa interação comunicativa interindividual, as línguas humanas geralmente possuem mecanismos gramaticais próprios empregados na combinação entre sentenças, favorecendo, com isso, o fluxo de informação do texto e a compreensão entre os interlocutores em um evento comunicativo. A associação entre cláusulas pode se dá de dois modos principais: por meio da **coordenação (parataxe**) ou mediante a **subordinação (hipotaxe)**.

De acordo com Haspelmath (2007), as relações de coordenação são construções em que ocorre a combinação de dois ou mais conjuntivos do mesmo tipo em uma unidade maior, preservando a mesma relação semântica com outras unidades que estão a eles relacionadas. Os componentes interligados são simétricos. Eles mantêm ainda o mesmo "status" semântico, possuindo, com isso, funções equivalentes. Isto é, mesmo interconectadas, cada cláusula da combinação possui seu sentido próprio assegurado. A subordinação, por outro lado, indica semanticamente uma relação assimétrica entre cláusulas; isto é, uma delas é a principal ou independente e a outra é dependente ou semanticamente subordinada à primeira.

Em geral, as sentenças subordinadas podem funcionar sintaticamente como sintagmas nominais (**cláusulas completivas**), como modificadoras de nomes (**cláusulas relativas**) e como modificadores de verbos ou de cláusulas inteiras (**cláusulas adverbiais**). Vendo estes tipos sob uma perspectiva de um "continuum", pode-se afirmar que, ao mesmo tempo em que as cláusulas do tipo relativo representam a estrutura mais encaixada em um polo extremo desse contínuo, as adverbiais, ao contrário, são colocadas no extremo oposto, sendo consideradas as menos subordinadas dos outros dois tipos (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007). Possivelmente isso ocorre devido à sua propriedade de adjunto mencionada por Payne (1997). Conforme este autor, as cláusulas do tipo adverbial são definidas como cláusulas subordinadas que modificam o sentido de uma cláusula principal de modo similar a um advérbio. Geralmente, elas não se consitituem como argumentos sentenciais do predicado, sendo chamadas, algumas vezes, por conta disso, de cláusulas "adjunto". Dessa forma, as sentenças adverbiais se associam a predicados de sentido já completo, fornecendo a eles simplesmente uma informação adicional.

Tal como a morfologia, a sintaxe é um campo não muito fácil de delinear principalmente em línguas indígenas como o Dzubukuá que tem demonstrando um comportamento gramatical bastante complexo. A presença de inúmeras formações peculiares, tais como composições, incorporações e locuções, além de possuírem um amplo inventário de construções morfossintáticas que constituem verdadeiras estruturas léxico-gramaticais ofuscam, em determinados contextos, uma possível fronteira entre a morfologia e a sintaxe.

Dessa forma, o que se segue neste capítulo é uma proposta de descrição sintática organizada em duas partes principais: a primeira reserva-se às considerações acerca dos sintagmas que constituem a gramática da língua em pauta, a ordem dos constituintes na cláusula simples, tipos de predicados, relações semântico-gramaticais presentes em uma predicação e tipos de sentenças. A segunda versa sobre a coordenação e subordinação de cláusulas e os tipos de combinação sintática envolvidas em cada uma delas.

A princípio, em Dzubukuá, foram identificados cinco tipos de sintagmas que se articulam na constituição das sentenças e viabilizam as relações sintáticas. São eles: **sintagma nominal**, **sintagma verbal**, **sintagma adjetival**, **sintagma adverbial** e **sintagma adposicional**. Dentre estes, os sintagmas nominal, verbal e adposicinal são centrais, em torno dos quais são aplicados os mecanismos gramaticais e funcionais essenciais da língua. Vale salientar também que, dentre os cinco sintagmas apresentados, o sintagma verbal é o maior e o mais complexo em tamanho e em número de componentes sintagmáticos que o compõe.

7.1 *SINTAGMA NOMINAL*

Os sintagmas nominais do Dzubukuá são constituídos de, pelo menos, um componente nominal central ou nuclear obrigatório ou por este e elementos periféricos. O núcleo nominal geralmente é ocupado por um substantivo (824, 825), um pronome (826), ou cláusula relativa (CR) anuclear (827)[65]:

(824) tititiri-ba | **ɾada** |[66]
tremer-SFP1 **chão**
SUB
a terra tremeu

[65] As cláusulas relativas anucleares mencionadas nesta seção serão abordadas na subseção 7.13.2 deste trabalho, parte pertencente às cláusulas subordinadas.

[66] Para demarcar os sintagmas, separando-os dos demais constituintes da cláusula, foi empregada a barra horizontal " | " duas vezes, uma no início e outra no final do sintagma. Esse procedimento foi adotado nesta e nas outras seções referentes aos sintagmas verbais, adjetivais, adverbiais e adposicionais.

(825) | **i-krotse-te** i-padzu | uro | **i-krotse-te**-ho i-ɲura |

3-ter força-NML 3-pai isto **3-ter força-NML**-REFL 3-filho

SUB **SUB**

o poder do Pai é o poder do Filho

(826) | **uro** | i-kede uangan i-ɲura niɲo

isto 3-dizer antes 3-filho Deus

PRO

Isto é o que o Filho de Deus disse d'antes

(827) ehe-ba kede i-bo | **du-pah-li** di-biho |

fugir-SFP1 talvez 3-por **3ENF-matar-REL** 3ENF-parente

CR

estes cruéis matadores dos seus próprios parentes escaparão porventura?

A posição de periférico é normalmente ocupada por adjuntos nominais. Têm-se elementos periféricos à esquerda e/ou à direita do componente central. A esquerda é constituída de uma posição[67] e a direita é formada por até duas posições.

A posição pré-nominal é ocupada por substantivos (SUB) (828), verbos (V) (829), adjetivos (ADJ) (830), advérbios (ADV) (831), numerais (NUM) (832), ou pronomes (PRO) (833):

(828) daklo | **ɾadamɨ** i-ɾo aɲi |

adornar **interior** 3-roupa alma

SUB SUB(Núcleo) SUB

adornar a alma com o vestido interior da graça

(lit. adornar a roupa interior do espírito)

[67] Não foi considerados aqui as palavras não verbais que precediam o substantivo operando sintaticamente como predicados intransitivos. Isto, funcionalmente, as colocava fora do sintagma nominal, o qual exercia, nestas circunstâncias, o papel de sujeito da cláusula intransitiva.

(829) i-me | i-**le** tupan | do di-buanga-li
3-dizer 3-**irritar-se** Deus de 3ENF-fazer mal-REL
V SUB(Núcleo)
disse Deus irritado aos que fazem mal

(830) i-ui-a do | i-**bu-le**-a nienuo-a |
3-fazer-ser-PLUR2 de 3-**Cl:aparência-mau**-PLUR2 diabo-PLUR2
ADJ SUB(Núcleo)
se fizeram maus diabos

(831) peleui-ba | **maŋen** bidzamu uple |
sair-SFP1 **mais** feiticeiro mentir
ADV SUB(Núcleo)
parece destes feiticeiros enganadores

(832) bœtodi-kli aboho | **uitanedike** ukie |
levantar-se depois **três** sol
NUM SUB(Núcleo)
ressucitou ao terceiro dia

(833) bœtodi | **uohoie** tseho | do koho
levantar-se **tudo** gente de esse
PRO SUB(Núcleo)
Ressuscitam porventura todas as nações?

A primeira posição à direita do núcleo nominal é ocupada por substantivos (834, 835), verbos (836), adjetivos (837), advérbios (838), pronomes (839), sintagmas adposicional (SADP) (840), ou por cláusulas relativas nucleares (841, 842). E na segunda à direita (843-848), podem aparecer todas as categorias recorrentes na posição anterior, exceto os pronomes:

(834) koho | naɲe **nienuo**-a |
esse chefe **diabo**-PLUR2
SUB(Núcleo) **SUB**
nome do pai

(835) henkode-ba i-na do do | utu **ueko-te** |
induzir-SFP1 3-a de comer fruta **proibir-NML**
SUB(Núcleo) **SUB**
Induziu-os a comer da fruta vedada

(836) ku-ba-a i-lanbi-kie mo | ihitsote ɾada **nanle** |
1INCLPL-viver-PLUR2 3-acabar-não em este chão **ser feio**
SUB(Núcleo) **V**
vivemos eternamente neste vale de misérias

(837) niɲo-kli-ploh i-na | i-buiehoho **bu-pi** | h-amadi
criar-PAS-só 3-a 3-corpo **CL:aparência-pequeno** 3-por
SUB(Núcleo) **ADJ**
lhe formou um corpinho

(838) niɲo-kli kedze no tupan | aɲi-**oɲe** |
criar-PAS instantaneamente a Deus alma-**bem**
SUB(Núcleo) **ADV**
Criou Deus juntamente uma perfeitíssima alma

(839) ubete do | tseho **uohoie** |
conhecer de gente **tudo**
SUB(Núcleo) **PRO**
Conhece também a todos os que estão neste mundo?

(840) i-ui-a k-atse-a do | tseho **mo hemɨ** |
3-fazer-se-PLUR2 1INCLPL-pessoa-PLUR2 de gente **em céu**
SUB(Núcleo) **SADP**
ele nos faz moradores do céu

(841) mo=ande-ploh i-pi-te a-na anli-dza
em=quem-só 3-estar fincado-NML 2-a aquele-PLUR4
| tibudina **di-buanga-li** |
moça virgem **3ENF-fazer mal-REL**
SUB(Núcleo) **CR**
e essas mulheres desonestas se forem para o céu, onde haviam de estar colocadas?

(842) | buanga-te **du-pah-li** **k-aɲi-a** |
fazer mal-NML **3ENF-matar-REL** **1INCLPL-alma-PLUR2**
SUB(Núcleo) **CR**
o pecado que mata a alma

(843) i-uɲikle bo=ɲu-ɲu | naɲe-bu-ie **hemɨ** |
3-estar preparado por=filho-filho chefe-CL:aparência-grande **céu**
SUB(Núcleo) ADJ **SUB**
lit. estão preparados, filhos, para receber o grande chefe do céu

(844) | i-ɾo-bu-ku i-**cangɾi** |
3-roupa-CL:aparência-branco 3-**fazer bem**
SUB(Núcleo) ADJ **V**
um lençol limpo

(845) benebuie kede i-do-te a-na mo
ser igual talvez 3-comer-NML 2-a em
| mɨ-ba-be-ku **bu-pi** |
receber-SFP1-CL:redondo-branco **CL:aparência-pequeno**
SUB(Núcleo) ADJ **ADJ**
tomais, porventura, tanto em uma partícula consagrada (...)?

(846) uɾo bo=ɲu-ɲu | uɾobɨ kumini **tudeɲe** |
isto por=filho-filho notícia índio Kuminí **antigamente**
SUB(Núcleo) SUB **ADV**
Esta é a tradição antiga dos índios Cuminis

(847) koho-a kede i-hoibru-a | tseho uohoie **mo ɾada** |
esse-PLUR2 talvez 3-transmitir gente tudo **em chão**
SUB(Núcleo) PRO **SADP**
Porventura são esses os primeiros progenitores de todos os povos da terra?

(848) | dzu tupan **di-dzo-li** | no uaɾe no i-tsebu-a
água Deus **3ENF-chuva-REL** a sacerdote a 3-cabeça-PLUR2
SUB(Núcleo) SUB **CR**
é a água do santo batismo que o sacerdote nos bota sobre a cabeça

Os resultados apresentados nos parágrafos anteriores podem ser melhor visualizados no Quadro a seguir:

Quadro 43 – Constituintes do sintagma nominal em Dzubukuá

Núcleo	SUB	PRO	CR					
À esquerda	SUB	V	ADJ	ADV	NUM	PRO		
1ª à direita	SUB	V	ADJ	ADV		PRO	SADP	CR
2ª à direita	SUB	V	ADJ	ADV			SADP	CR

7.2 *SINTAGMA VERBAL*

O Sintagma verbal (SV), em relação aos demais tipos, é o mais complexo. Seus constituintes variam de um único verbo até a combinação de vários sintagmas diferentes, os quais se unem ao verbo central podendo ou não aparecer incorporados a ele.

O sintagma em questão, portanto, comporta um componente central ou nuclear obrigatório, de natureza verbal (V), e seus complementos[68] (objetos e/ou adjuntos). Dessa forma, o verbo (849) pode aparecer sozinho constituindo o sintagma ou possuir elementos adjacentes à esquerda (850 a 852) e outros à direita (850, 851) . Geralmente, à esquerda do núcleo verbal, situam-se sintagmas adjetivais (850) e adverbiais (851, 852):

(849) | i-**ŋa**-a |

3-**morrer**-PLUR2

SV

eles morrem

(850) | **i-bu-pi**-ui-kli **no k-enuŋe-a** |

3-CL:aparência-pequeno-fazer-se-PAS **a 1INCLPL-entre-PLUR2**

SADJ V (Núcleo) **SADP (OI)**

fez-se menino entre os homens

(851) | **moro**-me-**hanakle**-ba **h-ani tupan** |

assim-dizer-**ter vergonha**-SFP1 **3-para Deus**

SADV V(Núcleo) **SV** **SADP (OI)**

ele dirá com amor e respeito a Deus

[68] O sujeito sintático não foi considerado aqui como parte integrante do sintagma verbal, não sendo, portanto, incluído nos exemplos referentes a este sintagma. Com isso, está se seguindo, como critério, as definições de Crystal (2000) que restringe o complemento verbal apenas aos objetos e adjuntos do verbo. Em suma, considera-se o sujeito como parte constituinte da predicação como um todo e não do sintagma verbal.

(852) | i-**bepli**-i-tuitu-a |

3-**repentinamente**-3-alegrar-se-PLUR2

SADV V (Núcleo)

ficam todos alegres

À direita, o núcleo de sintagmas verbais intransitivos pode ser seguido por um outro sintagma verbal (851 acima), por um sintagma adverbial (853, 854), um sintagma adposicional (855) ou por numeral (856). Ou pode-se também verificar a ocorrência da combinação de sintagmas adjacentes após o verbo, constituídos por sintagma adverbial e nominal (857) (ou vice-versa), adverbial e adposicional (858), adjetival e adposicional (859):

(853) | i-lanbɨ-nu-**kie**-a | i-tuitu-te

3-acabar-PNT-**não**-PLUR2 3-alegrar-se-NML

V(Núcleo) **SADV**

a alegria não acaba

(854) | unu-**kie**-ba | h-ani

sofrer-**não**-SFP1 3-para

V(Núcleo) **SADV**

ele não padece nada

(855) | i-ɲa-kli **mo krudza** |

3-morrer-PAS **em cruz**

V(Núcleo) **SADP**

ele morreu na cruz

(856) | i-ɲa **bihe** | d-aɲi

3-morrer **um** 3ENF-alma

V(Núcleo) **NUM**

a alma morre repentinamente

(857) | hi-bœtodi-kli **aboho i-ɲa-te** |

1-levantar-se-PAS **depois 3-morrer-NML**

V(Núcleo) **SADV SN**

ressuscitei depois da morte

(858) | unu-**kie**-ba **no kaia** |

dormir-**não**-SFP1 **a noite**

V(Núcleo) **SADV SADP**

ele não dorme (à noite)

(859) | ɲate-**bu-ie**-kli **do uro** |

trabalhar-**CL:aparência-grande**-PAS **de isto**

V(Núcleo) **SADJ SADP**

ele trabalhou muito para isto

À direita do sintagma transitivo, além dos componentes mencionados para os sintagmas intransitivos, situam-se os objetos direto (OD) e/ou indireto (OI) do verbo transitivo – que compõe o núcleo do sintagma. Os objetos diretos são consituídos por sintagmas nominais (860, 862) e os indiretos por sintagmas adposicionais (861, 862):

(860) | niɲo-kli **anranke** | no tupan

criar-PAS **céu** a Deus

V(Núcleo) **SN (OD)**

Deus criou o céu

(861) | ui-kli-a **do boronunu nienuo** |

fazer-ser-PAS-PLUR2 **de escravo diabo**

V(Núcleo) **SADP (OI)**

fizeram-se escravos do diabo

(862) | bipɨ **hanakle-te** **ku-do-a** |

devolver **ter vergonha-NML** **1INCLPL-de-PLUR2**

V(Núcleo) **SN (OD)** **SADP (OI)**

restitui-nos a vergonha

As considerações feitas até aqui a respeito dos sintagmas verbais podem ser reunidas no Quadro abaixo:

Quadro 44 – Constituintes do sintagma verbal em Dzubukuá

Núcleo	V					
À esquerda	SADJ			ADV		
À direita intransitivos	SN	SV	SADJ	SADV	SADP	NUM
À direita transitivos	SN (OD)	SV	SADJ	SADV	SADP (OI)	NUM

7.3 *SINTAGMA ADJETIVAL*

Os sintagmas adjetivais (SADJ), em Dzubukuá, comportam obrigatoriamente um núcleo ocupado por um adjetivo que pode, sozinho, constituir o sintagma ou ser seguido por outro adjetivo ou por advérbios que lhe modifica o sentido:

(863) i-ui-a do | i-**bu-le**-a | nienuo-a

3-fazer-ser-PLUR2 de 3-**Cl:aparência-mau**-PLUR2 diabo-PLUR2

ADJ

se fizeram maus diabos

(864) mɨ-ba |be-ku **be-je** | mo klu-klu-te

receber-SFP1-CL:redondo-branco **CL:redondo-grande** em beber-beber-NML

ADJ **ADJ**

dehen

também

toma em uma hóstia grande e no cálice

(865) i-me | -bu-pi-**kie** | h-ani niŋo

3-dizer-CL:aparência-pequeno-**não** 3-para Deus

ADJ **ADV**

quase nunca roga a Deus

(866) | bu-ie-**idze**-**ploh** | ku-padzu-a

CL:aparência-grande-**muito**-**só** 1INCLPL-pai-PLUR2

ADJ **ADV ADV**

Nosso Senhor é tão grande

Os resultados mencionados no parágrafo anterior encontram-se reunidos no Quadro abaixo:

Quadro 45 – Constituintes do sintagma adjetival em Dzubukuá

Núcleo	ADJ		
Constituintes adjacentes	ADJ	ADV	ADV

7.4 *SINTAGMA ADVERBIAL*

O sintagama adverbial (SADV) é formado por um advérbio ou pela combinação de dois deles:

(867) ɲate-bu-ie-kli do uɾo | **kede** |
trabalhar-CL:aparência-grande-PAS de isto **talvez**
SADV
Trabalhou muito porventura para isto?

(868) uide i-ɲate-a | **dahantsi** |
que 3-trabalhar-PLUR2 **ali**
SADV
Que trabalho faziam lá?

(869) i-utsoho | **-bepli-kedze** | ɾada
3-fazer-**repentinamente-instantaneamente** chão
ADV ADV
em um instante foi a terra feita

7.5 *SINTAGMA ADPOSICIONAL*

O sintagma adposicional (SADP) pode ser constituído por uma única adposição flexionada (870, 874), por adposição mais sintagma nominal (871, 874), por adposição mais sintagma verbal (871, 872), sintagma adverbial (873) ou por adposição mais sintagma adposicional (874):

(870) uku-kli klubɨ | **ku-do-a** |
amar-PAS muito **1INCLPL-de-PLUR2**
SADP
ele nos amou muito

(871) nɨɲo-kie-ba k-atse-a | **no tupam** |
criar-não-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 **a Deus**
ADP SN
| **do ku-ba-a i-lanbɨ-kie** | | **mo ihitsote ɾada nanle** |
de 1INCLPL-viver-PLUR2 3-acabar-não em este chão ser feio
ADP SV ADP SN
Deus não nos criou para vivermos eternamente neste vale de misérias

(872) tɨ-ho-kli an-atse ɾadamɨ | **do i-pah ploh** |
desejar-muito-PAS 2-pessoa interior **de 3-matar muito**
ADP SV
Desejastes interiormente matar alguém

(873) bu-le kede i-boito | **i-penneho-kie** padzuaɾe |
CL:aparência-mau talvez 3-casamento **3-diante de-não** sacerdote
ADP SADV SN
É grande pecado o casar-se quando o pároco está ausente?

(874) tamɨdi | **di-na-ho** | keɲe | **h-ani di-padzu** |
oferecer **3ENF-a-REFL** antigamente **3-para 3ENF-pai**
SADP ADP SN
| **mo krudza** | | **do k-uhamaple-a** |
em cruz de 1INCLPL-por causa de-PLUR2
ADP SN ADP SADP
ele se ofereceu antigamente por nós na Cruz a seu Eterno Pai

A partir dos exemplos acima, pode-se configurar o seguinte Quadro abaixo contendo a constituição geral do sintagma adposicional:

Quadro 46 – Constituintes do sintagma adposicional em Dzubukuá

Núcleo	ADP			
Constituintes adjacentes	SN	SV	SADV	SADP

7.5.1 Vocativo

O vocativo (VOC) corresponde, em Dzubukuá, a um caso gramatical bastante recorrente constituído por um sintagma adposicional. Sua posição na cláusula é sintaticamente livre, podendo aparecer no início, no meio ou em final de sentença. Representa uma construção morfossintática construída mediante a cliticização das adposições **bo** e **mo** a um substantivo: **VOC = {bo=} ou {ma=}+ SUB**.

Para nomes do gênero masculino, emprega-se, para o vocativo, o proclítico adpositivo {bo=} (alomorfe de **bo**) e para substantivos femininos, usa-se o proclítico {ma=} (alomorfe de **mo**):

(875) | **bo=padzu niŋo** | mɨ-maŋem dz-uka a-do bo hi-padzu
por=pai Deus receber-mais 1-amar 2-de por 1-pai
VOC(SADP)
Meu Deus e senhor, eu vos amo mais do que a meu pai

(876) te-kli itse do a-netso hi-na | **bo=ŋura** | | **ma=nutetsi** | boho no tetsi
vir-PAS pessoa de 2-ver 1-a **por=filho em=filha** ou a mulher
VOC(SAP) VOC(SADP)
venho cá filho, (ou filha, se for mulher) para vos ver

(877) bruka | **bo=ŋu-ŋu** |
vir depressa **por=filho-filho**
VOC(SADP)
Vinde, filhos amados

Como os exemplos acima atestam, além de apresentar ordem sintática flexível dentro da cláusula, o vocativo é um elemento gramaticalmente livre em Dzubukuá, não apresentando qualquer ligação morfossintática com os demais componentes da sentença. Em outras palavras, no plano formal, sua presença não é obrigatória. Sua relevância está mais na

dimensão sociocomunicativa. Como pode ser percebido nos exemplos dados acima, o vocativo é um sintagma adposicional que, na língua, carrega um tom afetivo e apelativo.

7.6 *ORDEM DOS CONSTITUINTES NA CLÁUSULA*

As línguas humanas estruturam sintaticamente seus constituintes a partir de uma ordem específica mais ou menos flexível. De acordo com Dryer (2007b), a ordem básica dos constituintes de uma língua é estabelecida tendo como parâmetro a posição dos verbos e seus argumentos (sujeito e objeto). Cada sistema linguístico em particular organiza esses componentes gramaticais de forma diferente. As línguas que apresentam uma ordem lexical mais rígida podem ser reunidos em três grandes grupos: **línguas verbo-iniciais**, **verbo-finais** e **verbo-mediais**. À primeira categoria, estão integrados os padrões VOS e VSO cujo sujeito e objeto seguem o verbo. Ao segundo grupo, estão inseridas as combinações OSV e SOV cujo sujeito e objeto precedem o verbo, sendo que um ou outro iniciam a cláusula. E ao terceiro grupo, se integram as ordens SVO e OVS nas quais os argumentos são adjacentes ao verbo, um deles precedendo-o e outro seguindo-o na estrutura clausal.

Embora formada por um padrão mais ou menos consistente, a ordem dos constituintes sintáticos é bastante suscetível a direcionamentos pragmáticos, tais como deslocamentos à esquerda ou à direita, marcação tópico-contrastiva, etc., desviando-se, com isso, do padrão regular para atender a fins sociocomunicativos. Os mecanismo pragmáticos empregados, nesses casos, sinalizam sintaticamente a topicalidade discursiva em uma dada língua (GIVÓN, 2001).

Dessa maneira, a ordem dos componentes, ao sinalizar a posição dos argumentos verbais, contribui significativamente, dentre outras coisas, com o delineamento e sistematização da marcação de casos em uma língua, com a observação de como a informação é estruturada linguisticamente de modo padrão e como os componentes sintáticos se desviam em menor ou maior grau desse padrão para melhor responder a propósitos comunicativos.

O Dzubukuá corresponde a uma língua verbo-inicial. Suas cláusulas simples revelam os padrões gerais básicos[69]: **VS** para cláusulas intransitivas, **VSO** ou **VOS** para as transitivas bivalentes e **VSOO** ou **VOSO** para as transitivas trivalentes. Em geral, verficou-se também que a posição entre o verbo e seus argumentos é rígida (sendo rompida apenas em caso de topicalização), mas entre o sujeito e o objeto, direto (OD) ou indireto (OI), é flexível; desde que esses objetos se situem após o verbo.

Em sentenças intransitivas, o sujeito obrigatoriamente segue o verbo, conforme o padrão **VS**:

(878) i-ɲa-ba tseho
3-morrer-SFP1 gente
V **S**
nós todos morreremos

(879) i-lanbɨ-kie-ploh i-padzu
3-acabar-não-só 3-pai
V **S**
o pai é eterno

(880) ɲate itse doihi
trabalhar pessoa agora
V **S**
eu quero trabalhar agora

As cláusulas **VSO** e **VOS** indicam que o sujeito e objeto podem aparecer tanto antepostos como pospostos um em relação ao outro. A configuração geral **VSO** envolve os padrões específicos **VSOD** (881) e **VSOI** (882), enquanto **VOS** abrange os padrões **VODS** (883) ou **VOIS** (884). Ou seja, nestes tipos de cláusulas, o objeto direto e o indireto ocupam as mesmas posições, sendo, portanto, mutuamente exclusivos (não co-ocorrentes):

[69] Para a postulação desta ordem, os casos com sujeitos e objetos prefixais presos ao verbo, expressos mediante prefixos pessoais, foram computados como uma só estrutura, visto que, nestes casos, sujeito ou objeto e verbo constituem uma única forma léxico-gramatical.

(881) netso-kli hi-na an-atse
ver-PAS 1-a 2-pessoa
V **S** **O(OD)**
Eu vos reconheço

(882) uka-idze niɲo i-do-a
amar-muito Deus 3-de-PLUR2
V **S** **O(OI)**
Deus nosso Senhor lhes tem grande amor

(883) pah i-ɲa-te ku-padzu-a
matar 3-morrer-NML 1INCLPL-pai-PLUR2
V **O(OD)** **S**
Nosso Senhor matou a morte

(884) hi-kabi-de do di-buanga-li hi-ei-de
1-perdoar-PLUR3 de 3ENF-fazer mal-REL 1-para-PLUR3
V **O(OI)** **S**
nós perdoamos aos nossos devedores

Os padrões **VSOO** e **VOSO** sinalizam que, em cláusula transitivas trivalentes, os objetos podem se pospor ao sujeito, contudo somente um deles pode se antepor a este. O sujeito, por sua vez, pode vir antes dos dois objetos, mas não após os dois. Neste último caso, só é permitido ao sujeito se pospor ao primeiro objeto da sequência, ficando entreposto entre um e outro objeto. A configuração **VSOO** abrange as séries específicas **VSODOI** (885), **VSOIOD** (886) e **VSOIOI** (887); enquanto o padrão **VOSO** consiste apenas na série **VODSOI** (888). Isso implica dizer que, em Dzubukuá, é permitida a co-ocorrência de dois objetos, sendo um deles direto e o outro indireto, ou dois objetos indiretos:

(885) i-di i-na i-kangɾi-te ku-do-a
3-dar 3-a 3-fazer bem-NML 1INCLPL-de-PLUR2
V **S** **O(OD)** **O(OI)**
ele nos dar as coisas que lhe pedidos

(886) tamɨdi-ba hi-na ani-ei a-nura
oferecer-SFP1 1-a 2-para 2-filho
V **S** **O(OI)** **O(OD)**
eu vos ofereço vosso filho

(887) i-klikie-a i-na-a do tupan k-amadi-a
3-pedir-PLUR2 3-a-PLUR2 de Deus 1INCLPL-por-PLUR2
V **S** **O(OI)** **O(OI)**
eles rogam a Deus por nós

(888) mete a-ɲu-ɲu a-na-di a-peneho
avisar 2-filho-filho 2-a-FUT 2-diante de
V **O(OD)** **S** **O(OI)**
mandai vir vossos filhos perante vós

Além dos casos-padrão abordados anteriormente, verifica-se também a ocorrência de casos especiais desencadeada por dois processos: **redução** e **deslocamento sintáticos**. O primeiro gera padrões menores, reduzindo as configurações anteriores. Neste quadro, insere-se o verbo imperativo **bɾuka** e sujeitos e objetos prefixais. O segundo corresponde às topicalizações ocasionadas por deslocamentos à esquerda de constituintes pós-verbais.

O verbo **bɾuka** "vir depressa" cumula semanticamente em si os conceitos de pessoa, número e modo (imperativo), podendo vir sozinho ou acompanhado de um objeto. Desse modo, apresenta os padrões reduzidos **V**, só para o verbo, ou **VO (VOI)**, para verbo e objeto (indireto):

(889) **bɾuku** bo=ɲu-ɲu hidz-uka-te
vir depressa por=filho-filho 1-amar-NML
V
vinde, filhos amados

(890) **bɾuku** hi-aboho bo=ɲu-ɲu

vir depressa 1-com por=filho-filho

V **O(OI)**

vinde comigo, filhos

Os demais casos de redução nos padrões gerais ocorrem quando o sujeito ou o objeto não são expressos lexicalmente na cláusula e sim, quando são expressos diretamento no verbo mediante os prefixos pessoais. O padrão intransitivo **VS** é reduzido para **V** (com sujeito prefixado no verbo) (891), e os padrões transitivos bivalentes **VOS**, **VSO** se reduzem conjuntamente a **VS** (com objeto expresso no verbo) (892) ou **VO** (com sujeito prefixado no verbo) (893, 894); e os trivalentes **VSOO** e **VOSO** se restringem **VSO** (895), **VOO** (896, 897) – para ambos, e **VOS** (898) – apenas para o segundo:

(891) **i**-ɲa-kli-a

3-morrer-PAS-PLUR2

S-V

eles morreram

(892) **i**-pah i-na-a

3-matar 3-a-PLUR2

O(OD)-V **S**

o terem crucificado e tirado a vida

(893) **ku**-netso-a ku-buanga-te

1INCLPL-ver-PLUR2 1INCLPL-fazer mal-PLUR1

VS-V **O(OD)**

lit. nós vemos o nosso pecado

(894) **hi**-le-kli do padzuiɲu

1-irritar-se-PAS de marido

VS-V **O(OI)**

agastei-me contra meu marido

(895) **ku**-mɨdo-a i-na d-aboho

1INCLPL-levar-PLUR2 3-a 3ENF-com

O(OD)-V **S** **O(OI)**

ele nos leva consigo próprio

(896) **i**-di habe ku-do-a

3-dar pagamento 1INCLPL-de-PLUR2

S-V **O(OD)** **O(OI)**

ele nos dá o pagamento

(897) **ku**-klikie-a-di do tupan i-kangɾi-te h-amadi

1INCLPL-pedir-PLUR2-FUT de Deus 3-fazer bem-NML 3-por

S-V **O(OI)** **O(OI)**

roguemos a Deus (de bondade) por eles

(898) **i**-babɨ a-do-a i-na

3-enviar 2-de-PLUR2 3-a

O(OD)-V **O(OI)** **S**

ele vô-lo manda

(lit. ele o envia a vós)

Como pode ser verificado nos casos de redução sintática acima, em Dzubukuá, somente o sujeito e o objeto direto podem ser prefixados ao verbo e não o objeto indireto.

A topicalização (TOP) ocorre quando componentes que normalmente aparecem após o verbo na predicação são deslocados para o início da cláusula. Os deslocamentos podem acontecer com sujeitos (899), objetos (900, 901) e com sintagmas adposicionais indicando as circunstâncias em que os fatos ocorrem: o local (902), o meio pelo qual uma ação é realizada (903), a procedência (904) e natureza (905) das entidades envolvidas na predicação, a causa ou motivo (906), a finalidade (907) das ações praticadas e o modo como estas ações são realizadas (908). No caso das cláusulas comparativas, ocorre o deslocamento de cláusulas introduzidas pela conjunção **mono** para antes do verbo da cláusula principal (909):

(899) **bihe** **ku-buiehoho-a** i-ɲa

um **1INCLPL-corpo-PLUR2** 3-morrer

TOP(S)

só nosso corpo morre

(900) **h-ami** **mo ɾada** do-lobœ ainde k-aboho-a

3-comida **em chão** comer-totalidade animal 1INCLPL-com-PLUR2

TOP(OD)

o manjar da terra, os animais comem como nós

(901) **h-ani** **tupan** a-uipabœ

3-para **Deus** 2-confessar

TOP (OI)

a Deus confessais

(902) **i-domo** netso-maɲen ku-na-a-di

3-em ver-mais 1INCLPL-a-PLUR2-FUT

TOP

Daqui devemos tirar este documento

(903) **do** **i-me-te** **d-uolidze** niɲo-kli anɾanke no tupam

de **3-dizer-NML** **3ENF-boca** criar-PAS céu a Deus

TOP

Deus pela força de sua palavra fez o Céu

(904) **bo** **ɾada** peleui-ba h-ami h-ani

por chão sair-SFP1 3-comida 3-para

TOP

ele quis que o seu sustento saísse da terra

(905) **do buko** dede-oɲe-kli i-buiehoho

de lama formar-bem-PAS 3-corpo

TOP

Fez o seu corpo de lama

(906) **uhamaple** uro ui-kli-a h-amɨ naɲe-bu-ie <Pilatos>

porcausa de isto ir-PAS-PLUR2 3-para chefe-CL:aparência-grande

TOP

A este fim foram eles ter com o Juiz Pilatos

(lit. Por causa disso, eles foram ter com o Juiz Pilatos)

(907) **do alidze-te ku-buiehoho-a** i-tsoho uanɾandzi

de doença-PLUR1 1INCLPL-corpo-PLUR2 3-existir remédio

TOP

Contra as doenças do corpo temos os remédios das purgas

(908) **i-deho i-kangɾi i-koibe** me-oɲe-ba h-ani-dza

3-com 3-fazer bem 3-testa dizer-bem-SFP1 3-para-PLUR4

TOP

com um rosto sereno, com uma voz suavíssima lhes dirá

(909) **mono tseho** pi-de-hi mo hemɨ

como gente estar fincado-SFP2-EP em céu

TOP

como homem está no Céu

As topicalizações, em Dzubukuá, além de anteciparem ao interlocutor informações sobre os participantes e as circunstâncias da predicação (colocadas geralmente após o verbo e, muitas vezes, no final da cláusula), operam também como importantes mecanismos de coesão textual. Um caso bastante expressivo e recorrente são os deslocamentos à esquerda de objetos indiretos sinalizados por uma adposição flexionada em pessoa e/ou em número. Nessas circunstâncias, os objetos deslocados retomam anaforicamente um referente imediato que se

encontra contiguamente à sua esquerda, dando, com isso, sequencialidade aos fatos narrados no texto:

(910) di-kangɾi-li-idze anɾan **i-do** i-peleto tupan i-babi
3ENF-fazer bem-REL-muito homem **3-de** 3-discursar Deus 3-enviar
di-ɲuɾa mo ɾada bo mɨ i-na di-teke <Virgem Maria> do
3ENF-filho em chão por receber 3-a 3ENF-neta de
di-de
3ENF-mãe
varão perfeitíssimo **a quem** Deus tinha prometido que de sua neta, a Virgem Maria, nasceria o seu Filho

(911)
kie-kli-a mo ihendzi i-na-a **i-domo** i-na na danadzu
atar-PAS-PLUR2 em árvore 3-a-PLUR2 **3-em** 3-a a sede
o ataram em uma árvore, **onde** morreu de sede

(912) uɾo i-te-kie-te **i-deho** kietse <cristãos> no nienuo mono
isto 3-vir-não-NML **3-com** atar a diabo como
di-boɾonunu/
3ENF-escravo
são algemas **com que** o demônio amarra os cristãos

Conforme Dryer (2007b), as línguas verbo-iniciais tendem a apresentar algumas características sintáticas em comum. Em Dzubukuá, podem ser identificados seis traços que o inclui entre as línguas desse tipo: a presença de genitivos sintáticos (G) pospostos ao núcleo substantivo do qual são adjuntos no sintagma nominal (913, 914), a presença de adposições prepositivas (914), cláusula relativa posposta ao substantivo ao qual se encontra adjacente no sintagma nominal (915), anteposição do marcador comparativo (M) ao referente da

comparação (RC) quando este é lexicalmente expresso em construções comparativas[70] (916) e a presença de conjunções introduzindo cláusulas subordinadas (917, 918):

(913) tseho **mo ɾada**
gente **em chão**
ADP
SUB G
os moradores da terra

(914) ie **kludimu**
peixe **cesto**
SUB G
peixe do covo

(915) aindete-a **di-netso-kie-li nɲo**
animal -PLUR2 **3ENF-ver-não-REL Deus**
SUB **CR**
animais que não conhecem a Deus

(916) **anɾotse**-kie-ba i-padzu **bo** di-**ɲuɾa**
homem velho-não-SFP1 3-pai **por** 3ENF-**filho**
SUB **M** RC (SUB)
o Pai não é mais velho do que o Filho

(917) peleto-kli i-do **do** i-ɲa-kie-a
discursar-PAS 3-de **de** 3-morrer-não-PLUR2
CONJ
Prometendo-lhes que não haviam de morrer

[70] O marcador e o referente de comparação são componentes da cláusula subordinada comparativa. Eles serão abordados na subseção 7.13.3 relativa às claúsulas subordinadas adverbiais.

(918) **no** i-netso a-na a-domo buanga bu-le

a 3-ver 2-a 2-em fazer mal CL:aparência-mau

CONJ

dzeia-oŋe an-atse-di i-domo

estar triste-bem 2-pessoa-FUT 3-em

se acaso vos achardes com a consciência carregada de algum pecado mortal, excitai-vos à contrição

O Quadro abaixo reúne as considerações feitas até aqui acerca da ordem dos constituintes na cláusula, abordados nesta seção:

Quadro 47 – Ordem dos constituintes da cláusula em Dzubukuá

Aspectos sintáticos	**Tipologia**	- Língua verbo-inicial.
	Características	- Presença de adposições prepositivas; - Posposição de genitivo sintático ao substantivo; - Posposição de cláusula relativa ao substantivo; - Anteposição de marcador comparativo ao referente de comparação; - Conjunções que introduzem cláusulas subordinadas.
	Padrões completos	- **VS** → cláusulas intransitivas; - **VSO** e **VOS** → cláusulas transitivas bivalentes; - **VSOO** e **VOSO** → cláusulas transitivas trivalentes.
	Padrões reduzidos	- **V** → cláusulas intransitivas com sujeito prefixado ao verbo e imperativas com **bɾuka**; - **VS** → cláusulas transitivas bivalentes com objeto prefixado ao verbo; - **VO** → cláusulas transitivas bivalentes com sujeito prefixado ao verbo e imperativas com **bɾuka**; - **VSO** → cláusulas transitivas trivalentes com objeto prefixado ao verbo; - **VOO** → cláusulas transitivas trivalentes com sujeito

		prefixado ao verbo; - **VOS** → cláusulas transitivas trivalentes com objeto prefixado ao verbo.
Aspectos discursivo-pragmáticos	**Topicalização à esquerda**	-Função: informação antecipada sobre participantes e circunstâncias da predicação e coesão textual; - Deslocamento de sujeitos; - Deslocamento de objetos (direto e indireto); - Deslocamento de sintagmas adposicionais circunstanciais; - Deslocamento de cláusulas comparativas introduzidas por **mono**.

7.7 *TIPOS DE PREDICADOS*

No texto do catecismo e manuscrito em análise, foram identificados dois tipos de predicados: os **verbais** e os **não verbais**. Os primeiros são constituídos por verbos e os segundos comportam palavras pertencente às classes lexicais não verbais que podem ser também empregadas, na língua em estudo, com função predicativa. A título de exposição, nas subseções seguintes, primeiramente serão feitas considerações a respeito dos predicados não verbais e, logo após, serão abordados os predicados do tipo verbal.

7.7.1 Predicados não verbais

Os predicados não verbais em Dzubukuá correspondem a estruturas monovalenciais ou predicados intransitivos (PI) de caráter estativo cujo núcleo é ocupado por substantivos,

adjetivos, advérbios, numerais e pronomes. Nesse caso, tais predicados intransitivos podem ser classificados, respectivamente, em nominais (919), adjetivais (920), adverbiais (921), numerais (922) e pronominais (923):

(919) i-**ɾande**-a ani-ei-di
3-**amigo**-PLUR2 2-para-FUT
PI **S**
sejam vossos amigos

(920) bu-**le** kede i-boito i-peneho-kie padzuaɾe
CL-**mau** talvez 3-casamento 3-diante de-não sacerdote
PI **S**
É grande pecado o casar-se quando padre está ausente?

(921) **moɾo** i-ɲuɾa
assim 3-filho
PI **S**
é assim o filho

(922) **bihe** di-beɲe-te
um 3ENF-marcar-NML
PI **S**
só é sua imagem

(923) **koho** ku-to-a
esse 1INCLPL-avô-PLUR2
PI **S**
este é o nosso primeiro pai

[71] Como pode ser observado em casos como o exemplo acima, embora a adposição venha após o sintagma nominal, ela não foi considerada, nessas circunstâncias, uma posposição, visto que ela e o nome não constituem um único sintagma e sim, dois: um SN que opera como predicado formado pelo substantivo e um SADP separado que opera como sujeito constituído pela adposição flexionada em pessoa e número. Para que fosse uma posposição teriam que substantivo e adposição formarem um único sintagma adposicional, que não é o caso.

Atesta-se também, ainda dentro do quadro dos predicados não verbais, a presença de **predicados equacionais** ou **equativos** com cópula zero, cujo núcleo predicativo e o sujeito são, ambos, constituídos de sintagmas nominais adjacentes (respectivamente, substantivo e pronome demonstrativo). Nesses tipos de predicados nominais, os componentes podem ser invertidos sem alterar o sentido da cláusula:

(924) a. **habɨhan** uɾo
verdade isto
PI **S**
é verdade isto

b. **uɾo** habɨhan idze
isto verdade muito
PI **S**
Esta é a pura verdade

(925) a. **unu-te** uɾo
dormir-NML isto
PI **S**
é um sono
(lit. é sono isto)

b. **uɾo** unu-te
isto dormir-NML
PI **S**
é sono
(lit. isto é sono)

(926) a. i-**ɲa-te** anɾo
3-**morrer-NML** este
PI **S**
ela é a morte

b. **anɾo** i-ɲa-te

este 3-morrer-NML

PI **S**

ela é a morte

Como pôde ser observado nos exemplos anteriores, a função dos predicados não verbais se assemelha a dos verbos intransitivos. Nesse caso, o sistema linguístico em questão os coloca na mesma posição ocupada por verbos em uma sentença, ou seja, no início da cláusula. Portanto, as construções intransitivas não verbais seguem a mesma configuração sintática postulada para verbos intransitivos, o padrão **VS**.

7.7.2 Predicados verbais

Nesta subseção, serão abordados os seguintes tópicos: **predicados copulativos**, **predicados existenciais** e a **transitividade dos predicados verbais**. O núcleo dessas construções predicativas comporta um verbo que desempenha alguma função semântico-gramatical na cláusula; constituindo, assim, o componente central das sentenças em Karirí.

7.7.2.1. Predicados copulativos

Em Dzubukuá, os predicados copulativos são predicados estativos que ocorrem quando um verbo de ligação ou de cópula associa o sujeito com o objeto da predicação. Eles podem ser subdvididos em predicados **locativos**, **comitativos** e **nominais**. Os primeiros fazem referência à localização do sujeito no espaço; os segundos fazem menção a uma entidade que acompanha o sujeito da cláusula; e os do terceiro tipo situam o sujeito em uma determinada categoria substantiva.

Os predicados locativos são formados pelos verbos **ba**, **klo**, **pi** e **todi** (927-930). Já os predicados comitativos são construídos com a utilização dos lexemas **ba** (931), **pi** (932). Todos os verbos aqui mencionados atuam como verbos de ligação e, nesse contexto, são empregados no sentido de "estar":

(927) i-domo i-**ba** ku-padzu-a
3-em 3-**viver** 1INCLPL-pai-PLUR2
Nosso Senhor está lá

(928) ode-iho kaiaku **klo**-ba mo di-mudu
por que-muito lua **estar dentro**-SFP1 em 3ENF-ventre
Quanto tempo esteve o menino no ventre de sua Mãe?

(929) **pi**-de mo anɾanke mo ɾada mo uohoie
estar fincado-SFP2 em céu em chão em tudo
(ele) está no Céu, na terra e em todo o lugar

(930) **todi**-a dehen kɾudza mo i-uo-uo
estar em pé-PLUR2 também cruz em 3-caminho-caminho
e há tantas cruzes plantadas pelos caminhos

(931) **ba** tupan ani-aboho
viver Deus 2-com
está Deus em vossa companhia

(932) **pi**-de nɨɲo ani-aboho
estar fincado-SFP2 Deus 2-com
O Senhor é contigo

Os predicados nominais são constituídos pelos verbos ambitransitivos existenciais **tsoho** "existir" e **uan** "haver" (este combinado com o negador **-di** "não"). Nessas

circunstâncias, ambos os verbos são transitivos, possuem sujeito nominativo, denotam “ser” e expressam estados não transitórios situando o referente dentro de uma determinada categoria substantiva ou grupo de entidades:

(933) do i-tsebu-te i-**tsoho**-kli <**Cain**>
de 3-cabeça-NML 3-**existir**-PAS
O **V** **S(NOM)**
o primeiro foi Caim

(934) **uan**-di **uɾo** i-ɲa-te
haver-não **isto** 3-morrer-NML
V **S(NOM)** **O**
isto não é morte

Contudo, as funções mais frequentes dos dois verbos mencionados no parágrafo anterior são como predicados existenciais (função prototípica) e como predicados possessivos. Essas duas propriedades serão descritas na próxima subseção.

7.7.2.2 Predicados existenciais e possessivos

Predicados existenciais expressam a presença ou a existência de uma dada entidade no instante da enunciação. Portanto, eles operam como cláusulas apresentativas, ou seja, introduzem um novo referente no discurso (GIVÓN, 2001). As cláusulas existenciais do Dzubukuá podem ser classificadas em dois tipos: **afirmativas** e **negativas**. No primeiro tipo é empregado o verbo **tsoho** “existir” e no segundo, a estrutura negativa verbal **uan-kie** ou **uan-di** “haver-não” constituída pela combinação do verbo **uan** com os negadores {-kie} ou {-di}. Nessas circunstâncias, tais verbos operam como predicados monovalentes:

(935) i-**tsoho** kede nienuo-a

3-**existir** talvez diabo-PLUR2

Há porventura diabos?

(936) i-**tsoho** bihe tupan

3-**existir** um Deus

Há um só Deus

(937) **uan-kie** anɾanke

haver-não céu

não havia Céu

(938) **uan-di** di-bu-le-li ani-ei bo a-buanga

haver-não 3ENF-CL-mau-REL 2-para por 2-fazer mal

Não há coisa pior para vós que o pecado

Os referidos verbos existenciais também são empregados para expressar a posse, denotando "ter algo ou ter alguém", constituindo o que Dryer (2007b) denomina **predicados possessivos**. Nesse contexto, eles atuam como predicados transitivos e possuem sujeitos dativos:

(939) i-**tsoho** kede h-ami **a-do-a** bo i-do hi-na doihi

3-**existir** talvez 3-comida **2-de-PLUR2** por 3-comer 1-a agora

V **O** **S(DAT)**

Tendes alguma coisa de comer para me dar?

(940) **uan**-kie-ba i-padzu **i-do** mo ɾada

haver-não-SFP1 3-pai **3-de** em chão

V **O** **S(DAT)**

ele não tem Pai na terra

7.7.2.3 Transitividade

De acordo com a transitividade, os predicados verbais em Dzubukuá podem ser classificados como **intransitivos**, **transitivos** e **ambitransitivos**. O segundos são os mais recorrentes, predominando sobre os demais e perfazendo cerca de 84,10% do total dos verbos coletados. Os primeiros vêm em seguida, reunidos em torno de 13,18% dos verbos. Os predicados ambitransitivos contam com um grupo reduzido de 06 lexemas, correspondendo a 2,72% do total. Esses dados podem ser melhor visualizados no quadro abaixo:

Quadro 48 – Transitividade em predicados verbais

Predicados verbais	Quantidade	Percentual (%)
Intransitivos	29	13,18%
Transitivos	185	84,10%
Ambitransitivos	06	2,72%
Total	220	100%

A transitividade em Dzubukuá segue um princípio semântico-sintático. A própria semântica da raiz lexical do verbo exigirá por si mesma o número de argumentos sintáticos obrigatórios que devem está presentes na cláusula, definindo o predicado verbal como transitivo ou intransitivo, independente se o verbo for estativo ou ativo. Isso implica dizer que a morfologia não influirá na transitividade desses predicados. Ou seja, tal como os verbos descritos anteriormente, na seção 5.2, os predicados verbais receberão os mesmos prefixos pessoais e os mesmos sufixos independente de sua transitividade. Embora os prefixos pessoais tenham também caráter argumental, os mesmos prefixos, em Dzubukuá, servirão para representar na estrutura predicativa tanto argumentos sujeitos – sejam eles nominativos ou ergativos, ou objetos – acusativos e absolutivos, exceto objetos indiretos (dativos) que ocorre fora da estrutura verbal. Os termos "estativos" e "ativos" que aparecem nos comentários a seguir são meramente classificatórios sem qualquer repercussão morfossintática e, portanto, não influirá na transitividade dos predicados. Os casos sintáticos e semânticos desempenhados pelos argumentos dos predicados verbais serão tratados com maior detalhe na seção 7.8 adiante, visto que a presente subseção limita-se apenas à transitividade em si e não aos casos semântico-sintáticos expressos pelos argumentos na predicação verbal.

De acordo com Dixon e Aikhenvald (2000), predicados intransitivos (PI) são aqueles constituídos por um único argumento central que desempenha, geralmente, a função de

sujeito. Em Dzubukuá, predicados desse tipo podem ser agrupados em duas categorias: **intransitivos estativos** e **intransitivos ativos**. Os do primeiro tipo denotam estados permanentes ou transitórios e seus núcleos são ocupados por verbos estativos (941, 942); e os do segundo tipo expressam ações, tendo como componente central um verbo ativo (943, 944):

(941) **hoho**-de-hi i-poh tupan
ser diferente-SFP2-EP 3-olho Deus
V(PI) **S**
os olhos de Deus são bem diferentes

(942) i-**dzeia**-kli
3-**estar triste**-PAS
S-V(PI)
ele ficou muito triste

(943) **.ŋate** itse-di doihi
trabalhar pessoa-FUT agora
V(PI) **S**
eu quero trabalhar agora

(944) **bœtodi**-ba kede k-aŋi-a
levantar-se-SFP1 talvez 1INCLPL-alma-PLUR2
V(PI) **S**
ressuscitarão também as nossas almas?

Os predicados intransitivos podem ser estendidos em até dois argumentos, sendo a eles adicionado, para isso, um objeto opcional:

(945) bœtodi **bo** **budeuo** ku-padzu-a
levantar-se **por** **cova** 1INCLPL-pai-PLUR2
V(PI) **O(opcional)** **S**
Nosso Senhor ressuscita do sepulcro

(946) buanga itse **ani-ei**

fazer mal pessoa **2-para**

V S O(opcional)

eu sou mal para vós

(947) unu kede idi **h-ani abiho**

sofrer talvez coração **3-para parente**

V S O(opcional)

tendes ódio ou rancor contra alguém

Ao contrário dos intransitivos, os predicados transitivos (PT) apresentam pelos menos dois argumentos centrais, respectivamente, classificados como sujeito e objeto (DIXON; AIKHENVALD, 2000). Os predicados transitivos também podem ser classificados em **estativos** e **ativos**. Os transitivos estativos expressam estados (948), posição (949), processos cognitivos (950), sensoriais (951) e emocionais (952), e também situações potenciais (953). Os ativos, por seu lado, em geral, indicam ações (954) e elocução (955):

(948) i-**ubananɾe** nienuo i-dzene dzu tupan

3-**ter medo** diabo 3-de água Deus

V(PT) S O

O diabo tem medo de água benta

(949) **klo**-de-a uiɲu-a mo i-mudu di-de-te

estar dentro-SFP2-PLUR2 menino-PLUR2 em 3-ventre 3ENF-mãe-PLUR1

V(PT) S O

estão os meninos nas entranhas de suas mães

(950) i-**neto**-kie maɲen hi-buanga-te i-na

3-**lembrar**-não mais 1-fazer mal-NML 3-a

V(PT) O S

ele não se lembra mais de meus pecados

(951) **netso**-ba k-atse-a i-na

ver-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 3-a

V(PT) O S

Deus nos vê a nós

(952) uka tupan a-do

amar Deus 2-de

V(PT) S O

Deus vos tem amor

(953) **neieta**-kli an-atse kede h-ani tetsite-a

desejar-PAS 2-pessoa talvez 3-para mulher-PLUR2

V(PT) S O

Desejastes pecar com mulheres?

(954) i-**pah**-i-**ŋa** k-aŋi-a no buanga-te

3-**matar**-3-**morrer** 1INCLPL-alma-PLUR2 a fazer mal-NML

V(PT) O S

o pecado mata nossas almas

(955) **me**-ba itse h-ani

dizer-SFP1 pessoa 3-para

V(PT) S O

digo-lhe

Ao contrário dos predicados transitivos estativos (que são todos bivalentes), os transitivos ativos podem ser bivalentes (exemplos 954 e 955 acima) e trivalentes, cujo núcleo é ocupado por verbos que expressam ação voluntária:

(956) **ɲeneti** a-na-di uka-te do tupan
aconselhar 2-a-FUT amar-NML de Deus
V(PT) **S** **O** **O**
recomendai-lhes que amem a Deus

(957) **bipɨ** a-na-di banahoia hikie do habe
devolver 2-a-FUT outro pertences de pagamento
V(PT) **S** **O** **O**
pagai o seu valor ao dono

(958) **mɨdo** itse a-na ani-aboho mo hemɨ
levar pessoa 2-a 2-com em céu
V(PT) **O** **S** **O**
me levareis ao vosso Paraíso

Os predicados ambitransitivos são estruturas cujo núcleo encontra-se constituído por verbos que mudam sua valência, podendo, em determinados contextos, atuarem como predicados monovalentes (intransitivos) e, em outros, como bivalentes (transitivos). A ambiransitividade verbal, em Dzubukuá, conforme já descrito na subseção 5.2.2.8 atrás, está diretamente relacionada com a alteração semântico-funcional do verbo na predicação. Em um primeiro grupo, o mesmo verbo será estativo quando monovalente (959a) e ativo quando bivalente (959b). Há uma segunda categoria verbal, a dos verbos existenciais, que serão monovalentes quando operam como predicados presentativos (960a) e bivalentes quando funcionam como predicados possessivos (960b) ou copulativos (960c). Segue também um terceiro grupo no qual estão presentes verbos que mudam sua valência conforme o sujeito que o acompanha. Tais verbos serão monovalentes quando estão relacionados a sujeitos de referência não humana (961a) e bivalentes quando associados a sujeitos de referência humana (961b):

(959) a. i-**kangri**-a k-aɲi-a
3-**fazer bem**-PLUR2 1INCLPL-alma-PLUR2
V(PI) **S**
nossas almas são boas

b. i-**kangri**-ba k-aɲi-a i-na-a

3-**fazer bem**-SFP1 1INCLPL-alma-PLUR2 3-a-PLUR2

V(PT) **O** **S**

eles curam as nossas almas

(960) a. i-**tsoho** niɲo

existir Deus

V(PI) **S**

há Deus

b. i-padzu i-**tsoho** i-do mo hemɨ

3-pai 3-**existir** 3-de em céu

O **V(PT)** **S**

ele não tem pai no céu

c. mo k-atse-a i-**tsoho**-kieho-a i-padzu-a

em 1INCLPL-pessoa-PLUR1 3-**existir**-antes-PLUR2 3-pai-PLUR2

O **V(PT)** **S**

o pais são antes dos filhos

(961) a. **uple** uɾo

mentir isto

V(PI) **S**

isto é mentira

b. keɲe **uple**-kli nienuo do ku-to-a

antigamente **mentir**-PAS diabo de 1INCLPL-avô-PLUR2

V(PT) **S** **O**

o inimigo enganou antigamente a nossos primeiros pais

Observa-se também na língua que, independentemente do tipo de transitividade exigida, predicados verbais estativos (962) e ativos (963) cujo núcleo é ocupado por verbos finitos aceitam o sujeito e o objeto direto prefixados a eles mediante a afixação dos prefixos pessoais (descritos na subseção 5.6.1.2 atrás). Em contrapartida, predicados verbais estativos (964) e ativos (965) não finitos não permitem a prefixação argumental, ocorrendo sempre em 3ª

pessoa ou sem qualquer flexão de pessoa. O sujeito e objeto direto, nesdes casos, aparecem obrigatoriamente separados da estrutura verbal:

(962) **i**-bepli-a
3-ficar assustado-PLUR2
S-PI
ficaram assustados

(963) **ku**-urio-a i-na
1INCLPL-ajudar-PLUR2 3-a
O-PT **S**
ele nos ajuda

(964)
hoho kede k-atse-a-di mo ku-boetodi-te
ser diferente talvez 1INCLPL-pessoa-PLUR2-FUT em INCLPL-levantar-se-NML
PI **S**
Havemos porventura de ressuscitar todos do mesmo modo?
(lit. seremos diferentes no levantamento/na ressurreição?)

(965) **i-toide** tupan i-na-a
3-opor-se Deus 3-a-PLUR2
PT **O** **S**
lit. eles se opõem a Deus

As observações do parágrafo anterior também são válidas do mesmo modo para predicados verbais ambitransitivos, sejam eles estativos ou ativos; visto que, como já comentado, tais predicados integram-se tanto no quadro dos intransitivos como no dos transitivos.

7.7.2.3.1 Transitivização e detransitivização

As línguas podem apresentar operações de alteração de valência que modificam o "status" categorial e sintático de seus argumentos centrais, podendo, em decorrência disso, aumentar ou reduzir o número desses argumentos e, através disso, alterar a transitividade da cláusula (DIXON; AIKHENVALD, 2000). Quando há o aumento da valência verbal ocorre o processo denominado de **transitivização**; em contrapartida, quando a valência diminui ou é reduzida, o processo é chamado de **detransitivização**. Em Dzubukuá, ocorrem quatro processos responsáveis pela alteração da valência em um verbo. Eles são classificados em **causativização, reflexivização de predicados existenciais**, **prefixação argumental** e **incorporação do sujeito e objeto ao verbo**. O primeiro e o segundo são responsáveis pelo processo de transitivização dos predicados verbais e os dois últimos, pelo de detransitivização.

A causativização em predicados intransitivos aumenta a valência verbal adicionando um objeto obrigatório a eles, que passam de monovalentes para bivalentes. O sujeito dos predicados derivados recebe a marca do ergativo e, ao verbo da predicação, é afixado o prefixo causativo {pe-}:

(966) a. bœtodi-a uohoie tseho
levantar-se tudo gente
V(PI) **S(NOM)** (monovalente)
ressuscitam todas as pessoas

b. **pe**-bœtodi-kli i-na di-ɲa-li
CAUS-levantar-se-PAS 3-a 3ENF-morrer-REL
V(PT) **S(ERG)** **O** (bivalente)
ele começou a ressuscitar os mortos

(967) a. buanga-kli itse
fazer mal-PAS pessoa
V(PI) **S(NOM)** (monovalente)
eu pequei

b. **pe**-buanga-kli tseho i-na

CAUS-fazer mal-PAS gente 3-a

V(PT) **O** **S(ERG)** (bivalente)

ele acabou de perverter quase todo mundo

Os predicados existenciais propriamente ditos são intransitivos, constituídos apenas por um verbo existencial e seu sujeito nominativo. Entretanto, aqueles cujo núcleo é ocupado pelo verbo **tsoho** aumentam sua valência quando se encontram na voz reflexiva. Ou seja, de monovalentes, tornam-se bivalentes. Nessas circunstâncias, eles possuirão, agora, um sujeito ergativo (no qual recai o marcador reflexivo {-ho}) e um objeto absolutivo:

(968) a. **i-tsoho** bihe tupan (monovalente)

3-existir um Deus

V(PI) **S(NOM)**

Há um só Deus

b. **i-tsoho** tupan di-na-ho (bivalente)

3-existir Deus 3ENF-a-REFL

V(PT) **O(ABS)** **S(ERG)**

Deus existe de si mesmo

Em Dzubukuá, é frequente a prefixação e a incorporação do sujeito e do objeto ao verbo. Quando isso acontece, há uma redução na valência verbal, visto que ocorre a redução do número de argumentos lexicalmente expressos na cláusula. O argumento prefixado ou incorporado aos verbos torna-se morfossintaticamente uma única estrutural léxico-gramatical com eles, aos quais formalmente se une.

A prefixação argumental ocorre quando o sujeito e o objeto direto são prefixados ao predicado verbal. Isso se dá nas 1ª e 2ª pessoas ou, anaforicamente, na 3ª pessoa em caso de retomada de um referente mencionado previamente (969 a 971):

(969) a. ubananɾe nienuo i-dzene dzu tupan
ter medo diabo 3-de água Deus
V **S** **O** (bivalente)
O diabo tem medo de água benta?

b. **hi**-bananɾe-kie-ba i-dzene dz-umaɾan-te
1-ter medo-não-SFP1 3-de 1-inimigo-PLUR1
S-V **O** (monovalente)
eu não tenho medo dos meus inimigos

(970) a. uka-idze **niɲo** i-do-a
amar-muito **Deus** 3-de-PLUR2
V **S** **O** (bivalente)
Deus Nosso Senhor lhes tem grande amor

b. do **a**-uka-idze do ku-padzu-a niɲo-di
de **2**-amar-muito de 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus-FUT
S-**V** **O** (monovalente)
amarás a Deus

(971) a. di niaɲi no uaɾe ku-do-a
dar sal a sacerdote 1INCLPL-de-PLUR2
V **O** **S** **O** (trivalente)
o sacerdote nos dá o sal

b. **i**-di hi-na-de a-do-di
3-dar 1-a-PLUR3 2-de-FUT
O-V **S** **O** (bivalente)
vô-lo ofereçamos

A incorporação, por seu lado, se dá com o sujeito e o objeto direto lexicalmente livres quando incorporados à estrutura do predicado verbal. Isso ocorre com a adposição **no** flexionada em pessoa e/ou em número (972) e com o pronome **atse** (973):

(972) a. i-netso i-na i-toide-te

3-ver 3-a 3-opor-se-NML

V **S** **O** (bivalente)

ele vê algum impedimento

b. i-domo netso-**ku-na-a**-di

3-em ver-**1INCLPL-a-PLUR2**-FUT

O **V-S** (monovalente)

nisto, somos instruídos

(973) a. mɨ i-buiehoho hi-na-di

receber 3-corpo 1-a=FUT

V **O** **S** (bivalente)

tomarei um corpo

b. mɨ-**an-atse** hi-na

receber-**2-pessoa** 1-a

V-O **S** (monovalente)

eu vos recebo

As discussões feitas até aqui sobre os tipos de predicados podem ser resumidas no Quadro abaixo:

Quadro 49 – Sintaxe geral dos predicados em Dzubukuá

Tipologia	Transitividade	Subcategorias
- Predicados verbais	- Intransitivos (monovalentes); - Transitivos: bivalentes e trivalentes; - Ambitransitivos: monovalentes ~ bivalentes; - Transitivização → causativização de verbos intransitivos e reflexivização de	- Copulativos: locativos, comitativos e nominais; - Predicados existenciais; - Predicados possessivos.

	predicados existenciais→ aumento de valência; - Detransitivização → prefixação argumental e incorporação de sujeito e objeto ao verbo → redução de valência.	
- Predicados não verbais	- Intransitivos (monovalentes); - Estendidos → adição de objeto opcional.	- Nominais; - Adjetivais; - Adverbiais; - Numerais; - Pronominais; - Equacionais → com cópula zero.

7.8 *PREDICAÇÃO: RELAÇÕES SEMÂNTICO-GRAMATICAIS E MARCAÇÃO DE CASO*

Nas práticas comunicativas, a gramática de uma língua expressa as relações estabelecidas entre a **situação** e os **participantes** envolvidos no processo de **predicação**. Essas relações são expressas mediante determinados componentes formais denominados de **predicado** e **argumentos**. A relação gramatical mantida entre eles sinaliza algum tipo de papel semântico que pode ser configurado de diferentes maneiras e que está por trás da dinâmica verbal de um evento comunicativo (PAYNE, 1997). Por exemplo, a função de sujeito sintático pode ser exercida por um agente, um paciente e um experienciador, entre outros; e a posição de objeto pode ser preenchida por um paciente, um tema, um beneficiário da ação, etc.

Segundo Lehmanni (2005), cada um desses participantes é representado formalmente por **sintagmas nominais** ou **adposicionais**, ou também por clíticos e afixos (MITHUN, 2005). A situação, no entanto, é representada pelo termo que ocupa o núcleo de um predicado

expressando uma ação, processo, estado ou evento. Ainda conforme Lehmanni (*ibid*.), há dois elementos fundamentais que caracterizam as relações entre os diferentes participantes que compõem a predicação: os níveis de **envolvimento** e de **controle**. Dito de outro modo, na predicação verbal um dos participantes é mais envolvido em uma situação do que outros e um deles detém o controle maior dessa situação. Quanto ao nível de envolvimento, os participantes podem ser categorizados em **centrais** e **periféricos** (ou **oblíquos** nos termos de Mithun, 2005). Os que pertencem ao primeiro tipo são os mais envolvidos na predicação e os do segundo são os menos envolvidos nesse processo. Para a autora, os centrais são os elementos constitutivos da predicação e os periféricos, por seu lado, apenas enriquecem a situação predicativa sem com isso alterar sua estrutura básica; ou seja, sua participação pressupõe a existência dos componentes centrais. Os participantes periféricos, portanto, representam elementos circunstanciais na predicação (ANDREWS, 2007b).

Nesse quadro, os argumentos de um predicado são os componentes que ocupam a posição dos tipos centrais, e os que preenchem a função de comitativo, benefactivo e instrumental, por exemplo, integram o grupo dos periféricos. Da mesma forma se dá com o controle da situação. Há os que controlam a situação, como é o caso do **agente**, em um polo extremo, e há os que são controlados por ela, como é o caso do **paciente**, situado no polo oposto.

Para cada relação semântico-gramatical mantida entre os constituintes de uma estrutura predicativa, existe um determinado indicador morfológico e/ou sintático que a sinaliza por meio da **marcação de caso**. Quando se fala de caso, faz-se referência à função desempenhada por um determinado sintagma nominal em uma dada cláusula (DIXON, 2004b). Cada língua tem seu próprio sistema de marcação de caso que pode ser representado por componentes constitutivos presos e/ou livres. Em Dzubukuá, esse sistema é constituído pela ausência (casos não marcados) ou pela presença de adposições (casos marcados).

7.8.1 Sujeito

Em Dzubukuá, o sujeito está presente em predicados verbais e em predicados não verbais, podendo aparecer na **forma livre**, **presa** ou **elíptica**. O sujeito livre pode ainda ser

dividido em simples e complexo. O simples é representado por somente um sintagma nominal (974), enquanto o complexo opera com mais de um sintagma nominal (975). Uma outra possibilidade corresponde à expressão do sujeito codificada no verbo, sinalizada pelos prefixos pessoais (976). Já o sujeito elíptico ou zero corresponde à marcação zero de um mesmo referente mencionado anteriormente no discurso (977):

(974) koho **ku-to-a**
esse **1INCLPL-avô-PLUR2**
este é o nosso primeiro pai

(975) uipabœ-a **muŋakie-a** (...) **anɾotse-te** **ɾute-a**
confessar-PLUR2 **moço** **homem velho-PLUR1** **mulher velha**
confessam-se os homems, os moços (...), os velhos e as velhas

(976) **hi**-ubananɾe-kie-ba i-dzene dz-umaran-te
1-ter medo-não-SFP1 3-de 1-inimigo-PLUR1
não tenho medo dos meus inimigos

(977) mete-kli kede **bidzamu** do boŋahen **[ø]**
avisar-PAS talvez **feiticeiro** de adivinhar
elipse de sujeito
consultastes as bruxas para adivinharem?

Semanticamente, o sujeito pode exercer, na predicação, a função de **agente** (com predicados verbais ativos, 978), **paciente** (afetado pela ação predicativa, 979 e 980), **tema** (com predicados não verbais e com predicados verbais que expressam estado, posição e eventos potenciais, 981), **causador** (agentes não humanos de predicados verbais ativos, 982), e **experienciador** (com predicados verbais que expressam cognição, sensação e emoção, 983)[72]:

[72] Os papéis semânticos codificados no sujeito (nesta subseção) e no objeto (tratado na subseção seguinte) foram classificados de acordo com as categorias encontradas em Andrews (2007b), Crystal (2000), Lehmanni (2005), Dixon e Aikhenvald (2000).

(978) pah-kli tseho **a-na**

matar-PAS gente **2-a**

S(agente)

Espancastes alguém?

(979) mi-oɲe-kli **a-na** an-kangɾi-te i-bo

receber-bem-PAS **2-a** 2-fazer bem-NML 3-por

S(paciente)

recebestes com amor a saúde

(980) **i**-ɾaidi-kli-te mo budeuo

3-sepultar-PAS-NML em cova

S(paciente)

ele foi sepultado

(981) klo-de-a **uiɲu-a** mo i-mudu di-de-te

estar dentro-SFP2-PLUR2 **menino-PLUR2** em 3-ventre 3ENF-mãe-PLUR1

S(tema)

estão os outros meninos nas entranhas de suas mães

(982) do-ba obo **no** **kɾadzo**[73]

comer-SFP1 ombus **a** **gado**

S(causador)

as vacas comem os ombus

(983) i-le maɲen **tupan** i-do-a

3-irritar-se mais **Deus** 3-de-PLUR2

S(experienciador)

fica Deus mais agastado contra eles

[73] Fruto desconhecido. A configuração gráfica da palavra **ombus**, nos escritos de Nantes, lembra a palavra "umbu" ou "imbu". Talvez fosse esse o significado, visto que o umbuzeiro ou imbuzeiro é uma planta nativa do semiárido nordestino e, portanto, é bastante encontrada no sertão do Nordeste brasileiro, onde viviam esses índios.

Sintaticamente, o sujeito pode operar no caso nominativo (NOM), ergativo (ERG) e dativo (DAT):

(984) uka-idze **niɲo** i-do-a
amar-muito **Deus** 3-de-PLUR2
S(NOM)
Deus Nosso Senhor lhes tem grande amor

(985) netso-ba k-atse-a **i-na**
ver-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 **3-a**
S(ERG)
Deus nos vê a nós

(986) unu-ba **hi-ei-di**
sofrer-SFP1 **1-para-FUT**
S(DAT)
eu estarei sujeito às dores

7.8.2 Objeto

Em Dzubukuá, o objeto ocorre exclusivamente como componente obrigatório de predicados verbais transitivos (987), sendo opcionais em predicados verbais intransitivos (988):

(987) i-ui i-ɲura niɲo **do uiɲu**
3-fazer-se 3-filho Deus **de menino**
o Filho de Deus se fez menino

(988) bœtodi **bo budeuo** ku-padzu-a
levantar-se **por cova** 1INCLPL-pai-PLUR2
Nosso Senhor ressuscita do sepulcro

Tal como o sujeito, o objeto pode também ser expresso de **forma livre**, **presa** e **elíptica**. No primeiro modo, ele pode ser representado por um único sintagma nominal ou adposicional (**forma simples**) (989) ou por mais de um (**forma complexa**) (990). A forma presa, por seu turno, é diretamente expressa na própria estrutura verbal mediante o emprego dos prefixos pessoais, ocorrendo apenas com objetos diretos (991). O objeto elíptico, por outro lado, corresponde à marcação zero em uma dada cláusula, retomando, sem qualquer marcação, um referente mencionado previamente, sende este inferido pelo interlocutor (992):

(989) niɲo-kli **anɾanke** no tupan
criar-PAS **céu** a Deus
Deus fez o céu

(990) do=ani-hanakle **i-dzene a-padzu i-dzene an-de-di**
de=2-ter vergonha **3-de 2-pai 3-de 2-mãe-FUT**
Honrarás a teu pai e a tua mãe

(991) **k**-uanikutsu-a no uaɾe
1INCLPL-lavar-PLUR2 a sacerdote
o sacerdote nos batiza

(992) moɾo-kie-ba h-**ami** **anɾanke** (...) do-nu-kie-ba
assim-não-SFP1 3-**comida** **céu** comer-PNT-não-SFP1
no uanie **[ø]**
a índio bravo
elipse de objeto
Não é assim neste manjar celestial (...), não o podem comer os infiéis

Semanticamente, os objetos podem desempenhar o papel de **pacientes** (993) – com predicados ativos, **agentes** (994), **temas** (994, 995, 996) – como objeto de transferência em predicados trivalentes, **benefactivos** (recipiente beneficiado de predicados trivalentes) (995), **malefactivos** (recipiente prejudicado em predicados trivalentes) (996), **comitativos** (em predicados de estado e posição) (997), **locativo** (em predicados de estado e posição) (998), **essivos** (com predicados de estado e emoção) (999) e **estímulo** (entidade motivadora de processos cognitivos, emocionais ou sensoriais, 1000):

(993) hi-utsotsoho-kli **do tupan**
1-ofender-PAS **de Deus**
O (paciente)
ofendi a Deus

(994) mɨ-oɲe a-na-di **an-kangɾi-kie-te** **i-bo**
receber-bem 2-a-FUT **2-fazer bem-não-NML** **3-por**
O(tema) **O(agente)**
deveis receber (dele) amorosamente a doença

(995) tamɨdi-kie-ba **i-ɲuɾa** **niɲo** no padzuaɾe dehen
oferecer-não-SFP1 **3-filho** **Deus** a sacerdote também
O(tema)
h-ani niɲo
3-para Deus
O(BEN)
Não oferece também o sacerdote o Filho de Deus à majestade de Deus?

(996) uide kede **habe** di nɲo ku-padzu-a

que talvez **pagamento** dar Deus 1INCLPL-pai-PLUR2

O (tema)

do nienuo

de diabo

O (MALE)

Que castigo Deus deu ao diabo?

(997) pi-de nɲo **ani-aboho**

estar fincado-SFP2 Deus **2-com**

O(COM)

O Senhor é contigo

(998) **i-domo** i-ba ku-padzu-a

3-em 3-viver 1INCLPL-pai-PLUR2

O(LOC)

Nosso Senhor está lá

(999) ubananre nienuo i-**dzene dzu tupan**

ter medo diabo 3-**de água Deus**

O(ESS)

O diabo tem medo de água benta?

(1000) k-ubi-a **do tupan**

1INCLPL-ver-PLUR2 **de Deus**

O(estímulo)

vemos a Deus

Quanto à marcação sintática, os objetos podem funcionar como objeto direto acusativo (AC), objeto direto absolutivo (ABS) e objeto indireto dativo:

(1001) uan-di **aɲi** itse

haver-não **alma** pessoa

O(AC)

eu não sou espírito

(1002) peihan-ba **d-uolidze** no nienuo

fechar-SFP1 **3ENF-boca** a diabo

O(ABS)

o diabo lhes fecha assim a boca

(1003) uka-kie tseho **i-do-a**

amar-não gente **3-de-PLUR2**

O(DAT)

o mundo não lhes ama

As discussões feitas nesta subseção acerca do comportamento do sujeito e do objeto em Dzubukuá podem ser visualizadas no Quadro abaixo:

Quadro 50 – Comportamento geral do sujeito e do objeto em Dzubukuá

Participantes	Morfologia	Sintaxe	Semântica
Sujeito	- Forma livre (simples ou complexo) → lexicalmente expresso fora do verbo; - Forma presa → expresso prefixalmente no verbo; - Elíptico: sujeito zero → retomada de um referente prévio.	- Nominativo; - Ergativo; - Dativo.	- Agente; - Paciente; - Tema; - Causador; - Experienciador.

Objeto	- Forma livre (simples ou complexo) → expressão lexical fora do verbo; - Forma presa → prefixado à estrutura verbal; - Elíptico: objeto zero → retomada de referente prévio.	- Obrigatório em predicados verbais transitivos; - Opcional em predicados verbais intransitivos; - Acusativo (OD); - Absolutivo (OD); - Dativo (OI).	- Agente; - Paciente; - Tema; - Benefactivo; - Malefactivo; - Comitativo; - Locativo; -Essivo; - Estímulo.

7.8.3 Sistema de casos sintáticos

De acordo com Dixon (2010a), as línguas humanas demonstram comportamentos diferentes quanto à marcação sintática de seus argumentos centrais em predicados transitivos e intransitivos. Nessa perspectiva, quando os sujeitos de predicados transitivos e intransitivos em uma língua são marcados do mesmo modo, eles são denominados de sujeitos nominativos e o seu objeto em predicados transitivos é classificado como acusativo. Este último, nesse caso, é marcado diferentemente dos outros dois. A língua, então, é denominada nominativa-acusativa. Contudo, quando o objeto direto em um predicado transitivo é marcado da mesma forma que o sujeito de um predicado intransitivo e ambos se diferem, quanto à marcação, do sujeito do predicado transitivo, então a língua é classificada como ergativa-absolutiva. Ou seja, ela, nessas circunstâncias, possui um sujeito ergativo em predicados transitivos e um objeto direto absolutivo que o acompanha, e um sujeito absolutivo associado aos predicados intransitivos. Nesse caso, obtém-se a seguintes configurações:

(a) marcação de sujeitos transitivos e intransitivos iguais, mas ambos diferentes da marcação do objeto transitivo → sistema nominativo-acusativo;

(b) Marcação de sujeito intransitivo e objeto transitivo iguais, mas ambos diferentes da marcação do sujeito transitivo → sistema ergativo-absolutivo.

Nos casos mencionados, o objeto indireto corresponde ao caso **dativo** (PAYNE, 1997). Todavia, há línguas em que o sujeito da predicação também pode, em determinadas circunstâncias, ser marcado da mesma forma que os objetos indiretos. Nessas condições, constata-se a presença de **sujeitos dativos** constituídos gramaticalmente pelo sistema da língua (ANDREWS, 2007b).

Em Dzubukuá, a sintaxe de casos revela uma estrutura bastante complexa. Sua dinâmica se apoia em um sistema de marcação dupla de casos, também conhecida como "split" ou marcação cindida (DIXON, 2010a). Esse comportamento se alicerça em dois sistemas principais: **nominativo-acusativo** e **ergativo-absolutivo**; tendo um caso menos produtivo de **sujeito dativo**.

No Dzubukuá, os casos ergativo e dativo são marcados, enquanto o absolutivo, o acusativo e o nominativo equivalem a casos não marcados. Todavia, como no Dzubukuá a ordem sintática regular dos constituintes impõe uma posição pós-verbal ou, sendo mais geral, pós-predicativa do sujeito e do objeto, a diferenciação entre os sistemas em questão se dá pelo tipo de marcação ou pelo tipo de relação gramatical estabelecida entre eles. O ergativo e o dativo se diferenciam do absolutivo, do acusativo e do nominativo por serem os únicos marcados do sistema; e ambos se diferenciam entre si pelo tipo de adposição que os sinaliza. O ergativo marcado pela adposição **no** e o dativo pelas demais adposições – exceto **mo**, **uhamaple**, **amadi**, **deho**, **aboho**, **dikliho** (rever subseção 5.7.2). Já o nominativo e o acusativo se diferenciam entre si apenas pelas relações gramaticais contraídas na predicação: um é o sujeito e o outro o objeto. Enquanto isso, o absolutivo, também como caso não marcado, se diferencia dos dois casos anteriores (nominativo e acusativo) por vir teoricamente em predicados transitivos como objeto associado a um sujeito ergativo.

Em geral, a distinção funcional verificada entre os sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo ocorre nos seguintes casos na língua em pauta:

a. No modo imperativo → manifestação gramatical diferenciada do sujeito;
b. Em construções causativas → emprego do prefixo {pe-} em predicados nominativos;
c. Em formações reflexivas e recíprocas de predicados intransitivos e existenciais;
d. Em agentes causadores não humanos;

e. Em predicados transitivos trivalentes, predicados transitivos de cognição e manipulativos;
f. Em extensões de predicados intransitivos nominais;
g. Em alterações semântico-funcionais de predicados estativos;
h. No aumento do grau de agentividade do sujeito da cláusula.

Especificamente, a distinção entre acusativo e ergativo e dativo ocorre devido à presença e ausência de marcação e à ocorrência de formações reflexivas e recíprocas.

No modo imperativo, o sujeito nominativo ocorre apenas prefixado ao verbo em cláusulas afirmativas (1004) e de forma lexicalmente livre em cláusulas negativas (1005). O sujeito ergativo, por outro lado, ocorre de forma livre em cláusulas afirmativas (1006), não ocorrendo em cláusulas imperativas negativas. Nessas últimas, ocorre o sujeito nominativo (1005):

(1004) do=**ani**-hanakle i-dzene a-padzu i-dzene an-de-di
de=**2**-ter vergonha 3-de 2-pai 3-de 2-mãe-FUT
S(NOM) **O(DAT)**
honrarás a teu pai e a tua mãe

(1005) me-pedi-kie **an-atse-a** ani-ei-ho-a-di
dizer-crer-não **2-pessoa-PLUR2** 2-para-RELF-PLUR2-FUT
S(NOM) **O(DAT)**
não levantarás falso testemunho

(1006) do=pemi-oŋe **a-na** a-buanga-te
de=mostrar **2-a** 2-fazer mal-NML
S(ERG) **O(ABS)**
descobri (vós) com lhaneza os vossos pecados

Ao contrário do nominativo, o ergativo aparece sempre quando o prefixo causativo {pe-} é aplicado aos verbos constituindo cláusulas causativas. Portanto, predicados nominativos, quando tornam-se sentenças causativas, passam a ser marcados pelo ergativo:

(1007) a. kangɾi-idze-ploh **an-atse** hi-ei
fazer bem-muito-só **pessoa** 1-para
S(NOM) O(DATIVO)
sois tão bom para mim

b. pe-kangɾi itse **a-na**
CAUS-fazer mal-PAS pessoa **2-a**
O(ABS) S(ERG)
ele me cura

(1008) a. ba-de-a **d-aɲi-a** mo hemɨ
viver-SFP2-PLUR2 **3ENF-alma-PLUR2** em céu
S(NOM) O(LOC)
as suas almas estão no céu

b. mo=ande kune pe-ba-a **no niɲo**
em=quem porventura CAUS-viver-PLUR2 **a Deus**
O(LOC) S(ERG)
onde lhes fez Deus a morada?

O ergativo, e não o nominativo, marca construções reflexivas e recíprocas de predicados intransitivos e reflexivas de predicados existenciais:

(1009) a. bœtodi **uohoie tseho**
levantar-se **tudo gente**
S(NOM)
todas as nações ressuscitaram

b. bœtodi **di-na-ho**
levantar-se **3ENF-a-REFL**
S(ERG)
todas as nações ressuscitaram

(1010) buanga-kli-a **di-na-ho-a**
fazer mal-PAS-PLUR2 **3ENF-a-REFL-PLUR2**
S(ERG)
eles pecaram de si mesmos
(lit. eles pecaram entre si)

(1011) a. i-tsoho **bihe tupan**
3-existir **um Deus**
S(NOM)
há um só Deus
b. i-tsoho tupan **di-na-ho**
3-existir Deus **3ENF-a-REFL**
O(ABS) **S(ERG)**
Deus existe em si mesmo

Verifica-se também a presença expressiva do ergativo-absolutivo em predicados transitivos ativos bivalentes com sujeitos causadores (não humanos):

(1012) plo-ba madiki **no doie**
comer-SFP1 mandioca **a capivara**
O(ABS) **S(ERG)**
as capivaras comem a mandioca

(1013) do-ba mɨdze **no klimi**
comer-SFP1 mandioca **a capivara**
O(ABS) **S(ERG)**
as lontras comem o peixe

Ao contrário do nominativo, o sujeito ergativo ocorre também em predicados trivalentes:

(1014) di-ba **i-na** utu banahoia ku-do-a
dar-SFP1 **3-a** fruta outro 1INCLPL-de-PLUR2
S(ERG) O(ABS) O(DAT)
ele nos dá outro fruto

(1015) mi-oŋe-kli **a-na** an-kangri-te i-bo
receber-bem-PAS **2-a** 2-fazer bem-NML 3-por
S(ERG) O(ABS) O(DAT)
deveis receber amorosamente a doença

(1016) mɨdo itse **a-na** ani-aboho mo hemɨ
levar pessoa **2-a** 2-com em céu
O(ABS) S(ERG) O(DAT)
me levareis (contigo) ao vosso paraíso

Constata-se, em algumas ocasiões, a co-ocorrência sem motivo aparente de uma mesma construção trivalente empregada também no caso nominativo, como ocorre, por exemplo, com os verbos **di** "dar", **mɨ** "receber" e **babɨ** "enviar" observado nos dados. Provavelmente, esse comportamento decorre de um possível processo de regularização paradigmática realizada pelo sistema sintático do Dzubukuá ao tornar essas construções em sentenças nominativas, cuja presença é mais predominante na língua.

Tal como os predicados intransitivos verbais, o Dzubuká permite que seus predicados intransitivos não verbais sejam estendidos, acrescentando a estes últimos objetos opcionais. Os mais utilizados, nesses condições, são os predicados intransitivos nominais cujo núcleo é ocupado por um substantivo derivado de um verbo que sofreu processo nominalização. Em tais predicados, quando estendidos, o sujeito aparece no ergativo e não no nominativo:

(1017) **i-uanikatse-te** ku-na-a anɾanke-idze
3-alcançar-NML 1INCLPL-a-PLUR2 céu-muito
SUB(PI) S(ERG) O(ABS)
alcançamos a glória
(lit. estamos ao alcance do céu verdadeiro)

(1018) uɾo **i-klikie-te** i-na
isto **3-pedir-NML** 3-a
O(ABS) SUB(PI) S(ERG)
eis aqui o que pede

Predicados estativos indicadores de estado e de posição no nominativo mudam seus "status" semântico-funcional para ativos quando marcados com o ergativo:

(1019) a. kɾotse **i-beɲe-te** **kɾudza** ho i-henkode-te nienuo
ter força **3-marcar-NML** **cruz** contra 3-induzir-NML diabo
S(NOM) **O(DAT)**
o sinal da cruz tem força contra as tentações do diabo
b. kɾotse-ba k-atse-a **i-na**
ter força-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 **3-a**
O(ABS) **S(ERG)**
ele nos fortifica

(1020) a. klo-de-a **uiɲu-a** mo i-mudu di-de-te
estar dentro-SFP2-PLUR2 **menino-PLUR2** em 3-ventre 3ENF-mãe-PLUR1
S(NOM) **O(DAT)**
estão os meninos nas entranhas de suas mães
b. mo budeuo (...) klo-kli-a **i-na-a**
em cova estar dentro-PAS-PLUR2 **3-a-PLUR2**
O(LOC) **S(ERG)**
puseram-no em um sepulcro

O ergativo também é empregado em Dzubukuá para aumentar a agentividade em predicados bivalentes estativos com sujeitos experienciadores e em predicados bivalentes ativos. No ergativo, a intencionalidade e a vontade consciente do sujeito em realizar um evento, ação ou processo ficam mais evidenciadas do que suas co-ocorrentes no nominativo:

(1021) a. netso-kli < **Adam** > i-ɲa-kli-te di-ɲuɾa

ver-PAS 3-morrer-PAS-NML 3ENF-filho

S(NOM) O(AC)

Adão viu seu filho morto

b. netso-ba **i-na** ku-idi-a

ver-SFP1 **3-a** 1INCLPL-coração-PLUR2

S(ERG) O(ABS)

ele vê os nossos corações

(1022) a. niɲo-kli **aɲi-idze** i-domo

criar-PAS **alma-muito** 3-em

S(NOM) O(DAT)

neste corpo, criou-se uma perfeita alma

b. do ɾada niɲo-kli ku-buiehoho **no tupan**

de chão criar-PAS 1INCLPL-corpo **a Deus**

O(ABS) S(ERG)

Deus fez nossos corpos de terra

Nos itens "a" acima, percebe-se que os fatos ocorrem naturalmente, de forma circunstancial, aparentemente sem uma vontade deliberada do sujeito da predicação. Já nos itens "b", a percepção é a de que os sujeitos deliberadamente têm controle da situação, atuando intencionalmente e de forma mais consciente.

O caso acusativo ocorre apenas como objeto que acompanha um sujeito nominativo em predicados transitivos diretos, ou seja, predicados que se ligam ao seu objeto sem auxílio de uma adposição. Nesse caso, ao contrário do ergativo e do dativo, o acusativo é constituído por um sintagma nominal não marcado:

(1023) **k-atse-a** i-tsoho-kieho-a i-padzu-a

1INCLPL-pessoa-PLUR2 3-existir-antes-PLUR2 3-pai-PLUR2

O(AC) **S(NOM)**

os pais são antes dos filhos

(1024) pah-kli **i-ɲa-te** ku-padzu-a do di-ɲa
matar-PAS **3-morrer-NML** 1INCLPL-PLUR2 de 3ENF-morrer
O(AC) **S(NOM)**
ele morrendo matou a morte

O objeto dativo, diferentemente dos objetos acusativo e absolutivo, acompanha tanto o sujeito nominativo quanto o sujeito ergativo em predicados transitivos indiretos, os quais se associam a seu objeto mediante uma adposição:

(1025) uple-ploh nienuo **i-do-a**
mentir-só diabo **3-de-PLUR2**
S(NOM) **O(DAT)**
o diabo os engana

(1026) do=kabi a-na **hi-do-de**
de=perdoar 2-a **1-de-PLUR3**
S(ERG) **O(DAT)**
perdoai-nos

Quando ocupa a posição de sujeito, o dativo ocorre tanto em predicados intransitivos como predicados transitivos associando-se a eles por meio de um sintagma adposicional. Ele opera como sujeito-tema de predicados possessivos constituídos por verbos existenciais e como experienciador ou paciente de predicados formados por verbos que expressam processos involuntários:

(1027) bihe i-padzu i-tsoho **i-do** mo hemi
um 3-pai 3-existir **3-de** em em
O(AC) **S(DAT)**
Deus só tem pai no céu

(1028) unu-ba **hi-ei-di**

sofrer-SFP1 **1-para-FUT**

S(DAT)

estarei sujeito às dores

(1029) **ani**-aɲikiengi-kli **h-ani**

2-ter compaixão-PAS **3-para**

O(AC) **S(DAT)**

ele teve compaixão de vós

As construções reflexivas e recíprocas são marcadas apenas no ergativo ou no dativo, não ocorrendo o mesmo com os casos nominativo, acusativo e absolutivo:

(1030) a. di-kie-ba kede habe i-na mo ku-ɲa-ingi

dar-não-SFP1 talvez pagamento 3-a em 1INCLPL-morrer-tempo

O(ABS) **S(ERG)**

ele não nos julga na hora da morte?

b. di-ba itse hi-na-**ho** a-do-a

dar-SFP1 pessoa 1-a-**REFL** 2-de-PLUR2

O(ABS) **S(ERG)** **O(DAT)**

eu de minha própria vontade me entrego em vossas mãos

(1031) a. i-beɲe-ba an-atse-a i-na

3-marcar-SFP1 2-pessoa-PLUR2 3-a

O(ABS) **S(ERG)**

ele vos marca

b. i-beɲe ku-na-a krudza ku-domo-**ho**-a-di

3-marcar 1INCLPL-a-PLUR2 cruz 1INCLPL-em-**REFL**-PLUR2-FUT

S(ERG) **O(ABS)** **O(DAT)**

fazemos sobre nós o sinal da cruz

Como pode ser observado acima, a voz reflexiva e recíproca são formações sintáticas sempre marcadas, recaindo obrigatoriamente em um sintagma adposicional. Não ocorrem, portanto, com os três casos indicados no parágrafo anterior, visto que, ao contrário do ergativo e do dativo, são casos não marcados em Dzubukuá.

Quadro 51 – Sintaxe geral do sistema de casos em Dzubukuá

Casos sintáticos	Características
Nominativo	- Sujeito não marcado → **SN**; - Prefixado ao verbo → imperativo afirmativo; - Forma lexical livre → imperativo negativo; - Ausente em cláusulas causativas → {pe-} + predicado; - Ausente em construções reflexivas de predicados existenciais; - Ausente em construções reflexivas e recíprocas de predicados intransitivos; - Ausente em predicações com sujeito causador não humano; - Co-ocorrente do ergativo em predicados trivalentes → provável processo de regularização da língua para o nominativo aplicado a estes tipos de predicação; - Presente em predicados estativos de estado e posição; - Não marca construções reflexivas e nem recíprocas.
Ergativo	- Sujeito marcado pela adposição **no** → **SADP**; - Forma lexical livre → imperativo afirmativo; - Ausente no imperativo negativo; - Presente em cláusulas causativas; - Presente em construções reflexivas de predicados existenciais; - Presente em construções reflexivas e recíprocas de predicados intransitivos; - Marca causadores não humanos em predicados transitivos ativos bivalentes; - Presente em predicados trivalentes; - Ocorre em extensões de predicados intransitivos nominais; - Presente em predicados ativos provenientes de predicados estativos de estado e posição marcados no nominativo;

	- Predicados com maior agentividade; - Marca construções reflexivas e recíprocas.
Acusativo	- Objeto direto não marcado → **SN**; - Acompanha o sujeito nominativo; - Não marca construções reflexivas e recíprocas.
Absolutivo	- Objeto direto não marcado → **SN**; - Acompanha o sujeito ergativo; - - Não marca construções reflexivas e recíprocas.
Dativo	- Sujeito e objeto marcado por adposição → **SADP**; - Objeto indireto que acompanha tanto sujeito nominativo quanto sujeito ergativo; - Sujeito-tema de predicados possessivos com verbos existenciais; - Experienciador e paciente de predicados verbais indicadores de processos involuntários; - Marca construções reflexivas e recíprocas.

7.9 *CLÁUSULAS INTERROGATIVAS*

De acordo com König e Siemund (2007), as sentenças interrogativas estão associadas a atos de fala empregados na interação verbal pelos interactantes para pedir algum tipo de informação. Possui caráter universal, estando presente, de alguma forma, em todas as línguas humanas até então conhecidas.

Em Dzubukuá, as cláusulas interrogativas podem sintaticamente ser estruturadas de quatro formas diferentes. Elas podem ser introduzidas por adposições acompanhadas pelo sufixo interrogativo {-de}[74] (1032), por pronomes interrogativos (1033), pela presença dos advérbios dubitativos (1034) ou pela ausência de qualquer marcação morfossintática (1035):

[74] O sufixo interrogativo {-de} é bastante produtivo em Dzubukuá prendendo-se a adposições em início de perguntas. Porém, ao contrário dos pronomes interrogativos **ande** "quem", **uide** "(o)que" e **odde** "por que", não aparece introduzindo respostas. Já os referidos pronomes unidos ao relativizador {-li} também introduzem

(1032) i-**na**-**de** an-urio do koto-te a-na
3-**a**-**INT** 2-ajudar de roubar-NML 2-a
Quem vos ajudou a furtar cavalos, vacas?

(1033) **ode** netso-kie-ba ku-na-a do ku-poh-a
por que ver-não-SFP1 1INCLPL-a-PLUR2 de 1INCLPL-olho-PLUR2
Por que não o vemos?

(1034) ɲate-bu-ie-kli do uro **kede**
trabalhar-CL:aparência-grande-PAS de isto **talvez**
Trabalhou muito para isto?

(1035) ubete do tseho uohoie
conhecer de gente tudo
Conhece também a todos os que estão neste mundo?

Provavelmente, no caso das cláusulas interrogativas sem qualquer marcação gramatical (exemplo 1035), a distinção se dava pela entonação – infelizmente recurso até agora não recuperável nos textos escritos do catecismo impresso e manuscrito analisados. Possivelmente, as outras construções interrogativas, além de possuírem as indicações morfossintáticas mencionadas, também podem ter sido acompanhadas por algum contorno entonacional, o que é natural em qualquer língua (KÖNING; SIEMUND, 2007), e bastante perceptível na oralidade. Contudo, até o momento, nenhum indício seguro foi encontrado nos registros escritos de Nantes que permita configurar qualquer descrição comprovável neste sentido.

Conforme o tipo de informação solicitada, foram identificados dois tipos de cláusulas nos dados analisados: **as polares** ou **questões sim/não** (“Yes/No question”) e as **informacionais** ou **constituintes**.

As questões polares são utilizadas para obter do interlocutor ou destinatário uma resposta curta direta cujo propósito é verificar a verdade ou a falsidade de uma proposição.

---

respostas dadas a perguntas iniciadas por eles próprios. Essa última propriedade será comentada mais adiante, nas considerações referentes às perguntas do tipo informacional, ainda nesta seção.

Ou seja, são perguntas que exigem respostas do tipo “sim”, “não”, “certo”, “errado”, “falso”, “verdadeiro”, etc:

(1036) Pergunta: krotse kede nɨɲo do d-uka-te uohoie
ter força talvez Deus de 3ENF-amar-NML tudo
Deus tem porventura o poder de fazer tudo o que quer?
Resposta: krotse-hi
ter força-EP
Sim, tem

(1037) Pergunta: i-tsoho kede nienuo-a
3-existir talvez diabo-PLUR2
Há porventura diabos?
Resposta: i-tsoho-a
3-existir-PLUR2
Há

(1038) Pergunta: uan-kie-ba kede du-pe-buanga-li nienuo-a
haver-não-SFP1 talvez 3ENF-CAUS-fazer mal diabo-PLUR2
Não houve também quem induzisse os diabos a pecar?
Resposta: uan-kie-ba-hi
haver-não-SFP1-EP
Não

(1039) Pergunta: peleui-maɲen-ba kede i-bo
sair-mais-SFP1 talvez 3-por
Porventura poderá ele se livrar de lá?
Resposta: pele-ui-maɲen-nu-di
sair-mais-poder-não
Não pode.

(1040) Pergunta: to kede i-ɲa niɲo
poder talvez 3-morrer Deus
Deus pode morrer?
Resposta: to-di
poder-não
Não.

Como pode ser observado acima, o sufixo epistêmico {-hi} aparece como uma resposta alternativa dada às perguntas polares indicando discursivamente a certeza ou a convicção do emissor em relação à verdade de um fato ou de um assunto. Ele aparece apenas em sentenças assertivas (negativas ou afirmativas) curtas – quando em resposta às questões polares, ou em clausulas declarativas mais extensas expressando a convicção e a crença do enunciador do discurso em relação a um acontecimento ou em relação a uma dada matéria:

(1041) dadi-de-**hi** lobœ i-deho di-padzu mo hemɨ
estar sentado-SFP2-**EP** totalidade 3-com 3COR-pai em céu
Está sentado à mão direita de seu Pai
(lit. Ele está sentado, com certeza, com seu Pai no céu)

(1042) niɲo pi-de-**hi** noli moto uohoje do niɲo
Deus estar fincado-SFP2-**EP** porque encher tudo de Deus
Deus está na terra, porque Deus enche tudo

(1043)
Pergunta: hoho-de kede i-poh niɲo bo ku-poh-a[75]
ser diferente-SFP1 talvez 3-olho Deus por 1INCLPL-olho-PLUR2
A esta conta, os olhos de Deus são bem diferentes dos nossos?

[75]No item (1043), embora esteja no início da pergunta, {-de} não corresponde ao sufixo interrogativo {-de} visto que este último não se repete na resposta; enquanto o marcador de polidez sim, como ocorreu no exemplo do item mencionado.

Resposta: hoho-de-**hi**

ser diferente-SFP2-**EP**

Sim por certo

(1044) i-bono i-ɲa-kli-**hi** krotse-kie-ba kede

3-contudo 3-morrer-PAS-**EP** ter força-não-SFP1 talvez

ku-padzu-a ho i-ɲa-te

1INCLPL-pai-PLUR2 contra 3-morrer-NML

Vemos contudo que morreu: não podia ele porventura livrar-se da morte?

As perguntas informacionais ou constituintes também conhecidas como questões-QU (“WH-questions”) requerem respostas que tendem a ser mais extensas. Geralmente, elas são introduzidas por palavras interrogativas do tipo “o que”, “por que”, “como”, “qual”, “quem”, etc. Estas palavras são representadas no Dzubukuá por meio de adposições (com o sufixo interrogativo {-de}) e de pronomes interrogativos:

(1045) Pergunta: **uhamaple**-de kune

por causa de-INT porventura

Para quem fez tudo isto?

Resposta: do k-uhamaple-a

de 1INCLPL-por causa de-PLUR2

Para nós.

(1046) Pergunta: **uide** kede niɲo

que talvez Deus

Que coisa é Deus?

Resposta: uide-**li** i-padzu i-krotse-te do d-uka-te uohoie

que-REL 3-pai 3-ter força-NML de 3ENF-amar-NML tudo

É Senhor poderoso que faz tudo o quer quiser.

(1047) Pergunta: **ande** kune d-utsoho-li k-atse-a
quem porventura 3ENF-fazer-REL 1INCLPL-pessoa-PLUR2
E quem nos fez a nós?

Resposta: ande-**li** ku-padzu-a niɲo
quem-REL 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus
É Deus nosso Senhor.

(1048) Pergunta: **mo=ande** i-ui i-kankɾi tseho aboho i-ɲa
em=quem 3-ir 3-fazer bem gente depois 3-morrer
E os bons para onde vão depois da morte?

Resposta: mo=ande-**li** mo hemɨ bo i-lanbɨ-kie
em=quem-REL em céu por 3-acabar-não
i-tuitu-a-di
3-alegrar-se-PLUR2-FUT
vão para o Céu gozar da vida eterna

(1049) Pergunta: **ode** netso-kie-ba ku-na-a do
por que ver-não-SFP1 1INCLPL-a-PLUR2 de
ku-poh-a
1INCLPL-olho-PLUR2
Por que não o vemos?

Resposta: ode-**li** mo i-kodo-kie-ba ku-poh-a do
por que-REL em 3-ser visível-não-SFP1 1INCLPL-olho-PLUR1 de
ku-ne-a h-ani
1INCLPL-olhar-PLUR2 3-para
Por nossos olhos não são capazes de o ver

Como pode ser verificado nas respostas às questões dos exemplos 1046 a 1049 acima, além de sua função prototípica de constituir cláusulas relativas, o relativizador {-li}, em Dzubukuá, pode também ser empregado como sufixo responsivo em respostas dadas às

questões informacionais. Isso se verifica em perguntas introduzidas pelos pronomes **ande** "quem", **uide** "(o) que" e **ode** "por que". Nesde caso, como os exemplos acima mostram, repete-se, em resposta, um dos pronomes anteriores que introduziu a pergunta e a eles é sufixado o relativizador {-li}[76].

Ainda em sentenças interrogativas, foi constatada também a presença de deslocamentos à esquerda de sintagmas nominais e, na maioria dos casos, de cláusulas relativas . Os termos deslocados vão para o início da pergunta, e lá funcionam como tópicos:

(1050) **ku-de-a** **i-tohikiete** < **Maria** > mo=ande pi-de
1INCLPL-mãe-PLUR2 **3-senhora virgem** em=quem estar fincado-SFP2
TOP (SN)
A Virgem Maria nossa Mãe onde está?

(1051) **d-uipabœ-li** **i-deho** **i-tu-te-a** **ɾadamɨ** **do**
3-confessar-REL **3-com** **3-decidir-NML-PLUR2** **interior** **de**
TOP (CR)
i-buanga-a **maɲen** uipabœ-oɲe-ba kede
3-fazer mal-PLUR2 **mais** confessar-bem-SFP1 talvez
Os que se confessam com tentação de tornar outra vez ao seu pecado,
fazem porventura boa confissão?

[76] No catecismo impresso, a construção **hoho-de-li** foi a única ocorrência em que {-li} desempenha a função de marcador epistêmico. É um caso isolado. No entanto, acredita-se que sua presença corresponda a um lapso tipográfico em que o sufixo {-hi} foi impresso erroneamente como "**li**". Essa ideia é reforçada pelo fato de que o adjetivo **hoho** "ser diferente" ocorre, nesse contexto, sempre com {-hi} e não com {-li}. Desda forma, com base nisso, o referido caso isolado não foi considerado aqui para postular {-li} também como um marcador epistêmico, tal como ocorre com{-hi} visto nas considerações feitas para as perguntas polares.

(1052)

di-ne-li	**h-ani**	**di-kangɾi-kie-idze-li**	i-e-a
3ENF-olhar-REL	**3-para**	**3ENF-fazer bem-não-muito-REL**	3-carga-PLUR2
	TOP (CR)		

kede do mete padzuare

talvez de avisar sacerdote

Os que têm a seu cargo os doentes, são porventura obrigados a mandar chamar o sacerdote?

7.10 *CLÁUSULAS IMPERATIVAS*

As sentenças imperativas são conhecidas como atos de fala manipulativos ou diretivos cujo objetivo é manipular o comportamento do interlocutor induzindo-o a uma ação desejada pelo falante. Por isso, mais do que informar, visa a uma mudança de atitude do destinatário da mensagem que pode ou não responder satisfatoriamente ao comando que lhe é direcionado. Esse tipo de cláusula envolve pedidos ou solicitações, comandos, ordens, instruções, orientações, advertência, exortações, convites, etc.

Conforme a pessoa a qual o enunciado se refere, as imperativas do Dzubukuá podem ser classificadas em: **hortativas**, **jussivas**, **imperativas propriamente ditas** e **proibitivas**. As três primeiras integram o quadro das cláusulas afirmativas e o último tipo reúne as formações do imperativo negativo.

O hortativo surge quando a cláusula é destinada à primeira pessoa. Este tipo de cláusula, em Dzubukuá, ocorre quando a sentença é introduzida pela adposição **do** cliticizada a um verbo flexionado na primeira pessoa do plural inclusivo:

(1053)

do=k-uka-a	do	ude	i-lanbi-kie	mo	hemɨ
de=1INCLPL-amar-PLUR2	de	querer	3-acabar-não	em	céu

Amemos ao que é do Céu

(1054) **do**=**ku**-**dzeia**-bu-ie i-domo-a-di
de=**1INCLPL**-**estar triste**-CL:aparência-grande 3-em-PLUR2-FUT
Voltemos para nossas casas com corações magoados das dores

(1055) **do**=**k**-**umiɨkede**-**a** do muɲakie du-nuɲe-li
de=**1INCLPL**-**mandar**-**PLUR2** de moço 3ENF-obedecer-REL
do ukaiko-a habihan h-ani tseho
de calar-PLUR2 verdade 3-para gente
digamos aos soldados que estiveram de guarda no sepulcro que calem a verdade destas novas ao povo

As construções jussivas são sentenças imperativas cujo comando ou pedido é direcionado à terceira pessoa (KÖING; SIEMUND, 2007). Nas ocorrências analisadas aqui, esse tipo de imperativo é muito pouco produtivo. No texto catequético de Nantes, elas ocorrem no tempo futuro e apenas com os verbos **utsoho** e **moɾo** que recebem diretamente a forma proclítica da adposição **do**:

(1056) **do**=**utsoho**-di anɾanke
de=**fazer**-FUT céu
Faça-se o Céu

(1057) **do**=**utsoho**-di ɾada
de=**fazer**-FUT chão
Faça-se a terra

(1058) **do**=**moɾo** uo a-mete-di
de=**fazer igual** como 2-avisar-FUT
faça-se em mim segundo vossa palavra

A ausência de prefixos de terceira pessoa nos predicados formados acima confere a esses tipos de predicados um caráter impessoal. Devido a isso, tais construções poderiam também ser classificadas como **cláusulas imperativas impessoais**.

Segundo Köing e Siemund (2007), o imperativo propriamente dito são atos de fala manipulativos voltados diretamente para um sujeito em segunda pessoa. Em Dzubukuá, as imperativas referentes à segunda pessoa são as mais produtivas e as mais predominantes em comparação aos dois tipos anteriores. Elas são introduzidas pelos alomorfes adpositivos {do(=)} ou {da=} seguidos do verbo e seus argumentos ou simplesmente pela presença da forma verbal não finita **bɾuka**:

(1059) **do=a-ubi** hi-koibe
de=2-ver 1-testa
vede-me o rosto

(1060) **do** **a-uka-idze** do ku-padzu-a nɲo-di
de **2-amar-muito** de 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus-FUT
Amarás a Deus

(1061) **da=dz-uɾio** **a-na** bo=padzu nɲo do i-ne-oɲe
de=1-ajudar **2-a** por=pai Deus de 3-olhar-bem
Senhor, (...) ajudai-me a me perservar

(1062) bɾuka bo=**ɲu-ɲu**
vir depressa por=**filho-filho**
Vinde, filhos amados

O verbo não finito **bɾuka** se usa unicamente no imperativo afirmativo e não recebe qualquer flexão de pessoa ou de número. Como brevemente mencionado na seção 7.6 anterior (referente a ordem dos constituintes), o referido verbo pode ser definido como um lexema "portmanteau", possuindo, portanto, um caráter fusional. Ele cumula em si próprio as noções de pessoa, de tempo, número e de modo, denotando juntas as noções de 2ª pessoa, tempo presente, plural e de imperativo. Ele pode sozinho (1063) constituir uma sentença imperativa ou vir seguido de um objeto (1064):

(1063) **bɾuka**

vir depressa

Vinde

(1064) **bɾuka** hi-aboho

vir depressa 1-com

Vinde comigo

Sentenças proibitivas são atos de fala manipulativos negativos cujo propósito é impedir, vetar ou inibir uma determinada ação ou comportamento. O Dzubukuá emprega duas formas para formar esses tipos de construção: o emprego do alomorfe verbal {pɾi} e a utilização do negador adverbial **-kie** no tempo futuro.

A primeira forma é constituinda quando o imperativo é introduzido pelo verbo **pli** "deixar" mediante sua realização alomórfica {pɾi} sem qualquer flexão de pessoa ou número precedido pela adposição **do** operando como alomorfe proclítico:

(1065) **do=pɾi** a-ɲikoɾo-di

de=deixar 2-preguiça-FUT

Não sejais preguiçosos daqui por diante

(1066) **do=pɾi** a-ubananɾe-a

de=deixar 2-ter medo-PLUR2

não tenhais medo

(1067) **do=pɾi** ɾada ku-na-a

de=deixar chão 1INCLPL-a-PLUR2

estaremos então obrigados (...) a deixarmos a terra

A segunda estratégia utilizada para o proibitivo é o recebimento do advérbio **-kie** pelo predicado quando a cláusula se encontra no tempo futuro. Nesse caso, o emprego da adposição **do** antes do verbo é opcional:

(1068) pah-i-ɲa-**kie** tseho mohotse-**di**
matar-3-morrer-não gente sem razão-**FUT**
Não matarás.

(1069) **do**=an-boitone-**kie**-a-**di**
de=2-fornicar-**não**-PLUR2-**FUT**
Não fornicarás

(1070) do a-koto-to-**kie**-**di**
de 2-roubar-inventar-**não**-**FUT**
Não furtarás

(1071) do-**kie** hi-na-de-**di**
comer-**não** 1-a-PLUR3-FUT
não comeremos dela

(1072) neieta-**kie** aboho banahoia-**di**
desejar-**não** com outro-**FUT**
Não desejarás a mulher do teu próximo

7.11 *CLÁUSULAS NEGATIVAS*

A negação, em Dzubukuá, acontece quando um dos negadores **-kie** e **-di** se prendem à direita dos predicados levando esses predicados de uma polaridade afirmativa para uma outra negativa. Funcionalmente, o negador **-kie** é mais produtivo, sendo empregado em todos os tipos de sentenças, enquanto que **-di** aparece mais em cláusulas declarativas e, em sua maioria, em respostas a perguntas polares. No entanto, este último negador está ausente em formações relativas, em construções imperativas, e seu uso é bastante raro em sentenças interrogativas.

Em geral, a negação está presente em sentenças assertivas (1073), interrogativas (1074) e imperativas (1075):

(1073) dz-uple-maŋen-**kie**-ba
1-mentir-mais-**não**-SFP1
não hei de mentir mais

(1074) bu-le-**di** kede ku-me-a h-ani tupan
CL:aparência-mau-**não** talvez 1INCLPL-dizer-PLUR2 3-para Deus
mo i-uo-uo
em 3-caminho-caminho
É também coisa boa rezarmos pelo caminho?

(1075) do=an-boitone-**kie**-a-di
de=2-fornicar-**não**-PLUR2-FUT
Não fornicarás

Os exemplos acima, como também os demais dados analisados, mostram que um predicado negativo é, em geral, simétrico à sua contraparte afirmativa, ou seja, a cláusula negativa é, na verdade, a própria sentença afirmativa somada a um negador. Têm-se como exceção a este princípio os predicados constituídos pelo verbo existencial afirmativo **tsoho**, o qual não aceita qualquer um dos negadores acima. Para formar sua contraparte negativa, é necessário que o verbo seja substituído por **uan** unido a um negador. Em outras palavras, a forma negativa é feita mediante a presença de uma construção totalmente diferente daquela usada para cláusulas afirmativas com o verbo **tsoho**. (A título de exemplificação, retornar às subseções anteriores referentes aos predicados copulativos – 7.7.2.1, existenciais e possessivos – 7.7.2.2).

Abaixo segue um quadro geral com as considerações feitas até aqui sobre as cláusulas interrogativas, imperativas e negativas:

Quadro 52 – Sintaxe geral das cláusulas interrogativas, imperativas e negativas em Dzubukuá

Cláusulas interrogativas	Cláusulas imperativas	Cláusulas negativas
- Introduzidas por adposição + {-de}; - Iniciadas por pronomes interrogativos; -Presença de advérbios dubitativos; - Não marcadas morfossintaticamente → possível entonação oral como marca distintiva (não perceptível no texto). - Questões polares → para respostas diretas "sim" ou "não" ; - Questões informacionais → para respostas extensas; - Sufixo {-hi} → para respostas convictas às questões polares; - Relativizador {-li} → para respostas com pronomes interrogativos às questões informacionais; - Tópicos → deslocamento de SN e	- Hortativas → {do=} + verbo flexionado na 1ª pessoa inclusiva plural; - Jussivas → {do=} + **utsoho** ou **moro** no tempo futuro e direcionados a 3ª pessoa (imperativas impessoais); - Imperativas propriamente ditas → {do(=)} ou {da=} + verbo, ou **bruka** sozinho com ou sem objeto; - Proibitivas → {do=} + {pri}, ou **do** (opcional) + verbo (cláusula no futuro) + **-kie**.	- Predicados + **-kie** ou **-di**. - Simetria geral de cláusulas opostas → contraparte negativa = cláusula afirmativa + negador adverbial; - Assimetria peculiar entre predicados opostos → contraparte negativa = **uan** + **-kie** em substituição a forma afirmativa **tsoho**.

CR para início de pergunta.		

7.12 *CLÁUSULAS COORDENADAS*

O quadro das coordenadas do Dzubukuá reúne em si cláusulas **sindéticas** (com conjunção) e **assindéticas** (sem conjunção). Estas últimas ligam sintagmas nominais entre si (1076) ou ligam predicados verbais mutuamente (1077-1079):

(1076)

di-ba nɲo **di-netso-te-ho** **di-krotse-te-ho**

dar-SFP1 Deus **3ENF-ver-NML-REFL** **3ENF-ter força-NML-REFL**

di-tuitu-te-ho **d-ude-te-ho** ku-do-a

3ENF-alegrar-se-NML-REFL **3ENF-querer-NML-REFL** 1INCLPL-de-PLUR2

Deus nos fará participantes de sua sabedoria, de seu poder, de sua glória, de sua eternidade

(1077)

do=**pri** a-buanga-te-a do=**a-ne-a** **do** **dz-umikede**

de=**deixar** 2-fazer mal-NML-PLUR2 de=**2-olhar-PLUR2** **de** **1-mandar**

deixai os vossos pecados, segui minha doutrina e guardai meus preceitos

(1078) moihi **kangri** an-atse mœnahan kanatsi **an-kangri-kie**

aqui **fazer bem** 2-pessoa hoje amanhã **2-fazer bem-não**

cá hoje estais sãos, amanhã estais doentes

(1079) **dz-uple-kie** **hi-koto-kie** **hi-buanga-kie**

1-mentir-não **1-roubar-não** **1-fazer mal-não**

não hei de mentir, nem furtar, nem pecar

As construções sindéticas semanticamente sinalizam diferentes tipos de relação entre as cláusulas por elas interligadas. Relação esta que pode ser de adição ou concomitância (1080), de oposição ou contraste (1081), disjunção (escolha ou alternativa) (1082), de jusitificativa (1083) e a de conclusão (1084):

(1080) i-kangɾi-ba aɲi do koho i-bukeke-ba dehen
3-fazer bem-SFP1 alma de esse 3-ser bonito-SFP1 também
às vezes a alma está melhor e mais formosa

(1081) buanga du-kangɾi-kie-li k-aɲi-a
fazer mal 3ENF-fazer bem-não-REL 1INCLPL-alma-PLUR2
pah-i-ɲa-kie-ba nelu
matar-3-morrer-não-SFP1 porém
É um pecado que faz a nossa alma doente, porém não a mata.

(1082) buanga <mortal> kede i-pah di-de di-padzu boho
fazer mal talvez 3-matar 3ENF-mãe 3ENF-pai ou
É pecado mortal dar em seu pai ou em sua mãe?

(1083) i-uɲikle ku-padzu-a tupan do an-uɾio-a i-na
3-estar preparado 1INCLPL-pai-PLUR2 Deus de 2-ajudar-PLUR2 3-a
noli uka a-do-a
porque amar 2-de-PLUR2
Deus nosso Senhor está pronto para vos ajudar, porque ele vos ama

(1084) i-peleui-maɲen-nu-kie-a i-bo i-ɲaɾo bo=ɲu-ɲu do
3-sair-mais-PNT-não-PLUR2 3-por 3-portanto por=filho-filho de
a-ne-a do a-uka-te
2-olhar-PLUR2 de 2-amar-NML
nunca mais hão de sair (do inferno). Portanto, fiéis, olhai de que banda e companhia quereis ser

Quanto ao valor de verdade, as relações disjuntivas, nos dados analisados, possuem sentido inclusivo, ou seja, a escolha de uma única alternativa ou de todas elas são verdadeiras, isto é, tanto faz uma como todas:

(1085) tseho-kli an-atse a-na-ho a-bidzoho
procurar-PAS 2-pessoa 2-a-REFL 2-a sós
Procurastes-vos a malícia?
i-deho anɾande-te kune i-deho an-dzide-te **boho**
3-com amigo-PLUR1 porventura 3-com 2-amiga-PLUR1 **ou**
Isto foi com vossos camaradas? Ou vossas camaradas?

No exemplo acima, a segunda pergunta é uma continuação da primeira, em que o Padre enumera em forma de questões os possíveis pecados que possam ter sido cometidos pelos índios. É nessa segunda pergunta que ocorre a relação disjuntiva mediante a presença de **boho** "ou". Como pode ser observado no exemplo, a escolha entre uma alternativa ou outra não faz a menor diferença, uma vez que a escolha de uma delas ou de ambas é um erro da mesma forma; ou seja, ambas estão contidas no quadro de desvio dos preceitos religiosos.

Outro item a considerar é o fato de que também o lexema **deho** é empregado tanto como adposição comitativa – "com", quanto como conjunção copulativa – "e". Isso é bastante comum em algumas línguas, as quais aproveitam uma mesma forma para marcar o comitativo e também construções copulativas. Isso pode ser verificado em várias línguas observadas na África, na América do Sul e do Norte, no Leste e Sudeste da Ásia e nas Ilhas do Pacífico (HASPELMATH, 2007). Haspelmath (*ibid*.) situa esse fenômeno no plano diacrônico, defendendo uma origem comitativa para o referido marcador adpositivo que, por meio de um processo unidirecional de gramaticalização, torna-se uma conjunção coordenativa. Em Dzubukuá, é justificável o duplo emprego de **deho**, visto que os significados de "com" e "e" têm em comum a indicação de que duas entidades estão justas em uma dada situação. Esta dupla função (comitativo-copulativo) aparece somente na associação entre sintagmas nominais, mas, entre predicados, **deho** funciona apenas com sentido copulativo:

(1086) i-tu-te anɾan i-**deho** tetsi
3-decidir-NML homem 3-**com** mulher
É um consentimento do homem e da mulher

(1087)
i-ɲa-lobœ k-aɲi-a kede i-**deho** ku-buiehoho-a
3-morrer-junto 1INCLPL-alma-PLUR2 talvez 3-**com** 1INCLPL-corpo-PLUR2
E a nossa alma morre com os nossos corpos?

(1088) ui-a-bœ-ba idi a-domo i-**deho** hi-dzeia mo hi-buanga-te
fazer-se-PLUR2-subir-SFP1 coração 2-em 3-**também** 1-estar triste em
1-fazer mal-NML
quero ter sempre minha alma enternecida sobre vós e contrita sobre a gravidade de meus pecados

Nas combinações coordenadas, foi identificado também o fenômeno da **analepse** ou **anáfora zero** (**elipse**) do sujeito (1089, 1090), do verbo (1091; 1092) e do objeto (1089, 1091, 1093). Quando as duas cláusulas combinadas compartilham igualmente um mesmo referente, ele é omitido na cláusula seguinte. Esta omissão é simbolizada por [ø] nos exemplos abaixo:

(1089) pah-kli **tseho** **a-na** pah-i-ɲa **[ø]** kede
matar-PAS **gente** **2-a** matar-3-morrer talvez
O **S** **elipse (sujeito e objeto)**
Espancastes alguém? Matastes?

(1090) krotse-ba k-atse-a **i-na** bukeke-ba

ter força-SFP1 1INCLPL-pessoa-PLUR2 **3-a** ser bonito-SFP1

S

k-atse-a **[ø]**

1INCLPL-pessoa-PLUR2

elipse (sujeito)

ele nos fortifica, formosea e santifica

(1091) **tan** a-**beɲe**-te-di h-ani i-me-te bu-le

tampar 2-**orelha**-PLUR1-FUT 3-para 3-dizer-NML CL:aparência-mau

V **O**

[ø] hemume-te uanie dehen

superstição-PLUR1 índio bravo também

elipse (verbo e objeto)

fechai os ouvidos às palavras e cantigas desonestas e aos ditos supersticiosos dos pagãos

(1092) **podeto**-kli mo krudza **[ø]** do i-tsebu-te d-amœda

cravar-PAS em cruz de 3-cabeça-NML 3ENF-mão

V **elipse (verbo)**

dahekli **[ø]** i-bi

finalmente 3-pé

elipse (verbo)

primeiro lhe cravaram as mãos, e depois os pés

(1093) moɾo-kie-ba h-**ami** **anɾanke** (...) do-nu-kie-ba
assim-não-SFP1 3-**comida** **céu** comer-PNT-não-SFP1

no uanie **[ø]**
a índio bravo
elipse (objeto)
Não é assim neste manjar celestial (...), não o podem comer os infiéis

Como pode ser observado nos exemplos mostrados acima, o sujeito, o verbo ou objeto não são explicitados na cláusula posterior, mas apenas inferidos pelo interlocutor.

7.13 *CLÁUSULAS SUBORDINADAS*

Em Dzubukuá, integram o quadro das sentenças subordinadas as cláusulas **completivas**, **relativas** e **adverbiais**. Dentre estas, as últimas são os tipos mais abundantes e as que contam com o maior número de subdivisões. Os fenômenos relacionados a cada uma serão tratados nas seções subsequentes.

7.13.1 Cláusulas completivas

As cláusulas completivas, em Dzubukuá, são todas objetos sentenciais da cláusula principal e seguem, geralmente, esta última:

(1094) peleto-kli i-do **do** **i-ŋa-kie-a**
discursar-PAS 3-de **de** **3-morrer-não-PLUR2**
Prometendo-lhes que não haviam de morrer
(lit. Prometeu-lhes que não haviam de morrer)

(1095)

metse-kli nɨɲo ku-do-a **do ku-hanakle-a**

aconselhar-PAS Deus 1INCLPL-a-PLUR2 **de 1INCLPL-ter vergonha-PLUR2**

i-dzene ku-padzu-a

3-de 1INCLPL-pai-PLUR2

Deus nos encomendou muito que respeitássemos nossos pais

O predicado dependente é introduzido pelo complementizador **do** que também é encontrado em outros exemplos funcionando como adposição. Este duplo papel é justificável pelo fato de que, segundo Nooman (2007), uma das fontes históricas derivantes de complementizadores são as adposições (preposições ou posposições).

Conforme o tipo de cláusula principal que complementam, foram encontrados três tipos de predicado dependentes: o **de interlocução** (1096), o de **manipulação** (1097) e **desiderativo** (1098):

(1096) peleto-kli i-do **do i-ɲa-kie-a**

discursar-PAS 3-de **de 3-morrer-não-PLUR2**

Prometendo-lhes que não haviam de morrer

(lit. falou publicamente/discursou que não haviam de morrer)

(1097) keɲe umɨkede-kli hi-na do a-to-a **do**

antigamente mandar-PAS 1-a de 2-avô-PLUR2 **de**

i-do-kie-a utu du-ɲa-li tseho

3-comer-não-PLUR2 fruta 3ENF-morrer-REL gente

Mandei antigamente a vossos primeiros pais (que) não comessem da fruta que dava a morte

(1098) netso-kli hi-na a-uka **do hi-ba-oɲe i-deho hi-bɨho**

ver-PAS 1-a 2-amar **de 1-viver-bem 3-com 1-parente**

desejais que eu viva em paz com o meu próximo

Há uma presença maior, no texto catequético de Nantes, de predicados de interlocução e de manipulação. Isso é justificável pela própria finalidade de um gênero textual como o catecismo; visto que seu propósito principal não é tanto expressar as motivações internas e desejos do doutrinador (cláusulas desiderativas), mas, mediante a pregação (cláusulas de interlocução) impor um ponto de vista e induzir o interlocutor a um determinado comportamento (sentenças manipulativas).

7.13.2 Cláusulas relativas

As cláusulas relativas do Dzubukuá são formadas pelo afixação do sufixo relativizador {-li} a substantivos (1099), adjetivos (1100) e verbos (1101-1106) flexionados em pessoa; sendo que a 3ª pessoa enfática é a mais preferida pela língua para constituir este tipo de construção:

(1099) netso-kli hi-na an-atse tupan idze **di-naŋe-li** **hi-domo-de**
ver-PAS 1-a 2-pessoa Deus muito **3ENF-chefe-REL** **1-de-PLUR3**
SUB
Eu vos reconheço como meu Senhor soberano em sinal de minha dependência
(lit. Eu vos conheço como Deus que é líder de nós)

(1100) ande bu-le **di-bu-le-li** bo
quem CL:aparência-mau **3ENF-CL:aparência-mau-REL** por
ADJ
i-bu-le-te uohoie
3-CL:aparência-mau-NML tudo
Qual é o pior de todos os males?

(1101) bihe nienwo **da=dz-uɾio-li**
um diabo **de=1-ajudar-REL**
V
lit. um diabo foi quem me ajudou

(1102) **a-potso-li** no i-kaie do=beɲe kɾudza a-domo
2-acordar-REL a 3-dia de=marcar cruz 2-em
V
Tanto que acordares pela manhã, fazei sobre vós o sinal da S. Cruz

(1103) buanga **du-kangɾi-kie-li** **k-aɲi-a**
fazer mal **3ENF-fazer bem-não-REL** **1INCLPL-alma-REL**
V
um pecado que faz a nossa alma doente

(1104) **hi-kɾotse-li** doihi ho i-ɲa-te
1-ter força-REL agora contra 3-morrer-NML
V
lit. eu que tenho agora força contra a morte

(1105) tokli-kli i-ɲunu bo **i-me-kie-li**
falar-PAS 3-língua por **3-dizer-não-REL**
V
deu fala aos mudos

(1106) tupan bo=ɲu-ɲu **du-to-li** **anli** **wanɾandzi**
Deus por=filho-filho **3ENF-inventar-REL** **aquele** **remédio**
V
É Deus mesmo que instituiu este remédio

As cláusulas relativas do Dzubukuá podem ser classificadas em dois tipos: **nucleares** e **anucleares**. As do primeiro tipo correspondem às construções relativas propriamente ditas

nos termos de Andrews (2007a), que possuem um núcleo nominal o qual modificam. As do segundo tipo, entretanto, não funcionam como adjuntos; elas próprias operam sozinhas como núcleo de um sintagma nominal.

As relativas nucleares possuem núcleo externo ao qual estão associadas. Ocorrem à direita do núcleo nominal:

(1107) a-padzu tupan **du-babi-li** **uro** **a-do**
2-pai Deus **3ENF-enviar-REL** **isto** **2-de**
Deus, vosso Pai, é que vô-la mandou

(1108) bihe di-beɲe-te **di-todi-li** **i-netso-te**
um 3ENF-marcar-NML **3ENF-estar em pé-REL** **3-ver-NML**
ku-na-a **ku-poh-a**
1INCLPL-a-PLUR2 **1INCLPL-olho-PLUR2**
só é sua imagem que vemos com os nossos olhos

(1109) ande kune **du-niɲo-li** **anɾanke** **ɾada** **i-deho** **uohoie**
quem porventura **3ENF-criar-REL** **céu** **chão** **3-com** **tudo**
Quem é que fez o céu, a terra e as mais criaturas?

(1110) uro **di-pe-krotse-bi-li** **an-atse** **ho** **alidze**
isto **3ENF-CAUS-ter força-correr-REL** **2-pessoa** **contra** **doença**
ele serve para vos dar força na alma contra as violências da doença

Quando adjacentes à direita de um núcleo sintagmático, as construções nucleares podem também desempenhar o papel de genitivos sintáticos (1111, 1112) ou possuir acepção adjetiva (1113, 1114) distinguíveis apenas contextualmente:

(1111) do-kli padzuare mo anɾa **di-kangɾi-kie-li**
estar dentro-PAS sacerdote em grande casa **3ENF-fazer bem-não-REL**
Entra o padre na casa do doente

(1112) bɾuka bo ɾada **di-ɲa-li** h-ani ɾada idze
vir depressa por chão **3ENF-morrer-REL** 3-para chão muito
di-ɲa-nu-kie-li
3ENF-morrer-PNT-não-REL
vinde da terra dos mortais para a terra dos vivos

(1113) netso-kli hi-na an-atse tupan idze **di-naɲe-li** hi-domo-de
ver-PAS 1-a 2-pessoa Deus muito **3ENF-chefe-REL** 1-em-PLUR3
Eu vos reconheço como meu Senhor soberano

(1114) mo=ande-ploh i-pi-te a-na anli-dza
em=quem-só 3-estar fincado-NML 2-a aquele-PLUR4
tibudina **di-buanga-li** no mɨdo a-na mo hemɨ
moça virgem **3ENF-fazer mal-REL** a levar 2-a em céu
E essas mulheres desonestas, se forem para o céu, onde serão colocadas?

Quando as cláusulas relativas aparecem sem núcleo, ocupam a posição sintática de nomes funcionando como sujeito (1115, 1116) ou objeto (direto – 1117, ou indireto – 1118) da cláusula principal. Também, como os nomes, as relativas anucleares podem receber adjuntos nominais que lhe modificam o sentido (1119, 1120):

(1115) i-buiehoho di-pah-li damɨ-ba no **du-pah-li**
3-corpo 3ENF-matar-REL carregar-SFP1 a **3ENF-matar-REL**
S
i-peneho bu-ie
3-diante de-CL:aparência-grande
sairão eles (os matadores/assassinos) com os corpos dos que mataram às costas

(1116) mo=ande i-ui-a **di-kangɾi-li**
em= quem 3-ir-PLUR2 **3ENF-fazer bem-REL**
S
Para onde irão os bons?

(1117) uo do peleto **di-boito-li** **mo** **anra** **tupan**
como de discursar **3ENF-casamento-REL** **em** **grande casa** **Deus**
OD
Modo de publicar aos que se hão de casar

(1118) uka a-do dehen noli uka tupan do **d-umibi-li**
amar 2-de também porque amar Deus de **3ENF-imitar-REL**
OI
do **di-ŋura** **<Jesus Cristo>**
de **3ENF-filho**
Deus vos ama, porque ama aos que são semelhantes a Jesus Cristo, seu Filho

(1119) odde **di-kangri-li** <cristãos>
Por que **3ENF-fazer bem-REL**
CR **Adjunto (ADJ)**
O que farão os bons cristãos?

(1120) **di-buanga-li** di-tu-li mo i-henkode-te
3ENF-fazer mal-REL 3ENF-decidir-REL em 3-induzir-PLUR1
CR **Adjunto (CR)**
nienuo ui-ba mo anra i-du
diabo ir-SFP1 em grande casa 3-fogo
os maus cristãos que não guardam a Lei de Deus e fazem a vontade do diabo irão para o fogo eterno

Observe que nos exemplos 1119 e 1120 acima, as relativas destacadas, tal como um substantivo, recebem como adjuntos o adjetivo "cristãos" (1119) e uma outra cláusula relativa (1120), **di-tu-li** "os que decidem" que as modificam.

As formações relativas podem ser **reduzidas** (1121, 1122) – constituídas só de um predicado-núcleo, ou **desenvolvidas** (1123, 1124) – formadas pelo predicado mais seus complementos. Os predicados relativos podem também aparecer no presente (1131, 1124) e com as marcações de futuro (1122) ou de tempo passado (1123):

(1121) h-ami-idze k-aɲi-a **di-ɲa-nu-kie-li**
3-comida-muito 1INCLPL-alma-PLUR2 **3ENF-morrer-PNT-não-REL**
no i-do-oɲe-a
a 3-comer-bem-PLUR2
É o verdadeiro manjar de nossas almas que não podem morrer quando comem bem.

(1122) bihe ku-buiehoho-a i-ɲa mo uro ku-buiehoho-a
um 1INCLPL-copro-PLUR2 3-morrer em isto 1INCLPL-corpo-PLUR2
di-bœtodi-li-di
3ENF-levantar-se-REL-FUT
só nosso corpo morre e por isso só nossos corpos hão de ressuscitar

(1123) hi-padzu-de **i-ɲa-kli-li** **mo** **krudza**
1-pai-PLUR3 **3-morrer-PAS-REL** **em** **cruz**
meu Senhor Jesus Cristo que morreu na cruz

(1124) bapi-an-atse-di i-deho a-neto tupan **di-ne-li** **ani-ei**
deitar-2-pessoa-FUT 3-com 2-lembrar Deus **3ENF-olhar-REL** **2-para**
deitar-vos-eis lembrando-vos que Deus vos está vendo

Como pode ser observados acima, os marcadores temporais {-di} (1122) e {-kli} (1123) ocorrem em diferentes posições. Nas cláusulas relativas da língua, enquanto o sufixo de futuro ocorre depois de {-li}, o sufixo de tempo passado aparece antecedendo o relativizador.

Os dois tipos de construções relativas apresentadas aqui também podem ser vistas em outras línguas pelo mundo. As cláusulas nucleares são encontradas, por exemplo, em línguas como o próprio Português, o Russo, o Inglês, o Persa e o Húngaro (COMRIE, 2006); e as cláusulas anucleares são verificadas em línguas como o Cebuano (falado nas Filipinas), o Turco (DRYER, 2007a), o Qiang (língua tibetana falada no Norte da Província de Sichuan – China) (LA POLLA; HUANG, 2004), entre outras.

7.13.3 Cláusulas adverbiais

As cláusulas adverbiais, em Dzubukuá, expressam as ideias de **finalidade** ou **propósito** (1125), **comparação** (1126), **conformidadade** ou **condescendência** (1127), **condição** (1128) e **tempo** (1129):

(1125) do=uka-a i-do dehen **bo i-di i-na a-uka-te**
de=amar-PLUR2 3-de também **por 3-dar 3-a 2-amar-NML**
a-do-ho-a
2-de-REFL-PLUR2
Amai-o também, para que ele vos dê a graça de vos amardes um ao outro

(1126) anɾan i-kangɾi-te (...) ba-lobœ-oɲe-ba i-deho
homem 3-fazer bem-NML viver-totalidade-bem-SFP1 3-com
mo uo ba-oɲe i-popo i-deho di-bɨke
em como viver-bem 3-irmão mais velho 3-com 3ENF-irmã
(São José) varão justo com o qual sempre morou **ao modo que irmã e irmão**

(1127) i-ɲutetsi niɲo itse do=moɾo **uo a-me-te-di**
3-filha Deus pessoa de=fazer igual **como 2-dizer-NML-FUT**
Eu sou a escrava do Senhor, faça-se em mim **segundo vossa palavra**

(1128) **no i-netso a-na a-domo buanga-bu-le** dzeia-oɲe
a 3-ver 2-a 2-em fazer mal-CL:aparência-mau estar triste-bem
an-atse-di i-domo
2-pessoa-FUT 3-em
se acaso vos achardes com a consciência carregada de algum pecado mortal, excitai-vos à contrição

(1129) **no i-bœdo ukie mo anɾankiedzo** netso-kie-ba a-na-a
a 3-esconder sol em nuvem ver-não-SFP1 2-a-PLUR2
do an-poh-a
de 2-olho-PLUR2
Não vedes o sol **quando ele está escondido dentro de uma nuvem**

Todas as sentenças adverbiais seguem à cláusula a que estão subordinadas, salvo as combinações condicionais e temporais que podem precedê-las ou segui-las. Possivelmente a presença significativa de condicionais e temporais prepostas tenha sua origem em topicalizações recorrentes sofridas por estes tipos de construções em etapas anteriores ao registro da língua em estudo. Essas topicalizações causaram o deslocamento da cláusula subordinada para a esquerda, acabando por fixar-se na posição inicial da estrutura interclausal. Não é incomum processos de topicalização estarem na base da formação e regularização de fenômenos sintáticos (GIVÓN, 1979).

A presença de topicalizações em cláusulas adverbiais pode ser melhor atestada em algumas poucas ocorrências observadas em construções comparativas (1130) e propositivas (1131):

(1130) **mono tseho** uan-kie-ba i-padzu i-do mo ɾada
como gente haver-não-SFP1 3-pai 3-de em chão
TOP
Como homem, não tem pai na terra

(1131)
i-dzene i-le-a ku-ɲu-ɲu ku-do-a
3-para 3-irritar-se-PLUR2 1INCLPL-filho-filho 1INCLPL-de-PLUR2
i-domo do=k-umikede-a do muɲakie du-nuɲe-li
3-em de=1INCLPL-mandar-PLUR2 de moço 3ENF-obedecer-REL
do ukakoa habiɬhan h-ani tseho
de calar verdade 3-para gente
Para que o povo por isso não se levante contra nós, digamos aos soldados que estiveram de guarda no sepulcro que calem a verdade destas novas ao povo

As cláusulas comparativas, em Dzubukuá, possuem três constituintes principais: o **termo comparado (TC)**, o **marcador comparativo (M)** e o **referente de comparação (RC)**. O primeiro corresponde a um termo que está sendo comparado a outro, o segundo é representado pela conjunção comparativa, e o terceiro equivale ao termo tomado como referência na comparação. O termo comparado fica à esquerda do marcador comparativo e sua posição é ocupada por sintagmas nominais e verbais. O referente de comparação, por sua vez, pode ser expresso lexicalmente e pronominalmente. No primeiro caso, ele fica à direita do marcador comparativo e sua posição é preenchida por sintagmas nominais e adverbiais, constituindo, deste modo, o padrão geral **TC-M-RC** (1132-1135). Porém, quando pronominais, o referente é expresso diretamente pelo próprio marcador comparativo sendo este flexionado em pessoa e número. Neste último caso, o marcador e o referente se fundem, ocorrendo juntos depois do termo comparativo e constituindo o padrão reduzido **TC-M/RC** (1136-1138):

(1132) | anɾotse-kie-ba | | i-padzu | bo | di-ɲuɾa |
homem velho-não-SFP1 3-pai por 3ENF-filho
SN **SN** **M** **RC(SN)**
o pai não é mais velho do que o Filho

(1133) | mi-maɲen i-kotso-a | | ani-aɲi | bo | kieho |
receber-mais 3-ser sujo-PLUR2 2-alma por antes
SV **SN** **M** **RC (SADV)**
vossa alma fica mais suja que antes

(1134) | tseho | **mono** | k-atse-a |
gente **como** 1INCLPL-pessoa-PLUR2
SN **M** **RC(SN)**
ele é homem como nós

(1135) ande | bu-le di-bu-le-li | bo
quem CL:aparência-mau 3ENF-CL:aparênciamau-REL por
SN **M**
| i-bu-le-te uohoie |
3-CL:aparência-mau-NML tudo
RC(SN)
Qual é o pior de todos os males?

(1136) | hoho kede | | nɨɲo | ku-bo-a
ser diferente talvez Deus 1INCLPL-de-PLUR2
SV **SN** **M/RC**
Deus é diferente de nós?

(1137) | tseho mo nɨɲo | | anɾotse-kie-ba | di-bo-ho
pessoa em Deus homem velho-não-SFP1 3ENF-de-REFL
SN **SN** **M/RC**
as pessoas em Deus uma não é mais velha do que a outra

(1138) | mɨ-maɲen umɨbɨ-a do tupan | ku-bo-a
receber-mais imitar-PLUR2 de Deus 1INCLPL-por-PLUR2 |
SV **M/RC**
são mais semelhantes a Deus do que a nós

Os padrões comparativos abordados no parágrafo anterior podem ser visualizados no Quadro abaixo:

Quadro 53 – Padrões dos constituintes de cláusulas comparativas em Dzubukuá

TC	**M**	**RC**
SN, SV, SADJ	**bo**	SN, SADV
TC	**M/RC**	
SN, SV, SADJ	**bo** flexionado em pessoa e número	

As cláusulas temporais do Dzubukuá podem expressar tanto tempo simultâneo (1139) como sequencial (1140). Ambos os tipos são distinguíveis apenas em nível contextual:

(1139) bo=padzu tupan hi-ɲeto klubɨ aɲi-ei mo hi-utsoho-te a-na (...)
por=pai Deus 1-agradecer muito 2-para em 1-fazer-NML 2-a
mo hi-nuɲe-te a-na **no dz-unu no kaia**
em 1-obedecer-NML 2-a **a 1-dormir a noite**
Meus Deus e Senhor, dou-vos graças de me haveres (...) conservado esta noite
enquanto eu dormia

(1140) i-kangɾi-a kede do koho **no i-niɲo-a banɾan**
3-fazer bem-PLUR2 talvez de esse **a 3-criar-PLUR2 começar**
no niɲo
a Deus
Porventura eles eram bons **quando Deus os criou**?

Outro comportamento interessante a ser salientado relativo às construções subordinadas é o fato de que tanto a temporalidade como a condicionalidade são expressas da mesma forma (retornar aos exemplos 1128 e 1129 anteriores). Esse comportamento não é raro acontecer. Ele é geralmente encontrado, por exemplo, em línguas nativas da Indonésia e em algumas de Papua, Nova Guiné, onde a distinção entre ambos os tipos de subordinadas se dá apenas pelo contexto (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007). Nesse caso, tais tipos de construções podem também ser consideradas, ao mesmo tempo, como **cláusulas condicionais-temporais**.

Em cláusulas propositivas ou finais, ocorre a elipse do sujeito sintático mediante processo analéptico, visto que seu referente foi previamente introduzido na cláusula principal:

(1141) mete-kli kede **d-uandzo-li** do upuh **[ø]**
avisar-PAS talvez 3ENF-curar-REL de soprar
elipse de sujeito
a-bɨho no i-kangɾi-kie-a
2-parente a 3-fazer bem-não-PLUR2
Chamastes porventura os feiticeiros para assoprar e bufar sobre vossos parentes doentes?

(1142) no i-pele **padzuaɾe** bo anɾa tupan do mɨui **[ø]**
a 3-fazer sair sacerdote por grande casa Deus de levar
elipse de sujeito
mɨ-ba-be-ku h-ani di-ɲa-bœ-ui-hi
receber-SFP1-CL:redondo-branco 3-para 3ENF-morrer-subir-ir-EP
ui-lobœ an-atse-di
ir-totalidade 2-pessoa-FUT
Quando o sacerdote sair com o Santíssimo Sacramento para o levar aos doentes, achai-vos para o acompanhardes

O Quadro a seguir resume as considerações feitas até aqui, nesta seção, acerca do comportamento sintático das cláusulas coordenadas e subordinadas em Dzubukuá:

Quadro 54 – Cláusulas coordenadas e subordinadas do Dzubukuá

Coordenadas	**Subordinadas**		
- Sindéticas → com conjunção; - Assindéticas → sem conjunção; - Relações conceituais: adição, oposição, disjunção (inclusiva), justificativa e conclusão;	**Completivas**	**Relativas**	**Adverbiais**
	- Introduzidas por **do**; - Seguem à direita da cláusula principal; - Objetos sentenciais da cláusula;	- Substantivos, verbos e adjetivos flexionados em pessoa + {-li}; - Nucleares → adjuntos nominais de núcleo externo;	- Relações conceituais: finalidade, comparação, conformidade, condição e tempo; - Seguem à direita da cláusula principal (todas) e à

- Analepse → elipse de sujeito, verbo e objeto.	- Predicados subordinados de interlocução, de manipulação e desiderativo.	- Anucleares → núcleos de SN, sujeitos e objetos da cláusula; - Desenvolvidas → predicado-núcleo; - Reduzidas → predicado-núcleo + complementos.	esquerda (temporais e condicionais e topicalizações); - Padrão comparativo clausal→ **TC-M-RC** ou **TC-M/RC**; - Condicionais-clausais → expressão de condição e de tempo simultâneo e sequencial; - Analepse → elipse de sujeito em cláusulas finais.

CONCLUSÃO

O sistema fonológico do Dzubukuá está constituído por 21 fonemas – 14 consoantes e 7 vogais. Sua dinâmica sinaliza processos de adição silábica, redução sonora, nasalização, alçamento e alongamento vocálicos, vozeamento, lateralização das oclusivas alveolares, rotacismo entre consoantes alveolares, neutralização entre consoantes nasais e harmonização entre consoantes e entre vogais. Suas sílabas são regidas pelo padrão geral (C) (C) V (C) e suas palavras apresentam tonicidade inicial, medial e final, conforme o padrão (S) (S) (S) ˈ**S** (S) (S).

A morfologia, por seu turno, é formada por nove classes lexicais classificadas em: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, numerais, pronomes, adposições, conjunções e interjeições. Entre os morfemas gramaticais presos, situam-se os seguintes componentes: prefixos e sufixos. No grupo dos primeiros, estão os prefixos pessoais, os classificadores e prefixo um causativo. E no grupo dos segundos, são encontrados o sufixo epistêmico, um interrogativo, dois sufixos de aspecto, um marcador reflexivo; como também marcadores de polidez e um de tempo passado e outro de tempo futuro; pluralizadores, um relativizador e um nominalizador.

Na língua em pauta, foi verificada também a presença de processos gramaticais. Integram este quadro os seguintes tipos: a reduplicação, a nominalização, a negação derivacional, a composição, a incorporação, a conversão, os empréstimos e as locuções que integram a dinâmica morfossintática da língua.

Na sintaxe, foi constatado que o Dzubukuá é uma língua verbo-inicial – VOS e VSO, com mobilidade entre sujeito e objeto, os quais aparecem após o predicado. É constituído também por sintagmas nominais, verbais, adjetivais, adverbiais e adposicionais. Sua dinâmica sintática admite a presença de predicados transitivos (bivalentes e trivalentes), intransitivos e ambitransitivos. Distribuídos no quadro dos predicados verbais estão os predicados copulativos, existenciais e possessivos. No caso dos predicados intransitivos, o sistema permite que tais predicados, além de verbos, sejam também constituídos por componentes não verbais representados por substantivos, pronomes, adjetivos, advérbios e numerais.

A dinâmica gramatical da língua permite processos de aumento (transitivização) e redução de valência (detransitivização) nos predicados verbais. Nesse contexto, os processos de causativização e reflexivização de predicados existenciais aumentam a valência desses

predicados, enquanto os processos de prefixação argumental e incorporação de sujeito e objetos sintáticos reduzem a valência verbal.

A sintaxe de casos gramaticais do Dzubukuá revela ser um sistema "split" ou cindido, com marcação do tipo nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo. Nesse sistema duplo, o ergativo e o dativo são marcados, enquanto o nominativo, o acusativo e o absolutivo são os casos não marcados da predicação. Ao contrário do nominativo-acusativo, o ergativo-absolutivo ocorre em cláusulas causativas, com sujeito livre em imperativos afirmativos, está presente em construções reflexivas de predicados existenciais e em construções reflexivas e recíprocas de predicados intransitivos. Encontra-se também em predicados trivalentes e nos intransitivos nominais (não verbais) estendidos, e em predicados ativos derivados de predicados de estado e posição do nominativo-acusativo. Marca sujeito causadores não humanos em predicados ativos bivalentes e confere aos predicados maior grau de agentividade. O dativo, por seu lado, marca objetos indiretos que acompanham tantos sujeitos nominativos como ergativos e também o sujeito-tema de predicados possessivos com verbos existenciais e os sujeitos experienciadores e pacientes de predicados que expressam processos involuntários.

Conforme o tipo de ato de fala, o sistema estudado, além das sentenças declarativas, conta com cláusulas interrogativas, imperativas e negativas. Foi constatado ainda que a conexão entre sentenças se faz por meio da coordenação e subordinação. A primeira apresenta combinações sindéticas e assindéticas e expressa as relações de adição ou concomitância, oposição, escolha, justificativa e conclusão. A segunda se dá por meio de sentenças completivas, relativas e adverbiais. As completivas sinalizam o objeto sentencial da cláusula; as relativas operam tanto com função atributiva (nucleares) e como sujeito e objeto sintático (anucleares); as adverbiais, por seu lado, operam como advérbios e comunicam as noções de finalidade, conformidade, condição, tempo e comparação.

O comportamento morfossintático do Dzubukuá o integra nas línguas **polissintéticas aglutinativas** e nas de **marcação de núcleo** segundo as definições de Aikhenvald (2007). Para a autora, as línguas, em nível morfológico, são classificadas de duas formas: quanto à transparência das fronteiras entre morfemas que estruturam as palavras e quanto à complexidade interna de palavras gramaticais que formam a língua.

Em relação à natureza de suas fronteiras morfológicas, as línguas podem ser divididas em **isolantes**, **aglutinantes** (ou **aglutinativas**) e **fusionais**. Sistemas isolantes são aqueles cujos morfemas correspondem todos ou quase todos a uma palavra independente. Nessas línguas, flexões de tempo, modo e voz do verbo, por exemplo, são morfemas livres ou

lexemas separados. Ou seja, o que em outras línguas tende a ser construído morfologicamente por meio de elementos gramaticais presos a itens lexicais, em sistemas isolantes, é expresso analiticamente ou perifrasticamente mediante formas livres. As fronteiras entre os morfemas da língua estão nitidamente separadas.

Numa língua aglutinante, as palavras são formadas pela combinação de vários morfemas mantendo nítidas as fronteiras entre eles. Isso implica que, embora unidos em uma estrutura lexical, eles possuem significados individualizados. Cada unidade morfológica apresenta formas variantes de fácil identificação e suas combinações formais demonstram facilidade de segmentação. Os sistemas fusionais, contudo, demonstram nenhuma ou quase nenhuma nitidez na fronteira entre morfemas. Isto é, os traços semanticamente distintivos aparecem geralmente fundidos em uma única unidade morfológica presa (PAYNE, 1997). A título de esclarecimento, tem-se o exemplo das flexões verbais em Português, tais como a flexão "canta**mos**" cujo morfema {-mos} cumula ao mesmo tempo em si as noções de primeira pessoa, plural e tempo presente.

Quanto à complexidade da estrutura gramatical interna das palavras, Aikhenvald (*ibid*.) identifica também três tipos linguísticos principais: línguas **analíticas**, **sintéticas** e **polissintéticas**. Os sistemas analíticos são os que apresentam uma distinção clara entre palavras e morfemas presos. Sua gramática é formada totalmente ou quase totalmente por morfemas livres. O segundo grupo é representado por sistemas formados por vários morfemas livres e presos. E o terceiro tipo, denominado também de sistemas incorporantes, recai em grupos linguísticos que possuem alta capacidade de combinar uma grande quantidade de morfemas lexicais e gramaticais dentro de mesmo vocábulo. Suas palavras, com isso, apresentam uma complexidade gramatical extrema. Com isso, tais sistemas linguísticos têm a propriedade de expressar em uma única palavra gramatical o que em outras línguas expressariam sintaticamente por meio de cláusulas. E morfemas presos têm a capacidade de comunicar geralmente significados que em outros sistemas linguísticos seria expresso por meio de morfemas livres.

A gramática do Karirí-Dzubukuá demonstra um comportamento peculiar ao verificado em línguas polissintéticas. Ela permite unir em uma só palavra membros pertencentes à classe dos substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, numerais e o sujeito e objeto sintáticos, como foi visto na subseção 6.5 (referente às incorporações e pertencente ao capítulo dos aspectos gramaticais gerais da língua). Essa capacidade gera estruturas léxico-gramaticais complexas como, por exemplo, as palavras **peleuimaɲennukiea** "nunca mais

morreremos" e **meauplekieadi** "não murmurar contra alguém". Segmentando as duas palavras citadas, tem-se **pele-ui-maɲen-nu-kie-a** "fazer sair-ir-mais-potencial-não-plural" e **me-a-uple-kie-a-di** "dizer-plural-mentir-não-plural-tempo futuro". Dessa forma, em uma única palavra, o Karirí comunica o que a própria tradução portuguesa desse vocábulo faz utilizando uma cláusula inteira. Isto é, enquanto a língua aqui analisada expressa uma proposição inteira morfologicamente, outras línguas, dentre elas, o Português, a transmitiria apenas em uma construção sintática. Além disso, nessas palavras, itens, tais como os advérbios **-kie** "não" e **-ɾoɾo** "pouco", que ocorrem apenas como formas presas, transmitindo conteúdos semânticos que, em outras línguas, como o próprio Português, o Inglês e o Espanhol, por exemplo, expressariam mediante formas livres.

O caráter aglutinante da língua em foco pode ser também verificado tendo como base as duas palavras do parágrafo anterior. Embora formando uma única unidade léxico-morfológica, os morfemas acima são segmentados facilmente, mantendo seus significados individualizados. Mesmo em composições como **pele-ui** e **nu-kie** e **me-a-uple** ainda se é capaz de configurar o sentido de cada um dos componentes. Cada um deles não traz mais do que um conteúdo semântico. O caráter fusional se restrite somente a alguns poucos casos, como é o que ocorre com **bruka** "vir depressa" – reunindo em si e ao mesmo tempo os conceitos de pessoa (2ª), número (plural), tempo (presente) e modo (imperativo); e o dos prefixos enfáticos de 3ª pessoa que cumulam em si as noções de pessoa e ênfase; ou mesmo do prefixo inclusivo de 1ª pessoa {k-} que denota tanto pessoa como número, entre outros. Isso não invalida o enquadramento do sistema linguístico em questão na lista dos grupos linguísticos aglutinativos, já que os casos de morfemas fusionais são mínimos e geralmente línguas polissintética também possuem estes tipos de unidades morfológicas, sendo que em poucas proporções (AIKHENVALD, *ibid*.).

Nas línguas, as relações gramaticais contraídas entre os componentes sintáticos em uma predicação podem ser marcadas no núcleo dos sintagmas principais de uma predicação ou nos dependentes desse núcleo. O primeiro caso representa sistemas com **marcação de núcleo** e o segundo, os com **marcação de dependentes** (BICKEL; NICHOLS, 2007). O termo dependente se refere aos elementos não nucleares que acompanham o núcleo sintagmático sinalizando uma determinada relação gramatical.

Em Dzubukuá, a marcação recai obrigatoriamente no núcleo dos sintagmas nominal, verbal e adposicional – elementos centrais na predicação da referida língua, pois constituem

os participantes desta predicação. O mesmo ocorre com sintagmas adjetivais e adverbiais quando estes operam como predicados. O exemplo mais representativo de marcação no sintagma adposicional, é quando, em Dzubukuá, as próprias adposições recebem flexões de pessoa e/ou de número para indicar o sujeito ou o objeto do predicado, ou seja, os participantes do discurso. Esse último caso mais uma vez corrobora a inclusão do sistema linguístico aqui analisado no quadro das línguas de marcação de núcleo.

Conforme Aikhenvald (2007), a morfologia de uma língua polissintética originou-se, historicamente, pela combinação e subsequente gramaticalização de raízes independentes. Isso explica, por exemplo, a presença de certos lexemas, em Dzubukuá, como os advérbios encontrados **-idze**, **-iho** (ambos denotando "muito") e **-hehe** "tanto", que ocorrem sempre como formas presas. Segundo a mesma autora, com base em pesquisas feitas desde 1990, afirma que línguas desse tipo geralmente tendem a apresentar sistemas de marcação de caso, visto que reunem em torno de estruturas centrais, como nome e verbo, categorias léxico-gramaticais que, em outras línguas isolantes e fusionais, equivaleriam a lexemas livres.

Para Mairal e Gil (2006), a descrição tipológica de línguas individuais auxiliam na postulação de tendências tipológicas universais que levam ao aperfeiçoamento da teoria linguística e das implicaturas semântico-gramaticais subjacentes aos fenômenos morfossintáticos gerais da linguagem humana. Além disso, a descrição de sistemas linguísticos extintos, como o Dzubukuá, representa um resgate de uma parte central da herança cultural dos seus falantes, descendentes de toda a humanidade; e em cuja língua encontram-se incorporadas suas tradições culturais e sabedoria (PAYNE, 1997).

Embora o presente estudo realizado até aqui, e cujos resultados foram descritos neste trabalho, não esgota as possibilidades interpretativas sobre o Dzubukuá. Espera-se que ele tenha contribuído para o conhecimento mais aprofundado da família e da língua Karirí e que abra caminhos para pesquisas e estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ADAM, L. **Matériaux pour servir a l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille kariri**. Paris: J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur, 1897. t. XX.

AIKHENVALD, A. Y. The adjective class in Tariana. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 4, p. 97-124.

_____. Typological distinctions in word-information. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 1, p. 1-65.

ALBUQUERQUE, D. B. de. Classe de nome, classificadores e termos de classe em Kipeá (Karirí). **Interdisciplinar**: revista de estudos de língua e literatura da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, ano IV, v. 9, n. 9, p. 23-38, ago-dez. 2009.

ALVES, F. de C. **O timbira falado pelos canela apãniekrá**: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua jê. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ANDREWS, A. D. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007a. v. II, c. 4, p.206-236.

_____. The major functions of the noun phrase. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007b. v. I, c. 3, p. 132-223.

AZEVEDO, G. M. C. de. **Língua kariri**: descricão do dialeto kipeá. 1965. Dissertação(Mestrado em Linguística) – Instituto Central de Letras, Universidade de Brasilia, Brasilia.

BACHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected adjectives in Japanese. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c.2, p. 50-73.

BANDEIRA, M. de L. **Os kariris de Mirandela**: um grupo indígena integrado. Salvador: UFBA, 1972. (Col. Estudos Baianos, n. 6).

BARROS, M. C. D. M. Um caso de política linguística: a questão do intérprete e do discurso religioso no Brasil colonial. **Ameríndia**, n. 11, 1986. Disponível em: <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A_11_04.pdf> . Acesso em 03/08/2010.

_____. Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colônias portuguesas (séculos XVI-XVII). **Iberoromania**, Tubingen, v. 57, p. 27-63, 2003a.

_____. A relação entre manuscritos e impressos tupi como forma de estudo da política linguística jesuítica no século XVIII na Amazônia. **Letras**, Curitiba, n. 61, p. 125-152, 2003b.

BATISTA, R. de O. Das letras que se usam e das que faltam nessa língua: o tratamento da parte sonora da língua em artes de gramática do Brasil colonial. In: FRANÇA, A.; PETTER, M. (Org.). **Afinal, já sabemos para que serve a linguística?**. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002, p. 87-99.

_____. Língua indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **Boletim VII**, São Paulo, p. 13-39, 2004.

_____. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 121-147, 2005.

BERLINCK, R. de A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. Sintaxe. In: In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, c. 6, p. 207-244.

BICKEL, B.; NICHOLS, J. Inflectional morphology. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 3, p. 169-240.

BISOL, L.(Org.). **Introdução a estudos fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BOECKX, C. universals in a generative setting. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.3, p. 67-79.

BORGES, J. E. B. **Estrutura do dzubukuá cariri**. 1977. Tese (Livre-Docência em Linguística) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BORGES, L. C. O curso de Nheengatu de Couto de Magalhães. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 13/14, p. 75-88, 2004. (História das Ideias Linguísticas – Hil).

BYBEE, J. Language change and universals. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.7, p. 179-194.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (Coleção Letras).

CÂMARA JR., J. M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1979.

_____. **Problemas de linguística descritiva**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAMPOS, C. S. de O. **Morfofonêmica e morfossintaxe do maxakalí [manuscrito]**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CARONE, F. de B. **Morfossintaxe**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.

CASTILLO, J. M. del. **La linguística cognitiva**: análisis y revisión. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2008.

CHAFE, W. L. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. (Biblioteca Universitária de Linguística e Língua Portuguesa, v.2).

COMRIE, B. Syntactic typology. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.6, p. 130-154.

COMRIE, B.; THOMPSON, S. A. Lexical nominalization. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 6, p. 334-381.

CORBETT, G. G. Gender and noun classes. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 4, p.241-279.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Linguística cognitiva**. Madrid: Akal, 2008.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA; M. A.; CEZARIO; M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R de; MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-55.

_____; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. Rumos da linguística funcional. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R de; MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 123-127.

_____; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. (Coleção Tópicos em Linguagem).

DELBECQUE, N. **Linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2006. (Coleção Epigênese, Desenvolvimento e Psicologia).

DIAS, C. Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial.**FUMDHAMENTOS**: publicação da Fundação Museu do Homem Americano FUMDHAM, São Raimundo Nonato (PI), FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, n. 7, jan. 2008. p. 418-429. Disponível em: <http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos7/artigos/20ClaudeteDias.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011.

DIXON, R. M. W. The small adjective class in Jarawara. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004a. c. 7, p.177-198.

_____. Adjective classes: in typological perspective. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004b, c.1, p. 1-49.

_____. **Basic linguistic theory**: methodology. New York: Oxford University Press, 2010a. v. 01.

_____. **Basic linguistic theory**: grammatical topics. New York: Oxford University Press, 2010b. v. 02.

_____; AIKHENVALD, A.Y. (Ed.). **Changing valency case studies in transitivity**. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 1-20.

_____; _____.Word: a typological framework. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). **Word**: a cross-linguistic typology. New York: Cambridge University Press, 2002. c. 1, p. 1-10.

DOURADO, L. G. **Aspectos morfossintáticos da língua panará (Jê)**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DRYER, M. S. What is basic linguistic theory?. Búfalo: Department of Linguistics, University at Buffalo, 2001. Disponível em: < http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/blt >. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. Descriptive theories, explanatory theories, and basic linguistic theory. In: AMEKA, F.; DENCH, A.; EVANS, N. (Ed.). **Catching language**: issues in grammar writing. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006a. p. 207-234. Disponível em: < http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/desc.expl.theories.pdf >. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. Functionalism and the metalanguage – theory confusion. In: WIEBE, G. et al. (Ed.). **Phonology, morphology, and the empirical imperative**: papers in honour of Bruce Derwing. Taipei: The Crane Publishing Company, 2006b. p. 27-59. Disponível em: < http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/DryerFuncMeta.pdf >. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. Clause types. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007a. v. I, c. 4, p. 224-275.

_____. Word order. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007b. v. I, c. 2, p.61-131.

_____. Noun phrase structure. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007c. v. II, c. 3, p. 151-205.

ENFIELD, N. J. Adjectives in Lao. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 14, p. 323-347.

_____. Adjectives in Mam. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 5, p. 125-146.

FERNANDES, E. Pensamento e linguagem. In: CARNEIRO, M. (Org.). **Pistas e travessias**: bases para estudos da linguagem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

FERRARI, A. T. **Os kariri**: o crepúsculo de um povo sem história. São Paulo: 1957.

FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica e sintática. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R de; MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 73-87.

FOLEY, W. A. A typology of information packaging in the clause. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. I, c. 7, p. 362-447.

FRANÇOIS, F. Os caracteres gerais da linguagem: consequências pedagógicas. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979a. p. 3-11.

_____. A noção de norma linguística: atitude descritiva, atitude prescritiva. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979b. p. 87-97.

GALINDO, M. **O governo das almas**: a expansão colonial no país dos tapuias – séculos XVII e XVIII. 2004. Tese (Doutorado em História), Leiden Universiteit, Amsterdam.

GENETTI, C.; HILDEBRANDT, K. The two adjective classes in Manange. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 3, p. 74-96.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Flórida: Academic Press, INC, 1979.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. v. I.

_____. **Syntax**: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. II.

_____. **Compreendendo a gramática**. Natal: EDUFRN, 2011.

GOEJE, C. H. de. O cariri (nordeste brasileiro). **Revista do Instituto do Ceará**, n. XXIV, p. 147-178, 1932.

GORBETT, G. G. The Russian adjective: a pervasive yet elusive category. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 8, p.199-222.

GRINEVALD, C. Making sense of nominal classification systems: noun classifiers and the grammaticalization variable. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. v. 49, p. 259-275. (Série Typological Studies in Language).

GUEDES, M. **Suyá**: a língua da gente, um estudo fonológico e gramatical. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HAJEK, J. Adjective classes: what can we conclude? In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 15, p.348-360.

HASPELMATH, M. Universals of causative verb formation. In: HASPELMATH, M. **Explaining syntactic universals**. Massachusetts: LSA Institute, 2005. c. 5, p. 1-19.

_____. Coordination. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. II, c. 1, p. 1-51.

HENGEVELD, K. Linguistic typology. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.2, p. 46-66.

HYSLOP, C. Adjectives in northe-east Ambae. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 11, p. 263-282.

JAKOBSON, R. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977. (Série Literatura/Ciências da Linguagem).

KÄRKÄINEN, E.; SORJONEN, M. L. Discourse structure. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. II, c. 6, p.301-371.

KEENAN, E. L.; DRYER, M. S. Passive in the world's languages. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. I, c. 6, p. 325-361.

KINDELL, G. E. **Guia de análise fonológica**. Brasília: SIL, 1981.

KÖNIG, E.; SIEMUND, P. Speech act distinctions in grammar. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. I, c. 5, p. 276-324.

KRUSPE, N. Adjectives in Semelai. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 12, p. 283-305.

LANGACKER, R. **A linguagem e sua estrutura**: alguns conceitos linguísticos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. (Col. Perspectivas linguísticas, 6).

LANGACRE, R. E. Sentences as combinations of clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. II, c. 7, p.372-420.

LA POLLA, R. J.; HUANG, C. Adjectives in Qiang. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 13, p.306-322.

LARSEN, T. Case and subjecthood in Kipeá Kirirí. **BLS**, n. 10, p. 189-205, 1984.

LAUGHLIN, F. Mc. Is there an adjective class in Wolof? In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 10, p. 242-262.

LEHMANNI, C. Participant roles, thematic roles and syntactic relations. In: TSUNODA; TASAKU; KAGEYAMA, TARO (Ed.). **Voice and grammatical relations**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 1-19.

LEITE, S. **História da companhia de jesus**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.v.5, p. 269-327. (Col. Reconquista do Brasil, 2ª Série).

LEITE, Y. Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro. In: CONGRESSO DE LETRAS, 4., 2007, São Gonçalo. Anais do IV CLUERJ-SG. São Gonçalo: UERJ, 2007, volume único, ano 4, n. 3, p. 1-23. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iv/completos/palestras/Yonne%20Leite.pdf> . Acesso em: 8 mar. 2011.

LEVY, P. Adjectives in Papantla Totonac. In: DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 6, p. 147-176.

MACÊDO, S. M. **Educação por outros olhares**: aprendizagem e experiência cultural entre índios kiriri do sertão baiano. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MADDIESON, I. In search of universals. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.4, p. 80-100.

MAHMOUDIAN, M. Sintaxe e linearidade. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. p. 12-23.

MAIRAL, R.; GIL, J. A first look at universals. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.1, p. 1-45.

MAMIANI, L. V. **Arte grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri**. 2.ed., Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877 [1699].

_____. **Catecismo da doutrina christãa da lingua brasilica da nação kiriri**. Nota introdutória de Rodolfo Garcia. Edição Fac-Similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942 [1698].

MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R de; MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 57-71.

_____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R de; MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28.

MARTINET, A. O oral e o escrito. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979a. p. 32-42.

_____. Língua falada e código escrito. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979b. p. 43-48.

_____. **Função e dinâmica das línguas**. Coimbra: Almedina, 1995.

MEADER, R. E. **Índios do Nordeste**: levantamento sobre os remanescentes tribais do nordeste brasileiro. Brasília: SIL, 1978.

MENEZES SOBRINHO, T. P. de S. Contribuição para o estudo das afinidades do kariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 42, p. 3-21, 1928.

_____. Sistema de parentesco dos índios cariris. **Revista do Instituto Ceará**, Fortaleza, n.61, p. 163-180, 1947.

MÉTRAUX, A.Une nouvelle langue tapuya de la région da Bahia (Brésil). **Journal de la Societé des Américanistes**, Paris, n. 40, p. 51-58, 1958.

MITHUN, M. Beyond the core: typological variation in the identification of participants. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 71, n. 4, p. 445-472, oct. 2005.

MOUNIN, G. O problema dos critérios de análise na descrição linguística funcional: a coordenação. In: MARTINET, J. (Coord.). **Da teoria linguística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. p. 116-127.

NANTES, B. de. **Katecismo indico da lingua kariris**. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709. Material impresso microfilmado.

_____. **Catecismo da lingua kariris**. 2. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1896. Material impresso em PDF.

_____. **Relation de la mission des indiens Kariris du Brezil situés sur le grand fleuve de S. François du costé du sud a 7 degrés de la ligne equinotiale**. 12 de setembro de 1702. Manuscrito microfilmado da versão em Francês-Dzubukuá.

_____. **Relato da missão dos índios kariris do Brasil, situados no grande rio São Francisco do lado sul a 7º (graus) da linha do equinócio**. Tradução de Gustavo Vergetti a partir da leitura diplomática de Pedro Puntoni. 12 de setembro de 1702. Versão portuguesa da parte introdutória do manuscrito em Francês-Dzubukuá microfilmado.

NANTES, M. de. **Relação de uma missão no rio São Francisco**. Tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979 [1706]. (Brasiliana, Volume – 368).

NEVES, M. H. de M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. II, c. 2, p. 52-150.

NUNES, J. H. A gramática de Anchieta e as partes do discurso. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Língua e Cidadania**: o português no Brasil. Campinas: Pontes, 1996. p. 139-150. (Coleção História e Ideias Linguísticas).

OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos "índios misturados"? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

PAULA, A. S. de. **A língua dos índios Yawãnawá do Acre**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax**: guide for field linguists. New York: Cambridge University Press, 1997.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, c. 5, p. 165-218.

POMPA, C. Cartas do sertão: a catequese entre os kariri no século XVII. **Antropológicas**, ano 7, v. 14, n. 1 e 2, p. 7-33, 2003a.

_____. **Religião como tradução**: missionários, tupi e tapuia no Brasil colonial. Bauru: EDUSC, 2003b. (Coleção Ciências Sociais).

QUEIROZ, J. M. C de. **Aspectos da fonologia dzubukuá**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RADFORD, A. et al. (Org.). **Linguistcs**: an introduction. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 1-10.

RIBEIRO, E. R. Tapuya connections: language contact in eastern Brazil. **LIAMES**, Campinas –SP, n.9, p.61-73, 2010. No prelo.

_____. O catecismo kiriri: a lei de Deus e o interesse dos homens. **Sæculum**, João Pessoa, n. 13, p. 39-51, jul./dez. 2005.

RODRIGUES, A. D. O artigo e os numerais na língua kiriri, vocabulário português-kiriri e kiriri-português. **Separata dos Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, v. II, art. X, p. 179-212, 1942.

_____. O conceito de língua indígena no Brasil: os primeiros cem anos (1550-1650) na costa leste. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, p. 59-78, 1998. (Coleção História e Ideias Linguísticas).

_____. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002. (Coleção Missão Aberta, 11).

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. In: Línguas do Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57 , n. 2, p. 35-38, jun. 2005.

_____. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. et al. (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Fundo de Cultura da Bahia, 2006, p. 143-161.

ROMERO-MÉNDEZ, R. **A reference grammar of Ayutla Mixe (Tukyo'm Ayuujk)**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Nova York em Búfalo, Búfalo.

SANDALO, F. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, c. 5, p. 181-206.

SAPIR, E. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. (Filologia e Linguística, Volume 3).

SANTOS, M. G. dos.**Uma gramática do Wapixana (Aruák)**: aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SAUTCHUK, I. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo)sintática. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. **Parts-of-speech systems**. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: clause structure. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. I, c. I, p. 1-60.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.).**The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**: revista da Universidade Metodista de Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 233-256, out. 2003. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf> . Acesso em: 8 mar. 2011.

SOHN, H. The adjective class in Korean. DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y.(Ed.). **Adjective classes**: a cross-linguistic typology, exploration in linguística typology. New York: Oxford University Press, 2004. c. 9, p.223-241.

SOUSA FILHO, S. M. de. **Aspectos morfossintáticos da língua akwe-xerente (Jê)**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SPENCER, A. Morphological universals. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.5, p. 101-129.

TALMY, L. Lexical typologies. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 2, p. 66-168.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E.; HWANG, S. J. J. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: complex constructions. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. II, c. 5, p. 237-300.

TIMBERLAKE, A. Aspect, tense, mood. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. v. III, c. 5, p. 280-333.

TRUBETZKOY, N. A fonologia atual. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**: fonologia e sintaxe. Campinas: Unicamp, 1981, v. II, part. II, p. 15-35.

VALIN, R. D. V. Some universals of verb semantics. In: MAIRAL, R.; GIL, J. **Linguistic universals**. New York: Cambridge University Press, 2006. c.7, p. 155-178.

WU, J. J. **Verb classification, case marking, and grammatical relations in amis**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Nova York em Búfalo, Búfalo.

APÊNDICE

LISTA DE ITENS

Abaixo segue uma lista de itens do Dzubukuá utilizados nos exemplos apresentados neste trabalho. A título de exposição, eles foram dispostos de duas formas: a primeira traz os itens do Dzubukuá seguidos de seus respectivos significados em Português e a segunda, em sentido inverso, reúne os itens em Português seguidos de suas correspondências em Dzubukuá.

DZUBUKUÁ-PORTUGUÊS

/a/

1. **-a**: pluralizador
2. **a-**: prefixo de 2ª pessoa
3. **aboho**: com
4. **aboho**: depois
5. **ai** (**ho**): contra
6. **ainde**, **aindete**: animal
7. **alidze**: doença
8. **amadi**: por
9. **amaœdi**: veia
10. **amaɾa**: canto
11. **ami**, **amite**: comida
12. **ami**: fome
13. **amodi**, **amo**: assim seja
14. **amœda**: mão
15. **amɨ**: para
16. **an-**: prefixo de 2ª pessoa

17. **ana**: querer
18. **ande**: quem
19. **aɲi**: amarrar
20. **aɲi**: alma
21. **aɲikiengi**: ter compaixão
22. **aɲiɾokla**: ficar excluído
23. **ani**: para
24. **ani-**: prefixo de 2ª pessoa
25. **ankɨ**: gritar
26. **anli**: aquele
27. **anɾa**: grande casa
28. **anɾan**: homem
29. **anɾaniede**: antepassado
30. **anɾanke**: céu
31. **anɾankedzo**: nuvem
32. **anɾo**: este
33. **anɾotse**: homem velho
34. **antse**: natureza
35. **atse**: pessoa

/b/

36. **-ba**: sufixo de polidez
37. **ba**: viver
38. **bababate**: lanceta
39. **babate**: incisão
40. **babɨ**: enviar
41. **badoie**: descendente
42. **badze**: Deus do fumo
43. **badze**: fumo
44. **banahoia**: outro
45. **banɾan**: começar
46. **bapi**: deitar
47. **bati**: estrela
48. **be-**: classificador adjetivo (objetos redondos)
49. **be**: colher
50. **behedzi**: melancia
51. **beɲe**: marcar
52. **beɲe**: orelha
53. **bepli**: ficar assustado
54. **bepli**: repentinamente
55. **bete**: por
56. **beui**: suceder

57. **bidzamu**: feiticeiro
58. **bidzoho**: a sós
59. **bihe**: um
60. **bo**: por
61. **bœ**: subir
62. **bœdo**: esconder
63. **bœdo**: monte
64. **bœkla**: tísica
65. **bœtodi**: levantar-se
66. **boho**: ou
67. **boito**: casamento
68. **boitone**: fornicar
69. **boŋahen**: adivinhar
70. **bono**: contudo
71. **boɾo**: braço
72. **boɾoŋemɨ**: direita
73. **boɾoɾu**: bexiga
74. **boɾouanidumɨ**: esquerda
75. **bɾuka**: vir depressa
76. **bu-**: classificador adjetivo (aparência)
77. **bu-**: classificador numeral (evidência númerica)
78. **buanga**: fazer mal
79. **budeuo**: cova
80. **budiɾode**: logo
81. **bududu**: cobrir
82. **bɨ**: correr
83. **bɨ**: pé
84. **bɨda**: quebrar
85. **bɨpɨ**: devolver
86. **buie**: crescer
87. **buiehoho**: corpo
88. **buieui**: elevar-se
89. **bɨho**: livrar
90. **bɨho**: parente
91. **bɨke**: irmã
92. **bɨɾan**: irmão caçula
93. **buke**, **bukeke**: ser bonito
94. **buklekle**: urucu
95. **buko**: lama
96. **bune**: todo

/d/

97. **d-**: prefixo enfático de 3ª pessoa
98. **da** (**do**): de
99. **dadi**: estar sentado
100. **dahantsi**: ali
101. **daklon**: adornar
102. **dahekɬi**: finalmente
103. **damɨ**: carregar
104. **danadzu**: sede
105. **danlan**: querer
106. **dapuka**: galinha
107. **dato**: encurvar
108. **de**: mãe
109. **-de**: pluralizador para 1ª pessoa exclusiva plural
110. **de**: rogar
111. **-de**: sufixo de polidez
112. **-de**: sufixo interrogativo
113. **dede**: formar
114. **dehen**: também
115. **deho**: com
116. **deɨnu**: esposa
117. **di**: dar
118. **-di**: sufixo de tempo futuro
119. **-di**: não
120. **di-**: prefixo enfático de 3ª pessoa
121. **dikliho**: até
122. **do꞉** (**do**): de
123. **do**: comer
124. **doie**: capivara
125. **doihen**: permanecer
126. **doihi**: agora
127. **domo** (**mo**): em
128. **du**: fogo
129. **du-**: prefixo enfático de 3ª pessoa
130. **dzi**: descer

/dz/

131.**dz-**: prefixo de 1ª pessoa

132.**-dza**: pluralizador para demonstrativo e adposições

133.**dzaka**: sogro, sogra

134.**dze**: chamar

135.**dze**: nome

136.**dzeia**: estar triste

137.**dzeku**: saliva

138.**dzene**: de

139.**dzene**: temer

140.**dzenuɲe**: guardar-se

141.**dzi**: baixar-se

142.**dzide**: amiga

143.**dzikete**: dedicado

144.**dziklo**: cair

145.**dzikloku**: estar cheiroso

146.**dziku**: bugio

147.**dzo**: chuva

148.**dzodzo**: brilhante

149.**dzoho**: estar aliviado

150.**dzu**: água

/e/

151.**e**: carga

152.**ehe**: fugir

153.**ei**: para

154.**elidze**: estar escuro

155.**enuɲe**: entre

156.**eɾa**: casa

/g/

157.**geŋe**: feijão

/h/

158.**h-**: prefixo de 3ª pessoa

159.**habe**: julgar

160.**habe**: pagamento

161.**habɨhan**: verdade

162.**hamo**: bicho

163.**hamoklekle**: onça

164.**hanakle**: ter vergonha

165.**hanpele**: expulsar

166.**hanuo**: varrer

167.**he**: pintar

168.**he**: vermelho

169.**-hehe**: tanto

170.**hemɨ**: céu

171.**hemumu**: superstição

172.**henkode**: induzir

173.**hi-**: prefixo de 1ª pessoa

174.**-hi**: sufixo epistêmico

175.**hidz-**: prefixo de 1ª pessoa

176.**hikie**: pertences

177.**hine**: luz

178.**ho**: avançar

179.**ho**: contra

180.**-ho**: sufixo reflexivo

181.**hoho**: ser diferente

182.**hoibœɾu**: transmitir

183.**hopele**: saltar

184.**huu**: oh!

/i/

185.**i-**: prefixo de 3ª pessoa

186.**iabalu**: raivoso

187.**iabœ**: juntar

188.**iaklaɾo**: anzol

189.**iaɾa**: inchaço

190.**iatse**: pessoa

191.**idi**: coração

192.**idze**: muito

193.**ie**: grande

194.**ie**: peixe

195.**ieɾu**:vinho

196.**ihendzi**: árvore

197. **ihi**: este (pronome arcaico)

198.**ihitsote**: este

199.**-iho**: muito

200.**-ingi**: tempo

201.**itse**: pessoa

202.**itu**: carne

/k/

203.**k-**: prefixo de 1ª pessoa inclusiva plural

204.**ka**: cantar

205.**kabaɾa**: cabra

206.**kabi**: perdoar

207.**kabo**: escurecer

208.**kaia**: noite

209.**kaiabɨ**: depois de amanhã

210.**kaiahoho**: ontem

211.**kaiaku**: lua

212.**kaiapli**: tarde

213.**kaie**: dia

214.**kamaɾa**: entoar

215.**kanatsi**: amanhã

216.**kanatsikie**: diariamente

217.**kangɾi**: fazer bem

218.**kaɾai**: homem branco

219.**kati**: mel

220.**katsi**: perto

221. **ked-**: prefixo arcaico de 1ª pessoa inclusiva plural
222. **kede**: dizer
223. **kede**: então
224. **kede**: talvez
225. **kedze**: instantaneamente
226. **keɲe**: antigamente
227. **-ki**: até lá
228. **kie**: atar
229. **-kie**: não
230. **kieho**: antes
231. **kiekoto**: corda de contar
232. **kietse**: atar
233. **kla**: cavar
234. **klaɾaido**: cair
235. **kle**, **klekle**: ficar manchado
236. **-kli**: sufixo de tempo passado
237. **klikie**: pedir
238. **klimi**: lontra
239. **klo-**: classificador numeral (quantificação de tempo)
240. **klo**: estar dentro
241. **klobœ**: banquete
242. **kloiho**: muito tempo
243. **klubɨ**: muito
244. **kludimu**: cesto
245. **klu**: beber
246. **ko**: caroço
247. **ko**: mas
248. **kodo**: ser visível
249. **kohe**: estar podre
250. **koho**: esse
251. **kohobœɾo**: certamente
252. **koibe**: testa
253. **koto**: roubar
254. **kotso**: ser sujo
255. **kɾadzo**: gado
256. **kɾo**: pedra
257. **kɾotse**: ter força
258. **kɾudza**: cruz
259. **ku**: branco
260. **ku-**: prefixo de 1ª pessoa inclusiva plural
261. **kudu**: joelho
262. **kuku**: tio
263. **kumini**: índio Kuminí
264. **kune**: porventura

/l/

265.**lanbɨ**: acabar

266.**lanlan**: querer

267.**le**: irritar-se

268.**le**: mau

269.**leto**: esforçar-se

270.**-li**: sufixo relativizador

271.**lobœ**: totalidade

/m/

272.**ma**= (**mo**): em

273.**madi**: pesado

274.**madiki**: mandioca

275.**mane**: trincheira

276.**mangi**: alguém

277.**maɲen**: mais

278.**maɲen**: passar

279.**mani**: longe

280.**me**: dizer

281.**me**: jenipapo

282.**meidɨ**: costela

283.**mekakie**: murmurar

284.**mene**: ira

285.**mepedi**: testemunhar

286.**merata**: ferro

287.**mete**: avisar

288.**metse**: aconselhar

289.**mo**: em

290.**mœnahan**: hoje

291.**mohotse**: sem razão

292.**moihi**: aqui

293.**mole**: breve

294.**mono**: como

295.**moɾo**: assim

296.**moɾo**: fazer igual

297. **moto**: encher

298.**mudu**: ventre

299.**mɨ**: receber

300.**mɨdo**: levar

301.**mɨdze**: peixe

302.**mɨpele**: tirar

303.**mɨpene**: tomar para si

304.**mɨui**: levar

305.**muɲakie**: moço

/n/

306.**na** (no): a (ADP)

307.**naɲe**: chefe

308.**nanle**: ser feio

309.**ne**: olhar

310.**nedi**: confiar

311.**neieta**: desejar

312.**nelu**: porém

313.**nemoli**: desprezar

314.**neto**: lembrar

315.**netso**: ver

316.**niaɲi**: sal

317.**nieɲi**: cobra

318.**nienuo**: diabo

319.**niɲo**: Deus

320.**niɲo**: criar

321.**no**: a (ADP)

322.**noli**: porque

323.**nu-**: classificador adjetivo (buraco)

324.**nu**: entrada

325.**nu**: filho

326.**nuɲe**: obedecer

327.**nuɾa**: filho

328.**nutetsi**: filha

/ɲ/

329.**ɲa** (**no**): a (ADP)

330.**ɲa**: morrer

331.**ŋaŋike**: suspirar

332.**ŋaro**: portanto

333.**ŋate**: trabalhar

334.**ŋe**: livrar

335.**ŋe**: pescoço

336.**ŋeneti**: aconselhar

337.**ŋeto**: agradecer

338.**ŋike**: avó

339.**ŋikoro**: preguiça

340.**ŋu**: comer

341.**ŋu**: filho

342.**ŋunu**: língua

343.**ŋura**: filho

/o/

344.**obo**: ombus (talvez umbu)

345.**ode**: por que

346.**-oŋe**: bem

/p/

347.**padzu**: pai

348.**padzuare**: sacerdote

349.**padzuiŋu**: marido

350.**pah**: matar

351.**pe-**: prefixo causativo

352.**pedi**: crer

353.**peihan**: fechar

354.**pele**: fazer sair

355.**peleto**: discursar

356.**peleui**: sair

357.**pemɨ**: mostrar

358.**peneho**: diante de

359.**pete**: partir (partição)

360.**pi**: estar fincado

361.**pi**: pequeno

362.**pihoho**: ser separado

363.**pita**: rede

364.**pli**, **pɾi**: deixar

365.**pli**: sangue

366.**plihi**: arrastar

367.**plo**: comer mandioca

368.**ploh**: só

369.**po**: bater

370.**podeto**: cravar

371.**poh**: olho

372.**poklu**, **pokluli**: imputar

373.**politan**: Deus da caça

374.**popo**: irmão mais velho

375.**potso**: acordar

376.**pɨh**: alagar

/ɾ/

377.**ɾada**: chão

378.**ɾadamɨ**: interior

379.**ɾaidi**, **ɾaido**: sepultar

380.**ɾande**: amigo

381.**ɾihu**: lagoa

382.**ɾo**: roupa

383.**-ɾone**: repetidamente

384.**-ɾoɾo**: pouco

385.**ɾute**: mulher velha

/s/

386.**setobuie**: baleia

387.**sopoŋu**: canto Karirí

/t/

388.**taiu**: dinheiro

389.**tami**: vara

390.**tamɨdi**: oferecer

391.**tan**: tampar

392.**tapɨɲu**: homem negro

393.**taɾuɾukie**: ser indiferente

394.**tato**: pegar em flagrante

395.**-te**: nominalizador

396.**-te**: pluralizador para substantivos

397.**te**: vir

398.**teke**: neta

399.**tepelebɨ**: aparecer

400.**tepelebɨbœ**: descer logo

401.**tetsi**, **tetsite**: mulher

402.**ti**: colocar

403.**tibudina**: moça virgem

404.**tidzebœ**: relâmpago

405.**tidzo**: chover

406.**titi**: tremer

407.**to**: avô

408.**to**: inventar

409.**to**: poder

410.**todi**: estar em pé

411.**tohieɾu**: servir vinho

412.**tohikiete**: senhora virgem

413.**toide**: opor-se

414.**toklaku**: marcar

415.**toklikli**: falar

416.**tonɾanɾan**: livro

417.**tœ**: fazer força

418.**tu**: alegrar-se

419.**tu**: decidir

420.**tudeɲe**: antigamente

421.**tɨ**: desejar

422.**tuitu**: alegrar-se

423.**tupan**: Deus

/ts/

424.**tsebu**: cabeça

425.**tseho**: gente

426.**tseho**: procurar

427.**tseka**: cume

428.**tso**: derramar

429.**tsoho**: existir

/u/

430.**uaiuka**: canto Karirí

431.**uan**: haver

432.**uanagidze**: Deus principal Karirí

433.**uandzo**: curar

434.**uangan**: antes

435.**uanganle**: ser pobre

436.**uaɲi**: procurar

437.**uaɲo**: costume

438.**uaɲo**: ser incrédulo

439.**uaɲu**: inveja

440.**uaɲu**: cobiçar

441.**uani-**: classificador numeral (modo)

442.**uanie**: índio bravo

443.**uanikutsu**: lavar

444.**uanɾandzi**: remédio

445.**uaplu**: caça

446.**uaɾe**: sacerdote

447.**ubabaɲi**: esperar

448.**ubananɾe**: ter medo

449.**ubete**: conhecer

450.**ubi**: ver

451.**uboɾonunu**: escravo

452.**ubɨdzi**: receber de presente

453.**ubɨɾo**: barriga

454.**ude**: querer

455.**ueko**: proibir

456.**uekole**: avareza

457.**uhamaple**: por causa de

458.**uhamaple**: ser causa

459.**uhe**: corda

460.**ui**: fazer-se

461.**ui**: ir

462.**ui**: ser

463.**uide**: ganhar

464.**uide**: que

465.**-uido**: demais

466.**uiɲu**: menino

467.**uipabœ**: confessar

468.**uitane**: dois

469.**uitanedike**: três

470.**uitebœ**: separar

471.**uka**: amar

472.**ukaiko**: calar

473.**ukeuo**: veneno

474.**ukie**: sol

475.**uklen**: sabre

476.**ulekidi**: perguntar

477.**umah**: queimar

478.**umanɾan**, **umanɾante**: inimigo

479.**umɨbɨ**: imitar

480.**umɨkede**: mandar

481.**uɲike**: estar preparado

482.**uɲike**: nora

483.**unu**: dormir

484.**unu**: sofrer

485.**uo**: caminho

486.**uo**: como

487.**uohoie**: tudo

488.**uolidze**: boca

489.**uple**: mentir

490.**upuh**: soprar

491.**uɾio**: ajudar

492.**uɾo**: isto

493.**uɾobɨ**: notícia

494.**utsoho**: fazer

495.**utsotsoho**: ofender

496.**utu**: fruta

PORTUGUÊS-DZUBUKUÁ

< A >

1. a (ADP): **na** (**no**)
2. a (ADP): **ɲa** (**no**)
3. a (ADP): **no**
4. acabar: **lanbɨ**
5. aconselhar: **metse**
6. aconselhar: **ɲeneti**
7. acordar: **potso**
8. adivinhar: **boŋahen**
9. adornar: **daklo**
10. agora: **doihi**
11. agradecer: **ɲeto**
12. água: **dzu**
13. ajudar: **uɾio**
14. alagar: **pɨh**
15. alegrar-se: **tu**
16. alegrar-se: **tuitu**
17. alguém: **mangi**
18. ali: **dahantsi**
19. alma: **aɲi**
20. amanhã: **kanatsi**
21. amar: **uka**
22. amarrar: **aɲi**
23. amiga: **dzide**
24. amigo: **ɾande**
25. animal: **ainde**, **aindete**
26. antepassado: **anɾaniede**
27. antes: **kieho**
28. antes: **uangan**
29. antigamente: **keɲe**
30. antigamente: **tudeɲe**
31. anzol: **iaklaɾo**
32. aparecer: **tepelebɨ**
33. aquele: **anli**
34. aqui: **moihi**
35. arrastar: **plihi**
36. árvore: **ihendzi**
37. assim seja: **amodi**, **amo**
38. assim: **moɾo**
39. a sós: **bidzoho**
40. atar: **kie**

41. atar: **kietse**
42. até lá: **-ki**
43. até: **dikliho**
44. avançar: **ho**
45. avareza: **uekole**
46. avisar: **mete**
47. avó: **ɲike**
48. avô: **to**

< B >

49. baixar-se: **dzi**
50. baleia: **setobuie**
51. banquete: **klobœ**
52. barriga: **ubɨro**
53. bater: **po**
54. beber: **klu**
55. bem: **-oɲe**
56. bexiga: **bororu**
57. bicho: **hamo**
58. boca: **uolidze**
59. braço: **boro**
60. branco: **ku**
61. breve: **mole**
62. brilhante: **dzodzo**
63. bugio: **dziku**

< C >

64. cabeça: **tsebu**
65. cabra: **kabara**
66. caça: **uaplu**
67. cair: **klaraido**
68. cair: **dziklo**
69. calar: **ukaiko**
70. caminho: **uo**
71. cantar: **ka**

72. canto Karirí: **sopoŋu**
73. canto Karirí: **uaiuka**
74. canto: **amaɾa**
75. capivara: **doie**
76. carga: **e**
77. caroço: **ko**
78. carregar: **damɨ**
79. casa: **eɾa**
80. casamento: **boito**
81. cavar: **kla**
82. certamente: **kohobœɾo**
83. cesto: **kludimu**
84. céu: **anɾanke**
85. céu: **hemɨ**
86. chamar: **dze**
87. chão: **ɾada**
88. chefe: **naŋe**
89. chover: **tidzo**
90. chuva: **dzo**
91. classificador adjetivo (objetos redondos): **be-**
92. classificador adjetivo (aparência): **bu-**
93. classificador adjetivo (buraco): **nu-**
94. classificador numeral (evidência numérica): **bu-**
95. classificador numeral (quantificação de tempo): **klo-**
96. classificador numeral (modo): **uani-**
97. carne:**itu**
98. cobiçar: **uaŋu**
99. cobra: **nieŋi**
100. cobrir: **bududu**
101. colher: **be**
102. colocar: **ti**
103. com: **deho**
104. com: **aboho**
105. começar: **banɾan**
106. comer mandioca: **plo**
107. comer: **ŋu**
108. comer: **do**
109. comida: **ami**, **amite**
110. como: **mono**
111. como: **uo**
112. confessar: **uipabœ**
113. confiar: **nedi**
114. conhecer: **ubete**
115. contra: **ho**
116. contra: **ai** (**ho**)
117. contudo: **bono**
118. coração: **idi**
119. corda de contar: **kiekoto**
120. corda: **uhe**
121. corpo: **buiehoho**

122.correr: **bɨ**

123.costela: **meidɨ**

124.costume: **uaɲo**

125.cova: **budeuo**

126.cravar: **podeto**

127.crer: **pedi**

128.crescer: **buie**

129.criar: **niɲo**

130.cruz: **kɾudza**

131.cume: **tseka**

132.curar: **uandzo**

< D >

133.dar: **di**

134.de: **da** (**do**)

135.de: **doː** (**do**)

136.de: **dzene**

137.decidir: **tu**

138.dedicado: **dzikete**

139.deitar: **bapi**

140.deixar: **pli**, **pɾi**

141.demais: **-uido**

142.depois: **aboho**

143.depois de amanhã: **kaiabɨ**

144.derramar: **tso**

145.descendente: **badoie**

146.descer logo: **tepelebɨbœ**

147.descer: **dzi**

148.desejar: **neieta**

149.desejar: **tɨ**

150.desprezar: **nemoli**

151.Deus do fumo: **badze**

152.Deus moço da caça: **politan**

153.Deus principal Karirí: **uanagidze**

154.Deus: **tupan**

155.Deus: **niɲo**

156. devolver: **bɨpɨ**

157.dia: **kaie**

158.diabo: **nienuo**

159.diante de: **peneho**

160.diariamente: **kanatsikie**

161.dinheiro: **taiu**

162.direita: **boɾoɲemɨ**

163.discursar: **peleto**

164.dizer: **kede**

165.dizer: **me**

166.doença: **alidze**

167.dois: **uitane**

168.dormir: **unu**

< E >

169.elevar-se: **buieui**

170.em: **domo** (**mo**)

171.em: **ma=** (**mo**)

172.em: **mo**

173.encher: **moto**

174.encurvar: **dato**

175.então: **kede**

176.entoar: **kamaɾa**

177.entrada: **nu**

178.entre: **enuɲe**

179.enviar: **babɨ**

180.esconder: **bœdo**

181.escravo: **uboɾonunu**

182.escurecer: **kabo**

183.esforçar-se: **leto**

184.esperar: **ubabaɲi**

185.esposa: **deiɲu**

186.esquerda: **boɾouanidumɨ**

187.esse: **koho**

188.estar aliviado: **dzoho**

189.estar cheiroso: **dzikloku**

190.estar dentro: **klo**

191.estar em pé: **todi**

192.estar escuro: **elidze**

193.estar fincado: **pi**

194.estar podre: **kohe**

195.estar preparado: **uɲike**

196.estar sentado: **dadi**

197.estar triste: **dzeia**

198.este: **ihi** (pronome arcaico)

199.este: **anɾo**

200.este: **ihitsote**

201.estrela: **bati**

202.existir: **tsoho**

203.expulsar: **hanpele**

< F >

204.falar: **toklikli**

205.fazer bem: **kangɾi**

206.fazer força: **tœ**

207.fazer igual: **moɾo**

208.fazer mal: **buanga**

209.fazer sair: **pele**

210.fazer: **utsoho**

211.fazer-se: **ui**

212.fechar: **peihan**

213.feijão: **geɲe**

214.feiticeiro: **bidzamu**

215.ferro: **meɾata**

216.ficar assustado: **bepli**

217.ficar excluído: **aɲiɾokla**

218.ficar manchado: **kle**, **klekle**

219.filha: **nutetsi**

220.filho: **ɲu**

221.filho: **ɲuɾa**

222.filho: **nuɾa**

223.filho: **nu**

224.língua: **ɲunu**

225.finalmente: **dahekɬi**

226.fogo: **du**

227.fome: **ami**

228.formar: **dede**

229.fruta: **utu**

230.fugir: **ehe**

231.fumo: **badze**

< G >

232.gado: **kɾadzo**

233.galinha: **dapuka**

234.ganhar: **uide**

235.gente: **tseho**

236.grande casa: **anɾa**

237.grande: **ie**

238.gritar: **ankɬ**

239.guardar-se: **dzenuɲe**

< H >

240.haver: **uan**

241.hoje: **mœnahan**

242.homem branco: **karai**

243.homem negro: **tapiɲu**

244.homem velho: **anɾotse**

245.homem: **anɾan**

< I >

246.imitar: **umɨbɨ**

247.imputar: **poklu**, **pokluli**

248.inchaço: **iaɾa**

249.incisão: **babate**

250.índio bravo: **uanie**

251.índio Kuminí: **kumini**

252.induzir: **henkode**

253.inimigo: **umanɾan**, **umanɾante**

254.instantaneamente: **kedze**

255.interior: **ɾadamɨ**

256.inveja: **uaɲu**

257.inventar: **to**

258.ir: **ui**

259.ira: **mene**

260.irmã: **bɨke**

261.irmão caçula: **bɨɾan**

262.irmão mais velho: **popo**

263.irritar-se: **le**

264.isto: **uɾo**

< J >

265.jenipapo: **me**

266.joelho: **kudu**

267.julgar: **habe**

268.juntar: **ɨabœ**

< L >

269.lagoa: **ɾihu**

270.lama: **buko**

271.lanceta: **bababate**

272.lavar: **uanikutsu**

273.lembrar: **neto**

274.levantar-se: **bœtodi**

275.levar: **mɨdo**

276.levar: **mɨui**

277.livrar: **ɲe**

278.livrar: **bɨho**

279.livro: **tonɾanɾan**

280.logo: **budiɾode**

281.longe: **mani**

282.lontra: **klimi**

283.lua: **kaiaku**

284.fornicar: **boitone**

285.luz: **hine**

< M >

286.mãe: **de**

287.mais: **maɲen**

288.mandar: **umɨkede**

289.mandioca: **madiki**

290.mão: **amœda**

291.marcar: **beŋe**

292.marcar: **toklaku**

293.marido: **padzuiŋu**

294.mas: **ko**

295.matar: **pah**

296.mau: **le**

297.mel: **kati**

298.melancia: **behedzi**

299.menino: **uiŋu**

300.mentir: **uple**

301.moço: **muŋakie**

302.monte: **bœdo**

303.moça virgem: **tibudina**

304.morrer: **ŋa**

305.mostrar: **pemɨ**

306.muito tempo: **kloiho**

307.muito: **idze**

308.muito: **-iho**

309.muito: **klubɨ**

310.mulher velha: **ɾute**

311.mulher: **tetsi**, **tetsite**

312.murmurar: **mekakie**

< N >

313.não: **-di**

314.não: **-kie**

315.natureza: **antse**

316.neta: **teke**

317.noite: **kaia**

318.nome: **dze**

319.nominalizador: **-te**

320.nora: **uŋike**

321.notícia: **uɾobɨ**

322.nuvem: **anɾankedzo**

< O >

323.obedecer: **nuɲe**

324.ofender: **utsotsoho**

325.oferecer: **tamɨdi**

326.oh!: **huu**

327.olhar: **ne**

328.olho: **poh**

329.ombus (talvez umbu): **obo**

330.onça: **hamoklekle**

331.ontem: **kaiahoho**

332.opor-se: **toide**

333.orelha: **beɲe**

334.ou: **boho**

335.outro: **banahoia**

< P >

336.pagamento: **habe**

337.pai: **padzu**

338.para: **ani**

339.para: **ei**

340.para: **amɨ**

341.parente: **bɨho**

342.partir (partição): **pete**

343.passar: maɲen

344.pé: **bɨ**

345.pedir: **klikie**

346.pedra: **kro**

347.pegar em flagrante: **tato**

348.peixe: **ie**

349.peixe: **mɨdze**

350.pequeno: **pi**

351.perdoar: **kabi**

352.perguntar: **ulekidi**

353.permanecer: **doihen**

354.pertences: **hikie**

355.perto: **katsi**

356.pesado: **madi**

357.pescoço: **ɲe**

358. pessoa: **atse**
359. pessoa: **iatse**
360. pessoa: **itse**
361. pintar: **he**
362. pluralizador para 1ª pessoa exclusiva plural: **-de**
363. pluralizador para demonstrativo e adposições: **-dza**
364. pluralizador para substantivos: **-te**
365. pluralizador: **-a**
366. poder: **to**
367. por causa de: **uhamaple**
368. por que: **ode**
369. por: **bete**
370. por: **bo**
371. por: **amadi**
372. porém: **nelu**
373. porque: **noli**
374. portanto: **ŋaɾo**
375. porventura: **kune**
376. pouco: **-ɾoɾo**
377. prefixo arcaico de 1ª pessoa inclusiva plural**: ked-**
378. prefixo causativo: **pe-**
379. prefixo de 1ª pessoa inclusiva plural: **k-**
380. prefixo de 1ª pessoa inclusiva plural: **ku-**
381. prefixo de 1ª pessoa: **dz-**
382. prefixo de 1ª pessoa: **hi-**
383. prefixo de 1ª pessoa: **hidz-**
384. prefixo de 2ª pessoa: **ani-**
385. prefixo de 2ª pessoa: **an-**
386. prefixo de 3ª pessoa: **h-**
387. prefixo de 3ª pessoa: **i-**
388. prefixo enfático de 3ª pessoa: **d-**
389. prefixo enfático de 3ª pessoa: **di-**
390. prefixo enfático de 3ª pessoa: **du-**
391. prefixo de 2ª pessoa: **a-**
392. preguiça: **ŋikoɾo**
393. procurar: **tseho**
394. procurar: **uaŋi**
395. proibir: **ueko**

< Q >

396.que: **uide**

397.quebrar: **bɨda**

398.queimar: **umah**

399.quem: **ande**

400.querer: **danlan**

401.querer: **lanlan**

402.querer: **ude**

403.querer: **ana**

< R >

404.raivoso: **ɨabalu**

405.receber de presente: **ubɨdzi**

406.receber: **mɨ**

407.rede: **pita**

408.relâmpago: **tidzebœ**

409.remédio: **uanɾandzi**

410.repentinamente: **bepli**

411.repetidamente: **-ɾone**

412.rogar: **de**

413.roubar: **koto**

414.roupa: **ɾo**

< S >

415.sabre: **uklen**

416.sacerdote: **padzuaɾe**

417.sacerdote: **uaɾe**

418.sair: **peleui**

419.sal: **niaɲi**

420.saliva: **dzeku**

421.saltar: **hopele**

422.sangue: **pli**

423.sede: **danadzu**

424.sem razão: **mohotse**

425.senhora virgem: **tohikiete**

426.separar: **uitebœ**

427.sepultar: **ɾaidi**, **ɾaido**

428.ser bonito: **buke**, **bukeke**

429.ser causa: **uhamaple**

430.ser diferente: **hoho**

431.ser feio: **nanle**

432.ser incrédulo: **uaŋo**

433.ser indiferente: **taɾuɾukie**

434.ser pobre: **uanganle**

435.ser separado: **pihoho**

436.ser sujo: **kotso**

437.ser visível: **kodo**

438.ser: **ui**

439.servir vinho: **tohieɾu**

440.só: **ploh**

441.sofrer: **unu**

442.sogro, sogra: **dzaka**

443.sol: **ukie**

444.soprar: **upuh**

445.subir: **bœ**

446.suceder: **beui**

447.sufixo de polidez: **-ba**

448.sufixo de polidez: **-de**

449.sufixo de tempo futuro: **-di**

450.sufixo de tempo passado: **-kli**

451.sufixo interrogativo: **-de**

452.sufixo reflexivo: **-ho**

453.sufixo relativizador: **-li**

454.sufixo epistêmico: **-hi**

455.superstição: **ɦemumu**

456.suspirar: **ŋaŋike**

< T >

457.talvez: **kede**

458.também: **dehen**

459.tampar: **tan**

460.tanto: **-hehe**

461.tarde: **kaiapli**

462.temer: **dzene**

463.tempo: **-ingi**

464.ter compaixão: **aɲikiengi**

465.ter força: **kɾotse**

466.ter medo: **ubananɾe**

467.ter vergonha: **hanakle**

468.testa: **koibe**

469.testemunhar: **mepedi**

470.tio: **kuku**

471.tirar: **mɨpele**

472.tísica: **bœkla**

473.todo: **bune**

474.tomar para si: **mɨpene**

475.totalidade: **lobœ**

476.trabalhar: **ɲate**

477.transmitir: **hoibœɾu**

478.tremer: **titi**

479.três: **uitanedike**

480.trincheira: **mane**

481.tudo: **uohoie**

< U >

482.um: **bihe**

483.urucu: **buklekle**

< V >

484.vara: **tami**

485.varrer: **hanuo**

486.veia: **amaœdi**

487.veneno: **ukeuo**

488.ventre: **mudu**

489.ver: **netso**

490.ver: **ubi**

491.verdade: **habɨhan**

492.vermelho: **he**

493.vinho: **ieɾu**

494.vir depressa: **bɾuka**

495.vir: **te**

496.viver: **ba**